

"O angustiante romance de Emily X. R. Pan retrata o vasto espectro do amor e da tristeza com uma beleza e uma sinceridade de doer o coração. Este é um livro muito especial."

— JOHN GREEN, autor best-seller de *A culpa é das estrelas*
e *Tartarugas até lá embaixo*

As Extraordinárias Cores do amanhã

EMILY
X. R. PAN

UNIVERSO DOS LIVROS



EMILY X. R. PAN



São Paulo
2018

Star Books Digital

<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

The astonishing color of after

© 2018 by Emily X. R. Pan

Cover art copyright © 2018 by Gray318

Cover design by Gray318 and Sasha Illingworth.

Cover copyright © 2018 by Hachette Book Group, Inc.

Arte de abertura de capítulos com ornamento de pássaro © 2018 by Gray318

© 2018 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

SBD

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução: Suria Scapin

Tradução dos poemas das págs. 331, 415-416: Felipe CF Vieira

Preparação: Jéssica Dametta

Revisão: Aline Graça

Arte: Valdinei Gomes

Projeto gráfico e diagramação: Rebecca Barboza

Capa: Gray318 e Sasha Illingworth

Adaptação de capa: Aline Maria

Foto de orelha: Arquivo pessoal da autora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

P217e

Pan, Emily X. R.

As extraordinárias cores do amanhã / Emily X. R. Pan; tradução de Suria Scapin.

— São Paulo : Universo dos Livros, 2018.

480 p.

ISBN: 978-85-503-0309-3

Título original: The astonishing color of after

1. Ficção norte-americana 2. Luto - Ficção I. Título II. Scapin, Suria

18-5806

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj. 603/606

CEP 01136-001 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@universodoslivros](https://twitter.com/universodoslivros)

Para 媽媽,爸爸 e Loren, que sempre acreditaram que eu conseguiria.

Se eu pudesse ver um único pássaro
— Emily Dickinson

1



Minha mãe é um pássaro. Não no sentido metafórico de algum fluxo de consciência de William Faulkner. Minha mãe. Literalmente. É um pássaro.

Sei que é verdade, assim como sei que a mancha no chão do quarto é tão permanente quanto o céu, do mesmo jeito que sei que meu pai nunca vai se perdoar. Ninguém acredita em mim, mas é um fato. Tenho certeza absoluta.

No começo, aquele buraco em forma de mãe era feito de sangue. Um sangue escuro e pegajoso no tapete.

De tempos em tempos, eu volto àquela tarde de junho. Cheguei da casa de Axel apenas a tempo de ver meu pai sair, cambaleando, para a varanda. Ele me procurava. Nunca serei capaz de esquecer essa cena: suas mãos sujas e tremendo, o rosto com manchas avermelhadas, o peito pesado, como se, em vez de ar, seus pulmões estivessem se enchendo de chumbo. A princípio, pensei que ele estivesse ferido.

– Leigh... sua mãe...

Ele engasgava ao falar, seu rosto tinha uma expressão horrível. Quando finalmente conseguiu pronunciar aquelas palavras, sua voz veio até mim como se atravessasse um oceano. Era um som da cor do céu, frio, distante e distorcido. Não consegui processar o que disse. Não consegui por um bom tempo. Nem mesmo quando a polícia chegou. Nem quando vieram retirar o corpo da minha mãe de casa.

Aconteceu no Dia Dois Ponto Cinco. O *nosso* dia, aquele que havia se tornado uma tradição anual para mim e Axel. Deveria ser um momento de comemoração. O ano letivo estava quase acabando e as coisas finalmente estavam voltando ao normal, mesmo com a presença de Leanne. Já estávamos fazendo planos para o verão que se aproximava. Mas acho que o universo tem uma maneira de acabar com o que acreditamos estar garantido.

Onde eu estava naquele dia: no antigo sofá de tweed no porão de Axel, apoiada em seu ombro, tentando ignorar a enorme barreira de eletricidade que havia entre nós.

Se eu encostasse minha boca na dele, o que aconteceria? Levaria um pequeno choque elétrico? A barreira desmoronaria? Nos uniríamos em um só corpo?

E Leanne desapareceria? Um beijo poderia fazê-la desaparecer? Mas a melhor pergunta era: o quanto um beijo poderia arruinar tudo?

Minha mãe sabia onde eu estava. Esse é um dos pontos que ainda não consigo superar.

Se eu pudesse ter sido mais forte que meus malditos hormônios por apenas um minuto, talvez meus neurotransmissores me dissessem para voltar para casa. Talvez eu tivesse me forçado a enxergar tudo o que estava desencaixado ali, ou pelo menos tivesse percebido que as cores ao meu redor estavam todas erradas.

Em vez disso, eu me escondi em minha concha, me permiti ser uma dessas adolescentes egocêntricas e distraídas. Nas aulas de educação sexual, nossos professores sempre fizeram parecer que os caras sentiam mais tesão. Mas ali, naquele sofá, eu tinha certeza de que algum detalhe crucial sobre o corpo feminino, ou pelo menos sobre o *meu* corpo, havia sido ignorado.

Eu estava como um fogo de artifício já aceso, e se Axel se aproximasse, eu subiria aos céus e me despedaçaria em um milhão de fragmentos.

Ele estava usando uma camiseta marrom nesse dia. Era a camiseta dele que eu mais gostava, a mais velha e a mais macia de sentir contra meu rosto quando eu o abraçava. Seu cheiro de garoto se espalhava: o aroma doce do desodorante, o leve toque floral de algum outro produto, e, por trás disso tudo, um suave cheiro de grama à noite.

No fim, foi ele quem tirou os óculos e me beijou. Mas, em vez de irromper em faíscas, meu corpo congelou. Se eu me mexesse um milímetro, quebraria. Só de pensar na palavra – *beijo* – era como tocar meu peito com uma varinha de gelo. Minhas costelas se apertaram, ficaram duras, congeladas e racharam como teias de aranha. Eu já não era mais um fogo de artifício. Eu era alguma coisa gélida no meio do Ártico.

As mãos de Axel se esticaram nas minhas costas e me desbloquearam. Eu estava mole, ele havia ativado a chave da entrega, e eu o beijava com vontade. Nossos lábios estavam em toda parte e meu corpo estava laranja fluorescente... Não, um roxo brilhante... Não. Meu corpo tinha todas as cores do mundo, estava iluminado.

Pouco antes, estávamos comendo pipoca com chocolate, e era exatamente esse o sabor que ele tinha. Doce e salgado.

Uma explosão de pensamentos fez com que eu me afastasse. A nuvem de pensamentos consistia na lembrança de que ele era meu melhor amigo, a única pessoa em quem confiava cem por cento – além da minha mãe –, e que eu não deveria beijá-lo, não *podia* beijá-lo...

– Qual é a cor? – Axel perguntou calmamente.

Essa é a pergunta que sempre fazemos para descobrir o sentimento um do outro. Somos melhores amigos desde que caímos na mesma sala, durante a aula de artes da senhora Donovan – tempo o suficiente para que isso seja tudo de que precisamos. Uma cor para descrever o humor, uma conquista, um fracasso, um desejo.

Não consegui responder. Não podia dizer-lhe que eu estava piscando por todo o maldito espectro de cores, incluindo uma nova dimensão de matizes que nunca antes havia experimentado. Em vez disso, eu me levantei.

– Merda – suspirei.

– O que foi? – ele perguntou.

Mesmo sob a fraca luz da única lâmpada do porão, eu conseguia ver como seu rosto estava corado.

Minhas mãos, eu não sabia onde colocar minhas mãos.

– Desculpe, eu tenho que... Eu tenho que ir.

Nós tínhamos uma regra de não enrolarmos um ao outro. E eu vivia quebrando essa regra.

– Sério, Leigh?

Quando ele falou, eu já estava subindo as escadas e agarrando o corrimão para ir mais rápido. Saí no corredor ao lado da sala de estar e recuperei o fôlego como se tivesse acabado de voltar à superfície depois de um mergulho profundo.

Ele não veio atrás de mim. A porta da frente bateu quando saí – até sua casa estava irritada comigo. O som teve cor de vômito verde. Pensei na capa de um livro que fechava sendo que a história ainda não havia sido concluída.

2



Não cheguei a ver o corpo de perto. A polícia chegou e corri na frente deles. Subi as escadas, dois degraus por vez. Abri a porta do quarto principal com tanta força que quase a quebrei. Tudo o que pude ver foram as pernas da minha mãe no chão, esticadas, do outro lado da cama.

Meu pai estava atrás de mim, puxando-me para fora do caminho. Nos meus ouvidos havia um zumbido tão alto que eu tinha certeza de que o barulho vinha dos policiais. Só quando parei para recuperar o fôlego percebi que aquele grito estava vindo de mim. Da minha própria boca. Dos meus próprios pulmões.

Eu vi a mancha depois que eles removeram minha mãe, depois de alguém ter feito uma primeira tentativa de limpá-la do tapete. Mesmo assim, ainda era uma mancha escura, enorme e horrorosa. Mal dava para perceber que era a forma de uma mãe.

É mais fácil fingir que é uma mancha de tinta acrílica. Pigmento, emulsão. Solúvel em água até secar.

A parte difícil de continuar fingindo é que a tinta derramada é só um acidente.

Tinta derramada não envolve uma faca e um vidro de comprimidos para dormir.

No dia seguinte a esse *acontecimento*, passamos horas procurando por um bilhete. Essa foi a parte surreal. Papai e eu reviramos a casa, movendo-nos lentamente, abrindo gavetas e armários, passando os dedos pelas prateleiras.

Não é real a menos que encontremos um bilhete. Esse era o pensamento que continuava a percorrer meu cérebro. *Claro que ela deixaria um bilhete.*

Recusei-me a entrar no quarto principal. Era impossível esquecer. Os pés de minha mãe esticados do outro lado da cama. Meu sangue pulsando – *ela está morta, ela está morta, ela está morta.*

Eu me inclinei contra a parede do corredor e ouvi papai manuseando alguns papéis, procurando, indo de um lado ao outro da sala, parecendo tão desesperado quanto eu. Eu o ouvi abrir a caixa de joias de mamãe e fechá-la novamente. Ouvi também quando começou a mexer na cama, talvez olhando sob os travesseiros, debaixo do colchão.

Afinal, onde as pessoas costumam deixar seus bilhetes?

Se Axel estivesse lá comigo, ele provavelmente teria apertado meu ombro e perguntado: *Qual é a cor?*

E eu teria que explicar que estava sem cor, transparente. Eu era uma água-viva seguindo a maré, forçada a ir para onde quer que o mar a levasse. Eu era tão irreal quanto o inexistente bilhete da minha mãe.

Se não houvesse nenhum bilhete, o que isso significaria?

Talvez meu pai tivesse achado alguma coisa, porque do outro lado da porta havia um silêncio intenso.

– Pai? – chamei.

Não houve resposta. Mas eu sabia que ele estava lá. Sabia que estava consciente, de pé do outro lado, e que me escutava.

– Pai! – chamei novamente.

Ouvi uma respiração longa e pesada. Meu pai foi até a porta e a abriu.

– Você encontrou? – perguntei.

Ele fez uma pausa, evitando me olhar, hesitante. Por fim, sua mão pegou um pedaço de papel amassado.

– Estava no lixo – ele respondeu, com a voz apertada. – Junto a isto.

Seus outros dedos se abriram e reconheci os antidepressivos de mamãe. Ele apertou os comprimidos em seu punho e desceu as escadas.

Um frio ciano passou pelo meu corpo. Quando ela havia parado de tomar seus remédios?

Alisei o papel e fitei sua brancura. Não havia nenhuma mancha de sangue naquela superfície. Minhas mãos aproximaram o papel do meu nariz e eu inspirei, tentando encontrar o último vestígio do cheiro de minha mãe.

E, enfim, forcei-me a olhar para ele.

*Para Leigh e Brian,
eu amo muito vocês,
sinto muito
Os remédios não*

Abaixo, havia algo rabiscado com tantos traços de caneta que estava totalmente ilegível. E, em seguida, uma última linha:

Eu quero que vocês se lembrem

O que a minha mãe estava tentando nos dizer? Do que ela queria que nos lembrássemos?

3



Comecei a passar as noites no andar de baixo, no sofá, o mais longe possível do quarto principal. Eu estava tendo muitos problemas para dormir, mas o velho sofá de couro me engolia e eu me imaginava sendo embalada nos grossos braços de uma gigante. Ela tinha o rosto de minha mãe, a voz de minha mãe. Às vezes, quando eu conseguia adormecer, o tique-taque do relógio acima da televisão tornava-se a batida de seu coração gigante...

Entre aquelas batidas, meus sonhos traziam à tona velhas lembranças. Meus pais rindo. Uma festa de aniversário, bolo de chocolate manchando nossos rostos. Mamãe tentando tocar piano com os dedos dos pés, a meu pedido. Papai criando rimas para as canções que ele gostava de fazer: “Pequena Leigh, cheia de alegria!”, “Oh, que maravilha!”.

Na noite anterior ao funeral, acordei por volta das três da manhã com o som de uma forte batida na porta da frente. Não era um sonho. Eu sabia disso porque estava sonhando que a gigante cantarolava enquanto tocava piano. Ninguém mais acordou. Nem meu pai, nem a gata da minha mãe. O chão de madeira estava frio e cheguei ao tremendo hall de entrada, desconcertada pela queda de temperatura. Abri a pesada porta e a luz da varanda entrou.

A rua naquele subúrbio era roxa e escura, silenciosa, exceto pelo grilo solitário no gramado. Um ruído a distância me fez olhar para cima, e contra o céu escuro antes do amanhecer pude ver um vulto carmesim. Bateu as asas uma vez, duas vezes. Uma cauda seguiu o corpo, tremulando como uma bandeira. A criatura cruzou a meia-lua e a sombra de uma nuvem.

Não fiquei assustada, mesmo depois que o pássaro deu um voo rasante sobre o gramado para pousar na varanda e suas garras fizeram pequenos furos na madeira. Em pé, a criatura era quase do meu tamanho.

– Leigh – disse o pássaro.

Eu teria reconhecido aquela voz em qualquer lugar. Era a voz que costumava perguntar se eu queria um copo de água depois de ter chorado, ou sugerir uma pausa na lição de casa com uma fornada de biscoitos recém-saídos do forno, ou se oferecer para dirigir até a loja de materiais artísticos. Era uma voz amarela, tricotada por sílabas brilhantes e melódicas, e saía do bico daquela criatura vermelha.

Observei seu tamanho: nada parecido com a pequena estrutura que minha mãe tinha enquanto humana. Ela me lembrou um grou de coroa vermelha, mas com uma cauda de longas penas. De perto, pude ver que cada pena tinha um tom diferente de vermelho, forte e reluzente.

Quando estiquei a mão, o ar mudou; foi como tocar a superfície imóvel de uma piscina. O pássaro lançou-se ao céu, batendo asas até desaparecer. Uma única pena escarlate permaneceu na varanda, curvando-se como uma foice quase do comprimento do meu antebraço. Corri em sua direção, acidentalmente levantando uma pequena rajada. A pena levantou-se no ar suavemente, até que parou. Agachei-me para pegá-la e inclinei a cabeça a fim de procurar o pássaro no céu. Ele havia partido.

Ele voltaria? Por via das dúvidas, coloquei um balde de água e deixei a porta da frente aberta. Levei a pena para dentro e voltei para o sofá. Imediatamente caí num sono real pela primeira vez

desde o dia da mancha. Sonhei com o pássaro e acordei com a certeza de que aquilo não era real. Mas, então, encontrei a pena em minha mão. Eu a agarrava com tanta força que havia marcas das minhas unhas na pele. Mesmo dormindo, tive medo de perdê-la.

4



O caixão permaneceu aberto durante o funeral e, quando me aproximei daquela caixa de madeira, quase achei que ia ver um montinho de cinzas.

Mas não. Havia uma cabeça. Havia um rosto. Eu vi a marca de nascença amarronzada na cavidade acima da clavícula. A blusa era da minha mãe, uma que ela havia comprado para um recital e depois decidira odiar.

Diante de mim estava um corpo mais acinzentado do que um rascunho. Alguém havia aplicado maquiagem com cores para tentar fazê-la parecer viva.

Não chorei. Aquela não era minha mãe.

Minha mãe está livre no céu. Ela não tem o peso de um corpo humano, não é composta por um único ponto cinza. Minha mãe é um pássaro.

O corpo no caixão nem sequer tinha o pingente de cigarra de jade que vi minha mãe usar todos os dias da minha vida. Aquele pescoço estava nu. Mais uma prova.

– Qual é a cor? – Axel sussurrou ao chegar ao meu lado.

Foi a primeira vez que nos falamos desde o dia em que minha mãe morreu, uma semana antes. Ele deve ter ficado sabendo por sua tia Tina, depois que meu pai ligou para ela. Sei que não deveria tê-lo mantido distante, mas não podia suportar a ideia de conversarmos. O que eu diria? Toda vez que eu tentava imaginar as palavras, tudo em minha cabeça ficava frio e vazio.

De pé, no funeral, ele parecia terrivelmente fora do lugar. A sua roupa habitual – camisa xadrez sobre uma camisa com alguma imagem, calças jeans gastas – tinha sido substituída por uma camisa social muito grande, gravata brilhante e um cinto por cima de calças escuras. Vi como ele olhou, nervoso, para o caixão, como sua atenção cuidadosamente se voltou para o meu rosto mais uma vez.

Se ele olhasse em meus olhos, saberia como havia me trespassado como uma flecha que ainda estava presa em meu peito e se retorcia cada vez que meu coração batia.

E talvez ele visse como minha mãe havia acabado com todo o resto. Como, ainda que ele pudesse tirar aquela flecha dali, o resto de mim continuaria completamente destruído, de uma forma que nada seria capaz de unir meus pedaços.

– Leigh?

– Branco – sussurrei de volta, e pude sentir sua surpresa. Talvez ele esperasse um azul glacial ou o vermelhão intenso do fim da tarde.

Eu o vi aproximar a mão de meu cotovelo e depois hesitar, deixando-a cair.

– Quer ir à minha casa mais tarde? – ele perguntou. – Ou... eu poderia ir à sua casa?

– Não tenho certeza de que seja uma boa ideia.

Eu podia sentir o rosa subir por ele.

– Não quis dizer...

– Eu sei – interrompi sua frase. Não porque fosse verdade, mas porque não poderia suportar que ele a concluísse. O que ele não quis dizer? Que rompemos a barreira entre nós e unimos nossas bocas no mesmo momento em que minha mãe morria?

– Só quero conversar com você, Leigh.

Isso foi quase pior.

– Estamos conversando agora – retruquei, meu interior se retorcia com as palavras que saíam de minha boca.

Mentira mentira mentira. As palavras ecoavam em minha mente e eu tentava empurrá-las para algum lugar em que não pudessem ser ouvidas.

Foi só quando Axel se afastou que percebi como seus ombros tremiam. Ele ergueu uma mão para arrancar a gravata e caminhou em direção ao outro lado da sala. Em um instante, como se tivesse uma visão do futuro, observei a distância entre nós, que se desenrolava como uma fita métrica, até que estivéssemos separados por quilômetros e quilômetros. Até que estivéssemos tão distantes quanto duas pessoas conseguem estar sem sair da superfície da Terra.

Axel achava que conversar poderia ajudar em quê, depois de tudo o que havia acontecido com minha mãe?

O que poderíamos consertar?

5



Eu ainda não tinha decidido se ou como contaria ao meu pai sobre o pássaro, mas, enquanto caminhávamos de volta para o carro, depois do funeral, tropecei em um desnível assombroso no chão.

Então, um ditado que costumava ouvir quando criança me veio à mente:

Não pise nas fendas das calçadas ou as costas da sua mãe serão quebradas.

Essas palavras ficaram presas em minha mente. Pisquei e caí entre a grama e a calçada. Papai me ajudou a levantar. Havia uma mancha esverdeada em meu joelho, e isso provocou uma saudade do passado, de um tempo mais simples, quando as manchas de grama estavam entre as minhas maiores preocupações.

– O que é isso? – perguntou papai.

A princípio, pensei que ele estivesse se referindo à mancha. Mas não, ele apontava para um longo e fino ponto vermelho a poucos metros de mim.

Durante a minha queda, a pena tinha saído do meu bolso e deslizado pelo chão. Peguei-a e a enfiei no bolso.

Era sobre isso que papai estava perguntando, é claro. E eu não podia mentir. Principalmente porque tinha a ver com minha mãe.

– É da mamãe – tentei explicar quando entramos no carro. – Ela veio me ver.

Papai ficou em silêncio por alguns segundos, as mãos apertando o volante. Eu vi o milissegundo em que seu rosto se contorceu de tristeza. Sua expressão era tão barulhenta como um rugido, embora o único som que houvesse fosse o do carro movimentando-se sobre o asfalto e o som suave dos pedais sob seus pés ao frear.

– Ela veio ver você – ele ecoou. A preocupação em sua voz era óbvia.

– Ela veio como... Ela se transformou em... – Engoli em seco. Agora que estavam na ponta da língua, as palavras pareciam um pouco ridículas. – Ela é um pássaro agora. Enorme e vermelho. E bonito. Ela pousou na varanda ontem à noite.

Ele virou à esquerda na Mill Road e entendi que estava fazendo o caminho longo para casa, a fim de prolongar a conversa. Eu estava presa.

– Qual é o significado de ela ser um pássaro? – ele indagou, depois de um profundo vazio, e eu soube, naquele momento, que ele não acreditava em mim e que não havia nada que eu pudesse fazer ou dizer que fosse capaz de fazê-lo mudar de ideia.

Não respondi, e ele suspirou silenciosamente. Compreendi com clareza. Virei o rosto para a janela, meu polegar acariciando a pena.

Com os dedos, ele tamborilou algumas vezes sobre o volante, como costumava fazer quando estava pensando.

– O que o vermelho significa para você? – ele tentou novamente, e soou quase como uma palestra, como se fosse alguma técnica aprendida com o doutor O'Brien.

– Não criei o pássaro, pai. É real. Eu vi. Era a mamãe.

Começou a chover. Entramos diretamente no caminho da tempestade. A água caía fazendo

muito barulho e escorria pela janela, cortando a imagem do meu rosto nela espelhada e me cortando cada vez mais.

– Estou tentando entender, Leigh – explicou enquanto conduzia o carro à entrada da casa.

Ele não pressionou o botão para abrir a porta da garagem. Também não desligou o carro. Ficamos lá, sem fazer nada, e os suaves tremores do motor estavam começando a me deixar enjoada.

– Tudo bem – respondi.

Pensei em dar-lhe uma chance. Se ele estava fazendo um esforço real, eu poderia fazer o mesmo. Se ele queria falar disso, tudo bem. Eu só precisava que ele *tentasse*, por um segundo, acreditar em mim.

Assisti a seus dedos tamborilando sobre o volante enquanto ele procurava as palavras certas. Por um momento, ele fechou os olhos.

– Eu também desejo... poder ver sua mãe novamente. Mais do que qualquer outra coisa.

– Certo – retruquei.

Minha mente escureceu, como a tela de um computador desligado. Soltei o cinto de segurança, abri a porta e saí do carro.

A chuva se agarrava a mim enquanto eu revirava minha bolsa em busca da chave de casa. Era uma chuva quente, e parecia cinza à medida que caía do céu. Imaginei que era uma armadura líquida, tomando a forma do meu corpo onde o tocava. Protegendo-me de tudo.



Caro também não acreditava em mim. Tentei contar-lhe tudo quando chegamos ao Fudge Shack, depois de termos trocado a roupa que usamos no funeral. Nós nos sentamos nos bancos altos, uma fatia intocada de *fudge* à minha frente, sobre o papel-manteiga. Ela tomava grandes goles de seu milk-shake de chocolate e engolia devagar, deixando-me terminar. Caro estava silenciosa, como sempre fazia quando não concordava com algo. No paciente aceno de compreensão e no brilho de seus olhos, pude ver que a estava perdendo com cada palavra que saía da minha boca.

Chegou o momento em que não aguentei mais olhar para o seu rosto. Então, meus olhos recaíram sobre a tinta azul que ela usava no cabelo supercurto. A cor havia desbotado e se parecia com cacos de vidro no fundo do mar. Caro tinha mechas azuis desde que nos conhecemos, no primeiro ano, e elas nunca estiveram tão verdes.

– Estou preocupada com você – ela disse quando terminei.

Passei o dedo no meu *fudge* e depois o afastei e fiquei olhando a marca que havia feito.

– Sei que você não gosta muito do doutor O’Brien – Caro continuou –, mas talvez valesse a pena... procurar alguma outra pessoa...

Dei de ombros.

– Vou pensar a respeito. – Ela sabia que eu estava dizendo aquilo apenas para que ela parasse de falar daquela maneira.

Olhei a hora no celular e inventei uma desculpa para pegar meu *fudge*, descer do banco e seguir rumo a qualquer compromisso imaginário para o qual estava atrasada.

Mais tarde, me senti culpada. Será que Caro não estava apenas tentando ajudar?

Mas como alguém poderia me ajudar se não *acreditava* em mim?

O que eu queria era falar com Axel sobre a minha mãe, pular cem dias para a frente daquele beijo, tentar apagá-lo da memória dele e da minha. Queria contar-lhe sobre o pássaro. Sentei-me no sofá com o meu anseio, fiquei girando um pedaço de carvão entre as mãos, de um lado para o

outro, uma e outra vez, até meus dedos estarem pretos o suficiente para que tudo o que eu viesse a tocar ficasse manchado, sujo.

Axel acreditaria em mim? Eu queria pensar que sim. Mas, com toda a sinceridade, não fazia ideia.

Depois de eu não ter atendido o celular, ele ligou para o telefone de casa, apenas uma vez. Ninguém respondeu. Ele não deixou mensagem.

Nunca havíamos passado tanto tempo sem nos ver. Nem quando tive um problema de estômago, seguido por uma gripe e, depois, por uma infecção das vias respiratórias – ele veio mesmo assim, enfrentou o ar tóxico dos meus pulmões para se sentar no sofá ao meu lado e pintar. Nem mesmo quando meu pai me obrigara a ir a Mardenn, aquele acampamento de verão horroroso. Eu estava tão infeliz que Axel pegou um ônibus e foi até lá para me ajudar a fugir de volta para casa.

Ele nunca se afastaria. Disso eu sabia. A decisão estava nas minhas mãos.

Pensar sobre isso era torcer a flecha entre minhas costelas. Então, me deixei engolir por pensamentos sobre o pássaro, minhas perguntas rodando em espiral, como: onde o pássaro estaria agora? O que ele quer?

Tentei desenhá-lo no meu bloco de desenho, mas não consegui um bom resultado das asas.

6



O buraco em forma de mãe tornou-se um recorte do preto mais escuro. Algo que eu só podia ver o contorno. Se eu tentasse olhar diretamente para isso, via o vazio...

Tive que lutar contra esse vazio, contra aquela ausência de cor. Olhei para o outro lado, em direção ao branco, que é composto de todas as outras cores do espectro visível. O branco era uma solução, ou pelo menos o menor dos curativos. Nas horas vazias, na manhã seguinte ao funeral, fui até loja de ferragens pelo caminho mais discreto, para evitar ser vista por qualquer um no bairro que reconheceria, primeiramente, o carro e, depois, meu rosto. A necessidade de tinta branca era tão forte que não pensei duas vezes em dirigir sem ter carta.

Passei uma demão nas paredes do meu quarto. A tinta era fina, e a cor tangerina brilhante que minha mãe e eu havíamos usado para pintá-lo anos atrás tornou-se um tom creme. Estava indo em direção ao banheiro quando papai saiu do escritório.

Ele olhou para o balde de tinta, as manchas brancas no meu jeans e disse:

– Leigh, fala sério.

Ele não entendia nada sobre lutar contra o buraco negro, o vazio. Não que isso me surpreendesse. Havia tanto que ele não entendia, nunca entenderia.

– Você não vai levar isso para lá – ele continuou, apontando para o quarto principal.

Por mim, tudo bem. Eu não iria lá de jeito nenhum mesmo. Ele pegou o balde de tinta e escapei pelas escadas, descendo para o piso inferior e deixando meus dedos trabalharem em um bloco de desenho.

Desenhei formas sombrias, agrupadas. Pressionei o carvão o mais forte que pude até que meus dedos ficassem manchados e doloridos e uma poça de preto brilhasse para mim. Talvez se pudesse desenhar o vazio, poderia controlá-lo.

Mas nunca foi escuro o bastante. Nunca foi o preto mais preto.

Fazia muito tempo que não coloria nada. O carvão e o lápis eram tudo o que eu estava usando, e eu em geral desenhava contornos. Estava guardando as cores para mais tarde.



Eu sabia o que tinha visto. Era real. Não era?

Todas as noites, depois da primeira aparição do pássaro, quando o andar de cima ficava em completo silêncio, eu ia até a varanda e ficava olhando para o céu. As nuvens encobriam as estrelas. A lua se encolhia, deixando que uma porção de si mesma sumisse a cada dia que passava. Eu esvaziava e enchia o balde com água fresca, para o caso de ele aparecer. E quando voltava para dentro, deixava a porta aberta com o apoio de um tênis velho. Uma brisa penetrava através desse vão e circulava pela sala de estar, onde eu adormecia sonhando com a respiração do gigante em meu rosto.

Uma semana após o funeral, a luz do luar atravessou a janela da sala de estar e a temperatura despencou num instante. Era uma típica noite de verão que deveria ser insuportavelmente quente, mas a cada expiração formava-se uma nuvem branca diante do meu rosto. Não ouvi nada, nenhum ruído, mas decidi verificar o jardim da entrada mesmo assim.

Logo que saí, vi um pacote um pouco menor do que uma caixa de sapatos sobre o capacho da porta. Rígido, sujo, com barbante enrolado nas laterais e cruzando no meio, para segurar a tampa. Os cantos estavam um pouco amassados, e a única coisa na caixa era meu nome em preto, escrito com uma letra desconhecida. Não havia mais nada. Nada de selos, etiquetas, nem mesmo um endereço.

Levantei a cabeça e vi o pássaro parado no quintal com uma perna dobrada, como os groux que eu vira em quadros. A luz do luar contornou as pontas de suas asas, prateadas e agudas, e fez as sombras quase índigo em seu corpo.

– A caixa é de seus avós – disse minha mãe, o pássaro.

Meu primeiro pensamento foi: *meus avós estão mortos*. Os pais do meu pai já tinham certa idade quando ele nasceu e haviam morrido há alguns anos.

A menos que... O pássaro se referia aos pais de minha mãe? Aqueles que eu não conhecia?

– Leve-a com você – ela disse quando me inclinei para pegar a caixa.

– Levá-la comigo para onde? – perguntei.

– Quando você vier – ela respondeu.

Quando me levantei de novo, o pássaro já estava partindo, saltitante, dessa vez sem deixar uma pena.

Não havia opção além de voltar para a sala de estar. Por um momento, tudo ao meu redor pareceu derreter, as cores escureceram como algo cozinhando em fogo alto. As janelas e as cortinas perderam a forma, os móveis se desfizeram, e mesmo o lustre se tornou um líquido turvo.

Algumas piscadas e tudo voltou a parecer normal.

Sentei-me no sofá, repentinamente exausta, e adormeci enquanto tentava soltar o barbante que envolvia a caixa. Quando acordei, dessa vez com um sol brilhante entrando pelas janelas, a caixa ainda estava lá.

Era real. Existia à luz da manhã. Respirei fundo e deixei meus dedos abrirem a tampa.

8



Ainda estou tentando descobrir o que fazer com a caixa. Faz quase uma semana que minha mãe veio na forma do pássaro e a entregou. É desesperador sentir que não posso falar com Axel sobre isso.

Será que papai vai acreditar em mim agora?

Penso na forma como suas sobrancelhas se franzem, como se houvesse algo errado comigo.

Estou sentada no sofá, com as pernas cruzadas, exatamente acima do local onde escondi o pacote. O conteúdo da caixa... É diferente da pena. É muito mais. Talvez dessa vez eu possa fazê-lo me ouvir.

Olho para o brilhante acabamento do piano como se fosse uma bola de cristal capaz de me explicar por que minha mãe é um pássaro, ou me mostrar o que eu deveria fazer a seguir. Tenho andado pela casa e desenhado as coisas que parecem importantes, mas ainda não tinha feito nenhum esboço do piano. Ele tem tanta história, e a história precisa de cores.

Em outros tempos, esse instrumento servira para espalhar música por nossa casa. Quando havia sido a última que ouvira minha mãe tocar? Não tenho certeza. E acho que isso deveria ter sido um alerta vermelho.

Em retrospectiva, tudo parece óbvio.

Ano após ano, eu prometia que no próximo verão finalmente a deixaria me ensinar a tocar para que um segundo conjunto de mãos pudesse alegrar aquelas teclas. Era algo que ela queria. Mais especificamente, era algo que ela queria que fizéssemos juntas. Sempre nos imaginei aprendendo um encantador dueto, minhas mãos tocando os acordes mais baixos e seus delicados dedos tilintando nas oitavas mais altas.

Mamãe costumava deixar o teclado do piano aberto, brilhando como se fossem dentes. Ela dizia que precisavam respirar. Mas meu pai havia guardado a partitura e fechado a tampa. O piano diante de mim estava nu, sem sorriso, preto funeral.

No espaço onde costumavam ficar as partituras, abertas em qualquer sonata ou noturno em que ela estivesse trabalhando, vejo o reflexo ébano de mim mesma. Enquanto crescia, sempre desejei me parecer mais com minha mãe. Mais taiwanesa.

Os cabelos de minha mãe iam até o ombro, e ela os mantinha com cachos soltos. Ela usava óculos grandes e os tirava quando suas dores de cabeça a atacavam. Lembro-me de tentar imaginar como os desconhecidos a viam: a mulher esquisita, de cabelos escuros, com uma gramática desarticulada e idiomas misturados. Lembro-me de ouvi-la falando apenas inglês. Ela até escolheu um nome em inglês para si – Dorothy –, que acabou por abreviar para Dory.

Tenho alguns traços do rosto de minha mãe, mas a maioria das minhas características vem do meu pai, um irlandês-americano, nascido e criado na Pensilvânia. Tenho uma versão mais esfumada de seus olhos cor de avelã, o mesmo nariz afilado. Pareço muito com ele quando mais jovem, especialmente em algumas fotos tiradas antes de eu existir, quando ele tocava baixo em uma banda chamada Coffee Grind. É difícil imaginá-lo como músico, apenas o conheci como sinologista, um estudioso de todas as coisas relacionadas à China: cultura, economia, história *etc.*

Ele é fluente em mandarim e viaja com frequência a lugares como Xangai e Hong Kong para dar palestras e conhecer outros sinologistas e economistas.

Passo os dedos pelos meus cabelos que vão até o ombro – único atributo que parece ser totalmente meu. Uma faixa lateral está tingida de verde, mas o resto é da cor natural, um castanho-escuro, exatamente a meio caminho entre os espessos fios negros da minha mãe e o tom claro do cabelo ondulado do meu pai. Os fios são um pouco finos, mas ficavam bonitos quando mamãe fazia tranças embutidas. Eu queria ter me dado ao trabalho de aprender a fazê-las.

Há muitas coisas que gostaria de ter aprendido com ela, enquanto podia.

Minha reflexão me faz suspirar.

O piano não me diz nada sobre minha mãe, o pássaro. Nada sobre a caixa. Só reflete a história de uma menina desesperada que está se levantando no meio da madrugada para abrir a porta da frente.



O som do café borbulhando interrompe meus pensamentos. Isso significa que papai está na cozinha. Eu realmente não quero encará-lo. Estou cansada de que duvide de mim, e estou cansada da maneira como ele anda de um lado para o outro emanando um tom escuro de cinza azulado. As cores desse tipo de sofrimento devem ser fortes e penetrantes, com o brilho exagerado de algo tóxico. Não deve ter a tonalidade das sombras.

Mas meu estômago ronca de tão vazio, e agora que o café está feito, ele vai ficar ali por séculos. Ou eu o enfrento ou fico com fome.

Empurro meu bloco de desenho para baixo do sofá e vou para a cozinha pegar um pedaço de queijo palito que estava na gaveta na geladeira. A gata da minha mãe se enrosca em minhas pernas andando de um lado para o outro e miando.

O jornal entre as mãos de papai faz barulho.

– Ignore Meimei, acabei de lhe dar comida.

Inclino-me para acariciar suas costas suaves com os dedos. Ela mia um pouco mais. Talvez não esteja com fome de comida. Talvez o que queira seja a minha mãe.

Se Axel estivesse aqui, ele diria: *Ei, senhorita gata*. Então, se inclinaria e a faria ronronar em questão de segundos.

Axel. Pensar nele envia um pouco de azul monastral para o centro do meu ser.

– E você? – pergunta papai. – Não quer um café da manhã de verdade? – Ele tomou um gole de café. – Faça uma aveia?

Faço uma careta, mas estou de costas para ele, então ele não pode ver.

Ele não sabe que como aveia apenas quando estou doente? Não. Claro que ele não sabe. Ele não sabe de nada.

Mamãe teria se oferecido para fazer waffles com baunilha e creme. E, se realmente continuássemos com nossa tradição da manhã de domingo, Axel entraria pela porta a qualquer momento. Mas ele não viria. Ele me conhece melhor que ninguém, sabe quando estou fingindo alegria, sabe quando estou à beira de desmoronar. Mesmo que ele não consiga ver o ódio por mim mesma me corroendo por dentro, ele precisa saber que essa coisa que aconteceu entre nós é irreversível.

– Não, obrigada. – Tratei de me servir um pouco de suco de laranja na caneca favorita da mamãe, uma preta e branca, coberta de notas musicais, a fim de evitar olhar para ele. – Então, quando vai voltar ao trabalho?

– Bem, considerando o que aconteceu...

Meu cérebro logo parou de ouvi-lo. *Considerando o que aconteceu.* Quero queimar essas palavras, quero que deixem de existir.

– ... então, ficarei aqui.

– Espera. O que você quer dizer? – Eu me viro. Um dos meus bastões de carvão está perigosamente perto de sua caneca e resisto à vontade de ir até lá resgatá-la. Papai é conhecido por ser desastrado. Além disso, não gosta muito do meu “hábito” de desenhar. (Como se fosse algo prejudicial à saúde e que eu tivesse de largar. Como se fosse crack ou cocaína.) – Você não tem outra conferência ou workshop chegando?

– Eu não vou.

– Mas você tem que ir. Não tem?

Ele balançou a cabeça.

– Vou ficar trabalhando em casa por um tempo.

– Você *o quê*?

– Leigh – meu pai diz, engolindo de forma audível –, parece que você *quer* que eu vá embora.

Bem, presumi que ele se atiraria de volta no trabalho. Estava esperando que ele ligasse para chamar um carro para levá-lo ao aeroporto. Esperando ter espaço para respirar outra vez, rabiscar no meu bloco de desenhos sem me sentir vigiada, descobrir exatamente o que significa o luto por uma mãe.

– Você *quer* que eu vá? – Sua voz quebrada ameaça quebrar também o meu peito.

Fortaleço-me, sinto-me implacável.

– É só que... você costumava sair para ir trabalhar o tempo todo. Nos acostumamos. Por que você não viaja mais?

– Você tinha sua mãe para cuidar de você – afirma, tentando ocultar a dor em sua voz.

– Estou prestes a completar dezesseis anos. Fiquei sozinha durante *anos*.

– Não se trata de quão madura ou independente você seja, Leigh. É sobre... Nós precisamos de algum tempo agradável juntos. Especialmente considerando o que aconteceu. Quero que nós... conversemos mais. – Seus olhos tinham o brilho da culpa.

Respiro fundo:

– Ok. Então, existe um assunto sobre o qual quero conversar.

As sobrancelhas de meu pai se elevam alguns milímetros, mas ao mesmo tempo ele também parece aliviado.

– Tudo bem – ele diz cautelosamente. – Pode falar.

9



Demoro apenas um segundo para retirar o pacote do seu esconderijo, embaixo do sofá...

– Sei que você não acredita no que eu disse sobre a mamãe – comecei, colocando a caixa no balcão da cozinha e puxando um banquinho para me sentar.

Meu pai fechou os olhos e beliscou o próprio nariz entre o polegar e o dedo indicador.

– Os sonhos às vezes parecem incrivelmente reais. Não importa o quanto você deseje que sejam verdadeiros, eles não são...

– Mas você pode apenas olhar? – eu lhe peço. – O pássaro voltou, e trouxe esta caixa.

Ele me olha com uma expressão preocupada.

– Leigh.

– Estou falando sério!

– Não há remetente no pacote – ele fala devagar.

– Apenas me escute um segundo – digo, tentando conter a raiva. – Eu entendo que isso parece ridículo.

Papai balança a cabeça.

A gata mia ao lado da porta de correr, na parte de trás da cozinha, e papai vai abrir para que ela possa sair. Meimei desliza pelo espaço em perfeito silêncio, como se não suportasse testemunhar mais nada daquela conversa.

A porta de correr se fecha com um estalido.

– Que tal agendarmos outra consulta com o doutor O'Brien...

Aperto e solto minha mandíbula.

– Apenas *olhe dentro da caixa*, pai. Por favor.

Ele emite um ruído de frustração e abre a tampa de papelão. Suas mãos ficam mais lentas quando vê o conteúdo. Cartas amareladas, arrumadas em um pacote. Uma pilha de fotografias antigas, a maioria delas em preto e branco. Ele solta os fios que fecham uma bolsa de veludo; uma corrente de prata cai de seu interior, seguida por um brilhante pedaço de jade. É uma peça sólida e pesada, apenas um pouco menor que o polegar de papai.

Há uma cigarra em repouso esculpida ali.

Meu pai suspira. Ele reconhece a peça, assim como eu a reconheci.

Esse é o colar que minha mãe usou todos os dias de sua vida.

– Como isso veio parar aqui? – ele murmura, passando o dedo sobre uma das asas. – Eu coloquei nos correios.

– Ela disse que a caixa é dos meus avós.

Papai franze a testa e pisca para mim. Parece velho e cansado. Não apenas em seu corpo, mas em seu rosto. Em seus olhos.

Pego uma das fotos em preto e branco. Há duas meninas sentadas em ornamentadas cadeiras de madeira com espaldar alto, acima de suas cabeças. Eu tinha visto as duas antes, em outra fotografia que Axel me ajudara a encontrar no porão. Nesta imagem, elas parecem um pouco mais velhas. Uma das meninas ficou mais alta do que a outra.

– Quem são elas? – pergunto, apontando para as meninas.
Meu pai observa a foto por um longo período.
– Eu não tenho certeza.
– Ok. Então, o que diz a anotação? – questiono.
– Que anotação? – ele começa a falar, mas logo está com a anotação em suas mãos e a lê, forçando os olhos.

Olhei para aquele papel por tanto tempo que me lembro da tinta sobre ele, caracteres com traços que se abaixavam e se enganchavam para cima. Conheço a aparência da escrita chinesa quando a vejo. Está em todo o estudo do meu pai.

Quando era pequena, eu ficava brincando no bonito tapete de seu escritório enquanto ele puxava pedaços gigantes de papel de uma armação fixada na parede. Meus dedos rastreavam o ar enquanto ele me ensinava a ordem dos traços. Ele dividia os componentes dos caracteres, me ensinava a identificar os radicais: *Este parece uma orelha, certo? E vê como esse é parecido com o caractere para pessoa, mas como se você estivesse vendo a pessoa de um ângulo diferente?* O mandarim era como nossa língua secreta, e o melhor era que em mercearias ou em restaurantes podíamos falar sobre pessoas ao nosso redor sem que ninguém entendesse. *Esse garoto tem um chapéu engraçado*, eu diria a papai com uma risada.

Mamãe nunca quis fazer parte disso, apesar de eu não poder deixar de pensar no idioma como sua linguagem secreta natural. O idioma pertencia a ela de uma maneira que nunca pertenceria a mim e a papai.

E, como muitas outras coisas, nosso idioma secreto desapareceu. Não falei uma palavra de mandarim durante anos.

Ainda sei um pouco, é claro. Como eu lembro de *ni hao*, que significa *oi*, e *xiexie*, que é *obrigado*. Houve momentos em que perguntei a mamãe se ela achava que eu deveria ir à escola chinesa nos fins de semana, como algumas crianças que conhecia. Ela sempre fugiu da pergunta.

Talvez no próximo ano, ela me dizia. Ou: *Você vai poder fazer a aula que desejar na universidade*.

Ainda me lembro da maneira como ela não me olhava nos olhos quando dava essas respostas.

Quem dera eu pudesse ler mandarim. Digo, ler *de verdade*. Ainda conheço alguns dos caracteres básicos, como aqueles para *wo* e *ni*, *eu* e *você*.

E *mama*. *Mãe*.

Mas não consigo ler a quem a carta está dirigida. Não consigo descobrir quem a escreveu, embora tenha algumas hipóteses.

– É da minha... *waipo*? – As sílabas de *avó materna* ficaram presas na minha garganta. O som mais próximo era *uai pwu*. Lembro-me de que meu pai me ensinou as palavras há muito tempo, mas nunca imaginei que algum dia eu as usaria em um contexto relevante para mim.

É frustrantemente irônico que eu tenha sangue chinês e taiwanês em minhas veias e, no entanto, meu pai, irlandês-americano, seja quem pode ler, escrever e falar o idioma. Por que mamãe era tão teimosa? Por que ela rejeitou o mandarim e falava conosco somente em inglês? A questão me incomodou diversas vezes, mas nunca tão intensamente quanto agora, olhando essas estranhas cartas. Sempre pensei que um dia ela me daria uma resposta.

Papai limpou a garganta.

– Seu *waigong* escreveu isso, na verdade. Mas é dos dois.

Eu balanço a cabeça.

– E?

– É para você – ele diz com descrença.

Excitação, medo, esperança e pavor se misturam no meu estômago. Passei anos esperando a oportunidade de conhecê-los. Isso estaria finalmente para acontecer?

Uma fotografia cai da pilha. É dura, as bordas conservadas, como se tivesse sido cuidadosamente guardada.

Na foto, minha mãe está usando óculos grossos, um vestido claro, e tem um meio sorriso no rosto. Ela parece jovem o suficiente para ainda ser uma adolescente. A foto deve ter sido tirada antes de ela deixar Taiwan para estudar nos Estados Unidos.

Ela era feliz naquela época? A pergunta me envolve, carregando consigo uma pincelada azul de tristeza.

Escuto o som de ar sendo sugado rapidamente. Quando ergo os olhos, os lábios de papai estão pressionados e formando uma linha. Ele parece estar prendendo a respiração.

– Pai?

– Hmm? – Seus olhos se afastam com relutância se da foto.

– Você vai ler a carta para mim?

Ele pisca várias vezes, limpa a garganta e, então, começa a ler. Lentamente, no início, até se acostumar com o ritmo e surgir a voz do professor, alta e clara.

O mandarim parece tão musical, a maneira como os tons aumentam e diminuem, cada palavra que leva à outra em pequenas ondas. Pego frases aqui e ali que compreendo, mas não consigo juntá-las para decifrar o significado de toda a carta.

Papai finaliza e, vendo a expressão no meu rosto, explica:

– Em poucas palavras, seus avós querem que você os visite. Querem que vá para Taipei a fim de conhecê-los.

É isso que o pássaro quer? A voz da minha mãe ecoa novamente para mim: *Leve-a com você. Quando você for.*

Eu me viro para ele.

– E você?

– E eu o quê? – Meu pai me olha, confuso.

– Eles também não querem conhecer você?

– Nós já nos conhecemos.

As palavras me atingiram no peito.

– O quê? Você me disse que não os conhecia.

– Não – ele responde com a voz muito baixa. – Foi sua mãe quem disse isso.

O seu olhar é indecifrável. Como há tanto que ainda não sei sobre minha própria família?

– Eles sabem sobre a mamãe? – indago e meu pai balança a cabeça.

Escuto o relógio marcar cada segundo. Se ao menos eu pudesse rebobinar, voltar no tempo e fazer à minha mãe todas as perguntas sobre todas as pequenas coisas. Quão cruciais são esses ínfimos fragmentos agora; quão enorme é a sua ausência. Eu deveria tê-los salvado, reunido todos como se fossem gotas de água em um deserto. Sempre contei com um oásis.

Mas talvez seja por isso que o pássaro veio. Talvez ele entenda que há muitas questões sem resposta. Sinto um tremor percorrer meu corpo. Penso então que Caro, que acredita em fantasmas, provavelmente acharia que há assombração nessa história.

Leve-a com você. Quando você for. O pássaro disse que eu iria a algum lugar. E tenho quase certeza de que só poderia ter se referido a ir conhecer meus avós.

Talvez seja lá que encontrarei minhas respostas.

Eu quero que vocês se lembrem

- Então posso ir? Para Taipei?
- Papai balança a cabeça.
- As coisas são mais complicadas do que você pode imaginar.
- Então, me *explique*.
- Não é o momento certo para nada disso – ele afirma, inclinando a cabeça para baixo como quem diz “esta conversa acabou”.
- O pássaro não voltou mais depois disso.

10



Quando fecho os olhos para tentar dormir, tudo pisca e gira. Com meus olhos fechados, vejo o pássaro pousar uma e outra vez. Ouço a calorosa voz de minha mãe.

Abro os olhos sem olhar para nada em particular, apenas deixo minha visão se ajustar à escuridão. Mas quanto mais eu olho, mais as imagens parecem se modificar. As bordas da mesa ficam macias, arredondadas. O outro lado do sofá perde o volume, embora eu não sinta meu corpo se mexendo sobre ele. O tapete se transforma em um mar escuro e cheio de ondas que reflete a luz da lua, que passa pelas bordas da janela. A entrada da sala de estar desaparece e as paredes se desfazem, como em uma pintura surrealista.

– Pai? – chamo suavemente.

A sala recupera sua forma. Aguardo para constatar se ele me ouviu, mas não há nenhum som indicando que esteja por perto.

Tentar dormir é inútil. E nem mesmo é o que preciso no momento. Eu me sento e coloco o computador no colo, deixo que a luz intensa da tela lave a sala com seu fulgor frio. Acalmo-me ao ver tudo com mais clareza, os cantos duros do banco do piano, a retidão das cortinas que cobrem a janela.

Quando digito a palavra *suicídio*, minhas mãos estão escorregadias por conta do suor e quase tenho a certeza de que meu pai, no andar de cima, em sua cama improvisada no escritório, pode me ouvir tocando cada uma das letras. A última coisa que quero é voltar ao consultório do doutor O'Brien, ter de aguentar sua voz anasalada e responder a perguntas sobre como estou "lidando" – e é exatamente o que acontecerá se meu pai descobrir o que estou procurando na internet.

Atiro-me no velho sofá e coloco meus pés descalços sob uma pilha de almofadas antes de percorrer os resultados da pesquisa.

Link após link, página após página. As palavras se aglomeram na tela, rastejando por todos os lugares, formando borões como pontos de chuva que vão se juntando no vidro, novamente tomando forma para saltar aos meus olhos.

Meu estômago revira, como se eu estivesse no topo de uma montanha-russa, no exato momento em que começa a descida. Só que não há o alívio. Há apenas a tensão, cada vez mais forte, apertando meus órgãos e segurando minha respiração, ameaçando trazer minha última refeição para fora. O que descobri é que todas as probabilidades estavam contra a morte da minha mãe. Alguém deveria tê-la encontrado antes de perder sangue suficiente. Seu estômago deveria ter expelido tudo o que ela tomou.

Não consigo evitar o pensamento acerca da dor física causada pela experiência. Procuro imaginar um sofrimento tão duro que faça a morte ser preferível. Foi assim que o doutor O'Brien explicou. Que minha mãe estava sofrendo.

Sofrendo sofrendo sofrendo sofrendo sofrendo.

A palavra fica dando voltas em minha cabeça até que as sílabas perdem suas bordas e o significado se embola. O significado da palavra começa a parecer o de uma erva, um nome ou talvez uma pedra semipreciosa. Tento pensar em uma cor para ela, mas tudo o que me vem à

mente é a escuridão do sangue seco.

Só posso esperar que, ao se tornar um pássaro, minha mãe tenha se livrado de seu sofrimento.

Papai ainda não acredita em mim.

Faria diferença se ele acreditasse?

Não faz parte dos requisitos para ser pai acreditar em sua filha quando ninguém mais acredita? Quando ela precisa de sua confiança mais do que já precisou de qualquer outra coisa vinda de você?

Quanto mais penso nisso, mais me parece que *confiança* seja a melhor definição de *família*. Acho que minha família está meio quebrada. Acho que sempre esteve.

Uma vez, na primeira série, nossa professora pediu para fazermos nossas árvores genealógicas. Lembro-me de cortar as formas para mamãe e papai, para vovó e vovô. Lembro-me de fazer o tronco com a parte de dentro de uma caixa de cereais e de cortar folhas a partir de papéis coloridos.

Odiei o resultado. Minha árvore ficou desequilibrada. Mamãe não era órfã, mas foi o que pareceu quando a professora prendeu meu trabalho no mural. A maioria das outras crianças tinha feito árvores perfeitamente simétricas.

Depois da escola, naquele dia, fui para casa e perguntei:

– Por que nunca vemos meus avós?

– O que você quer dizer? – questionou minha mãe. – Nós os vemos toda semana.

– Mas e a sua mãe e o seu pai? – expliquei-me. – Por que nunca passamos o Dia de Ação de Graças com eles?

– Eles vivem muito longe – ela respondeu bruscamente.

Não entendi o que eu poderia ter feito de errado, mas entendi que não deveria falar sobre meus avós maternos.

Tentei novamente nos últimos anos do ensino fundamental, quando meu professor de Estudos Sociais deu algumas aulas sobre culturas do leste asiático.

– O senhor Steinberg me perguntou se alguém na nossa família teve os pés enfaixados.¹

– Por que ele perguntou isso para você? – minha mãe disse quase na defensiva, e me lembro de sua expressão triste ao levantar os olhos da tábua que usava para cortar enquanto cozinhava.

– Eu disse que você cresceu em Taiwan – expliquei.

Ela fez uma pausa e levou os olhos para o canto.

– Acho que minha avó, na China, a sua bisavó, teve os pés enfaixados.

– Mas a sua mãe não?

– Não.

Esperei um momento.

– Por que você nunca liga para seus pais pelo telefone? Por que nunca escreve cartas?

Mamãe me olhou.

– Não nos damos muito bem. Houve uma discussão.

– Mas não é possível superar?

Ela parecia muito perturbada quando tentou responder.

– É difícil. Às vezes a situação não é tão simples assim. Você vai entender quando tiver idade suficiente.

Eu odiava essa resposta.

A prática de enfaixar os pés foi amplamente difundida na China, em particular entre o século XVI e o início do XX. Seu objetivo era modificar o formato e o tamanho dos pés de mulheres e garotas enquanto símbolo de prestígio social e atestado de beleza. (N. E.)

11



Uma semana depois de ter mostrado a caixa ao meu pai, acontece algo perto da meia-noite: todas as janelas de nossa casa estão abertas.

Estou no sofá quando ouço um ruído seguido da batida de uma janela se fechando e, depois, o barulho de coisas caindo. Coisas que pareciam estar com raiva e tentando entrar.

Pessoas? Ladrões?

As cortinas na sala de estar se inflam na minha direção. Um sussurro de vento passa pela janela.

Minha mãe?

O medo me invade, rastejando em direção ao meu interior, como água fria se espalhando em um tecido. Fico encolhida, imóvel. Um pequeno brilho de lógica em meu cérebro luta contra o pânico, lembrando-me que ficar sentada e tensa no sofá não tem utilidade alguma.

– Mãe? – Minha voz sai arranhada e trêmula.

É como se essa única palavra interrompesse tudo. O *sussurro* se foi. O vento também. A única resposta é o silêncio.

Levanto-me e verifico a cozinha. Nada.

Então, ouço o ruído ao longe, e mais *sussurros* distantes. Seja o que for, agora está no segundo andar, onde parece muito pior. Lá em cima, o vento está assobiando, agudo e intenso.

Meu pai reclama em voz alta de seu escritório. Ouço seus pesados passos, indo de um lado da casa para o outro e voltando. Ele resmunga mais.

– O que está acontecendo? – pergunto da escada.

– Estou lidando com isso! – ele grita de volta.

Sua resposta não parece inteiramente verdade. E eu não quero ir lá. Mas ele pode precisar de ajuda.

A cada passo que dou, o medo se aperta em torno de minhas pernas, tentando me manter no lugar, deixando meus pés pesados e lentos.

Além do evento com a tinta branca, havia me esforçado ao máximo para não precisar subir ao andar de cima. Toda vez que subo esses degraus, não posso deixar de pensar que estou fazendo o caminho rumo ao local onde o corpo estava.

O corpo.

A mancha.

Estou na metade da escada quando escuto um segundo barulho, dessa vez proeminente o bastante para me fazer encolher e cobrir minhas orelhas com as mãos.

Meus olhos se fecham e me sento com força.

O corpo o corpo o corpo. A mancha a mancha a mancha.

– Leigh? – meu pai me chama parado no alto dos degraus, apoiado no corrimão como se tivesse sido derrotado.

– O que está acontecendo? – indago.

Ele balança a cabeça.

Nesse momento, uma última rajada de vento atravessa a casa, passando por todas as janelas abertas, subindo pela escada e criando um pequeno redemoinho. Pedacos de algo vermelho surgem girando com o ar. Papai tenta lutar contra aquilo, movendo os braços na direção do tornado várias vezes. O vento cessa abruptamente e tudo se acalma. Uma tela de janela rasgada rodopia pelo corredor e desce alguns degraus antes de parar. Os pedacos vermelhos se prendem ao meu pai. Sua expressão é de severidade e fúria à medida que tenta se livrar deles.

– O que são essas coisas? – pergunto, enquanto aperto os olhos para tentar ver.

Assim que pronuncio as palavras, já sei a resposta. Nem precisava que ele dissesse.

– Penas – ele responde. – São malditas penas.

Os dias passam e não conversamos a respeito do ocorrido. Nenhuma menção às penas ou ao pássaro. Ele finge que nunca houve aquele vento estranho. Mas fica mais quieto do que de costume – o evento foi mais assustador para ele do que para mim. É uma longa semana, cheia de um silêncio frio, incerto e violeta dioxazine.

Depois disso, ele nos compra duas passagens de avião.

12



Taipei fica a quinze horas e meia de distância. É um voo direto. Não consigo me lembrar de ter ficado sentada durante tanto tempo em minha vida...

Parte de mim se pergunta se isso faz algum sentido: cruzar o céu em direção a essas pessoas que nunca vi. Mas o pensamento não vale a pena. Essa viagem é quase boa demais para ser verdade e tenho medo de que, a qualquer momento, papai se levante e de alguma forma force o piloto a dar meia-volta.

Levou mais de uma semana para ele conseguir organizar todas as coisas do seu trabalho, depois, apenas uma tarde para fazermos as malas. Eu estava preparada para viajar sozinha, mas ele não queria e isso não tem a menor importância. Tudo o que importa é que estamos fazendo o que a mamãe quer. Ou pelo menos, o que eu *acho* que ela quer.

No trajeto de carro até o aeroporto, papai tentou me contar todos aqueles “fatos divertidos” sobre Taiwan. De repente, ele estava dentro daquela viagem. Como se a ideia tivesse sido sua ou algo do tipo.

– Você vai adorar, Leigh. Taipei é uma cidade tão bonita. Há um Seven-Eleven em cada canto e as pessoas chamam apenas de Seven. E os caminhões de lixo tocam música, é tão curioso. Com certeza vamos no Taipei 101, é um dos arranha-céus mais alto do mundo. Ah, e estamos a tempo para o Festival dos Fantasmas, caso queiramos passar um dia em Jilong, que na verdade se escreve K-E-E-L-U-N-G...

– Certo – eu disse, usando uma palavra típica dele com a voz mais desanimada do que eu pretendia.

Ele parou de falar.

Antes de sairmos, chequei minhas mensagens. Acima de todas as mensagens de condolências não lidas, havia uma nova:

DE: axeldereckmoreno@gmail.com

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: (sem assunto)

Não abri nem olhei a pré-visualização. Há uma parte de mim que espera desesperadamente que seja apenas uma de suas mensagens habituais. Que eu clique em abrir e me depare com uma piada tola, um esboço que ele fez usando um novo aplicativo, uma foto besta dele com sua irmã.

Se eu não abrir, posso fingir que nossa amizade é como era.

Se eu não abrir, as coisas não terão mudado.

Ao meu lado, papai dorme com o mais recente filme de super-heróis passando na pequena tela à sua frente. Seus olhos estão fechados, seu rosto voltado para baixo, os fones de ouvido baratos da companhia aérea escorregando de sua cabeça. Em seu estado inconsciente, seu cotovelo ultrapassou o braço do assento e caiu para o meu lado. Ele não me abraça desde que minha mãe se transformou em um pássaro. Como se oferecer um abraço fosse se entregar ao sofrimento.

Como se eu fosse uma concha frágil que ele tivesse medo de esmagar.

E pensei que tinha parado de querer abraços. Mas esse cotovelo acidental... Agradeço por seu calor, por sua companhia.

Meus dedos estão congelados. Eu os enrolo na suavidade do meu pescoço, procurando por calor. Tudo está frio. Imagino um diagrama pendurado em um consultório médico ilustrando um frio azul elétrico que começa nas extremidades dos membros e vai se infiltrando em direção ao centro do corpo.

Talvez morrer seja assim. Minha mãe sentiu essa frieza no fim? Talvez cada vez que meus dedos começam a ficar entorpecidos seja um tímido início da morte. Talvez meu corpo simplesmente seja forte o suficiente, vivo o suficiente, para evitá-la.

Ou talvez essa frieza seja o começo da transformação de alguém em um pássaro.

13



O céu em Taipei tem um tom púrpura que torna difícil dizer se o sol acabou de nascer ou de se pôr. Papai diz que é fim de tarde.

Meu rosto está derretendo, o suor escorre por cada centímetro de meu corpo. Em uma ruela silenciosa, entre edifícios residenciais, papai olha seu telefone, tentando encontrar o número exato do apartamento. As luzes da rua esticam seu longo pescoço e derramam sobre nós uma claridade impetuosa e fluorescente. As portas do edifício são de metal arranhado. As janelas, ao seu lado, estão atrás de grades. É muito diferente do bairro de nossa casa. Não há portas com uma pintura brilhante nem janelas com persianas decorativas por aqui. Nada de jardins, calçadas ou varandas.

Grandes painéis vermelhos estão sobre algumas portas, com caracteres chineses em dourado, cada palavra do tamanho da minha mão. E do lado de fora, na rua em si, motos e bicicletas estacionadas, roupas penduradas em varais feitos de bastões de bambu, um sedã empoeirado. Um cheiro de incenso, óleo e alho vem da esquina até nós.

As poucas pessoas que caminham passam por nós e viram a cabeça para nos olhar. Papai mexe em seus bolsos, suas mãos fazem barulho ante sua frustração.

– Eles sabem que estamos aqui, certo? – perguntei.

De repente, começo a me questionar sobre a decisão de vir para Taiwan. Penso na forma como o rosto da minha mãe escurecia toda vez que eu mencionava meus avós. Existiria um motivo pelo qual vir até aqui fosse uma má ideia?

O ar é tão pesado que estou convencida de que uma lona gigante cobre a cidade, aprisionando a umidade quente da respiração de todos. Passa uma leve brisa, mas não traz alívio, apenas penteia os pelos dos meus braços na direção errada. Esfrego os cotovelos, nervosa. Sob a luz da lâmpada da rua, vejo as mãos do meu pai tremendo.

– Pai? Você está bem?

– Apenas espere um segundo – ele responde, tenso, ao puxar a mochila para a frente e começar a revirá-la.

Olho para a rua vazia e escuto o som de virar de páginas. Os papéis caem no concreto com um golpe e um suspiro, fazendo uma bagunça. Assim que me abaixo para ajudar papai a reuni-los, a porta ao lado se abre, espalhando luz para todo lado.

Uma pequena mulher encurvada está no limiar, olhando para nós com os olhos entrecerrados.

– *Baineng* – ela diz.

Levo um minuto para perceber que a mulher está tentando dizer o nome do papai. Levanto-me rapidamente, mas ele se levanta mais devagar.

A mulher hesita, então diz:

– Leigh.

Eu engulo em seco, deixando que aquela única sílaba dê um nó em minha garganta. A voz, ao mesmo tempo que é da minha mãe, não é.

– *Name wan cai dao. Chiguole mei?*

Esta mulher com certeza não fala minha língua.

– Leigh! – ela diz de novo, dando um passo à frente.

Bem, e o que eu esperava? Que depois de todos esses anos, meus avós tivessem comprado uma cópia da Pedra de Roseta? Todas as cartas dos meus avós não eram escritas em *chinês*? Em algum ponto da minha mente, imaginei que as habilidades de linguagem de minha mãe tivessem passado para eles em uma espécie de herança invertida.

Papai se vira para mim como se dissesse: *Não se lembra das boas maneiras que ensinei a você?*

– *Ni hao*. – Posso dizer que minha voz está desafinando enquanto deslizo as palavras para cima e para baixo. Faz muito tempo que não dizia essas sílabas em voz alta.

– *Waipo hao* – meu pai me corrige.

Waipo. Certo. *Avó*. Eu já tinha descoberto isso, mas ainda não estava muito preparada. Muitos segundos se passam enquanto procuro características de minha mãe naquele rosto enrugado.

– *Waipo hao* – finalmente digo. Minha voz nunca soou tão rosa.

Ela diz meu nome novamente e uma série de palavras que não consigo assimilar. E então, milagrosamente, algo que eu entendo: *muito bonita*. Ela sorri para mim. Seus dedos seguem delicadamente pelo cabelo sobre meu ombro.

Bonita. *Piaoliang*. Com os quadris largos e as coxas da grossura de um tronco de árvore? Com um rosto muito mais redondo do que o da minha mãe? Com a forma do meu corpo em nada tão delicada como sempre desejei que fosse e com o cabelo castanho em vez de preto?

Waipo nos leva para dentro e fecha a porta. Papai e eu arrastamos nossas malas até o pequeno elevador. No segundo andar, minha avó para e gesticula indicando que tiremos nossos sapatos. Ela nos oferece chinelos de espuma para usar do lado de dentro.

Fazemos uma curva e chegamos a uma pequena sala de estar. O homem que deve ser meu avô está no sofá com uma bengala de madeira ao seu lado. Ele caminha pela sala usando um par de chinelos azuis desbotados.

– *Waigong hao*. – Minha voz desafina.

Ele assente por um longo momento, então torce a cabeça para baixo para tossir, tendo o braço como anteparo. Quando se endireita, está sorrindo.

Se eu apenas conseguisse me lembrar de como dizer *é bom conhecer você*.

Eu me esforço para tentar encontrar em minha memória, mas, de repente, tudo o que consigo fazer é pensar em Axel, no funeral, perguntando-me *qual é a cor?* e eu respondendo *branco*.

Branco, como uma página em branco. Branco, como meus dentes. Tento sorrir de volta.



Tomo um gole de chá em minha minúscula xícara, grata por ter algo para ocupar minhas mãos e boca. O sabor do oolong é colorido pelo cheiro de fumaça, porções salgadas que se desprendem do altar em minha direção. Nem uma hora atrás, estávamos diante das estátuas do bodisatva, acendendo incensos e usando os finos hashis em uma tigela de arroz e cinzas. Papai fechou os olhos e tentei seguir seus passos, mas não tinha certeza se deveria estar rezando, guardando um momento de silêncio ou, talvez, ouvindo algum som distante.

Na minha cabeça, as palavras riscadas no fim do bilhete não paravam de rodar.

Eu quero que vocês se lembrem

O pássaro queria que eu viesse, e aqui estou. Inspiro a fumaça salgada e tento fazer uma oração. *Por favor, diga-me o que preciso fazer aqui. Por favor, me diga do que preciso lembrar.*

Não recebo nenhuma resposta. Bem, e o que eu esperava?

Agora estamos todos sentados na sala de estar. Meu pai e eu em poltronas de brocado, *waipo* e *waigong* em um sofá feito de madeira e com almofadas. Sob brilhantes luzes halógenas, estudo seus rostos. Os lábios finos de minha avó ficam esticados em um eterno sorriso, suas bochechas têm algumas manchas e seu nariz é pequeno e plano. Ela usa argolas simples de ouro nas orelhas, e seu cabelo branco está puxado para trás em um coque solto. Meu avô assente enquanto conversamos, seu cabelo curto é cinza, os dentes são levemente tortos e sua pele tem sardas que formam pequenas constelações castanhas.

Tento encontrar o rosto de minha mãe em cada um deles. Quão diferentes estariam da última vez que ela os viu? O que causou tamanho abismo entre eles?

Papai e *waipo* conduzem a maior parte da conversa. Pego algumas palavras que entendo. *Avião. América. Comer. Clima.*

Como é estranho isso. Sentarmos aqui e termos essa conversa educada sobre o chá, quando o que nos uniu foi uma tragédia.

Papai traduz as coisas para mim em inglês como um jogo de telefone sem fio: esta é uma casa nova, eles se mudaram para cá faz dois anos. *Waigong* não fala uma palavra desde que sofreu um acidente vascular cerebral. O clima estava bom nas últimas semanas, não tão quente como de costume, graças a um tufão no oceano que trouxe um pouco de chuva. As frutas-do-conde e as pitaias estavam particularmente boas nessa temporada. As goiabas que *waipo* usava para fazer smoothies também.

Quem diabos se preocupa com as goiabas quando minha mãe é um pássaro? Meus joelhos balançam com velocidade e firmeza.

Papai coloca sua mala ao seu lado e a abre, seu conteúdo brilha como as entranhas de um baú do tesouro. Ele tira pacotes de doces: Kisses, da Hershey's. Chocolates Godiva. Caramelos Tootsie Roll.

Os olhos de *waipo* se iluminam, mas então ela balança a cabeça.

– O que há de errado? – pergunto.

– Ela está dizendo que é demais – meu pai me explica. – Mas eu queria trazer todos os que ela mais gosta.

As palavras incomodam com um marrom oxidado, a injustiça me fere profundamente. Por que ele sabe do que minha avó gosta e eu não?

Agora, por fim, ficamos sem ter o que dizer, e um silêncio paralisante toma conta do ar. Ninguém fala. Ninguém se move, exceto *waigong*, que come um caramelo e move-se com suavidade.

Meu corpo fica mais tenso a cada segundo. Estou a ponto de explodir.

Waipo pega o controle remoto da televisão e, em pânico, cuspo uma palavra em inglês:

– Espere! – As palavras se espelham na minha memória: – *Deng yixia*.

Como podemos ficar ali sentados e assistir à televisão juntos? Vamos fingir que estamos apenas tendo uma noite normal em família? Não é assim que isso deveria ser.

Todos me observam com expectativa. Ergo um dedo, sem ter certeza de que esse fosse um sinal universal, e vou até a sala de visitas. A caixa está na minha mochila, cuidadosamente embrulhada em um jeans. Eu abro a tampa.

Hesito por um segundo – é isso que minha mãe quer que eu faça? Mas como eu saberia? Não posso perder tempo. Se ela está aqui, tenho que encontrá-la.

– Leigh – meu pai diz em tom de advertência quando volto para a sala de estar segurando a caixa.

Ignoro-o e ajoelho no chão entre o sofá e as poltronas, extraindo com cuidado o que está abrigado no interior da caixa. *Waipo* diz algo e a melodia de suas palavras forma um ponto de interrogação no ar. Papai não responde. Quando meus olhos se encontram com os dele, observo suas sobrancelhas franzidas, o canto da boca repuxado. Ele não quer que eu faça isso.

Bem, não me importa. Não percorri todo esse caminho para manter os segredos.

Viro-me para meus avós e aponto para o pacote. As cartas, em uma pilha com equilibrada cuidado. As fotografias se espalharam. O colar de cigarra, que tiro da bolsa.

Waigong para de assentir.

Minha avó ajoelha-se ao meu lado e passa os dedos pela corrente de prata, contorna a cigarra.

– *Baineng* – ela diz, e na sequência uma rápida sucessão de palavras brota de sua boca, cujas sílabas saem como seda e nós, como picos e vales.

Papai responde devagar, mantendo o olhar voltado para o chão. Seja lá o que ele tenha dito, fez minha avó balançar a cabeça, seu corpo começar a tremer de tensão.

– O que foi? – Cruzo os braços. – Conte-me.

Meu pai enfim levanta o olhar.

– Onde mesmo você diz ter encontrado essa caixa?

A raiva se acende dentro de mim como um fósforo. O fogo queima rapidamente nas minhas costelas.

– Eu te disse. Mamãe veio como um pássaro...

– Pare. Isso está indo muito longe, Leigh. – Sua voz é como uma serpentina quente.

Eu me levanto.

– Não estou mentindo. Eu não mentiria sobre a mamãe.

Minha avó começa a balançar para a frente e para trás.

– Diga-me o que ela disse – exijo.

Papai inspira profundamente e aperta os olhos.

– Você nunca deveria ter tido acesso a esta caixa.

– O que diabos isso significa? – Rolo meus olhos e deixo a linguagem deslizar, por acidente. Seu rosto se contrai, mas é óbvio que outras coisas são mais importantes, porque ele não fala sobre isso.

– Eles nunca enviaram isso. Não há postagem no pacote.

– Eu disse isso a você – retruco, tentando conter meu tom. – Não foi enviado por um serviço de correio...

– *Não* – ele diz. – Escuta. Seus avós fizeram esse pacote, planejando enviá-lo. Mas mudaram de ideia e o queimaram. As fotos e as cartas. O colar, que enviei para eles. Eles queimaram tudo.

Waipo murmura algo, balançando a cabeça.

– Eles queimaram para que sua mãe pudesse ter tudo com ela em sua próxima jornada – diz meu pai, com a voz baixa.

– Mas a mamãe, o pássaro... – Sinto como se tudo se movesse de forma confusa. É como se eu estivesse balançando no alto de um turbilhão da cor de asfalto manchada com branco de zinco. – Você tem que contar sobre o pássaro.

Papai se afasta da poltrona.

– Esta conversa termina aqui.

Escuto com descrença o som de seus pés caminhando pelo corredor, a porta da sala de visitas se fecha atrás dele com um clique.

Waigong fecha os olhos, agarrado à sua bengala, e solta um longo suspiro que fica entre um zumbido e um arquejo, quase silencioso demais para ser audível.

Volto-me para minha avó.

– *Mama shi* – começo, mas então demoro para me lembrar de como dizer pássaro: – *Niao*. – Será que consegui o tom certo?

Minha avó pisca para mim.

Pego uma caneta e um bloco de papel da mesa ao lado do sofá, perguntando-me como fazer para conseguir explicar isso.

O silêncio é mais alto do que nunca. Dessa vez, ninguém faz nada para que ele acabe.

Começo com um rápido esboço do rosto da minha mãe. É a primeira vez que a desenho desde que se transformou em um pássaro, e começo lentamente. Mas meus dedos se lembram – meus músculos sabem como desenhar os olhos escuros, as sardas na bochecha direita, a inclinação de suas sobrancelhas. Seu rosto se materializa a partir de traços da tinta.

Waipo se inclina para ver, e viro o bloco para ela. Minha avó estuda o desenho. Ela pisca, e o reconhecimento floresce em seus olhos. Aponto para uma fotografia da caixa e depois de volta para o rosto, apenas para confirmar.

– *Mama* – digo novamente.

Minha avó balança a cabeça.

Depois, desenho uma seta. Onde ela termina, começo a fazer o pássaro.

Waipo se atenta, observando minha caneta trabalhar. A tinta não flui suavemente e não consigo fazer as asas direito, mas não importa. É o pássaro. Olho para cima, triunfante.

A expressão da minha avó é indulgente. Ela balança a cabeça e murmura algo em mandarim.

Uma abordagem diferente, então. Em uma nova página, minha caneta imprime o corpo gordo e felpudo de uma lagarta. Uma nova seta aponta para o outro lado, onde faço uma borboleta. Antes que eu termine, *waipo* já está acenando com a cabeça. Ela entende. Seu dedo traça a flecha de um para o outro.

Arranco a página onde desenhei minha mãe e o pássaro e a coloco ao lado do desenho da lagarta e da borboleta.

Por um momento, há apenas o tique-taque do pequeno relógio na prateleira. E então *waipo* engasga ao entender. Ela toca o braço de *waigong*. Ele abre os olhos e fita as páginas.
– Minha mãe se transformou em um pássaro – digo em meu idioma.
Waipo balança a cabeça.



Vozes altas me acordam. Eu me sento devagar, me sentindo desorientada. Meus olhos estão irritados de tão secos, os músculos doloridos. É a primeira vez que durmo desde que o pássaro levou a caixa até nossa casa. Tentar vencer a exaustão é horrível.

Minha mão está fechada em punho e, quando eu a abro, vejo o colar de cigarra, quente, dentro dela. Em minha pele, há marcas das bordas que eu segurava com tanta força. Não lembro de pegar a corrente antes de ir dormir. Ela está presa em mim e agito a mão para que caia no travesseiro.

Abro a cortina e vejo o mundo lá fora ainda silencioso e escuro. Ainda não é de manhã.

Decibel por decibel, as vozes aumentam de volume. *Waipo*, soando dura e defensiva. Papai, estranhamente anasalado, e um tom mais alto do que o habitual. A voz dela, siena queimada; a dele, azul real. Suas palavras atingindo o outro tão impactante e rapidamente que não consigo entender uma frase sequer.

Há apenas um quarto de hóspedes, e quando entrei nele, na última noite, meu pai já havia se deitado no chão – provavelmente fingia dormir sobre os cobertores –, deixando a cama para mim. Eu não esperava dormir de verdade, não após o choque de saber que a caixa deveria ter sido destruída.

Há quanto tempo meu pai estaria acordado? Que horas são? A confusão roxa encobre minha mente.

Quando chego ao final do corredor, meu pai está de costas para mim, mas, pela posição dos ombros e pela mão pressionada contra o rosto, posso dizer que está chorando. É a primeira vez que o vejo chorar desde o funeral.

Meu avô, *waigong*, está de pé do outro lado da sala – o que poderia também significar do outro lado do Oceano Pacífico – com uma mão apoiada no encosto do sofá. Há um olhar terrível em seu rosto. *Waipo* está na passagem que separa a cozinha da sala de estar, balançando a cabeça, olhando para baixo.

Ninguém me vê por um longo e silencioso momento. Então, todos percebem, ao mesmo tempo, minha presença sendo anunciada através de uma frequência que não consigo detectar. Os olhos de *waipo* se levantam. Papai dá meia-volta.

– Me desculpe, Leigh – ele diz ao mesmo tempo que *waipo* pronuncia uma série de sílabas.

Meu pai volta para o quarto de hóspedes, passando por mim tão rapidamente que faz o ar se movimentar.

Waipo entra na cozinha e reaparece um segundo depois com recipientes de plástico empilhados nas mãos. Ela diz palavras que parecem música e nada ao mesmo tempo.

– Desculpar pelo quê? – Eu me viro para que minha voz siga pelo corredor, atrás do meu pai.

– Ela está perguntando o que você quer comer – ele responde por sobre o ombro.

Dou um passo na direção dele.

– Pai, o que você está fazendo? O que está acontecendo?

Waipo pega suavemente em meu cotovelo e me guia de volta para a cozinha. Ela puxa

diversas sacolas e caixas de dentro da geladeira, mostrando-me infinitas opções de comida. Legumes e bolinhos, mingaus, tofu, conservas...

– *Yao buyao?*

– *Yao* – eu respondo. *Sim. Quero.* É um alívio entender ao menos isso.

Os olhos da minha avó se iluminam diante do meu esforço para falar sua língua. Ela pega uma panela, e volto para o corredor a tempo de ver meu pai tirando sua mochila e sua mala do quarto.

– Papai!

Ele olha para mim com culpa.

– Desculpe, Leigh. Eu simplesmente não posso fazer isso.

– *O quê?*

Olho para *waigong*, que agora está sentado no sofá. Seus olhos estão fechados, os ombros rígidos.

– Sua mãe... – a voz de meu pai desafina. – Ela não quer que discutamos.

Abaixei o queixo.

– Não estou discutindo com ninguém.

– Ela não gostaria que existisse isso... raiva. E ressentimento. Sobre ela. Sobre o passado. É isso que ela tentou evitar. E aqui estou eu, rompendo as promessas que fiz quando nos casamos.

– Você se casou há quase vinte anos. As coisas mudam.

Ele me olha com uma expressão cansada.

– Também achei. Mas algumas coisas não mudam.

– Nós *acabamos* de chegar aqui. Você não pode me fazer ir embora. – Cruzo meus braços.

– E não vou fazer – ele se apressa em dizer. – Não vou fazer você ir embora. Está bem? Você pode ficar. Eu vou para Hong Kong por um tempo.

A descrença me sacode como se fosse um terremoto.

– Você está *brincando* comigo? Você vai... *me deixar?* Aqui?

– Você está em boas mãos – ele diz, esfregando as têmporas. Há bolsas escuras sob seus olhos, manchas de cinza nos cabelos. – Você está com a família. Volto para buscá-la quando estiver pronta para ir para casa. Enquanto isso, vou arranjar um chip telefônico. E vi um café na esquina que tem internet, então você pode...

– Eles nem falam inglês! Como vou me comunicar com eles?

– Pratique o seu chinês – ele diz com serenidade. – Não é isso o que você sempre quis?

Parece uma piada. Como se estivesse zombando de mim. Quanto de chinês eu realmente sei? Quase nada.

Alguém precisa tornar ilegal que em pais joguem na sua cara as afirmações que você fez em algum momento.

Eu o vejo empurrar sua mala para fora através da entrada da frente, tirar os chinelos e colocar seus sapatos sem desamarrá-los. Antes de fechar a porta, ele diz com uma voz tão amavelmente fúcsia:

– Eu te amo, Leigh.

Estou chateada demais para responder. Ninguém nem diz adeus.



Mais alguns fragmentos de chinês, aprendidos anos atrás, voltavam à minha memória:

Shengqi = Estar com raiva

Weisheme? = Por quê?

Hao buhao? = Está tudo bem?

Buhao. = Não está tudo bem. Na verdade, está tudo mal.

Não posso acreditar que há menos de uma hora assisti à partida do meu pai. Parte de mim ficou aliviada que ele tenha ido, parte de mim ficou brava. Como eu conseguiria as minhas respostas sem ele? Como vou encontrar o pássaro? A raiva dispara carmesim alizarina através de mim, e um grito pronto fica preso na minha garganta.

No quarto de hóspedes, sento-me na cama e seguro o colar sobre meu colo. Aquela corrente de prata fria. O pingente de pedra tão real quanto um objeto pode ser. Como isso está aqui nas minhas mãos? Como isso e todas as cartas e fotografias sobreviveram?

O ato de queimar destrói as coisas. Mas estas não foram destruídas.

Minha raiva crepita como um fósforo aceso que bate na água e, de repente, estou muito exausta.

A luz da manhã entra pelas bordas empoeiradas da cortina. Abro o tecido para ver a cidade.

Meu olhar se encontra com dois olhos brilhantes e redondos, da cor das chamas, com os centros mais escuros. Eles estão do outro lado das grades da minha janela, intensamente focados em mim. Há um bico longo, preto-carvão e pontudo. As penas, de um vermelho intenso, se enrolam para trás e formam uma crista acima de sua cabeça.

O ar fica preso na minha garganta, meu estômago se contrai. Pânico e alívio giram em minha cabeça, fazendo uma bagunça de laranja e amarelo.

– Mãe?

Estico os dedos e eles acabam batendo com força no vidro. O pássaro balança a cabeça, assustado. Ele inclina o bico em direção às nuvens e o abre. Seu grito explode pelo céu, vibra contra a janela.

Minha mãe levanta voo e se afasta, uma pata escorrega pelo metal e vai rasgando o cenário atrás do vidro.

A porta do meu quarto se abre com força e *waipo* entra, procurando algo com desespero.

– *Mama* – é tudo o que eu digo antes de ir em sua direção e seguir pelo corredor, meus pés procurando se encaixar em algum par de sapatos. Qualquer par.

Abro a porta da frente e ignoro o elevador. Desço as escadas com chinelos muito grandes para meus pés que vão batendo à medida que caminho.

– Leigh! – *waipo* chama do andar de cima, mas já estou no térreo, seguindo meu caminho para a luz da manhã.

Onde ela está?

Procuro diminuir a respiração e puxar bastante ar em meus pulmões para que eu possa pensar. No fim da ruela, viro à direita para ficar atrás do edifício que meus avós chamam de casa.

Por que está tão escuro agora?

Meus olhos procuram a janela com as grades. O céu se abre e a chuva quente cai com força.

Em segundos, a água toma cada centímetro do meu corpo.

Não há sinal do pássaro em lugar algum. Eu olho para cima e tudo o que vejo é um grande e plano cinza.

– Leigh! – *waipo* ofega muito.

Ela coloca uma capa de chuva sobre mim com uma das mãos e com a outra me estica seu guarda-chuva, um artigo rosa pastel com uma vareta quebrada, e murmura algo sobre a chuva. Mal consigo ouvir suas palavras tamanho o barulho da tempestade.

De volta ao apartamento, ela pega roupas limpas para mim. Seca meus cabelos com a toalha e depois com o secador, com seu ar quente e forte. Como é estranho sentir seus dedos contra meu couro cabeludo, tão gentis e precisos. Com os olhos fechados, sinto como se fossem as mãos de minha mãe.



A primeira coisa que percebo quando abro meus olhos é o ventilador na cadeira zumbindo enquanto as pás giram. O som me faz pensar nos insetos de verão sobre a grama, em me sentar em um campo e desenhar as árvores com carvão, na careta de Axel quando ele se dá conta de que o pontinho em sua perna é um carrapato, no céu azul plano como uma folha de papel.

Uma estranha e inexplicável resolução me faz sair da cama e caminhar até a cômoda. Abro a gaveta superior à esquerda e encontro o interior vazio, exceto por dois itens: uma pena vermelha Winsor curvada e uma caixa fina e retangular que nunca havia visto.

A pena é o que pego primeiro. Ela deixa meus dedos ligeiramente oleosos e tem um forte cheiro de almíscar. Parece muito com a outra pena que eu tenho do pássaro. Isso foi deixado ali como uma mensagem? Como eu não sabia o que acharia, mas, de alguma forma, sabia exatamente onde procurar?

A caixa tem tamanho e forma adequados para guardar um abridor de cartas – ou talvez uma pena – e é feita de um papelão rígido, mas já é tão antiga que se tornou macia. Os meus dedos ficam cinza, a caixa está recoberta por uma camada de poeira. Ela tem um tom suave de laranja e traz os seguintes caracteres chineses impressos verticalmente, em vermelho:

最
難
風
雨
故
人
來

O único caractere que reconheço é o que tem apenas dois traços. *Ren*. Que significa *pessoas*.

A tampa se abre com facilidade, assim como a tampa de uma caixa de sapatos, raspando com um suave ruído, como se estivesse avisando seu conteúdo: varas longas cheirando a fumaça, restos e fósforos usados. Um perfume que parecia uma mistura de cores girando na escuridão.

Incenso. Aproximadamente do mesmo tamanho e forma que as varas acesas sobre o altar dos

meus avós, exceto que estes são totalmente negros. Levanto um com cuidado, tomada pelo forte desejo de acendê-lo. Entre o meu polegar e o indicador, aquele incenso está estranhamente quente, como se estivesse sendo aquecido sob o sol.

E então, um sussurro. A mais silenciosa e suave das vozes. Está vindo do incenso.

Eu o aproximo da minha orelha...

Uma batida na porta me faz saltar.

– Aguenta firme. *Deng yixia!* – respondo, e corro para enfiar a caixa e a pena de volta na gaveta e cair na cama assim que a porta se abre.

Waipo olha para mim através da abertura, seu rosto hesitante.

– Oi – eu digo, meu coração bate em meus ouvidos.

Não sei por que senti que tinha que esconder qualquer coisa. Não sei por que estava nervosa de um modo tão estranho.

Minha avó acena para que eu saia.

– *Lai chi zaocan* – ela diz.

Zaocan. Café da manhã. Certo. Sinto-me culpada – eles estão me esperando por todo esse tempo?

Seu olhar recai sobre algo ao lado da cama. Ela se aproxima da mesa de cabeceira e pega o colar da minha mãe, segurando o pingente da cigarra diante de um raio de sol que passa pela cortina. A luz reflete na jade. Ela aponta para mim e sorri, dizendo mais alguma coisa.

Tudo o que entendi foi *ni. Você.* Antes que eu possa tentar adivinhar, ela já está se inclinando sobre mim, colocando meus cabelos para um lado, e prendendo a corrente no meu pescoço.

O peso da cigarra se apoia contra meu esterno.

Waipo segura minha mão, ajudando-me a ficar de pé.

Há muita comida na mesa de jantar. Eu reconheço as tiras fritas reluzindo com óleo; *youtiao* – o favorito da minha mãe, lembro com angústia. E o pão achatado retangular *shaobing*. Então, há muitas outras coisas que nunca vi antes. Bolos retangulares cozidos no vapor e com um molho escuro. Uma tigela de algum tipo de vegetal, pálido e esponjoso. Pedacos cortados de um crepe enrolado com uma camada branca brilhante. Uma estranha sopa amarronzada.

Minha garganta se aperta. Não tínhamos um café da manhã no estilo taiwanês com muita frequência, apenas umas poucas vezes por ano, quando mamãe sentia vontade de ir a uma das mercearias asiáticas – e essa raridade transformava o evento em um deleite. Axel e eu – papai também, se ele estivesse em casa – comíamos tanto a ponto de não conseguirmos almoçar.

Reflito sobre os dias em que ela voltava para casa com todos os ingredientes para uma refeição como essa. Eram os momentos em que ela sentia saudade de Taiwan? Quando sentia saudade de sua família? Ela tinha quase me convencido de que não se importava mais com eles.

Waigong já está sentado, sua bengala de madeira encostada à mesa ao lado de seu cotovelo. Ele pega um dos pães com gergelim e o abre em duas partes, como se fossem as asas de uma borboleta, com os dedos. Ele recheia o pão com uma rosquinha e molha em seu leite de soja. Exatamente do jeito que mamãe teria feito.

O pingente parece pesado, e meus dedos traçam a forma da cigarra. Tento imaginar meus avós trinta anos mais novos, sentados em uma mesa redonda como esta, sorrindo para minha mãe em vez de sorrirem para mim.



No silêncio pesado da noite, enfim estou sozinha no meu quarto de novo.

Passei o dia derretendo sob o sol, atrás de *waipo*, em feiras ao ar livre, onde peixes inteiros estavam dispostos sobre pilhas de gelo em baldes de plástico brilhantes, e os abacaxis estavam empilhados em carrinhos de metal. Uma mulher empurrava um carrinho com seu cachorro enquanto ia comprar um frango de pele preta. Depois, *waipo* nos comprou *bubble tea* e nos sentamos em um banco do parque, observando as pessoas enquanto sugávamos as pérolas de tapioca pelos canudos engordurados.

Era tão diferente dos parques perto de casa, cheio de grandes árvores cobertas por barbas escuras e castanhas. Flores em forma de estrela cheirando como quincã. Grandes folhas agitando-se como bandeiras, sacudindo a parte inferior enferrujada.

Vimos crianças correndo em direção a um pequeno parquinho. Pipas se espalhavam pelo céu como confetes – uma borboleta, uma fênix, um macaco alado.

Era um tipo de cena de que Axel gostava. Ele teria pegado suas aquarelas portáteis e nos faria ficar ali até ter conseguido pelo menos duas boas páginas. E, quando fosse para casa, seus rápidos esboços coloridos seriam cozidos a partir do visual cru para chegar a deliciosos áudios. As pipas seriam feitas em arpejos. As crianças se tornariam pequenos deuses timpanistas, percorrendo a Terra em compasso $7/8$. Para Axel, a aquarela é apenas sua maneira de tomar notas – sua própria forma de taquigrafia. Ele usa as cores para guiar suas composições, para produzir peças do que ele chama de ópera eletrônica.

Mesmo quando *waipo* e eu voltamos para casa, enquanto jantamos com *waigong*, não consigo parar de pensar no que Axel faria e diria se estivesse ali conosco.

Eu não disse a ele que íamos para Taiwan. Na minha cabeça, eu o vejo de pé na nossa varanda, tocando a campainha, batendo forte. Eu o vejo recuar, contando o tempo como em uma partitura de piano, esperando para entrar em cena outra vez.

Pisco e tudo desaparece: a memória do parque, os desenhos imaginários em aquarela, o rosto infeliz de Axel.

Está ficando tarde, mas algo me mantém acordada. Meus avós foram para a cama, o último de seus sons difuso e transformado em silêncio.

Pergunto-me onde meu pai estará. Terá ido para algum hotel sofisticado, que pagará com todos os seus pontos de viagem? Será que se arrependeu de ter partido? Minha fúria ainda está fervendo, matizando tudo com uma cor de umbra escura, queimada.

O mais inteligente seria tentar dormir, acostumar meu corpo ao horário local. Preciso reunir o máximo de energia se quiser encontrar o pássaro. Estou exausta, e o calor torna tudo muito pior – cada um dos meus braços e pernas me parecem grossos e pesados.

Mas, ainda assim, quando fecho os olhos, querendo que meu corpo relaxe... Não consigo desligar a cabeça. As imagens voltam, repetem-se, inúmeras vezes. Penso naquela criatura vermelha e cheia de penas cruzando o céu. Na caixa de objetos que meus avós disseram ter

queimado. Naquele corpo cinzento, arrumado no caixão como uma boneca.

E a caixa de incenso? Nunca vi varas de incenso tão pretas.

Ouçõ novamente as vozes sussurrantes e palavras que não consigo decifrar. O eco de sílabas que deslizam uma contra a outra. A luz fria entra pelo grande vão entre a parte inferior da minha porta e o piso. Ela se filtra pela janela atrás da cortina tênue, lavando as paredes em feixes espectrais. No começo eu acho que é a lua que serpenteia pela rua, e então percebo que são os faróis. Meus olhos se firmam, a escuridão se levanta. Há brilho o suficiente para enxergar.

Meus pés descalços deslizam para fora da cama baixa e encontram o chão, levando-me até a cômoda. Acho que eu esperava que os sussurros aumentassem, mas eles cessam no momento em que toco o puxador. Abro a gaveta lenta e silenciosamente. O apartamento é pequeno e suas paredes, finas; o som se espalha.

Ali está a pena. Ali está o incenso. E, dessa vez, há também ali uma antiga caixa de fósforos. De onde isso surgiu? Um arrepio percorre minha coluna vertebral. Não consigo evitar olhar por cima do ombro. A luz fora da janela cintila e escurece, como se respondesse a uma pergunta que eu não sabia que estava fazendo.

Estou convencida de que são do pássaro – a pena é como uma assinatura, dizendo-me que ela enviou tais objetos para eu usar.

Risco um fósforo e vejo a chama ganhar vida. Toco-a na vareta escura como alcatrão.

A ponta se acende, se ilumina, como um vaga-lume. A fumaça que sobe é negra como tinta, desenhando linhas pelo ar.

Nada de vozes. Nada. Não sei o que eu esperava.

Mas então, as linhas escuras começam a crescer rapidamente, desenhando fitas que se enrolam em torno umas das outras na forma de uma tempestade. Eu engasgo e a fumaça entra em minha garganta e desce para meus pulmões. Começo a tossir, cuspir e esfregar os olhos, que ardem.

A fumaça preenche o quarto, até ficar tudo preto.

18

Fumaça & Memórias



A fumaça desaparece, a escuridão se derrete e me vejo em um local completamente diferente. Um lugar que conheço muito bem, na casa onde vivi toda a minha vida.

Paredes em tom esverdeado. A entrada arqueada. Minha sala de estar.

A mamãe está ao piano, seus dedos tocam uma sonata de Beethoven, as teclas se movendo para cima e para baixo incrivelmente rápido.

Estou olhando para minha mãe. *Minha mãe minha mãe minha mãe.*

Minhas costelas estão quase se quebrando.

– Mãe.

O piano encobre minha voz.

Suas mãos deslizam pelas teclas, moldando arpejos largos, o tronco balançando no ritmo das ondas escuras da música. Lembro-me desta peça: “A tempestade”.

Há um perfume suavemente doce suspenso no ar – o xampu de coco da minha mãe, o único xampu que a vi usar, o mais próximo de um perfume que eu já senti nela. As cores na sala estão em silêncio e há uma qualidade meditativa na música, em seu ritmo cíclico. Não estou perto do piano, mas posso sentir as teclas suaves sob os meus dedos.

– *Para* – alguém sussurra atrás de mim, rindo.

Eu me viro e, em nosso sofá, está sentada uma menina de cabelos escuros que, sem a menor dúvida, sou eu, só que mais jovem, com um sorriso enorme e cutucando uma versão mais jovem e desajeitada de Axel. Os rostos estão um pouco embaçados, mas com certeza somos nós. Estou em pé, na frente deles, mas eles não me veem. Isso é tão estranho.

– O quê? – ele pergunta, seu rosto demonstrando a mais pura inocência.

Meu eu mais novo rola os olhos dramaticamente, brilhando o tempo todo. Será que eu já sabia o que sentia por ele naquele momento?

Aquilo é uma seção do passado, de alguma forma preservada. Não lembro da cena. Então, por algum instinto, percebo que essa memória pertence à minha mãe. É por isso que tem o seu cheiro.

A faixa no meu cabelo é roxa, então essa Leigh-lembrança tem, talvez, cerca de doze anos e ainda é muito des preocupada. Ela e Axel seguram seus cadernos de esboços sobre o colo e se chutam nos tornozelos.

Escuta-se um forte ruído vindo do andar de cima: passos descendo rapidamente as escadas. Meu pai aparece, seu rosto se acende. Eu tinha me esquecido daquele som, do bater alegre dos pés. Quando nos tornamos pessoas silenciosas?

– De onde vem esse cheiro *incrível*? – diz a versão do meu pai na memória.

Um temporizador na cozinha dispara, e as cores mudam como se despertassem. Minha mãe se vira no banco e se levanta. Ela dá um beijo no nariz do papai e passa dançando por ele rumo à cozinha. Ele se vira para vê-la, encantado.

Era uma vez uma família quase perfeita. Eu queria que pudéssemos rebobinar o tempo, voltar

a viver naqueles anos para sempre.

Tudo se torna ainda mais desfocado, e o cheiro do xampu de coco desaparece devagar sem a presença de minha mãe ali. Entro na cozinha, e os contornos são precisos e as cores brilhantes mais uma vez. Seu rosto está radiante e há um leve sorriso quando ela tira a assadeira do forno.

– Chega de suspense!

– Conta pra gente o que é! Agora! – grita Axel, da sala.

– *Danhuang su* – responde meu pai.

Sigo minha mãe de volta para a sala de estar, seus braços esticados à frente do corpo, de modo que o prato abre o caminho. Ela empilhou perfeitamente uma dúzia de doces perfeitamente redondos, enrolados e dourados, ornamentados com sementes de gergelim.

Essa é a mãe da qual quero me lembrar. Essa alegria. A maneira como seu brilho preenchia uma sala. Seu bom humor, seu amor pela boa comida, seu riso resplandecente e alegre.

Dou um passo adiante, desesperada para poder tocá-la, mas minha mão desaparece contra seu ombro, como se eu fosse o fantasma.

Meus pais compartilhavam um doce, puxando as camadas enroladas com os dedos, pegando um pouco da pasta de feijão. Minha mãe deixa para meu pai a gema salgada do miolo – sua parte favorita.

Permaneço ali, com os pés enraizados no tapete daquela lembrança, observando até que minhas costelas me atravessem e pulverizem meu coração, enviando o calor da minha falta a todos os lugares. O sofrimento sai de mim em um sépia escuro.

As cores se invertem. A luz se afasta. Pisca. Brilha.

Há uma Leigh do passado, ainda mais jovem dessa vez, ainda sem os cabelos pintados, agachada à beira de um lago escuro. Meu pai aparece ao seu lado; em suas mãos, várias folhas de grama verde. As cores mudaram sua tonalidade, como se alguém tivesse mexido nos níveis para torná-las mais quentes. O cheiro é completamente diferente, como de folhas de papel secas no secador – o cheiro característico do meu pai.

É uma memória dele.

– Então, aqui está o truque. Pegue um destes... – Ele coloca as folhas de grama em um local plano e escolhe uma para o meu eu da lembrança. – Agora faça um sanduíche entre os polegares. Pressione para que fiquem bem juntas.

A pequena Leigh obedece e mostra suas mãos para ele. Também não me lembro de nada disso.

– Sim, assim. Pressione mais forte. Então você faz assim...

Meu pai leva o polegar até o rosto. Ele infla as bochechas e força os lábios, soprando forte entre os dedos e produzindo um grito estridente que canta pela água.

Eu assisto como a versão de mim na memória o imita, soprando seus polegares. Suas folhas de grama apenas rangem.

– Eu também não consigo fazer isso – diz minha mãe, que está a alguns passos de distância, sobre uma rocha, observando e segurando suas próprias folhas de grama.

– Leigh quase conseguiu. Continue tentando, filha.

Meu pai se afasta da margem do lago para ajudar minha mãe.

A versão de mim sopra e sopra. Ela endireita o pedaço de grama. Pega uma nova folha, pressiona os polegares para que fiquem ainda mais juntos. Por fim, um assobio soa alto e forte, a meio caminho entre um kazoo e um pato.

Ela olha por cima do ombro.

Minha mãe é uma silhueta contra o céu claro. Os braços dela em volta da cintura do meu pai, a bochecha contra seu ombro. Os dois se balançam juntos, no ritmo de uma música que apenas eles

podem ouvir.

Há o brilho. As cores se invertem.

Quando retorno ao quarto, estou sentada na minha cama no apartamento dos meus avós, em Taiwan. As memórias terminaram.

Meu polegar e o dedo indicador estão comprimidos tão fortemente que chega a doer. Olho para baixo: o pedaço de incenso desapareceu. Acendo a luz para ter certeza: nenhum rastro dele em lugar algum. Nada de cinzas. Simplesmente desapareceu.

Abro minhas mãos e as noto trêmulas. Fico ali sentada, tremendo, até o amanhecer.

19



De quem foi a culpa? Essa é a pergunta na mente de todos, não é? Mas ninguém nunca vai dizer isso em voz alta. É uma questão que as pessoas chamariam de inapropriada. O tipo de indagação a que todos respondem: “Não é culpa de ninguém”. Mas isso é mesmo verdade? É apenas a natureza humana buscando um lugar para colocar a culpa. Nossos dedos estão mais do que prontos para apontar, mas é como se estivéssemos todos de olhos vendados e girando.

O que faz com que uma pessoa queira morrer?

Ela tinha a mim. Tinha o meu pai. Ela tinha sua melhor amiga, Tina. Dava aulas de piano para um terço das crianças do nosso bairro.

Qualquer um que a conhecesse teria dito que ela parecia ser a pessoa mais feliz do mundo. A mais viva. Quando ela ria, o rosto dela florescia, e fazia você se sentir quente em seu interior.

Nos últimos meses, suas risadas eram raras. Eu percebi, eu realmente percebi. Mas achei que fosse só mau humor, era comum ela ir de um extremo ao outro. Parei de prestar atenção muito rápido, com muita facilidade.

Foi minha culpa? Se eu tivesse apenas... Ou se papai tivesse apenas...

Se mamãe tivesse apenas...

Apenas o quê?

20



Mesmo na manhã brilhante, o ar é pesado e denso. Adere à nossa pele e faz suar.

Volto-me para minha avó.

– *Niao*. – *Pássaro*. Não sei o que mais dizer. Como informar a ela que temos que encontrar minha mãe?

Waipo balança a cabeça, mas não tenho certeza de que entenda mesmo. Saímos do labirinto de becos e chegamos a um local onde é servido café da manhã. Há uma mulher fazendo algo que nunca vi antes. Chama-se *dan bing*. Sua mão hábil espalha uma massa em um círculo perfeito, quebra um ovo por cima e polvilha cebola. Não estou com muita fome, talvez, em parte, porque não dormi e meu corpo se sente lento – mas, ainda assim, minha boca se enche de água com o cheiro.

A loja também vende *fantuan*, e essas eu reconheço: empanadas de arroz envoltas por uma *song* de porco doce e seca, marrom-avermelhada, e macias como algodão. Houve um dia, na escola primária, em que levei um *fantuan* para o almoço. Quando as crianças viam o *rousong* do recheio, riram de mim por eu comer fios e perguntaram se eu ia tossir bolas de pelo como um gato.

A mulher limpa os dedos em seu avental e embrulha nosso pedido de café da manhã. Ela pisca para mim e seus olhos permanecem me observando por um momento, tão cheios de propósito quanto um toque.

– *Hunxie* – ela diz para minha avó, que está separando moedas com sua mão suavemente enrugada, contando o pagamento.

Waipo solta uma sequência de palavras tão rápido que não consigo pegar nenhuma delas. A mulher sorri para mim, diz algo sobre ser americana, algo sobre ser bonita. As poucas pessoas que comem nas mesas próximas desviam a atenção para mim. Minha pele formiga diante de tantos olhares.

Waipo e eu comemos enquanto caminhamos. Os copos de leite de soja gelado suam em nossas mãos. A condensação se transforma em gotas, as gotas se juntam em riachos, a água escorre pelos meus dedos.

– *Shenme shi... hunxie?* – pergunto.

Os olhos dela brilham. Ela gosta quando tento falar mandarim.

– *Hunxie* – ela repete, e prossegue explicando o termo.

De vez em quando, acho que significa *mestiço*. E então reconheço as sílabas, como quando finalmente vemos formas nas nuvens: *Hun. Misturado. Xie. Sangue*.

Na minha cidade, às vezes as pessoas dizem que eu pareço exótica ou estrangeira. Às vezes, até dizem isso como um elogio. Acho que não percebem que isso me faz sentir como um animal em exibição no zoológico.

Uma vez, na escola, dois garotos perguntaram:

– O que você é?

Quando eu só pisquei, o outro disse:

– Você é meio hispânica ou algo assim?

Eu disse a eles que minha mãe era taiwanesa, e um bateu no ombro do outro:

– Ela é tipo asiática. Você me deve cinco.

Eles não disseram mais nada antes de se afastarem, rindo sozinhos.

Isso não acontece todos os dias, mas acontece vezes o suficiente para ser um lembrete regular de que as pessoas me veem como diferente.

E agora, sendo nomeada tão diretamente – *hunxie, sangue misto* – como se fosse uma etiqueta impressa e afixada na minha testa... sinto algo se retorcer em minhas entranhas de uma maneira escura e azul-violeta.

De volta ao apartamento, *waigong* está deitado no sofá, com todas as almofadas sob as costas e os cotovelos. Ele olha para a televisão, assistindo a um vídeo musical sem volume. Uma dúzia de homens asiáticos dançam em um túnel hexagonal cheio de luzes intermitentes. A tela explode em uma chuva de penas.

Waipo lhe entrega um *dan bing* e leite de soja e vai até o altar. Seus dedos trêmulos são surpreendentemente firmes com um fósforo. A chama segue sua mão como uma cauda de cometa e estabelece um ponto de luz ao tocar no incenso. O cheiro lenhoso atravessa a sala. Eu vejo a onda lenta de fumaça e penso nas varetas pretas guardadas naquela caixa no meu quarto. Não há sussurros aqui fora. Será que imaginei tudo?

Ao lado da tigela de incenso há um grande vaso de cerâmica pintado com dragões azuis, seu acabamento reluzente captura tanto a luz quanto a sombra. A fumaça cinza rodopia diante dos dragões. Por um breve momento, um deles parece balançar a cabeça para me olhar através da névoa, os dentes descobertos, as garras esticadas. Um piscar de olhos e a fumaça muda. O dragão é mais uma vez bidimensional e está imóvel, olhando para o lado na direção de uma fotografia sem moldura que fica apoiada contra a borda de uma tigela de fruta.

Eu não havia visto a foto antes. É do tamanho da minha mão, em preto e branco, está velha e cheia de impressões digitais: são duas garotas sentadas, eretas, em cadeiras de espaldar alto. Uma cópia desbotada da fotografia que encontrei na caixa, sobre a qual perguntei o para papai.

– *Waipo*... – começo a dizer.

Antes que eu pudesse descobrir as palavras para perguntar sobre as meninas, um alto *chirp-chirp-chirp-chirp-chirp-chirp* preenche o apartamento. No começo, acho que é um pássaro de verdade, mas se repete: *chirp-chirp-chirp-chirp-chirp-chirp-chirp* – ritmado demais, preciso demais. Aprendi a reconhecer a precisão e a falta de oscilação com as amostras de áudio do trabalho de Axel para suas composições. E era mais ou menos a mesma coisa: apenas a vocalização de pássaros gravada e repetida.

Waipo engole a última mordida de seu *fantuan* e corre para abrir a porta da frente.

É um vendedor segurando um pacote marrom em seus braços.

Minha avó inicia uma conversa rápida e animada. Suas palavras soam muito diferentes, com vogais mais amplas, as consoantes chegando mais rápido, mais fortes, sílabas se emendando. Ela mudara de mandarim para taiwanês. As frases eram completamente irreconhecíveis para mim.

O entregador vai embora, mas quando *waipo* dá um passo para o lado, uma jovem e pálida mulher entra no apartamento, a blusa tem a estampa de rosas gigantes em tons de rosa e verde. Ela é mais velha do que eu, talvez esteja na faculdade. Talvez seja mais velha ainda. Eu me mexo na cadeira, encolhendo-me em minha camiseta larga e meus jeans. Não coloquei na mala nada além das coisas que costumo usar em casa, o que significa que há a possibilidade de ter manchas de carvão e tinta em qualquer lugar.

Waipo ainda está falando alegremente. Agora ela também gesticula na minha direção e diz

meu nome. Ela abre a caixa com uma faca de cozinha e começa a retirar pacotes de petiscos, frutas secas e uma lata de chá. Por um momento, ela muda para mandarim e diz uma frase na minha direção. *Seu pai* é a única coisa que consigo entender. Quando balanço a cabeça, ela encolhe os ombros e volta para o pacote.

A mulher me dá um sorriso inseguro.

– É muito bom conhecê-la, Leigh.

Seu inglês me atinge como um pingo de água fria. Ela não tem nenhum sotaque.

– Meu nome é Feng, mas também tenho um nome em inglês, se isso for mais fácil...

– Oi, Feng – eu me apresso em dizer, incomodada com a sugestão de que seu nome de uma sílaba seria muito difícil para mim. – Prazer em conhecê-la.

– *Popo* diz que você fala um pouco de mandarim. Você prefere?

Suas mãos flutuam como borboletas pálidas e nervosas.

– Em inglês está bom. – Mesmo dizendo essas palavras, sinto os meus ombros tensos com uma sensação de inadequação.

– Parece bom! – Feng sorri. – Para mim também está bom falar em inglês. Uma nova habilidade, você poderia dizer. Ah, há uma mecha verde no seu cabelo! Isso é uma coisa de americano?

– Hum, acho que é uma coisa de qualquer pessoa.

– Oh. Que diferente. As pessoas provavelmente pensarão que você é uma estrela pop.

Estou morrendo de vontade de mudar o assunto.

– Então, como você conhece meus avós?

– Bem – ela parece envergonhada, sem graça. – Eu os conheço há muito tempo. Sou uma antiga amiga da família.

Waipo me entrega um pedaço de papel que estava na caixa, um pedaço rosa da Hello Kitty. Existem duas linhas de palavras chinesas escritas nele, mas estão grafadas em Pinyin, o sistema de romanização que papai me ensinou quando eu era pequena. Como as letras são todas do alfabeto romano, tenho uma ideia de como pronunciar as palavras, apesar de não ter a menor ideia de seus significados.

– O que é isso? – pergunto.

– Meu endereço, por precaução. Mas duvido que você venha a precisar dele.

Aceno com a cabeça.

– Você mora por aqui?

– Temporariamente. Estive longe de casa por muito tempo.

E então ela chama minha atenção para uma rígida sacola de presente branca que *waipo* acaba de retirar da caixa. A parte da frente tem caracteres chineses impressos em vermelho.

– Eu trouxe alguns doces frescos, com diferentes recheios: feijão azuki, pasta de semente de lótus, gergelim. Certifiquei-me de pedir todos os meus favoritos para você experimentar. São *deliciosos*.

Waigong já está investigando o conteúdo. Ele mergulha a cabeça para cheirar um dos pãezinhos embrulhado em papel-manteiga.

Minha avó está falando em taiwanês novamente. Ela fica parada ao lado de Feng. É nítido que as duas são muito próximas.

No vidro de um quadro emoldurado, vejo o reflexo de nós três. Feng é quem parece ser a neta, com seu elegante rabo de cavalo preto, seus olhos escuros, seus traços delicados. Eu sou a peça que não encaixa. Cabelo fino, castanho e com uma mecha colorida, nem de longe com aquele brilho ou espessura. Meus olhos parecem pálidos.

Feng acena com a cabeça para a minha avó e se vira para mim com um sorriso.

– Há também um cartão SIM na caixa. Você tem um smartphone? O cartão que trouxe oferece acesso à internet. Achei que poderia ser útil.

Ela me mostra como usar um clipe de papel curvado para retirar meu cartão SIM americano e coloca o novo.

– Tudo pronto – ela diz.

– Obrigada.

Penso no e-mail do Axel que ainda não li.

– Se houver algo em particular que você gostaria de ver, apenas me diga. Sei que você precisará de muita ajuda, e quero fazer o máximo possível por você, – Ela sorri.

Tento sorrir de volta, mas sinto meu rosto estranho e rígido.

– É tão raro ter a chance de ver a família, de se reunir assim. – Ela entrelaça os dedos e os separa novamente. – Quero ter certeza de que você aproveite muito.

– Obrigada – agradeço mais uma vez.

Feng sorri intensamente para *waipo* e *waigong*. Eles trocam mais palavras, sílabas que passam muito rápido para que eu possa adivinhar se são em mandarim ou em taiwanês. Minha avó faz uma espécie de piada – ou ao menos é o que imagino pela maneira como *waigong* e Feng riem. A inveja fria de chumbo retorce meu estômago. *Waipo* não me conhece bem o suficiente para brincar comigo. Ela nem pode esperar que eu *compreenda* uma piada.

Feng coloca seus sapatos e vira para acenar em despedida, com seus dedos finos movendo-se de um lado para o outro. Quando ela sai, meus ombros se abaixam e ficam distantes de minhas orelhas, a tensão se dissolve, um peso desaparece.

Waipo dirige-se para a cozinha e *waigong* volta ao sofá para assistir a seus vídeos musicais.

Eu me afundo em uma cadeira na mesa de jantar, onde o cheiro de óleo e açúcar é assolador. Ali está a sacola cheia de doces, com as pinceladas impressas em frente. Traçar os grandes caracteres com meus dedos não me ajuda a reconhecer nenhum deles. Viro a sacola em busca da remota possibilidade de que, no verso, houvesse uma versão em inglês.

Mas não há. Há apenas um logotipo: um círculo vermelho desenhado em torno de um pássaro vermelho.

21



Não consigo dormir, então abro meu e-mail no telefone. Há uma mensagem de papai, o que me faz revirar os olhos. Vou deixar para ler mais tarde.

Abaixo disso: o que Axel enviou. Nenhuma hesitação permitida. Meu dedo indicador pressiona o local com força.

DE: axeldereckmoreno@gmail.com

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: (sem assunto)

4 minutos e 47 segundos

Você coloca para fora todas essas linhas de arte como se sua vida dependesse disso. Bem, minha vida não depende disso, mas acho que é como eu processo as coisas...

Meu caderno de esboços é como um diário. Convertê-lo em música... é a minha análise e forma de lidar. Esta é a peça final no conjunto *Lockhart Orchard*. Intitulada “Adeus”

Adeus.

Leio a mensagem mais uma vez, e essa última palavra chuta meu coração para fora do peito.

Que tipo de e-mail é esse? O que isso significa?

Adeus. A confirmação de que estraguei tudo recai sobre mim em ondas de tons fluorescentes. Era ridículo esperar que um beijo transformasse tudo o que ele tinha com Leanne em cinzas.

Penso em como ele ficou irritado no funeral. Sei que não fez por mal, que era a última coisa que ele teria desejado em um dia como aquele.

Mas foi minha culpa. Eu quebrei a regra de não mentir.

Imagino Axel sentado em seu sofá de tweed, onde nos beijamos, segurando uma almofada grossa e algumas canetas de aquarela. Imagino-me sendo levada até lá por um tapete mágico, entrando no porão e caindo no chão, minha boca já pronta para uma desculpa.

Na parte inferior do e-mail: um link.

Ao clicar sou redirecionada a uma página privada na qual Axel carregou a trilha como um MP3: *ADEUS: ADÁGIO EM ORCHARD GREEN*. A peça final. Sei exatamente a que ele está se referindo.

A imagem que usou como a “capa do álbum” nesta página é uma fotografia de Lockhart Orchard que me revira o estômago, enviando um vermelho ocre nostálgico que ondula através de mim. É uma foto que o vi tirar com seu telefone, num dia do qual me lembro muito bem.

Não posso deixar de me perguntar: Leanne ouviu isso? Ela perguntou sobre o significado de *Lockhart Orchard*?

Ela sabe o que aconteceu entre mim e ele? Meu polegar toca o *play*. A peça começa com a seção de baixos vibrando grave e profunda, num aterrador *legato crescendo*. Um piano vem com acordes suaves, o violoncelo entra logo depois.

Piadas do passado emergem em minha mente como pequenas bolhas.

22

Verão antes do primeiro ano



Eu sempre me lembraria do meu 14º aniversário com perfeita clareza, porque foi uma das primeiras vezes em que percebi que poderia haver algo realmente errado com minha mãe. Ela se importou com o fato de ser meu aniversário, mas não foi o suficiente para impedir a tempestade. No quarto principal, escuro, com luzes apagadas e cortinas fechadas, ela foi ao fundo do poço. Seu corpo estava em silêncio, mas sua escuridão era maior do que qualquer variável. Nossa casa encolheu e ficou do tamanho de uma casa de bonecas. As paredes se pressionaram contra mim, de modo que eu não conseguia respirar, falar ou ouvir nada além de meu desespero. Axel e eu fomos andar de bicicleta. Tentamos nos perder para que eu pudesse me lembrar de outros medos. Em cada cruzamento, onde normalmente seguiríamos por um caminho conhecido, fomos na direção oposta.

Atravessamos bosques e passamos por fazendas, por campos e áreas de estacionamento. Seguimos rumo ao céu, podíamos ver onde a terra o tocava. Mas nunca conseguimos chegar. O horizonte sempre corria à nossa frente. Paramos quando encontramos uma sequência de árvores que nunca tínhamos visto. Elas pareciam seguir até o fim do mundo.

– Estamos perdidos? – perguntei.

Axel não respondeu. Ele desceu da bicicleta e se ajoelhou na grama. Uma abelha enorme ziguezagueava sobre ele.

– Tudo parece diferente desse ângulo – ele respondeu.

Eu me deitei ao seu lado. Os riscos brancos no céu eram como linhas de espuma em um mar agitado. Aves passaram por nós. Algo pequeno zumbiu no meu ouvido, depois se foi.

– Não estamos perdidos – Axel disse, por fim. – Estamos indo para um lugar diferente.

Acabamos em um pomar de maçãs e até meu humor melhorou. O ar estava grosso e pegajoso, levemente adocicado. As árvores se agitavam com a brisa. Eu ainda não sabia o quanto deveria me preocupar com minha mãe e, então, deixava-me distrair o suficiente para celebrar meu aniversário.

– Esta está boa – afirmei, com a boca cheia, segurando uma maçã já meio comida, sentada sobre raízes espessas. O vento fez a parte colorida do meu cabelo esvoaçar – na época era uma mecha com tom azul elétrico.

– Como é mesmo o nome? – perguntei.

– Honeycrisp, ou Fuji, eu acho? – Axel gritou do outro lado do pomar.

Abaixei-me a fim de observá-lo entre os ramos. Ele estava em outra árvore, sua camisa xadrez em tons violeta aparecia através das folhas e das frutas.

– Honeycrisp... esse nome parece de cereal de café da manhã – falei.

– Se você continuar comendo, vai acabar ficando doente – ele me advertiu.

– Não. Eu poderia comer mais umas cem.

Ele se embrenhou entre alguns galhos e se instalou em um novo lugar, apoiado contra o

tronco, e suspirou satisfeito. Sua pele já bronzeada estava ainda mais escura por conta do sol de verão.

– Por que as pessoas não sobem mais em árvores? Isso é esplêndido. Eu me sinto tão vivo aqui em cima.

– Amo isso – afirmei, balançando a perna experimentalmente. – É *esplêndido*. Essa é a palavra perfeita. Esplêndido como essas flores.

– Devemos levar algumas para sua mãe – disse Axel.

Mãe. Essa sílaba provocou em mim uma onda de tristeza e preocupação. Tudo o que eu podia pensar era em como ela estava naquela manhã, caída sobre a mesa da cozinha, sua estrutura tão pequena e encolhida, como se sua escuridão ocupasse tanto espaço na casa que quase não variável. espaço para si em seu corpo.

Não pude deixar de me sentir um pouco irritado por ele ter mencionado. Sem a sua estranha desolação, teria sido um dia quase perfeito.

– O que foi? – ele questionou. – Você não acha que ela adoraria essas maçãs?

Eu revirei os olhos.

– Por que você tem que ser tão puxa-saco? Ela não é *sua* mãe.

Ele ficou surpreso. A dureza das minhas palavras surpreendeu até a mim mesma, mas já era tarde demais para reverter, para tentar uma piada que pudesse salvar a conversa.

Axel era apenas gentil desse jeito. E então, e se ele estivesse puxando o saco? Sua própria mãe tinha se afastado da família quando ele tinha sete anos. No decorrer da nossa amizade, minha mãe tornou-se uma substituta para ele.

Meus sentimentos atingiram um pico e depois acalmaram-se com a mesma rapidez, fazendo com que me sentisse envergonhada. Ali estava ele, querendo fazer algo legal para minha mãe. E ali estava eu, irritada com o fato de que ela estivesse de mau humor no meu aniversário.

Peguei minha maçã meio comida e joguei para cima. Ela subiu alto e caiu fazendo barulho nos ramos de outra árvore.

Pagamos pelas maçãs – exceto as que estavam em nossos estômagos – e as colocamos em nossas mochilas antes de soltar a trava das bicicletas, que havíamos deixado ao lado da cerca que separava o pomar da estrada. Minha bicicleta inclinou-se sobre a dele, ambas presas com grandes cadeados que colocávamos atravessados às rodas e às grades.

Ocorreu-me – tristemente, pateticamente – que aquelas bicicletas pareciam românticas. Elas se tocavam sem hesitação, sem pensar. Elas haviam compartilhado tantas aventuras, tinham história. Elas eram uma só.

Eu só podia estar ficando maluca. Estava personificando *bicicletas*, que absurdo. Itens de metal e borracha, sem coração ou cérebro.

A estrada à frente estava tranquila e vazia. O sol desaparecia e seu brilho atravessava o horizonte em um ângulo plano, produzindo aquelas sombras longas e distorcidas que nos seguiam aonde quer que fôssemos. Minha bicicleta estava em uma marcha muito alta para subir o morro, mas apertei os dentes e não troquei. Minhas pernas funcionaram, fazendo força, as panturrilhas queimando. Mantive os olhos fixos na parte de trás do capacete de Axel.

– Qual é a cor? – gritei para ele.

Ele não respondeu, mas sua bicicleta ganhou velocidade. Pedalei mais para alcançá-lo.

– *Axel* – tentei novamente. – Qual é a cor?

O morro ficou plano e ele deve ter subido a marcha. Vi suas pernas trabalhando, vi como sua bicicleta se movia para a frente, como se levada por uma onda. Ele acelerou até o final da estrada e virou à direita. Eu o segui por um caminho que levava a um parque. Axel freou com força e

saltou, jogando a bicicleta no chão, sem se incomodar com o estribo.

– O que você está fazendo? – perguntei ao parar ao seu lado, empurrando minha bicicleta, ofegante.

– Laranja queimada – ele respondeu. – A cor de estar bravo com você.

Às vezes, Axel destruía completamente o propósito do nosso sistema de cores ao afirmar o óbvio.

– Desculpe – retruquei. Odiava ter sido uma idiota, odiava que ele estivesse certo de estar chateado. – Sinto muito mesmo.

Ele abriu sua mochila e o vi tirar um tecido e um pote de plástico.

– Bem, ainda é seu aniversário – afirmou com relutância, e eu soube que estava quase totalmente perdoada. – Essa é a segunda parte.

– O que... é isso?

– Sanduíches – ele disse, jogando o pote para mim. – Pera cortada e queijo brie. Sua combinação favorita.

– O quê?

– Vamos fazer um piquenique – Axel falou com naturalidade. – Você estava reclamando que somos muito velhos para fazer piqueniques. Pois bem, não somos.

E por isso eu era tão grata ao Axel: que outro menino de quinze anos planejaria um piquenique surpresa para sua melhor amiga? Minha garganta estava apertada. Depois de ter sido uma ridícula, como ele ainda podia ser tão bom para mim?

– Pera e brie é a *sua* combinação favorita. A minha é pera, brie e manteiga de amendoim.

– Ah, não se preocupe. É claro que o seu tem manteiga de amendoim. Você é muito estranha. Tive que colocar em um papel alumínio para ficar bem longe do meu.

Ajudei-o a estender o tecido antes de tirar os sapatos e abrir os sanduíches. Ele usou a manteiga de amendoim suave. Perfeito. Deitei-me de costas, com os joelhos dobrados e dei uma mordida no meu sanduíche.

Axel alcançou sua mochila para pegar o material de pintura. Uma caixa de aquarela, uma bolsa preta cheia de pincéis e um pequeno quadrado de pano. Seu conjunto de tintas Winsor & Newton era como um origami de plástico, que se desdobrava em uma paleta com bandejas de mistura nas laterais. Eu o vi abrir um de seus pincéis portáteis de aquarela – parecia uma caneta futurista. Ele cuidadosamente inclinou a boca de uma garrafa de água, enchendo o cano da caneta, de modo que, com a mais delicada pressão, aquele líquido seria liberado e se mesclaria ao pigmento.

Ele abriu o bloco em uma página vazia e pressionou o pincel em um quadrado de tinta.

Eu tinha desaparecido. Quando Axel chega a este ponto, não há mais nada no mundo, exceto ele e as cores. Toda vez que eu assistia enquanto isso acontecia, não podia deixar de me sentir deixada de lado. Quando ele ia a esse lugar em sua cabeça, eu não podia acompanhá-lo.

Meus dedos também estavam coçando para fazer arte. Mas permaneci imóvel. Eu queria entrar naquele silêncio. O céu se tornara elétrico e o sol brilhava em listras sobre o rosto de Axel, dando-lhe uma máscara de luz. Esbocei-o na minha cabeça primeiro – um exercício meditativo que costumava fazer antes de começar um retrato realista.

Sobrancelhas grossas, maçãs do rosto definidas – então, como sempre, meu olhar permaneceu em seus olhos. Eles eram tão escuros, quase mais escuros do que os meus. Perguntei se ele os tinha herdado de sua mãe. Axel tinha tanto de seu pai que sempre tive curiosidade em saber como era sua mãe. Não havia fotografias dela em sua casa. Ao menos não alguma que eu já tivesse visto. Eu suspeitava que seu pai as tivesse guardado.

Axel e eu parecíamos ser os únicos dois mestiços em Fairbridge. Quando as pessoas nos viam

juntos, às vezes nos chamavam de “metades”, o que só me fazia revirar os olhos, mas incomodava muito o Axel.

Não havia mais quase nada do lado filipino de sua família em sua vida. Alguns dias ele ficava na defensiva com o assunto. Em outros ele falava sobre sua mãe como se ela não tivesse partido.

Havia dias em que ele parecia querer que as pessoas o tratassem como se fosse cem por cento porto-riquenho. E vezes em que ele tentava apagar as características de seus antepassados, misturar-se e agir como todos os outros na nossa escola. Eu o entendia totalmente, também passei um tempo lutando contra esse tema.

Eram essas as coisas que passavam pela minha cabeça enquanto eu dormia na toalha do piquenique. Quando acordei, com a mão de Axel no meu ombro, ele me disse que era hora de ir para casa.

Mamãe já estava na cama, mas havia um pequeno bolo esperando por mim no balcão da cozinha, com um bilhete em um guardanapo dizendo apenas *FelizAniversário* em sua letra inclinada. Ela reuniu energia suficiente para fazer um bolo para mim. O pensamento me fez sentir um pouco melhor. Coloquei as maçãs que Axel escolhera no balcão da cozinha para ela.

Naquela noite, fui para a cama pensando em como a escola estava prestes a começar. O ano anterior, o último do fundamentall I, havia sido difícil. Eu achava – ou talvez o certo fosse dizer que desejava – que tivesse sido tão difícil para Axel quanto para mim. Como ele era um ano mais velho, tinha mudado de escola sem mim para começar o ensino médio. Ainda tomávamos o mesmo ônibus e ainda passávamos bastante tempo juntos fora da escola. Mas nós dois sentimos que tínhamos perdido um aliado nos corredores.

Eu estava prestes a ser caloura e Axel um estudante de segundo ano. Tudo voltaria ao normal. Eu teria meu melhor amigo na escola novamente. Nós, pelo menos, teríamos a aula de arte juntos, porque Axel não a tinha cursado em seu primeiro ano por razões que eu não era capaz de entender. Uma pequena parte de mim queria que fosse porque ele sabia que se começassemos as aulas de arte juntos, garantiríamos pelo menos uma disciplina juntos por três anos.

No dia seguinte, ele veio jantar. Papai estava de volta, e mamãe fez bolinhos de cebolinha para uma celebração de aniversário atrasada – um sinal de que ela tinha saído da escuridão. Depois, Axel e eu nos sentamos no sofá e ficamos desenhando os pés um do outro. Quando chegou a hora de partir, ele me entregou um quadrado grosso, dobrado.

- Seu presente de aniversário.
- Está atrasado – reclamei, para esconder minha alegria.
- Eu precisava desse dia extra. Você vai ver.

Observei-o descer os degraus de nossa varanda, com as mãos enfiadas nos bolsos de seu moletom. A luz saía pela nossa porta aberta e espalhava-se pela rua, então, ele sabia que eu ainda estava de pé ali, olhando para ele. Ele não olhou para trás.

O quadrado espesso desdobrou-se em vários pedaços de pintura de aquarela. No centro deles, havia um pendrive e uma nota:

***Fiz estes desenhos ontem, enquanto você
passava seu piquenique dormindo.
Pense neles como uma partitura.***

Era uma das primeiras experiências de Axel em traduzir sua arte em música, e isso me deixou muito animada. Havia quatro faixas de MP3 no pendrive. Eu não podia acreditar que ele tinha feito tudo aquilo em apenas um dia. As pinturas estavam numeradas para combinar as faixas, e olhei para elas até os meus olhos doerem. Ele tinha capturado mais do que as cores. Cada faixa

era como um globo de neve de emoção e instinto.

E a música – um outro idioma inteiramente.

Eletinhadesenhadooparquecommanchaspesadasdetinta.Guirlandas amarelas do carrossel viraram solo de uma guitarra elétrica. O playground azul imperial foi esboçado pelo *spiccato* de um contrabaixo. Um arpejado de sintetizador ergueu-se das notas pesadas, dinâmicas e vigorosas como os traços de vermelho usados para os destaques. Os finos redemoinhos berinjala combinavam com o alto *vibrato*, que depois ele me explicou tratar--se de uma ópera em uma só voz – talvez, um dia, ele devesse procurar um cantor de verdade, porque essa era a parte mais fraca da amostra digital.

Ele também fez uma pintura de mim: diversos laranja, vermelhos e amarelos em camadas sobre linhas esboçadas em nanquim. E uma outra cor: uma faixa em azul-pacífico atravessando meus cabelos. Tudo isso foi descrito por intermédio de um *legato* de violoncelo, um solo de clarinete subindo e descendo em uma onda de cordas, um tímpano baixo e um som etéreo, na verdade, um teremim,² como mais tarde fiquei sabendo.

Enquanto eu estava cochilando naquele parque, enquanto estava repassando minhas lembranças com ele pelos cantos da minha mente, ele estava me escavando, cavando no centro da minha alma.

Escutei as quatro faixas em *repeat* a noite inteira, certa de que era uma confissão de amor, convencida de que na próxima vez que visse Axel, tudo seria diferente. Não sei quando adormeci, mas acordei envolta em amarelo cromado e vermelho espanhol, sentindo que a faixa de azul era o meu núcleo usado como símbolo de amor.

O ensino médio começou e eu estava certa. Tudo era diferente. Mas não da maneira que eu esperava.

No segundo dia, descobri por meio de uns calouros fofoqueiros que esperavam para pagar o almoço na cafeteria que Axel tinha convidado uma menina chamada Leanne Ryan para sair.

O teremim é um dos primeiros instrumentos musicais completamente eletrônicos, controlado sem qualquer contato físico pelo músico. A nomenclatura vem da versão ocidental do nome do seu inventor, o russo Léon Theremin, que patenteou o dispositivo em 1928. (N. T.)

23



Tentamos com tanto empenho criar pequenas cápsulas do tempo. Memórias amarradas e guardadas, como as luzes de férias, lançando o brilho perfeito nos tons perfeitos. Mas essa escolha sobre o que olhar, o que colocar em destaque, essa não é a verdadeira natureza das lembranças.

A memória é uma coisa má, que cutuca você nos pontos mais dolorosos, mergulhando sua consciência nas cores erradas, uma e outra vez. Um momento de humilhação, de profunda tristeza, ou de fúria absoluta será rebobinado e repetido, girando um fio que circula o cérebro, ficando preso ali. Não vai exatamente matá-lo, mas fará com que você sinta de novo o aperto de cada momento horrível. Como se interrompe isso? Como faz para libertar a mente?

Eu queria poder controlar meu cérebro, dizer-lhe: *Aqui. Continue. Desligue e deixe as memórias passarem. Deixe-as ir embora.*

24

Outono, primeiro ano



Enquanto eu tentava acompanhar a estranheza do primeiro ano, o humor da minha mãe continuava a afundar cada vez mais, se revirando sempre que ela chegava ao fundo do poço.

Aconteceu com tanta frequência que começou a parecer algo quase normal. Ou talvez isso fosse apenas um truque da mente, uma forma de nos convenceremos de que tudo estava bem. Mas agarrei essa normalidade com força e me apeguei a ela. Tentei ser uma adolescente normal. Deixei-me fixar nas coisas embaraçosamente triviais.

Como questões do tipo: quando Axel daria um pé na bunda de Leanne Ryan? Semanas se passaram. De repente, eles já estavam juntos há um período letivo inteiro.

Um dia, Axel e eu estávamos de pé na cozinha, enquanto sua tia Tina mostrava à minha mãe como limpar as algas que cresciam do lado de nossa casa. Fazia tempo que ele não ia à minha casa, e observá-lo bater os dedos contra a bancada daquele jeito tão familiar pareceu-me estranho. Ele me contou como Leanne achava nojenta a limonada em pó que ele preparava e exigia que ele fizesse uma limonada “de verdade”. Como ela se recusava a beber da garrafa, que era como sempre fizemos na casa dos Moreno. Ele contou tudo como se fosse uma piada, mas não havia nada de engraçado com relação àquilo.

– Qual é a dela? – soltei.

Ele manteve o rosto imóvel e, devagar, virou o olhar para mim com lentidão..

– O que você quer dizer? – ele perguntou, sendo que sabia exatamente o que eu queria dizer.

– O que há de tão bom em Leanne Ryan?

A verdadeira pergunta era: *Caramba, por que você está namorando com ela?* Ela parecia ser tudo o que ele deveria odiar.

Ele esperou muito tempo antes de responder:

– Gosto dela.

Isso fez com que nossa conversa esfriasse. Mamãe sugeriu que Tina e Axel ficassem para o jantar, mas ele deu uma desculpa dizendo ter muita lição. Voltei ao andar de cima pensando: *Que seja que seja que seja*. As palavras saltavam pela minha cabeça como notas em *staccato* que minha mãe tocava nas teclas do piano.

E, de repente, passei a ver Axel muito pouco. Nós ainda tínhamos a aula de arte juntos, mas toda vez que abria minha boca, corria o risco de dizer algo horrível sobre Leanne. Era mais seguro ficar quieta. Se Axel notou meu silêncio, ele não comentou nada.

Levei o silêncio comigo para casa.

Numa tarde em que o voo de volta de papai fora adiado, depois que ele ligou para nos contar, mamãe subiu para o andar de cima e ficou lá. A hora do jantar chegou e passou – peguei um pedaço de queijo palito e subi para ver se ela estava com vontade de pedir pizza. Ela estava na cama, encolhida sob uma grande colcha. Observei-a até que mamãe se virou e murmurou algumas palavras indecifráveis. Havia algo de perturbador em vê-la naquele sono induzido pela

solidão.

Isso foi no início das viagens a trabalho do meu pai. Eu achava – *esperava* – que as coisas ficariam melhores à medida que nos habituássemos com o fato de ele ficar longe. Mas ficou na minha cabeça a lembrança dela dormindo, triste, desejando a presença de meu pai.

Tudo na minha vida parecia estar mudando. Parecia que as coisas na minha casa estavam desmoronando na mesma proporção em que Axel e eu estávamos nos perdendo.

Meu pai voltou para casa pouco antes do Dia de Ação de Graças, então mamãe se ocupou com a cozinha. Quando mostrei a ele o que havia feito para a aula de arte, ele assentiu sem sorrir e perguntou:

– É seu último ano nessas aulas?

– Não... – respondi, incomodada com a pergunta.

– Ah. Pensei que talvez você amadureceria e deixaria isso de lado quando chegasse ao ensino médio.

Deixar isso de lado? As palavras me chocaram tanto que não soube o que dizer. Foi a primeira vez que percebi que talvez fosse isso o que meu pai realmente queria. Que eu deixasse a arte de lado, que eu superasse isso. Seguisse em frente. Como eu poderia?

Na semana seguinte, Axel ficou doente. Leanne Ryan passou por nossa aula de arte e pediu sua pasta. Ela me viu, mas não sorriu, apenas deixou seus olhos se afastarem do meu rosto. Não era preciso fingir, Axel não estava por perto para testemunhar coisa alguma.

– Ele está com mononucleose – informou ao doutor Nagori. – Então, é difícil dizer por quanto tempo ele ficará ausente.

Ouvir isso me fez querer vomitar. Ela poderia ser mais clichê?

Como Axel estava fora, Carolina Renard passou a usar a sua cadeira. Gostei dela de primeira – talvez porque nós duas tivéssemos um pouco de azul em nossos cabelos, ou talvez porque senti logo de cara que ela era o tipo de pessoa com quem tenho afinidade. Formamos dupla para uma atividade: uma pintura acrílica em uma tela compartilhada. O intuito, disse Nagori, era tentar aprender com seu parceiro e ver através de seus olhos. A consistência era a chave. Seu objetivo era não conseguir distinguir quais partes haviam sido pintadas por cada artista.

A nossa estava ficando muito intensa. Caro – *Por favor, não me chame de Carolina. Esse nome foi um erro terrível* – propôs um padrão irregular, como um raio, que dividia nossa tela na metade. À esquerda, pintamos uma figura azul de pescoço oblíquo e joelhos dobrados, oferecendo um coração anatômico. O amante estava à direita, com as mãos estendidas para recebê-lo, mas o raio fazia uma divisão para que fosse possível ver um raio-X. Dentro do amante fluía todo tipo de alaranjados malignos. Promessas falsas e pensamentos tóxicos se retorciam. Fizemos as duas figuras andróginas.

A tarde de sexta-feira passou e não terminamos a pintura.

– Vocês vão conseguir entregar a tempo, meninas? – perguntou Nagori enquanto nos observava arrumar intuito, para ir embora.

– Não se preocupe. Vamos trabalhar nisso durante o fim de semana – respondeu Caro. – Tenho tudo o que precisamos na minha casa. Certo, Leigh?

– Sim – completei, sem perder um segundo, embora fosse a primeira vez que ela mencionava sua casa.

Observei Caro retirar cuidadosamente nossa pintura da mesa e segurá-la pelo quadro de madeira.

– Você pode me ajudar a colocar isso no carro da minha mãe? – ela perguntou. – A gente te dá carona, então, não precisa se preocupar com o atraso do ônibus. Se apenas puder pegar minha

mochila para mim...

Eu a segui até o estacionamento principal, onde ela se encaminhou a um sedã branco antigo.

– Ei, mãe – ela disse, deslizando sobre o banco. – Esta é Leigh. Ela precisa de uma carona. Sua casa fica em Larchmont, exatamente onde você faz a curva.

Joguei nossas mochilas na parte de trás do carro.

– Como você sabe disso?

– Caro assumiu como seu trabalho saber onde todas as mulheres vivem. Prazer em conhecê-la, Leigh. Eu sou Mel – sua mãe respondeu.

Caro ergueu a cabeça e revirou os olhos:

– Minha mãe está convencida de que eu dou em cima de qualquer garota que aparecer na minha frente. O que não é verdade. – Ela se virou para verificar se não havia manchado a pintura.

– De qualquer maneira, estamos mesmo no mesmo bairro. E sua casa fica apenas algumas depois da de Cheslin.

Busquei em meu cérebro.

– Quem?

– Você não conhece Morgan Cheslin? Ela se mudou para sua rua há alguns anos.

– Cheslin estuda na Stewart – acrescentou Mel.

– Agora entendi. – Já era difícil o suficiente saber quem era quem na minha escola, pior ainda saber quem não estudava lá.

– Tudo bem se Leigh for em casa neste fim de semana para terminarmos nossa pintura? – Caro perguntou à sua mãe.

– Claro – respondeu Mel, dando uma piscada para mim pelo espelho.

Caro viu a piscadela e se irritou.

– Não estamos nos pegando, mãe.

Mel deu de ombros dramaticamente:

– Eu não disse nada!

Elas me deixaram em casa e o carro já estava partindo – Caro me olhava pela janela, revirando pela última vez os olhos – quando percebi que a porta da frente estava trancada.

Até onde eu sabia, nunca usávamos a fechadura e eu não tinha a chave. Por instinto, vasculhei meus bolsos e minha mochila. Mel parou o sedã no meio da rua e elas ficaram me observando. Eu me virei e acenei, encolhendo os ombros, à espera de que, isso as deixasse mais tranquilas para irem embora, que enquanto estivessem partindo, minha mãe escutasse a campainha e abrisse a porta a tempo de Mel e Caro me verem entrar em casa como um ser humano normal.

Mas ninguém abriu a porta. Não havia sons vindo de dentro. Bati mais forte na porta e, como pareceu ser inútil, dei alguns fortes chutes.

Meu constrangimento aumentou quando Mel voltou e abaixou a janela.

– Não tem ninguém em casa? – ela perguntou. – Você pode vir conosco se não conseguir entrar.

– Minha mãe, com certeza, *deveria* estar em casa. – Dei uma risada nervosa.

– Há outra porta? – Mel questionou.

– Hum, uma porta de correr – respondi. – Mas geralmente fica trancada...

Eu queria que elas fossem embora, mas Mel insistiu em esperar enquanto eu caminhava até a parte de trás da casa para verificar a outra porta.

Ela não estava trancada, na verdade. Logo que a abri, vi minha mãe sobre o piso frio da cozinha, encolhida, pequena e desamparada.

– Mãe!

Corri até ela, sentindo que estava prestes a vomitar, imaginando o pior.

Consegui sacudi-la para que acordasse, mas ela estava muito grogue e muito confusa. Tudo no meu peito batia com força enquanto eu tentava pensar nas possibilidades. Um ataque cardíaco? Um desmaio?

– O que aconteceu? – perguntei. – Você está bem?

Ela não me respondeu.

– Quem são elas?

Minha mãe fixou os olhos em Mel e Caro, que haviam descido do carro para nos encontrar quando me ouviram gritar.

– Elas me deram uma carona – respondi.

– Devemos chamar alguém? – questionou Mel.

Demorei alguns segundos para entender que por *alguém* ela provavelmente se referia à polícia.

– Não – minha mãe disse. – Eu estou bem. Está tudo certo.

Demorou mil anos para que Mel e Caro partissem. Eu nem conseguia olhar para elas – o constrangimento estava em espiral dentro de mim, acendendo carmesim e ficando quente como uma espécie de raiva.

Depois que elas se foram, observei minha mãe como um falcão. A maneira como suas mãos tremiam quando ela pegou uma panela. A lentidão de seus passos enquanto ela se movia.

Havia outra questão me afligindo: o que ela estava fazendo caída no chão?

– O voo de seu pai chega em breve – mamãe avisou um pouco depois, quando parecia ter se recuperado do que quer que houvesse ocorrido. Ela me deu um pequeno sorriso: – Não precisa deixá-lo preocupado.

Pensei sobre essas palavras por um bom tempo. Ela quis dizer que eu não precisava contar ao meu pai sobre ter ficado trancada para fora e encontrada o minha mãe no chão frio da cozinha. A maneira como ela disse isso me deixou abalada. *Não precisa deixá-lo preocupado*. Mas e eu? E a minha preocupação?

Minha preocupação se inflou como uma bexiga, sua cor ficando cada vez mais pálida a cada sopro que a enchia, até que se pudesse ver através da preocupação, até que ela fosse pouco mais do que uma leve sombra, mas ainda assim constante, sempre ali.



– Aqui está – diz Feng. – Foi nessa loja que comprei os doces.

Waipo toca em meu cotovelo e aponta para uma prateleira.

– *Ni mama zui xihuan* – ela me explica. *O favorito da sua mãe.*

Meus olhos encontram a prateleira para a qual ela está apontando, e reconheço o *danhuang su*.

– *Yiqian...* – *waipo* começa a dizer. *No passado...* e não entendo mais nada. Seus olhos são precisos e intensos. Percebo que ela está dizendo algo importante, mas não consigo entender. E Feng se adianta em traduzir antes mesmo de eu pedir:

– *Popo* diz que muitos e muitos anos atrás, essa padaria pertencia a uma outra família. E era a favorita da sua mãe por causa de seu *danhuang su*, que são esses redondinhos...

– Eu sei o que são. – A voz sai ligeiramente ríspida.

– Oh. Certo. – Feng se incomoda e começa a mexer os dedos. – Sua mãe fazia eles para você?

– Sim. Eu costumava ficar ao seu lado enquanto ela os preparava – respondi em voz baixa e, de repente, me vejo perdida em um azul de indantreno, as lembranças pesando sobre mim.

Minha mãe moldava a massa, clara e cheia de farinha. Colocava o recheio de pasta de feijão. Preparava as gemas salgadas, pequenas gotas de luz solar no meio do vermelho. Ela tirava o cabelo de sua testa e ficava com um pouco de farinha na têmpora, como uma estrela cadente. Ela pincelava os pastéis com uma fina camada de ovo e polvilhava algumas sementes escuras sobre o topo, pequenas sementes de gergelim.

Ao nosso redor estão prateleiras repletas de bandejas de assados. Qual delas minha mãe escolheria para si? As bonitas tortas amarelas? Os pães gordurosos? Ou os rolos de forma estranha, recheados com milho e cebolinha?

Feng inala ruidosamente, e o som me irrita.

– O cheiro não é *maravilhoso*? Eu poderia ficar aqui sentindo esse cheirinho para sempre. – Ela aponta para uma bandeja cheia de pãezinhos no formato de cabeças de panda. – Olhe como são fofos! As orelhas devem ser de chocolate. O que eu amo nesses doces é que não são muito doces. Os sabores são mais sutis...

Ela está falando sem parar desde o café da manhã de hoje, e estou me sentindo sufocada por seus comentários. A cadência de sua voz faz minhas têmporas latejarem.

Eu tento bloqueá-la e apenas *pensar*.

Não pode ser coincidência que aquela tivesse sido, em algum momento, a padaria favorita de minha mãe. Mas por que seu logotipo é um pássaro vermelho?

– O logotipo de pássaro é novo – diz Feng, fazendo-me saltar. – Eles começaram a usá-lo algumas semanas atrás. Costumava ser um crescente, agora o círculo é inteiro para representar uma lua cheia.

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam.

– Por que eles mudaram?

– Perguntei à proprietária outro dia. Aparentemente, ela sempre adorou pássaros e, nas últimas semanas, viu um vermelho voando pela cidade. Ela acha que é sinal de boa sorte.

O pássaro. Minha mãe. Então, outras pessoas também a viram.

Meu coração se enche de uma esperança sienna. Eu sabia que precisava vir. Sabia que a encontraria.

Se a mulher viu o pássaro no céu da cidade, então, talvez, o que precisamos é ir a um lugar com boa vista. Tenho que vê-la por mim mesma.

As palavras de papai ecoam em minha cabeça. *Um dos mais altos arranha-céus do mundo.*

– Feng, você conhece o grande arranha-céu?

Ela pisca por um momento.

– Você se refere ao Taipei 101?

– Sim, esse. Os turistas estão autorizados a subir?

– Oh, com certeza! – Ela parece animada pelo meu súbito interesse. – Você pode ver toda a cidade, para todos os lados.

– Ótimo. Podemos ir lá? Tipo, agora?

Nós mal havíamos voltado para a rua quando uma maçã rolou até os meus pés. Não há ninguém na direção de onde ela veio.

Waipo impede-me de me abaixar para pegar a fruta, murmurando algo com um tom de urgência.

– Ela diz que não é para você tocar – Feng traduz. – Pode trazer um fantasma atrás de você.

– Um fantasma? – repito.

Olho para a maçã enquanto caminhamos. A luz do sol sobre sua pele brilhante e encerada parece um sorriso. Não consigo evitar o pensamento de que parece uma Fuji.

Waipo chama meu nome e, por um segundo, sua voz soa como a da minha mãe.

Ela não percebe que o fantasma já está conosco.



O octagésimo nono andar da torre Taipei 101 é o mirante de onde você pode olhar para toda a cidade através de paredes de vidro. Edifícios em miniatura. As montanhas mergulhadas na distância como delicados traços de aquarela, as mais distantes embaçadas e sumindo entre as nuvens. É uma estranha justaposição: a cidade tão aglomerada, tudo construído tão junto, os verdes e os azuis das florestas exuberantes.

Feng não cala a boca e continua a contar todo tipo de fato turístico.

– Então, é o único amortecedor de vento no mundo inteiro que está exposto para que as pessoas vejam. O aço basicamente equilibra os movimentos do prédio causados pelo vento...

Percorremos o piso quatro vezes, e nada. Nenhum sinal do pássaro.

Feng diz, muito alegre:

– Não vamos tirar uma foto? Quer usar seu telefone, Leigh?

Com relutância, pego meu telefone e me inclino na direção de minha avó. Forço minha boca em um sorriso. Feng está do outro lado de *waipo*, e não consigo deixar de pensar que elas de fato parecem avó e neta.

Eu apenas pareço uma turista.

Na pequena tela, posso ver meus cabelos voando, irritantemente, para todos os lados. Passo os dedos tentando ajeitá-los. Atrás de nossas cabeças está Taipei e seu amplo céu, pálido e exposto.

– Sorria! – exclama Feng.

Um vulto vermelho passa por nossas cabeças, e *waipo* e eu engasgamos.

– Era ela! – Aperto o braço da minha avó. Ela está tremendo um pouco.

– Espere – alerta Feng. – Você não tirou a foto...

Giro meu corpo contra o vidro.

– Era esse pássaro!

Ao meu lado, *waipo* fica em silêncio, as mãos entrelaçadas, as sobrancelhas tensas e esticadas. Ela olha para a cidade. Ela também viu. Foi por apenas um segundo que aquelas asas vermelhas passaram por nós, mas ela viu tão claramente quanto eu.

Esperamos e observamos por mais tempo, mas o pássaro se foi. Ela nos viu? Ela sabe que estou aqui?

Meu coração ainda está batendo forte no peito, pulsando minhas veias com um forte ritmo violeta. Uma ideia me faz virar para Feng:

– Preciso ir a todos os lugares favoritos da minha mãe em Taipei. Os lugares onde ela foi quando era mais nova. Podemos fazer isso?

Feng começa a traduzir. O rosto de *waipo* é duro como uma pedra, mas ela absorve as palavras, sua expressão se suaviza. Seus traços se afundam em suas rugas, como papel de seda amassado. Ela se torna frágil.

– *Hao* – diz minha avó, assentindo com a cabeça.

Nós temos que encontrar o pássaro. E então minha mãe poderá me dizer ela mesma.

~~Eu quero que vocês se lembrem~~



As mãos da minha mãe viraram asas. Os cabelos, penas. Sua pele clara agora é vermelha como sangue, vermelha como vinho, cada tom de vermelho do universo.

O pássaro. O pássaro. O pássaro. É só no que consigo pensar.

Ir para a cama é como nadar através de uma substância densa e turva. Meus membros ficam pesados. O cérebro está nebuloso pela privação de sono. Os olhos doloridos, as margens da minha visão, borradas e lacrimosas.

Eu deveria conseguir dormir. Estou exausta.

Mas, no momento em que fecho os olhos, eles se agitam. Tenho que lutar para mantê-los fechados.

O pássaro o pássaro o pássaro.

Minha mãe o pássaro.

Percebo que estou esfregando o polegar sobre o contorno da cigarra de jade.

É engraçado como, quando você não consegue dormir, o cérebro se revira e se torna uma parte desesperada e avassaladora. Tudo o que desejo é cair de cabeça no mais negro preto. Tudo o que quero é que tudo seja desligado, que eu possa, finalmente, descansar. Que as cores parem. Que os pensamentos possam ir embora.

Que tudo fique quieto.

É assim que se sente quando se quer chegar ao fim? É esse o tipo de existência que levou minha mãe a se tornar um pássaro?

Há um som ritmado vindo do lado de fora, cada vez mais e mais alto. O bater das asas. Eu me levanto e abro a cortina.

Nada. Apenas a lua brilhante no formato de uma moeda e um pouco de nuvens inquietas cor de café.

Talvez se eu sair ela venha até mim, como fez em casa.

Sem acender as luzes, cruzo o apartamento, meus pés descalços garantindo que eu fosse mais silenciosa. Penduro nos dedos um par de sandálias que espero estar do lado de fora para colocar.

O ar exterior ainda é espesso, quente e úmido, as luzes fluorescentes lançam seus feixes fantasmagóricos sobre a rua. Paro na esquina mais próxima e espero para perceber se ouço as asas novamente. Aguardo algum tipo de sinal. Um som, ou um cheiro. Uma visão. Qualquer coisa.

Mesmo focando o olhar, não consigo ver nada se movendo pelo céu. Tudo está escuro, sombrio e quieto. As ruelas vizinhas estão silenciosas, mas ainda consigo ouvir sons distantes de trânsito, de carros passando.

Estou tão tranquila no vazio que, quando me viro e vejo um homem de pé sob uma árvore, quase salto de surpresa. Ele me olha fixa e duramente, mal se move, suas mãos estão ao lado do corpo. Continuo esperando que ele vá embora, mas ele não vai. Então, quebro o contato visual e volto para o apartamento. Odeio a ideia de que ele saiba onde moro, mas quando olho mais uma vez sobre meu ombro, ele se foi.

Não há brisa, mas a árvore onde ele estava se movimenta ligeiramente e, por um segundo, acredito ter visto algo como uma névoa que se deslocava pelos galhos. E, então, ele se foi. A árvore ainda está lá, e estou sozinha na rua.

No andar de cima, no meu quarto escuro, sento-me na cama. Acontece em um clarão, num segundo: meus olhos se fecham e, quando se abrem mais uma vez, o quarto está iluminado como se fosse dia, o teto brilha de tão branco – exceto pelas rachaduras na pintura, que se ramificam em todas as direções acima de mim. São tão irregulares quanto o relâmpago, como se algo pesado tivesse batido do outro lado e começado a entrar no meu quarto. As linhas intermediárias tão finas, completamente negras, como se não houvesse nada além dessa camada de teto, apenas um abismo que desafiava a gravidade. Ouço o vento em meus ouvidos, ele me suscita um arrepio.

Isso não faz sentido.

Pisco de novo, e o quarto está escuro mais uma vez. Meus dedos buscam o interruptor: o teto está perfeitamente bem. Não há sequer uma rachadura. Nem vento, nem som. Apenas meu coração batendo, batendo.



Os ponteiros do relógio brilham um verde alienígena: são 4h12 da manhã. Existe algum sentido em tentar dormir? Os segundos passam, cada vez mais altos, ecoando nos meus ouvidos.

Então, sobre o som do relógio, ouço de novo. O bater das asas, fraco, ao longe. Acendo a luz. Coloco as pernas para fora da cama.

O ruído se foi.

Meus pés me levam pelo piso frio como a lua para abrir a mesma gaveta que eu abrira antes. Procuo a caixa de incenso abaixo da sacola de doces dobrada. A pena ainda está lá, ligeiramente enrolada, como se estivesse adormecida. Também a tiro de lá, apertando-a entre o polegar e o indicador.

Ainda estou tentando descobrir por que o pássaro me trouxe o incenso – se isso me conduzirá até ela. Ou se é para me ajudar a entender.

Eu quero que vocês se lembrem

Acendo o fósforo. Toco a vareta de incenso – sua ponta acesa e calma em brasa – na ponta da pena.

O que se segue é um chiado que começa em minhas mãos e sobe como uma nuvem. O ruído me rodeia e enche o quarto. A pena de repente fica quente como se estivesse no forno, mas não posso soltá-la, meus dedos estão presos.

Fios de fumaça negra, consistentes como caramelo, seguem uma brisa que não consigo sentir...

Começam os redemoinhos. Começam as voltas. A mudança da luz e das cores.

O quarto fica escuro.

28

Fumaça & Memórias



Tudo o que vejo é a escuridão. A escuridão e a pena. Meus dedos se fecham sobre uma haste vermelha.

Um lampejo de dor me atinge: é tudo luz, ruído e emoção inundando minha cabeça, latejando em minhas têmporas.

Uma explosão de luz fria. As cores se invertem.

A minha mãe está sozinha no balcão da cozinha, e ao seu lado há uma garrafa laranja vazia e uma caixa retangular de comprimidos. Está escuro lá fora e, no contorno da memória, a única luz que existe reflete nela com um fulgor amarelo envelhecido. Seu dedo indicador desliza os comprimidos, um de cada vez, até as fileiras pontilhadas, seus lábios se movem silenciosamente, contando.

Quando foi isso? Não foi neste ano. Ela parece muito jovem. Seu rosto pálido, sua testa lisa e relaxada, olhos circunspectos. Ela já havia tomado a decisão?

As cores lampejam e cintilam. O cheiro muda.

Vejo meu pai no telefone, ligando para todas as pessoas em quem consegue pensar, sua voz treme quando ele pergunta: *Você sabe da Dory?* Estou no sofá, os joelhos encostados no peito, olhos sem foco, ouvindo suas tensas palavras.

Todas as cortinas puxadas, as janelas escuras, o relógio passando pela hora do jantar, marcando o tempo que mamãe tinha desaparecido.

Papai, dizendo: *Não, não a vemos há catorze horas.*

Dizendo: *Acho que ainda não podemos ligar para a polícia.*

Disso eu me lembro, lembro, sim. Mas ali sinto o cheiro químico do amaciante, e meu rosto é um borrão. Esta é uma lembrança do meu pai, e tudo é tão fraco e silencioso, as matizes da sua preocupação, a sombra do seu medo.

Finalmente, feixes de luz branca invadem o ambiente pesado. Os faróis se aproximam de nossa entrada, um carro com um amassado na lateral.

Mamãe saiu naquela manhã para comprar leite. Foi o que ela disse. *Volto logo.*

Papai desliga o telefone.

Eu levanto do sofá.

Nós dois em silêncio, atordoados, mirando pela janela. Minha mãe caminha até a porta da frente, as mãos vazias, exceto pelas chaves do carro, sem leite, sem nada, com os pés se arrastando fortemente pelo chão.

Tudo pisca. Há o clarão.

Xampu de coco no ar mais uma vez. As cores vão ficando silenciosas.

Nossa cozinha está iluminada pelo brilho cinza de antes do amanhecer, ouve-se o som da água que corre na pia. Minha mãe está escorregando dos armários para o chão frio.

Ela se encolhe sobre os azulejos, puxa seu roupão em volta de si. O sol começa a atravessar a janela, aquecendo tudo, exceto a figura sombria de minha mãe. O céu lá fora está pintando a si

mesmo de um azul brilhante e alegre.

Passos fazem a escada ranger, e então papai entra na cozinha e a vê no chão.

– Dory – diz ele. Sua voz é muito baixa.

Ele pergunta o que há de errado, como pode ajudar, o que ela precisa. As respostas vêm em pedaços quebrados, ininteligíveis, cheios de desesperança, oprimidos sob o peso de algo que levei anos para começar a entender.

– *Nada está certo* – ela responde. São as únicas três palavras que consigo entender.

Se alguém me perguntasse, eu diria que tudo parecia estar bem, exceto minha mãe, que parecia muito mal, e que, por sua vez, fazia todo o resto ficar escuro e manchado. Eu teria tirado meu coração e meu cérebro para dar a ela se isso pudesse ajudá-la a se sentir bem de novo.

Um clarão, um lampejo de escuridão, e depois uma explosão de tempos melhores, fechando o passado:

Minha mãe abrindo um sorriso sincero para o meu pai pela primeira vez em anos.

Tranquila e calma, ela toca Debussy, os dedos se movem pelas teclas, fazendo o piano resplandecer.

Ela acordando cedo novamente, em vez de dormir durante o dia. Coloca um vestido acetinado, se maquia e arruma os cabelos. Ela parece rejuvenescida, parece viva.

Revivemos a tradição dos waffles aos domingos comigo e Axel. Achamos que ela estava melhor. Estávamos convencidos disso.

E então, injustamente, uma lembrança desse mesmo corpo no caixão. Eu, parada, ali naquele funeral. Axel ao meu lado. *Não é ela*, uma voz grita na minha mente. *Minha mãe é um pássaro.*

Pássaro pássaro pássaro pássaro pássaro. Essa única palavra ecoa repetidas vezes.

As cores se invertem e ficam escuras. Eu pisco e volto para o quarto. O incenso desapareceu. A pena se desintegrou em cinzas na minha mão. Giro a mão e o pó cai, desaparecendo antes que pudesse tocar o chão.



Achamos que ela estava melhor.

O que você pode fazer quando tudo o que vê atrás de olhos fechados são lembranças de sua mãe, sua mãe, sua mãe, infeliz, viva, bonita, doente, calorosa, sorridente, morta?

Mas ela não está morta.

Não exatamente.

Minha mãe é um pássaro.



O que faz uma pessoa – uma que é tão profundamente amada – decidir fazer uma coisa dessas?

Uma lembrança repentina: minha mãe e meu pai estão de pé em lados opostos da cozinha, conversando um com o outro, mas sem se olhar diretamente. Eles estavam fora de sincronia. Mamãe com os braços cruzados. Papai balançando a cabeça vagamente, olhando para o chão, apoiado contra a geladeira.

Não consigo lembrar do que eles estavam falando – sobre logística, talvez, um assunto relacionado a compras de mantimentos ou algo do tipo –, mas lembro-me de tentar *ver* o amor entre eles, aguardando uma centelha ou mesmo um leve brilho que pudesse estar pairando no ar, por mais fraco que fosse. Lembro-me de forçar os olhos para ver *alguma coisa*.

Tinha que estar lá. Alguma cor suave, não importava quão clara fosse sua tonalidade – podia até mesmo ser um leve risco envolvendo os dois.

Nós a amamos do jeito errado?

Onde foi que falhamos?

O que preciso é dormir. O sono acabará com todos esses pensamentos, essa espiral azul viridiano. Mas com os olhos fechados, apertados, as pálpebras se contraindo, tudo o que consigo fazer é pensar no passado.

31

Outono, primeiro ano



Nunca senti tanta inveja de outra família até conhecer os Renard. Mais tarde, a culpa por nutrir esse pensamento viria em fluorescentes e pesadas ondas, como se eu tivesse cometido o pior tipo de traição.

Primeiro me apaixonei pela casa de Caro. A garagem deles era incrível, abarrotada de cavaletes, tintas, vidros com pincéis, lonas e tecidos com manchas coloridas, um cesto cheio de aventais. Tudo da Mel. Não pude evitar o pensamento: *Como seria a minha casa se mamãe fosse sempre alegre e se papai também fizesse arte?*

No porão, Caro tinha seu próprio ateliê. As estantes de madeira cobriam as paredes, mas, em vez de livros, elas estavam repletas de câmeras, lentes e outros equipamentos.

– Isso é incrível! – exclamei. – Você é fotógrafa?

– Ah – ela soltou, timidamente. – A maior parte disso pertencia ao meu avô. Ele que me fez começar.

Eu a segui para outra sala. Era muito mais escuro lá dentro, sem sol, apenas duas lâmpadas fixadas no teto.

As paredes estavam cobertas de fotografias em preto e branco, retratos de meninas executando várias atividades. Uma tricotava. Outra estava agachada para amarrar os sapatos. Outra estava raspando a cabeça. Algumas arqueavam o corpo, como se dançassem.

– Uau – eu disse. – Você tirou essas fotos? São incríveis!

– Obrigada – replicou Caro, parecendo envergonhada.

Uma menina aparecia em várias fotos, e ela parecia familiar. Algum detalhe sobre ela era diferente das outras – havia algo de sensual na forma como ela estava posicionada, torso torcido, mãos graciosamente curvadas. Seus lábios, o olhar baixo. Ela havia sido fotografada do jeito que Da Vinci poderia ter pintado um amante.

Caro viu que eu a observava.

– Essa é a Cheslin.

Pensei ter detectado um pouco de rubor em suas bochechas.

– Vocês estão... – interrompi minha frase por achar que talvez fosse grosseiro perguntar.

– O quê? – Caro disse com uma certa nitidez.

– Namorando? – concluí, hesitante.

– Ah. – Seus ombros relaxaram. – Sim. Não é óbvio? Quer dizer, minha mãe pensa que estou namorando nove meninas ao mesmo tempo, mas Cheslin e eu estamos juntas desde o início do verão.

– Uau – disse. – Isso é... um tempo.

Pensei em Axel e Leanne, e tentei imaginá-los juntos por esse tempo. Senti meu estômago embrulhar.

– Eu queria pedir desculpas pela minha mãe – disse Caro. – Espero que ela não tenha feito

você se sentir desconfortável. Eu me assumi para ela recentemente, e acho que a surpresa foi tão grande que ela está tentando lidar com uma supercompensação.

Demorei um momento para me dar conta de que ela falava sobre as piadas de Mel quando me deram carona até minha casa. Perguntei-me se era minha vez de pedir desculpas pela minha mãe. Por ela estar desmaiada no chão. Por ter feito com que Caro e Mel adentrassem até os joelhos em um pântano de estranheza. Será que eu deveria tentar explicar o que aconteceu sendo que eu não tinha a menor ideia?

Respirei e me forcei a sorrir.

– Não se preocupe. Sua mãe parece muito legal.

Caro revirou os olhos.

– Todo mundo fala isso. Ela é uma nerd superestranha.

– E nós somos o quê? – Gesticulei apontando para toda a arte e os equipamentos ao nosso redor.

– *Touché* – respondeu Caro.

Senti meus ombros se aliviarem. Não parecia que fosse surgir o assunto sobre minha mãe, graças a Deus.

Na outra sala, arrumamos tudo de acordo com a melhor iluminação. Passamos o dia pintando os detalhes enrolados dentro do corpo de “Evil Lover”, que foi como passamos a chamá-lo. Chamá-la. Chamá-los. Caro me contou como ela encontrou a câmera SLR original de seu avô. Como descobriu que gostava de garotas quando assistiu *Titanic* e não conseguiu parar de olhar para os seios de Kate Winslet. Também tivemos momentos de silêncio, enquanto misturávamos cores e nos concentrávamos em nossas pinceladas.

Nós pintamos até o sol se pôr. Eu estava misturando as cores a fim de criar o azul-petróleo perfeito e me peguei apertando os olhos.

– Você tem uma luminária? – perguntei.

Caro levantou os olhos.

– Talvez fosse melhor pararmos, na verdade. Tenho uma luminária, mas deixa todas as cores estranhas. Podemos terminar amanhã.

– Sim – concordei, embora parte de mim estivesse relutante em ir embora. A pintura tinha sido meditativa.

– Mas você poderia ficar para jantar – convidou ela. – Meus avós estão aqui e eles adoram conhecer meus amigos.

Amigos. A palavra ecoou dentro do meu crânio e enviou um raio de calor para o meu peito. Eu não fazia um novo amigo há anos.

– Eu adoraria.

– Mas já vou avisando que eles são um pouco grosseiros.

Gaelle e Charles Renard me fizeram sentir como se eu sempre tivesse sido parte da família. Eles me contaram a história de como Mel deu um pé na bunda de seu namorado dois dias antes de Caro ter nascido.

– E nós não vemos esse coitado desde então – disse Gaelle, com uma piscadela, enquanto ia para a cozinha levando uma travessa. – Que continue assim.

Mel encolheu os ombros e tomou um gole de vinho.

– Pelo menos não casei com esse cara.

Enquanto a avó Renard parecia inteiramente americana, Charles tinha um leve sotaque francês: – E pelo menos o tanto que você rolou naquele feno nos deu como presente a Carolina. – Ao dizer seu nome, o *R* virava no fundo de sua garganta, fazendo as sílabas soarem de uma

maneira especial, como se se referissem a uma atriz de Hollywood em um filme preto e branco.

Caro fez um barulho alto e prolongado de dor.

Mel franziu o rosto.

– Nunca *fizemos* isso na *fazenda*.

– Mas bem que parecia – disse Gaelle, pegando na mão de Charles sobre a mesa e rindo.

– Nunca *faça* isso em uma fazenda – disse Charles com a voz baixa e inclinou-se para Caro, como se fosse contar um segredo. – Não importa o quanto sua garota seja bela e sexy. – Ele enfatizou a palavra “sexy”.

– *Papi* – Caro implorou. Ela estava morrendo de vergonha.

– Por que você está tão envergonhada? – disse Gaelle. – Eu amei algumas mulheres na minha época também.

– Mais do que algumas, pelo que sei – disse Mel.

A avó de Caro ignorou o comentário.

– Você ama quem você ama. Nada dá para mudar isso. Você ama sempre que quiser, onde bem entender...

– Exceto em uma fazenda – interveio Charles.

– Se você *fizer* isso em uma fazenda – comentou Gaelle –, apenas não conte ao seu *papi*.

– *Chérie*, você é terrível – disse Charles à sua esposa.

Gaelle riu e se inclinou para tocar o nariz contra o dele.

– Ugh – disse Caro.

– Apoiado – reforçou Mel.

Abaixei minha cabeça para comer as vagens e também para esconder meu sorriso.

– Leigh, e os seus pais? – perguntou Gaelle. – Sempre estou interessada em uma boa história de amor.

Mastiguei rápido e engoli, e de repente, dei-me conta de como apertava o garfo.

– Nem tenho certeza de ter ouvido toda a história. Quando eu era pequena, perguntei como eles se conheceram e eles simplesmente disseram que se conheciam desde o começo dos tempos, há centenas de vidas.

– Vida após vida – disse Charles. – Muito romântico.

Eu sorri, mas por dentro queria saber se *romântico* era a palavra certa para descrever a situação. No início, talvez. Pensei em como meu pai costumava sentar no sofá enquanto minha mãe tocava novas peças ao piano. Sempre com algum material de trabalho em seu colo – trabalhos que ele fingia avaliar –, mas eu sabia que ele estava, na verdade, ouvindo a música, observando minha mãe se mover como uma onda. Seus olhos ficavam presos a ela, e um sorriso suave levantava as bordas de sua boca.

Isso era romântico. Mas algo havia mudado nos últimos meses. A mudança mais óbvia era a frequência com que meu pai começou a viajar para conferências e outros compromissos. Ele andava muito ocupado. Havia mudado o foco de seu trabalho para a sociologia econômica, o que quer que isso significasse. Ele estava ganhando reconhecimento e sendo convidado para dar palestras, juntar-se a projetos de pesquisa, ser professor visitante. Estava escrevendo um livro em conjunto com um colega sinologista – parecia ser um grande negócio.

Minha mãe era uma forte e entusiasta de tudo isso. Era óbvio: ela estava tentando compensar a culpa que sentia a cada vez que meu pai sugeria que nos mudássemos para a Ásia. Ele propôs China, Taiwan, Hong Kong e Cingapura, e a resposta dela era sempre *Talvez em alguns anos*, ou *E os estudos de Leigh? Não podemos pagar a escola privada internacional*, ou *Mudei-me de lá por uma razão*.

– Leigh?

Caro me chutou por baixo da mesa. Perdi algo que Gaelle havia dito.

– Desculpe, o quê?

Todos sorriam educadamente como se eu não tivesse me ausentado.

– Você já descobriu como eles realmente se conheceram? – perguntou Charles.

– Claro que sim – respondi. – Minha mãe ainda era estudante universitária em Taiwan, mas veio para um programa de verão de música, em Ilinoís. Meu pai tinha começado seu PhD lá, e ambos foram arrastados para um evento em comum. Eles namoraram por quase todo o verão... e depois mantiveram o relacionamento a distância.

– Uau – disse Mel. – A distância é difícil.

– Sim – respondi, imaginando minha mãe esperando uma ligação de meu pai, pegando o telefone no primeiro toque.

– E então? – questionou Charles.

– Ele a pediu em casamento por telefone, ela voou para Chicago e eles fugiram.

Gaelle estava radiante.

– Amo essa história.

– Você amaria a história mesmo se eles tivessem se encontrado em um tanque séptico – disse Mel. – Desde que terminassem juntos.

– Sim, ela é uma romântica sem salvação – Caro me confirmou, revirando os olhos.

– É preciso haver pelo menos um de nós nesta família – disse Gaelle.

– Para sua sorte, há dois. – Charles estendeu a mão para apertar o queixo da esposa e depois o nariz.

Gaelle se derreteu em risadas musicais.

Tentei me lembrar da última vez que havia visto minha mãe rir assim. A última vez que ela ficara tão feliz. Concentrei-me no largo sorriso de Gaelle, os pés de galinha se apertando alegremente nos cantos dos olhos, e tentei transplantar mentalmente as características da minha mãe para o seu rosto despreocupado.

Enquanto pintávamos, no dia seguinte, meu cérebro repetia as conversas desse jantar. Eu não conseguia parar de pensar em minha mãe. Em meu pai. Em Axel e Leanne.

Caro tinha sorte de ter esses avós incríveis em sua vida, de serem tão próximos a ponto de poderem fazer piadas com temas relacionados a sexo. A árvore genealógica do papel que eu havia feito anos atrás voltou à minha mente. Esse projeto já havia sido descartado, provavelmente foi reciclado assim que saiu do quadro de avisos, mas vivia no meu cérebro. Eu o imaginei passando por uma picotadora de papel, daquelas que cospem quadrados tão pequenos que o tornam impossível de remontar.

– No que está pensando? – perguntou Caro.

– Hmm?

– Você ficou estranhamente quieta. No que está pensando?

– Em nada. – Fui pega tão de surpresa pela pergunta que nem pude pensar em uma boa mentira.

– Não parece que não está pensando em nada. – Ela abaixou o pincel e enxugou as mãos em seu avental. – Vamos. Desembucha.

– Eu só estava... pensando em seus avós.

Ela não disse nada. Ficou sentada lá, esperando que eu continuasse.

– Nunca conheci meus avós por parte de mãe. Nem sei como eles são.

– E por que isso? – indagou Caro.

– Essa é a parte frustrante – expliquei. – Não tenho ideia. Meus pais não me dão nenhuma justificativa a respeito. É como... uma certeza. Que nunca vou conhecê-los. Eu não tenho escolha no assunto. Nunca saberia se eles estão superapaixonados, se eles se odeiam, se eles são estranhos, se eles apertam o nariz um do outro durante o café da manhã... Nada.

– Sem querer ofender – Caro começou –, mas parece bem esquisito.

– Você não precisa me dizer. – Passei a mão pelo meu cabelo e percebi que, provavelmente, havia tinta em todos os lugares. – Mesmo que sejam seres humanos terríveis, mesmo se forem sociopatas ou algo do tipo, ainda assim quero conhecê-los e julgar por mim mesma. Pelo menos, eu deveria saber por que estou afastada deles.

– Então, o que você vai fazer a respeito?

– Meus pais não vão me dizer nada – expliquei.

– Mas tem que haver alguma coisa que você possa descobrir por conta própria.

Meu instinto era apenas encolher os ombros, mas depois pensei melhor a respeito.

Havia alguma coisa para descobrir? Balancei a cabeça devagar.

– Talvez.

– Pelo menos você tem que tentar – ela afirmou, pegando um tubo de tinta e espremendo uma grande quantidade de laranja. – E me manter informada.

– Posso perguntar uma coisa para você?

– Você acabou de perguntar – Caro disse.

Revirei os olhos.

– Você e Cheslin eram amigas antes de ficarem juntas, certo?

Caro me olhou como se soubesse o que estava por vir.

– Por um tempo. Por quê?

– Foi sempre... esquisito?

– Isso é sobre Axel Moreno. – Não foi uma pergunta, e não confirmei ou neguei. – Escute, Leigh. Se você tem alguma pendência para resolver com ele, resolva com ele. Não adianta falar comigo. Eu não sou o Axel.

Respirei lentamente.

– Você está certa.

Resolva com ele. Parecia fácil, mas eu não tinha certeza de como fazer isso. Não tinha nem certeza do que, exatamente, eu estava sentindo. Suspirei e limpei meu pincel.



Eu nunca questionei meus pais. Mesmo que o pensamento me caísse mal, achei que valia pelo menos mais uma conversa antes de começar a *investigação*, como Caro chamou.

Era uma noite em que papai estava em casa para jantar. Ele voltaria a viajar na manhã seguinte, mas, naquela noite, ele era nosso. Ele era marido e pai. Mamãe preparou seus pratos favoritos. Coloquei suas músicas preferidas de Nachito Herrera e aumentei o volume. Nós nos sentamos para comer e realmente tudo parecia normal. Era o tipo de jantar que não tínhamos havia muito tempo.

Eu queria pegá-los de bom humor, então esperei até que estivéssemos na metade da refeição, rindo de uma história sobre um dos alunos de papai. Minha mãe tinha um sorriso no rosto e meu pai estava colocando mais arroz frito no prato.

– Quando vou conhecer os pais da mamãe? – perguntei, tentando parecer indiferente.

Papai abaixou a colher de arroz e disse em um tom de advertência: – Leigh.

Minha mãe parou de mastigar e seu sorriso desapareceu.

– Por que falar disso agora?

Dei de ombros.

– Não é como se fosse a primeira vez que pergunto. Por que nunca fomos visitá-los? Eu não sei nada sobre eles. Isso é muito estranho.

– Não gosto do seu tom, Leigh – disse minha mãe. – Não se fala assim com seus pais.

A culpa ondulou seus dedos dentro de mim, mas me neguei a recuar.

– Não é justo.

– Muitas coisas não são justas. Muitas coisas são difíceis de corrigir. – Ela empurrou a cadeira para trás e saiu da sala, deixando a comida no prato.

– *Papai...* – comecei a dizer.

– Deixe, Leigh. É complicado. Pare de perguntar. Você despertará questões que não são boas para ninguém.

Eu me afundei na cadeira.

Papai comeu mais um pouco.

– Eu... eu tenho alguns e-mails que preciso responder. – Ele pegou seu prato e dirigiu-se ao escritório.

– Certo – respondi.

Fiquei na mesa, ouvindo os sons no andar de cima: mamãe tomando banho, a cadeira do escritório de papai rangendo. Era difícil acreditar que, apenas momentos atrás, aquela sala tinha abrigado uma família cheia de alegria.

No alto, uma das luzes amarelas zumbiu e piscou.

– Segura firme – eu disse à lâmpada.

Mas ela apagou mesmo assim.



Minha mãe é um pássaro.

E eu sou apenas uma garota.

Uma menina, humana e sem asas – mas tenho o início de um plano.

Afinal, por que o incenso me foi dado, senão para me guiar? Deve haver pistas nessas memórias. Deve haver respostas para minhas perguntas.

Waipo prometeu que iremos a todos os lugares importantes. Os lugares que minha mãe adorava. Os lugares que costumava ir, onde ela caminhava, onde encontrava inspiração, onde ela ia quando estava triste, onde ela poderia ter deixado traços de si mesma.

Visitaremos todos esses lugares. Vou queimar essas varetas pretas. Procurar todas as pistas, juntá-las como as peças rasgadas de um mapa.

O pássaro quer ser encontrado. Ela tem algo a me dizer.

E é assim que vou chegar até ela. Tenho absoluta certeza.



Nós estamos a caminho de um templo e a estrada de tijolos cobertos de pó está cheia de pessoas. De vez em quando, uma moto lenta aparece e, durante um breve momento, surge uma lacuna e consigo vislumbrar o que vem pela frente. De imediato, o espaço desaparece. As pessoas caminham juntas, como grãos de areia deslizando por uma fenda. Não consigo imaginar nenhum lugar nos Estados Unidos que seja assim, com automóveis e motocicletas dividindo o espaço com os pedestres.

Sigo logo atrás de *waipo*, com Feng atrás de mim, e vamos abrindo caminho através da multidão amontoadada. Cabeças se viram, olhares me acompanham.

– *Hunxie* – ouço alguém dizer, sem se preocupar em diminuir a voz. *Sangue misto*.

– *Shi ma?* – pergunta alguém, sem poder acreditar.

Respiro fundo e acelero meus passos para ficar mais perto da minha avó. Sua proximidade parece um escudo. Se ao menos eu não me destacasse de maneira tão óbvia com meus olhos mais claros, com meus cabelos mais claros e com uma mecha verde. Se ao menos eu tivesse sido criada de uma maneira mais taiwanesa e pudesse, de alguma forma, provar a essas pessoas que sou dali. Aquele tinha sido o lar da minha mãe durante a primeira metade de sua vida. Não pode ser um pouco mais parecido com um lar para mim também?

Imagino um véu negro, cor de carbono, caindo ao meu redor e me afastando do restante das pessoas, bloqueando-me de sua vista e dando-me alguns momentos de calma e tranquilidade.

A multidão parece crescer mais densamente a cada passo que damos. Pergunto-me se é por isso que *waigong* negou com a cabeça quando perguntamos se ele queria vir conosco, pois ele sabia que estaria absurdamente cheio.

Os tijolos vermelhos nas laterais formam arcos e mais arcos, são como bocas abertas que levam a lojinhas escuras que vendem todo tipo de quinquilharia. Ergo a cabeça para ver melhor: pincéis de caligrafia, pergaminhos, blocos de tinta seca esculpídos. Bugangas vintage e cartões-postais retrô. Lanches, como pãozinhos cozidos no vapor, bolos e o que parece ser tofu boiando em uma sopa branca. Ficamos presas contra uma parede de pessoas, e o arco mais próximo começa a se deformar e retorcer. Suas sombras escurecem, ficam pretas e bem definidas. Ele se altera, assumindo a silhueta de um pássaro com asas estendidas...

– Leigh? – Minha avó me puxa pelo cotovelo.

A multidão que está à nossa frente diminuiu um pouco.

Pisco e olho para trás: o arco parece normal. Minha cabeça está pesada e confusa. Deve ser a falta de sono.

– Você está bem? – pergunta Feng.

– Bem. Cansada – assinto.

– Fuso horário? – ela questiona.

– Acho que sim. – *Ou talvez eu apenas esteja enlouquecendo*.

Viramos em um beco frio e cinza, intocado pelo sol vigoroso, e voltamos, mais uma vez, para a estrada.

Waipo aponta para o magnífico templo. Telhados vermelhos se curvam nos cantos quadrados. Os dragões de pedra protegem os pontos mais altos, com bocas abertas e as garras à mostra. Lanternas acesas pendem do beiral, amarradas por uma linha, como uma sequência de planetas, e balançam com o vento.

Abrimos caminho passando pela fumaça e pela multidão até chegarmos aos degraus. As colunas grossas que sustentam o templo são esculpidas de forma rebuscada, capturando os detalhes vívidos de seres humanos e outras criaturas.

– Elas mostram eventos diferentes – diz Feng, apontando para a coluna mais próxima. – Cada painel narra seu próprio conto. Quando eu era criança, costumava criar minhas próprias histórias sobre elas. Geralmente, havia duas pessoas apaixonadas, passando por um mundo de monstros para poderem se encontrar e ficar juntas.

Waipo gesticula, seus dedos agarram objetos invisíveis no ar enquanto ela tenta me dizer algo. Mas não entendo nada.

Feng se prontifica a traduzir, e tenho que conter um suspiro. Eu sei que preciso da ajuda, mas gostaria que viesse de outra pessoa.

– Este era o templo taoísta favorito da sua mãe. Ela vinha aqui quando precisava de orientação, quando estava procurando por uma resposta.

Minha avó aponta para o teto. A parte interna do telhado é abobadada, feita de pedaços de madeira esculpidos e organizada em sistemas complexos de círculos e octógonos intercalados. É linda, e chega até a causar um pouco de tontura.

No coração do templo, as pessoas se curvam diante de uma estátua coroada cujo rosto é feito de pedra negra e as vestes são imperiais, em vermelho e dourado.

Mais ao longe, um jovem está jogando coisas no ar, as quais fulguram em vermelho e caem no chão. Por um segundo, penso que são penas, como as do pássaro, mas elas caem muito rápido: a forma errada, o peso errado, batendo contra o chão. Não, são pedaços de madeira, em forma de luas crescentes, pintados de vermelho-cereja. O impacto de sua queda os faz parecer quase como brinquedos. Parte de mim quer perguntar o que são e o que ele está fazendo, exceto que fico relutante em pedir isso a Feng. A maneira como ela fala comigo me faz sentir como um turista, como alguém que não pertence àquele lugar. E, bem, talvez eu não pertença. Ainda assim, não preciso ser constantemente lembrada disso.

Mas é como se meus pensamentos estivessem escritos na minha testa, porque ela diz:

– Em taiwanês, eles são chamados de *bwabwei*. Ele está fazendo a Deus uma pergunta. Se alguma cair virada para cima e a outra virada para baixo, a resposta é sim. Se ambas caírem viradas para baixo, significa que Deus não gostou do que ele perguntou. Se as duas caírem viradas para cima, significa que Deus está rindo dele.

– Que tipo de pergunta?

– Ele pode estar tentando tomar uma decisão. Tem que ser alguma pergunta a ser respondida com sim ou não.

O homem se aproxima de um balde com varetas vermelhas, levanta tudo como um tambor e chacoalha, fazendo muito barulho.

Feng se aproxima.

– Então, primeiro ele estava perguntando se sua resposta poderia ser encontrada aqui, nessas varetas. Deus deve ter dito a ele que sim.

Depois de escolher uma das varetas, ele volta para o *bwabwei*.

– Agora ele está confirmando se essa é a vareta com a resposta certa.

As luas vermelhas voam para cima, viram no ar, e fazem barulho ao atingir o chão. Ele as joga

novamente. E as joga pela terceira vez.

– A resposta é sim – Feng me explica. – Então, agora ele pode usar o número na vareta para encontrar o poema correspondente. O poema explicará o que Deus está tentando lhe dizer.

Eu nunca havia visto nada como este templo, nunca vi mamãe fazer nada religioso. É disso que minha mãe precisava? Ter um lugar para fazer perguntas poderia tê-la salvo?

Vou até onde o rapaz estava jogando o *bwabwei*, bem na frente da estátua coroada.

A curiosidade se instala no meu íntimo e meus dedos coçam para eu mesma jogar as peças. Que respostas eu poderia encontrar aqui? Quais perguntas eu faria?

Eu vou encontrar o pássaro?

Minha mãe está feliz, finalmente?

Foi minha culpa?

Waipo vai para o outro lado do templo, e Feng a segue.

O alívio de estar sozinha vem como o lado fresco do meu travesseiro em uma noite inquieta. Quando estão de costas, pego o *bwabwei*. No momento em que meus dedos tocam as duas luas, um arrepio floresce em meu pescoço.

O medo me faz hesitar. Eu jogo os blocos mesmo assim. Quando estão no ar, acima de mim, pergunto:

O pássaro está aqui?

Um cai virado para cima. O outro cai virado para baixo.

A resposta é sim.



Os blocos de lua disseram que o pássaro estava lá. Mas eu andei por cada centímetro do templo, até nas pequenas saletas, onde não parecia ser permitido entrar, e não encontrei nada. Nenhum sinal de minha mãe.

Após o almoço, já de volta ao apartamento, *waipo* ergue uma bandeja de bambu com um pacote de chá selado a vácuo. É o chá dado por Feng. Ela diz algo, mas não entendo.

– *Popo* diz que cada conjunto de folhas tem sua própria história – traduz Feng.

Minha avó segura o pacote perto do nariz e inspira profundamente, suspirando depois. Seu rosto cheio de contentamento cobalto.

– Você nunca bebe isso nos Estados Unidos, certo? – comenta Feng.

– Na verdade, eu bebo. É possível comprar chás asiáticos lá. E, tipo, os restaurantes chineses sempre servem chá. – Tento engolir o instinto de me manter na defensiva.

– Bem, você talvez não conheça esse. É o chá Dong Ding oolong – explica Feng, animada, seus olhos brilhando. – Eu trouxe porque é o *favorito* de *popo*.

A maneira como ela sorri para mim enquanto diz *favorito* faz minha mandíbula se contrair. Ela está tentando provar algo? Mostrar que ela conhece minha família melhor do que eu? É difícil não olhar para ela, já que está sentada à minha frente, mas eu desvio o olhar, tento ignorar a irritação verde e viscosa que escorre pelo meu interior. *Waipo* organiza as xícaras em uma linha, manipulando-as como peças de arte muito frágeis. Há apenas três xícaras, Feng fez um grande discurso sobre como o chá não faz bem ao seu estômago. Acho que ela trouxe o chá apenas para puxar o saco.

Minha avó serve a bebida despejando um fluxo contínuo da esquerda para a direita, o excesso de líquido escorre pelas laterais das xícaras e pelas ripas da bandeja de bambu.

Pego uma xícara, mas minha avó sacode a cabeça.

– *Hai mei* – diz ela. *Ainda não*.

Com pinças de madeira, ela derruba cada uma das xícaras pela borda, esvaziando-as sobre a bandeja.

– Isso foi apenas um banho – explica Feng, colocando uma mão no meu braço, sua longa manga floral me fazendo cócegas. – Estes são os passos da tradição *laoren cha*.

Desvio de seu toque.

– Certo.

Waigong traça oito contra a superfície da mesa, o dedo deslizando sobre o líquido, arrastando-o para a esquerda, arrastando-o para a direita. Ele vê que o estou observando e pisca. Um pouco da minha tensão se desvanece.

Outra rodada de água da chaleira. Dessa vez, minha avó deixa as folhas se assentarem. O tremor habitual em suas mãos desapareceu – ao fazer o chá, elas são hábeis, firmes e precisas. Ela está diante de nós com uma confiança que nunca vi. Seus dedos são uma versão mais velha e mais suave das mãos que eu conheci tão bem, das mãos que moldavam *danhuang su* e preparavam waffles.

Minha avó. Minha mãe. Ambas tão cuidadosas, tão cheias de amor. Como elas acabaram se afastando uma da outra?

Quando *waipo* serve o chá de novo, o líquido que flui é marrom avermelhado.

Feng inala profundamente.

– Hummm. O cheiro está divino. Sua mãe fazia chá para você com frequência?

Mamãe nunca deu tanta atenção ao chá que preparava, mas, certa vez, a vi de pé, ao lado do balcão da cozinha, em silêncio por um longo momento. Ela examinava as folhas molhadas com os dedos. Ela as tirou de dentro do pote, esfregou-as entre as mãos. Parecia estar profundamente pensativa, tentando se lembrar de algo.

Então, tenho uma ideia: o chá. As folhas que minha avó tão cuidadosa e carinhosamente manipula, cujo cheiro ela inala de suas mãos, pressionando os dedos contra o nariz e fechando os olhos. Ninguém vai notar se eu pegar algumas.

Waipo traz bandejas de maracujás abertos. Em seu interior está a polpa amarela e reluzente como o sol, cítrica e também refrescantemente doce, que comemos com minúsculas colheres de prata.

– Acho que essa deveria ser uma nova tradição familiar – diz Feng, me observando mastigar as sementes. – Chá da tarde e maracujá.

O sentimento verde é quente e me envolve como se fosse uma concha, uma armadura. Engulo e deixo minha colher descansar.

– Por quê?

– Por que não? – ela questiona, sua voz um pouco alegre demais. – Eu acho tradições familiares muito importantes.

– Temos muitas tradições – respondo.

– Mas você não tem nenhum com *popo* – ela retruca.

Fico sem ter o que dizer. *Waipo* e *waigong* parecem me olhar com expectativa apesar de eu saber que eles não estavam acompanhando a conversa. Eles não entendem o que Feng e eu conversamos.

– Pode ser uma tradição para todos nós – Feng tenta novamente.

O pensamento de vê-la inserida nessa família da qual já quase não consigo me sentir parte me deixa cobre e incomodada. Pego meu chá e sopro, deixando o vapor tocar meu rosto.

Quando as cascas de frutas estão vazias e todos já tomamos cerca de oito xícaras de chá, sigo *waipo* de volta à cozinha. Juntas, lavamos as xícaras e as colheres e guardamos tudo nos armários. Quando ela pega o bule, aceno indicando que deixe para eu cuidar dele. Ela sorri.

Quando ela não está olhando, retiro as folhas usadas no chá e as enrolo em um pano para mais tarde.



Sáímos novamente, a tempo para o atendimento noturno em um templo budista, um que Feng diz ser muito importante. Caminhando atrás da minha avó, vejo a tensão em seus ombros. Sua mão desliza ao longo da parte superior da galeria, baixando apenas quando ela quase se depara com a seda brilhante de uma teia de aranha.

O templo é construído com limpas pedras brancas e tem telhados verdes e silenciosos. Dragões e outras criaturas míticas enfeitam os limites superiores dos beirais, vigiando como se fossem guardiões. Um dragão tem os olhos estreitos.

Pisco forte, tento ignorar a imagem. Não consigo afastar a sensação de que está me observando. Me avisando.

Uma freira com vestes castanhas se curva para todos nós, nos mostra as varetas de incenso.

– *Amitufo* – ela diz, pressionando as palmas das mãos e abaixando o queixo contra o peito.

Amitufo, sua voz era tão tranquila, como se aquelas sílabas pudessem curar todos os problemas do mundo, fazer tudo ficar bem novamente.

– *Popo* diz que elas sempre vinham aqui juntas – Feng me conta. – Este é o templo onde sua mãe passou a maior parte do tempo. É aqui que o espírito está.

Essa última parte faz minha atenção voltar ao foco:

– O que isso significa?

Waipo aponta para uma pequena sala onde um bodisatva dourado está sentado dentro de uma caixa de vidro que vai do chão ao teto. Ele brilha como um pedaço de tesouro. Dos dois lados estão centenas de placas de madeira, pintadas da cor das calêndulas.

– Essas placas amarelas têm o nome dos mortos – explica Feng. – Incluindo o da sua mãe. Ela sabe que seu nome está escrito aqui. É aqui onde o espírito dela descansa.

Onde o espírito dela descansa.

Meus olhos vasculham a sala procurando algum indício vermelho, procurando uma pena, uma sombra, qualquer coisa.

Minha mãe minha mãe minha mãe.

Há um estrondo repentino que percorre o chão. O ressoar de sinos invade o ar, um arco-íris de som. E, então, a voz de um monge sobe como uma onda pelos amplificadores. Cem vozes a seguem em coro, traçando os altos e baixos de uma música sem melodia.

– Eles estão cantando sutras para aqueles que já se foram. Especialmente aqueles que faleceram há menos de quarenta e nove dias – explica Feng.

Eu balanço a cabeça, não entendo:

– Quarenta e nove dias?

– Após a morte de uma pessoa, ela tem quarenta e nove dias para trabalhar seu carma e se desligar das coisas que a mantêm presa a essa vida. Coisas como pessoas, promessas e memórias. Então, ela faz sua transição. O templo mantém cada placa amarela por quarenta e nove dias. Depois disso, elas são queimadas.

O choque em minha cabeça coincide com o impacto contra minhas costelas.

– Que transição?

– O renascimento, é claro – conclui Feng.

Quarenta e nove dias. É esse o tempo que ela será um pássaro? Quantos dias já se passaram? Não tenho muito mais tempo. Não posso acreditar que ninguém tenha me contado sobre isso antes.

Se desligar das coisas que a mantêm presa a essa vida. Mas eu não quero que ela se desligue. Não quero que ela se esqueça de nós. Não quero que me esqueça.

Waipo reúne os nossos incensos em um buquê e mergulha as pontas das varetas em um poço de chamas. A fumaça fina paira no ar como um fino tecido. Em nada se parece com o incenso preto escondido na minha gaveta e a fumaça negra das memórias que se desenrolam.

Feng e *waipo* ajoelham-se sobre um banco baixo e estofado, como se tivessem ensaiado. Como se visitassem o templo juntas com frequência. As pálpebras contraídas e os queixos se abaixando em sincronia.

Gostaria que Feng não estivesse ali. O pensamento está queimando, silenciosamente, em um canto apartado da minha mente, o dia todo, mas agora que ele veio à tona, não posso afastá-lo outra vez. Ela não tem coisas melhores para fazer? Por que ela sempre está conosco? *Waipo* a convida porque é estranho estar sozinha comigo? As duas estão ajoelhadas juntas... É perfeito e pitoresco, como algo que Axel pintaria. Se eu me juntasse a elas, apenas faria a cena ficar estranha. A esquisita garota americana, que não fala o idioma de seus antepassados. Cujos cabelos não são escuros e cujas mãos seguram o incenso com desconforto. Sua fé, incerta.

Gostaria de me sentir mais taiwanesa. Queria conhecer as tradições, saber o que fazer.

Não pertencço àquele lugar. Eu deveria apenas me afastar.

Waipo vira o rosto para mim e acena, sinceramente:

– *Lai*.

E então eu me ajoelho do outro lado, abaixando-me de forma dura e desajeitada, batendo as canelas ao cair com força demais no banco.

Não importa, eu digo a mim mesma. Não importa se não pertencço àquele lugar, se sou um peixe fora d'água. Eu só preciso encontrar o pássaro. Preciso chegar até minha mãe antes de se passarem os quarenta e nove dias.



Percorremos o caminho de volta ao ar fervente. Ainda estou tentando contar mentalmente quanto tempo se passou quando ouço um grito, vibrante e agudo, sobre nossas cabeças. As pessoas que nos rodeiam colocam as mãos sobre os olhos, inclinam a cabeça para trás. *Waipo* e eu nos viramos em direção ao sol que já está baixo e penso ter visto o fim de uma cauda vermelha desaparecendo atrás de um prédio.

O pássaro.

Meu coração bate acelerado e os dedos tremem, a fumaça faz meus olhos arderem, mas não consigo fechá-los, não posso perdê-la no caso de ela reaparecer.

Preciso chegar até ela, falar com ela. Por que ela está voando? Por que ela não desce e vem falar comigo, como quando eu estava em casa? A necessidade e o desejo me dominam em redemoinhos de aureoline e manchas violeta.

Ficamos ali por tanto tempo que as pessoas começam a passar por nós como um rio que flui em torno de pedras.

Quantos dias faltam? Eu volto a contar.



A noite se prolonga, silenciosa e sem fim. Eu tenho uma teoria, e isso me leva a agir. A teoria é que quanto mais tempo minha mãe passa como pássaro, mais ela começou a se esquecer de seus desejos e necessidades humanas, mais ela se esquece de mim. Por que mais ela passaria por mim sem parar?

Já se passaram quarenta e um dias.

Essa foi minha conta, que eu contei e contei de novo para verificar, tentando aguçar minha memória em relação a tudo o que aconteceu desde a mancha.

O que eu daria para ter um controle remoto com um botão para diminuir a velocidade do tempo, ou mesmo rebobinar um pouco... Quarenta e um dias desde que minha mãe se tornou um pássaro, o que significa que quando o sol nascer, será a manhã do dia quarenta e dois. Incluindo amanhã, tenho oito dias antes de minha mãe fazer sua transição.

Oito dias.

Eu tenho que trabalhar ainda mais rápido. Queimar o incenso, ver as memórias. Encontrar as pistas. Encontrar minha mãe.

Pego todas as camisetas e calças de malha que posso encontrar, e também uma tesoura. Há algo de muito meditativo em abrir as lâminas e cortar tecido, *snip snip*. Quando era criança, aprendi a tecer cestas a partir de tiras de camisas recortadas em longos fios. É muito fácil, basta cortar uma camiseta em espiral, desde a parte inferior; assim, cada camiseta se torna uma longa tira. Preciso da maior quantidade de tiras possível.

Estou tecendo uma rede, a maior que eu puder, por isso tenho que cortar as roupas o mais rápido que conseguir. Acho que não vai machucar o pássaro, já que o material é macio, e espero que ela reconheça o meu cheiro ou o aroma da marca de sabão que ela sempre comprou. Se tudo correr de acordo com o plano, uma vez que a rede estiver sobre ela, ela notará esses cheiros familiares e me verá, sua filha, sua própria carne e sangue antes de se tornar um pássaro. Ela vai se acalmar e me dizer o que quer que eu me lembre.

Snip Snip Snip.

Meu cérebro não para de traçar formas e rebobinar suas memórias. Às vezes, quando tudo é cíclico dessa forma, tento me acalmar inventando novas cores na minha cabeça.

Uma vez, encontrei um vídeo on-line sobre cientistas que involuntariamente inventaram um novo tom de azul. Eles o chamaram de azul YInMn.

Achei interessante, mas ao mesmo tempo difícil de acreditar. Afinal, como é possível que o YInMn não existisse antes?

O tal tom, diziam eles, era supostamente resistente ao desbotamento. Eu duvidei um pouco quando vi essa parte. Tudo desbota, tudo desaparece.

Tudo o que há no mundo físico, o papel e a mobília, mas também as coisas da mente. Memórias, emoções. A vida.

Amizades. Elas também se desvanecem. É só uma questão de tempo.

O assustador é que, exatamente enquanto penso nisso, meu telefone liga sozinho e começa a

tocar a música que Axel me havia enviado: “Adeus”.



Quando a casa estava vazia, comecei a procurar pistas, primeiro no quarto dos meus pais. Minhas mãos eram cuidadosas. As gavetas faziam um forte barulho ao serem abertas. A porta do armário rangeu, alertando-me.

O que eu estava esperando encontrar?

Uma carta? Um diário? Qualquer coisa em chinês seria inútil.

Mas Caro estava certa. Eu tinha que tentar.

Nada me pareceu estranho ou misterioso até chegar no porão, onde havia uma pilha de caixas de papelão em um canto, cobertas de poeira, há sabe-se lá quanto tempo sem que ninguém tocasse nelas. Eu nunca tinha dado muita atenção àquelas caixas.

Perguntei à minha mãe o que elas continham.

– Não tenho certeza. Algumas são minhas, outras podem ser suas. Talvez lições de casa antigas. Não me lembro. Talvez nenhuma é de seu pai, pois ele sempre joga fora coisas que não usa. Por que você está me perguntando isso?

A mentira veio facilmente:

– Eu preciso encontrar alguns projetos da escola primária. É para uma tarefa. Posso dar uma olhada nelas?

– Claro. Está tudo muito empoeirado. Talvez você pudesse aproveitar para passar o aspirador e fazer uma limpeza.

– Está bem. – Tentei parecer relutante, embora estivesse feliz por ter conseguido uma desculpa para passar mais tempo com as caixas. – Posso fazer isso.

Eram muitas caixas, seus interiores completamente desorganizados. Eu lentamente passava pela bagunça de cada uma delas, paranoica com a possibilidade de que, se eu acelerasse o ritmo, poderia deixar passar alguma evidência. Havia, aleatoriamente, extratos bancários, apólices de seguros, provas e redações, cartões-postais antigos dos meus avós paternos, peças antigas de computador. Apenas para o caso de minha mãe perguntar algo, tirei alguns dos velhos projetos de escola que encontrei.

Se eu tivesse sorte, em uma tarde, enquanto mamãe estivesse ocupada dando aulas de piano, eu conseguiria vasculhar metade de uma caixa. Os fins de semana eram totalmente improdutivos. Se eu ficasse em casa, ela tentava conversar infinitamente. Ou, se seu humor mudasse de repente, a casa se encolhia e eu me sentia como se estivesse sufocando.

Comecei a ir à casa dos Renard aos sábados e domingos e a ajudar Caro a produzir suas fotos macro de gotas de água e do rosto de insetos mortos. Quando nos cansávamos disso, jogávamos cartas com seus avós.

Eu não tinha uma boa conversa com Axel há tempos. Até mesmo minha mãe perguntou por que ele não tinha vindo quando ela fez bolinhos de cebolinha ou waffles.

– Ele tem uma namorada, mãe! – gritei. – Ele tem coisas melhores para fazer.

Seu rosto assumiu um tom marrom de ferida antes de voltar a se suavizar.

– Entendo.

A primeira manhã das férias de inverno trouxe um som conhecido à nossa porta, o ritmo com que subia as escadas era como um sonho. Eu estava deitada de barriga para baixo, desenhando uma câmera antiga que Caro havia me emprestado.

Eu imaginava que ele bateria à porta – eu sabia que ele bateria. Todas as minhas ilusões estavam se manifestando como uma forma de psicose. Meus dedos apertaram o carvão com mais força contra a página.

Então escutei a mesma batida na porta do meu quarto. Foi tão dura que quase rasguei uma página do meu bloco de desenho.

– Entre? – Odiei como as palavras saíam como se fosse uma pergunta.

A porta se abriu e lá estava Axel com sua camisa verde-floresta. Seu cabelo, escuro e ondulado, estava mais longo do que nunca.

Ficava bom, emoldurava seu rosto. Alguns fios caíam sobre sua testa, como se fossem setas tentando dirigir minha atenção para seus olhos.

– Ei, Leigh – ele disse, como se não tivesse acontecido nada nos últimos meses.

Olhei para ele.

– Oh, eu gosto do rosa. – Ele apontou para a mecha rosa em meu cabelo. – Você fez isso agora?

Eu queria responder com a voz mais distante que pudesse encontrar. Mas o que saiu foi:

– Por que você está aqui?

Sua boca se torceu. Ele tentou dar um sorriso duro.

– Já não posso mais?

– Não, quer dizer, você pode. – Eu me sentei e me perguntei se meu cabelo estava uma bagunça, se eu o tinha escovado. Decidi que isso não tinha importância nenhuma. – Parece que você já está melhor da mononucleose. Você passou pra Leanne ou algo assim?

Ele pareceu incomodado.

– Não é assim que funciona.

– Certo – eu disse. – Eu não teria como saber. Então, como ela está? Leanne? Ou você a chama de *Lee* para abreviar?

Ele abriu a boca e depois fechou. Quando enfim falou novamente, sua voz estava muito baixa.

– Eu nunca a chamaria assim.

– Ela é a razão pela qual você está deixando o cabelo crescer?

Axel deu uma risada sem graça.

– Você está de brincadeira? Ela o odiava. Ela curti o corte militar. *Eu sou* o motivo pelo qual estou deixando meu cabelo crescer.

– *Odiava*? Passado?

– Terminei com ela – ele disse, encolhendo os ombros. – Na semana passada, na verdade.

Metade de mim ficou aliviada e a outra metade ficou muito chateada. Desci da minha atenção cama e me levantei, com a postura o mais reta possível para parecer mais alta.

– Teoricamente sou sua melhor amiga, sabia?

O rosto de Axel ficou cinza.

– Leigh...

– Não sou uma substituta, não sou alguém para *ser substituída*.

– Você está certa – ele disse.

– É ridículo que, só porque começou a namorar, você tenha deixado de ser meu amigo.

– Você está certa.

Dessa vez eu ouvi sua resposta.

– O quê?

– Você está absolutamente correta – ele disse. – Fui uma besta. Eu me afastei de você. Acho que eu não queria que você visse como era quando estava com Leanne.

Eu realmente não entendi o que ele quis dizer, mas também não tinha certeza se que queria ouvir mais.

– Então, por que terminou com ela? – perguntei.

– Não consegui descobrir quem ela era.

– E o que isso quer dizer?

– Eu a achava interessante. Mas quando começamos a namorar... ela se tornou uma estranha imagem espelhada de mim. Tudo o que eu gostava, ela gostava. Tudo o que eu queria fazer, ela automaticamente queria fazer. Isso começou a me fazer querer subir pelas paredes. Eu não estava namorando com ela para estar em um relacionamento comigo mesmo, sabe? E, metade do tempo, nem sequer eram as coisas que eu realmente gostava ou queria. Inferno, eu só queria ficar sentado no meu quarto e trabalhar na minha música. Mas essa não era uma *atividade de casal*. – Ele fez sinal de aspas no ar ao dizer essas últimas palavras, revirando os olhos. – Além disso, e vai parecer terrível...

– O quê? – Terrível era exatamente o que eu queria ouvir.

– Bem, ela era meio desagradável em relação... a dinheiro. Sua família não é rica nem nada. Mas o jeito que ela gasta o dinheiro... Um dia ela comprou um refrigerante no almoço e deixou no auditório da ciência. Quando voltou, alguém já tinha pegado. Então, ela comprou outro... e nem sequer terminou. Simplesmente jogou fora com metade da lata cheia. À sua volta eu me sentia constantemente... pobre, eu acho.

– Ah. – Eu não sabia o que mais dizer.

– Tudo bem – ele disse. – Podemos mudar de assunto agora? Estou ansioso por um pouco de normalidade.

Eu dei um sorriso estranho.

– O quê?

– Nada – eu disse. – É só que... aqui também as coisas não estão muito normais.

– O que está acontecendo?

Ele sabia sobre as coisas esquisitas em relação aos meus avós desde sempre, então eu pulei para a parte em que Caro me fez pensar que eu deveria tomar uma atitude.

– E quanto das caixas você já viu? – ele perguntou.

– Nem metade. Mas estou esperando encontrar algo quando chegar nas mais antigas, que estão atrás.

Axel assentiu.

– Posso ajudar?

A pergunta me surpreendeu. Nem mesmo a Caro tinha se oferecido, talvez por respeito à minha privacidade. Esse era o tipo de pessoa que ela era: cuidadosa e atenciosa, especialmente quando se tratava de assuntos pessoais.

Mas isso era diferente. Axel era praticamente da família.

– Claro – respondi.

Ele suspirou, parecendo aliviado.

– Então, estou perdoado? Estamos bem?

Peguei meu carvão.

– Vou te contar a cor quando eu descobrir.



A metade das férias de inverno sumiu num piscar de olhos, engolida pelo porão. Com a ajuda de Axel, estava vasculhando as caixas de maneira mais rápida.

Caro e sua família estavam praticando *snowboard* no Colorado durante a semana, e prometi avisá-la se descobrisse algo interessante. De vez em quando, ela enviava uma foto aleatória. Eu me diverti com uma foto sua saltando no ar e uma de Gaelle e Charles caídos na neve, mas ainda de mãos dadas. Depois corri para esconder meu telefone quando ela enviou sua escultura de neve de uma vulva gigante.

– Seu telefone não para de tocar esses dias – comentou Axel.

– Com ciúmes?

Eu estava apenas tentando provocá-lo, a expressão incerta em seu rosto me fez ponderar que talvez minhas palavras tivessem atingido o alvo. Ele ergueu o rosto e revirou os olhos.

– Você vai gostar de Caro – eu disse a ele. – Quando ela voltar, você vai ver.

O mau tempo fez com que o voo de papai fosse cancelado, e foi o nosso primeiro Natal sem ele. Sua ausência era como uma fenda sobre a qual passávamos tantas vezes, que acabávamos esquecendo que estava ali – mas não no Natal. No Natal, havia um poço negro vazio que nos separava. Não éramos religiosos nem nada, mas esta era a época preferida da mamãe.

Durante toda a manhã, ela usou aquela falsa alegria do feriado como uma camisola. Papai ligou do hotel onde estava e falei com ele por cerca de vinte segundos antes de minha mãe pegar o telefone e levá-lo para cima. Fiquei de pé no corredor, com o ouvido atento, esperando para ouvir o início de uma discussão. Mas ela voltou à cozinha depois de alguns minutos e fritou vários guiozas. Axel veio depois do jantar para trocarmos presentes. Apagamos todas as luzes, exceto as piscantes luzinhas de Natal, e nos acomodamos na minha cama de pernas cruzadas, de frente um para o outro. Era uma regra não dita desde a sétima série: nossos presentes tinham que ser caseiros.

Ele abriu sua mochila e tirou a última coisa que eu esperava: um projetor da escola. Reconheci o sobrenome de um professor de História rabiscado na lateral.

– Você roubou um projetor? – perguntei.

– Peguei emprestado indefinidamente. Por causa da apresentação. – Ele abriu seu *laptop* e clicou em algumas pastas. – Feche os olhos.

Resmunguei.

– Estou falando sério! – Ele fechou o *laptop*. – Feche os olhos ou não recebe o seu presente.

Eu me joguei para trás, deitando-me, e segurei um travesseiro sobre o rosto. Eu podia ouvi-lo digitar.

– É difícil respirar assim, sabia?

– Você é ruim em seguir instruções. Eu não disse para se sufocar. – Mais sons de digitação. Alguns cliques. – Ok. Você se lembra do *pendrive* que lhe dei? Com as músicas de *Lockhart Orchard*?

– Claro. – Imediatamente desejei ter dito algo mais casual.

– Isso combina com as músicas. Você pode voltar.

Eu me sentei. Levei um minuto para focar meus olhos: ele havia colocado a luz do projetor em direção ao teto. Sobre a lente, havia um pedaço de vidro para distorcer a projeção. Intensas pinceladas de aquarela abobadavam teto e paredes.

– Pronto? Lá vai. Escute. – O dedo de Axel tocou a barra de espaço. A música começou, e eu

logo a reconheci. A ondulação das cordas, os contornos da guitarra elétrica. As aquarelas mudavam. Esboços de um parquinho em azul-royal giraram ao nosso redor. A música escureceu e o parquinho desmoronou. Raios pretos de relâmpagos apunhalaram o teto junto às notas que saltavam do baixo.

O mundo era feito de peças irregulares que giravam e se torciam. De alguma forma, ele pegou suas aquarelas e as desmembrou em elementos que se desencaixavam e encaixavam novamente.

– Fiz um vídeo para cada uma das músicas – disse ele, quase tímido.

– É incrível – eu lhe disse. – De verdade. Nem sei como você criou isso.

– Criei para o melhor funcionamento dessa maneira, projetado em uma bolha – ele disse com um sorriso.

Axel apertou um botão e a música seguinte começou a tocar.

Caí de costas e fiquei abraçada com meu travesseiro enquanto as imagens se curvavam e se deslocavam. Depois de alguns segundos, Axel também se deitou, colocando a blusa sob a cabeça. Eu podia sentir o cheiro do seu xampu. Era um cheiro agradável e me fez querer tocar seu cabelo. Olhei para ele.

Mas ele não estava assistindo à projeção. Ele estava me observando. Nossos olhos se encontraram e o calor subiu pelo meu rosto. Não desviei o olhar.



Toda vez que desperto dessas lembranças é como sair para tomar ar. Tento afastar a sensação de reviver minha vida. Tento pensar em algo mais, algo que não tenha a ver com Axel. Porque pensar em Axel é pensar naquele dia no sofá em seu porão, o mesmo dia em que minha mãe se tornou um pássaro. O dia em que tudo mudou de forma irreversível.

O que eu preciso é de um tipo diferente de lembrança. Minhas mãos estão doendo de tanto tecido que cortei, então coloco de lado as camisas e a tesoura, e abro a gaveta onde estão o incenso e os fósforos. Desde que a pena queimou e me mostrou o passado, fico tentando descobrir como aquilo aconteceu. O primeiro incenso me traz eventos de que quase esqueci. Mas quando acendo o incenso com a pena, aquilo ativa algo na fumaça. Algo diferente. Misturam-se memórias que não eram minhas, momentos que eu não sabia que tinham acontecido.

Sozinha no meu quarto, envolta no silêncio da insônia, acendo um novo pedaço de incenso. Desdobro o pano úmido, pego meu punhado de folhas de chá...

39

Fumaça & Memórias



Surge a faísca, as cores da mudança de tempo.

Há uma explosão de luz e sinto cheiro de madeira. Lentamente, meus olhos se acostumam com a escuridão. Estou em uma pequena casa onde um fogo baixo queima em uma lareira esculpida na parede. Ao me virar para olhar, vejo que algumas partes estão mais desfocadas do que outras, suas cores desapareceram, como em fotografias antigas.

Há uma mulher movendo-se sob um cobertor esfarrapado em uma grossa cama de grama seca. O rosto vermelho, devido ao esforço, brilhava de suor.

– É uma menina – a parteira anuncia do pé da cama. Ela definitivamente não fala a minha língua, mas eu a entendo como se falasse.

Ela segura uma cintilante tesoura de aço, abre-a como os dentes, corta o cordão umbilical com um golpe ressonante.

A mãe aproxima as mãos dos agitados e pequenos membros.

– Uma filha – diz o marido. – Vamos ficar com essa?

A mulher limpa um pouco de placenta que está presa ao nariz do bebê.

– Não. Esta nós venderemos.

As cores mudam, escurecem. Um brilho e uma explosão trazem de volta a luz.

A mesma mulher na entrada de sua cabana balança o bebê, pequeno e inocente, envolto em trapos. O rosto da mulher estava borrado e vazio; o marido, ao lado dela, parecia destruído. Ele pega um punhado sujo de dinheiro da mão de um homem calvo que está na grama, do lado de fora da casa. O homem leva a criança. Uma transação fácil, sem emoção.

O homem careca carrega o bebê através do campo, sob as árvores. Passa as árvores e sobe uma montanha. E dentro de sua simples casa de barro, ele mostra a menina para sua esposa. Ela balança outro minúsculo corpo em seus braços, ajudando a boca a encontrar o mamilo e se alimentar.

– Como devemos chamar a nossa nova filha? – pergunta o homem.

– Yuanyang – ela responde, balançando-se.

– Como os pássaros? – indaga o homem, sem parecer surpreso.

– Como os pássaros – ela confirma.

– Yuanyang – o homem repete para si mesmo.

Alguma coisa sobre a fumaça, a maneira cuidadosa de dizer o nome. De repente eu entendo: aquela é minha avó. Yuanyang é *waipo*.

– Yuanyang – o homem diz mais uma vez, levando-a ao outro canto da sala para mostrar-lhe a outra criança –, veja quem a mamãe está segurando. Esse é o nosso filho, Ping.

Um piscar, a escuridão, um clarão. Novas cores aparecem. O cheiro desta memória é terroso e verde.

Yuanyang, com sete anos, observa todos cumprimentarem o tio que veio para comemorar o Ano-Novo Lunar. Eu posso ver o que se passa em sua mente, posso ouvir seus pensamentos,

sentir o que ela sente.

– Ping! Você está ficando tão alto! Logo você estará mais alto do que sua mãe. – O tio ri profundamente enquanto atravessa a porta. – Oito anos de idade. Esse é um número de sorte. Será um bom ano para você.

Ping ri.

– Obrigado por ter vindo, tio. Feliz Ano-Novo.

– Obrigada por vir – a mãe reforça. – Você deve estar cansado da viagem. Yuanyang, traga o chá para o seu tio!

A pequena cozinha está repleta de sobras do que a mãe preparou. Especiarias secas cobrem a bancada de madeira utilizada como uma mesa. Bolinhos com molhos e azeite. Inhame torrado, folhas de inhame fritas, mingau de arroz. Sopa de macarrão – sem carne, mas feita com ossos de porco, o que é bem próximo, um deleite raro. Um punhado de espinafre, trazido por um vizinho que fez uma viagem pela montanha. Há até alguns ovos cozidos em especiarias – se Yuanyang tiver sorte, ela conseguirá um pedacinho de um deles.

Ela se pergunta como eles podem pagar por toda aquela comida. Sorte de Ping, cujo aniversário coincide com o mais importante feriado. Só uma vez por ano eles comem como pessoas que merecem sobreviver.

Seus olhos caçam o bule de barro aquecido por ela apenas momentos atrás. Lá está, em um toco de árvore ao lado do balde grande, na parte de trás da cozinha, a única fonte de água da casa. Ela envolve a mão em trapos para que a panela não a queime.

Yuanyang prepara uma xícara diante do tio e derrama o chá vermelho devagar, cuidando para que o cotovelo se afaste dele, de modo a não ser grosseira. Ele bate dois dedos sobre seu joelho em agradecimento, e ela se encolhe. Seu trabalho é melhor quando ela se torna invisível, misturando-se à parede, tornando-se uma com o escasso mobiliário.

Ela se dirige para a cozinha, sabendo que a mãe quer que ela limpe a bagunça. Mas quando sai, ouve o tio rir e dizer:

– Quando chegar a hora, Yuanyang será a esposa perfeita para Ping.

A pequena Yuanyang fica tensa, quase foge. Então, ela ouve a mãe dizer em voz baixa:

– Eu só espero que seus quadris cresçam, ou ela não conseguirá suportar uma gestação saudável.

A escuridão cai como um véu, seguido de um raio de luz que abre espaço a novas cores.

No lado inclinado de uma colina, Yuanyang, de nove anos, está entre os arbustos que chegam à altura de seus ombros. Ela usa um lenço em farrapos amarrado ao redor da cabeça, e uma faixa de couro aperta o tecido em torno de sua testa, suportando uma cesta de palha contra suas costas. O suor escorre por suas têmporas, por todo o rosto. Suas mãos rápidas arrancam as folhas e os botões da parte superior dos arbustos.

À medida que Yuanyang atravessa a montanha, ela se pergunta quem é sua família biológica, como poderia ter sido a vida com eles. Ela imagina uma mãe costurando seus lindos vestidos, fazendo tranças elegantes em seu cabelo. Um pai que lhe ensinaria canções e acompanharia sua voz com uma flauta de bambu, com os dedos cobrindo apressadamente os buracos e os lábios soprando o ar. Yuanyang se pergunta se teria algum irmão. Ou talvez uma irmã com quem compartilhar a cama e sussurrar segredos.

Com uma mão, ela limpa o suor sobre as sobrancelhas. Esse trabalho é exaustivo, mas é mais fácil do que a escola. Mais fácil do que estudar os caracteres, desenhá-los na lama, preocupar-se que um erro pudesse fazer o professor bater-lhe com a palmatória. Ali, entre as folhas, o único castigo a ser sofrido é a queimadura do sol, a coceira ocasional ou a picada de algum inseto. Mas

é silencioso. Ninguém lhe diz como pensar. Suas mãos estão ocupadas, mas sua mente é livre para vagar.

Ela aperta um punhado de folhas de chá perto do nariz e inala profundamente, deixando os cheiros verdes lhe contarem os segredos da terra.



Aquilo era real? Tinha que ser.

Meu cérebro revira todas essas informações de um lado para o outro.

Yuanyang.

Penso na maneira cuidadosa como minha avó preparou o chá. O jeito como ela olhava com atenção para dentro daquela bolsa com folhas muito onduladas.

Digo seu nome em voz alta para sentir sua forma em minha língua.

– Yuanyang.

Yuanyang é minha *waipo*.

Isso faz de Ping... meu *waigong*?

Tudo no meu cérebro cintila com tamanhas surpresas, são tons iridescentes, como as cores fixadas pelo sol contra uma superfície recoberta de óleo. Maravilha e tristeza. Porque eu sempre imaginei que um dia seria minha mãe quem me contaria as histórias de sua família. Não memórias que se materializam a partir de fumaça de incenso, memórias que parecem roubadas.

E, de alguma forma – estou absolutamente segura disso –, esses vislumbres do passado me levarão até minha mãe, até o pássaro. Esses fragmentos me ajudarão a encontrá-la, a trazê-la para mim.

E quando chegar a hora, estarei pronta.

Pego a tesoura de volta, enfio o indicador e o polegar nas alças de plástico para conseguir firmeza.



Termino de cortar todas as camisetas, e minha mão está dolorida, então, decido tentar descansar um pouco.

Meu corpo está pesado de exaustão, mas meu cérebro não para. Vibro como um animal inquieto. Quando fecho os olhos, o passado começa a dançar na escuridão como se fosse redemoinhos de luz.

Já nem me lembro de como é dormir. O rosto, o cheiro e a textura do sono estão esquecidos, como se tivessem sido apagados da minha mente.

Penso no templo, nas pessoas cantando, na melodia de suas palavras escuras e na alegria.

Penso naquela cauda que vimos passar por nós. O que eu preciso é que ela desça do céu e fique por algum tempo aqui.

Eu quero que vocês se lembrem

Vou jogar essa rede, gentil e amorosamente, para que ela perceba que não quero machucá-la. Eu vou pegá-la e ela, então, vai falar comigo. Ela vai me dizer o que preciso saber.

Um clarão e o teto fica sombrio. As fendas estão lá mais uma vez. Elas se ampliam e se espalham ainda mais. Estendem-se por toda a superfície e começam a descer pelas paredes. Um canto da parede desaparece, como se alguém tivesse tirado um pedaço dali. Não há nada para ser visto lá, apenas o esquecimento composto do mais negro tom de preto.

Mais um clarão e tudo desaparece.



Na escuridão do início da manhã, a tela do meu celular brilha como um relâmpago, branca e quente, enquanto o último e-mail é carregado.

Axel.

DE: axeldereckmoreno@gmail.com

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: (sem assunto)

Às vezes eu chegava à sua casa para os waffles de domingo antes de você acordar. Nessas manhãs, sua mãe e eu nos sentávamos e tomávamos um café antes de ela começar a fazer a massa. Houve um domingo em que, do nada, ela me perguntou: “Você gosta de Emily Dickens?”.

Perguntei se ela se referia à poetisa Emily Dickinson, porque isso foi logo depois de termos aberto todas aquelas caixas. Ela disse que sim, e na sequência começou a recitar poemas com sua voz calma e firme.

Penso bastante a respeito daquela manhã. Sempre me lembro de um dos poemas:

*"Um Mundo perdi – há dias!
Será que Alguém o encontrou?
Por um Diadema de Estrelas,
Se conhece onde ficou."*³

Não tenho certeza se esse é o poema completo. Mas penso muito nisso. Me pergunto o que foi que ela perdeu.

Tradução extraída de: SENA, Jorge de. *80 Poemas de Emily Dickinson*. Lisboa: Edições 70, 1978.

43

Inverno, primeiro ano



No fim das férias de inverno, Axel e eu estávamos terminando de ver as últimas caixas.

– Ai! Caramba! – ele gritou, levantando-se e balançando os braços.

– O que foi? – Levantei-me, alarmada. – O que aconteceu?

– *Aconteceu* uma aranha. Com certeza, era uma aranha. Entrou ali embaixo. – Ele apontou para a caixa que estava abrindo.

Revirei os olhos, inconformada.

– É sério? A menos que seja venenosa...

– Não... ugh. Acho que era uma daquelas marronzinhas.

– Pô, Axel! Uma *aranhinha daquelas*. Elas são praticamente a vergonha da família dos aracnídeos. Achei que você já havia superado isso.

– Não é engraçado – ele retrucou, apertando os dentes. – Você vai matá-la?

– Claro, se você me ajudar a levantar a caixa para que possamos encontrá-la.

– Ugh. *Está bem*.

Ele pegou duas bordas da caixa e segurei do lado oposto. Nos movemos três passos para a direita e, quando esticamos o pescoço, vimos a marca quadrada no carpete bege. A marca era funda e não havia nada ali.

– Eu não vejo nada.

Ele apertou os olhos.

– Meu Deus. Se estiver *nesta caixa*...

Naquele momento, vi as patinhas da aranha saindo pela borda inferior, não muito longe da minha mão esquerda.

– Não olhe – comecei a dizer, mas já não dava mais tempo.

Axel gritou e soltou o seu lado da caixa, dando um pulo para longe. Eu também soltei. A mudança de peso foi muito rápida para que eu conseguisse segurar tudo sozinha.

E, então, não pude evitar: curvei-me, gargalhando amarelo monoazo; rindo tanto que chegava a cuspir. Eu ri até meu estômago começar a doer e minha garganta estar seca. Eu chorava de rir. Era por causa da aranha, mas também porque eu não me sentia tão à vontade e normal em meses.

Ele abriu um sorriso tímido.

– Parece que está morta.

– Feliz agora? – Eu ainda tentava engolir as últimas risadas.

– Ficarei assim que você se desfizer do corpo.

– Jesus Cristo. – Fui procurar um lenço.

– Você não acredita em Cristo.

– Também não acredito em matar coisas, e olha o que acabei de fazer por você.

Nós abrimos a caixa juntos. Então ficou óbvio: aquela era diferente das outras. Em vez de pastas e papelada, aquela caixa continha, principalmente, envelopes.

Axel pegou alguns e espalhou-os em um leque.

– Estão todos fechados.

Eu escolhi um. Estava endereçado a Dorothy Chen, mas havia três caracteres chineses ao lado do nome. O endereço do remetente estava escrito em chinês, exceto pelo final, onde se podia ler: TAIWAN (REPÚBLICA DA CHINA).

Ordenamos os envelopes pelas datas neles indicadas. Os últimos eram de quase uma década atrás.

– Caramba – soltei. – Não posso acreditar que ela nunca leu nenhuma dessas cartas.

– De quem você acha que são? – questionou Axel.

Balancei a cabeça. Eu queria perguntar ao meu pai... Mas não havia como ele me dizer coisa alguma.

– Você acha que são deles? – indagou Axel. – Dos seus avós?

Peguei uma pilha de cartas e as examinei. Em todas elas, o endereço do remetente dizia *Taiwan*. E o nome – ou o que eu deduzi ser o nome, composto por aqueles traços de caneta – também era sempre o mesmo.

Fiz que sim lentamente com a cabeça.

Axel alcançou a caixa para tirar mais algumas cartas e um item pesado caiu de sua mão. Ele puxou o objeto para fora: uma pulseira. Eram pequenas peças verdes e leitosas de jade sobre ouro amarelo, as peças ligadas entre si. Coloquei em meu pulso; as pedras eram pesadas e frias no contato contra minha pele. A quem haveria pertencido?

– Isso é inusitado – disse Axel, erguendo um livro de couro antigo onde se lia: *Os poemas de Emily Dickinson*.

O cheiro azedo, de mofo, indicava ser uma obra antiga. Um objeto uma vez amado, mas depois esquecido. Eu esperava encontrar anotações nas margens; não havia nenhuma. Mas havia trechos sublinhados, caixas tinham sido desenhadas em torno de determinadas palavras, destacando histórias inteiras. Algumas páginas estavam faltando, outras estavam manchadas. Os cantos já amassados e frágeis de tanto serem dobrados para marcação. Abri o livro em uma página aleatória:

*Deixaste-me duas heranças –
Uma de amor
Digna do Pai Celeste
Se a ele legada for;*

*Outra, de dor infinita
Vasta como o mar,
Entre o tempo e a eternidade,
O teu e o meu meditar.*⁴

– Essa é a única coisa em inglês aqui – disse Axel, olhando para a caixa. – Supondo que todas as cartas estejam em chinês, é claro.

E elas estavam? Era uma questão importante. Mas se eu abrisse um envelope, seria como ultrapassar um limite. O que eu estava fazendo agora, olhando as caixas, era simplesmente exploratório. Mas no momento em que abrisse uma carta de outra pessoa, estaria bisbilhotando. Estaria invadindo sua privacidade. Meu corpo sentiu o laranja com a culpa preventiva.

Um pensamento me atingiu: e se meus avós nem soubessem que eu existia? E se eles não tivessem ideia de que havia um descendente deles, meio asiático, meio branco, na cidade de

Fairbridge, morrendo de vontade de encontrá-los?

Isso seria um problema e tanto. Eu podia ouvir a raiva de Caro agitando-se na minha caixa torácica, e a curiosidade de Axel espalhando-se por minha espinha.

O que *eu* sentia, independentemente dos sentimentos dos outros?

Apenas o fresco verde-menta de ser incapaz de processar tudo o que estava diante de mim.

Abri uma das cartas de Taiwan antes de ter a chance de mudar de ideia.

Linhas de caneta fluíam pelo papel em traços finos e precisos. *Estava* tudo em chinês. Não consegui ler uma palavra. Achei que fosse reconhecer, pelo menos, algo – um *você* ou um *eu* ou um *de...* mas nada parecia se encaixar. Essa escrita não era como a que eu costumava ver quando papai me ensinou alguns dos princípios básicos. Parecia o equivalente chinês da letra cursiva. Elegante. Movendo-se como água. Difícil de ler.

Enquanto mexia na última pilha de cartas, um pequeno retângulo rígido escorregou do meio dos envelopes. Ele caiu no meu colo, virado para baixo.

Uma fotografia. Em preto e branco – ou mais para marrom e amarelo, já que o tempo a havia desbotado – que mostrava duas garotas lado a lado, encarando a câmera, sem sorrir. Ambas usavam vestidos claros e sapatos boneca pretos. O cabelo de uma das meninas estava preso em uma longa trança espinha-de-peixe colocada na frente de um dos ombros. A outra tinha tranças altas que pendiam de cada um dos lados da cabeça. Elas pareciam irmãs.

Axel se inclinou para ver:

– Quem você acha que elas são?

– Não tenho ideia.

– Talvez uma delas seja a sua avó? – ele sugeriu.

Apertei os olhos como quando eu tentava identificar os pontos mais claros e mais escuros para um desenho. Meus olhos procuravam algo para chamar de familiar em algum dos rostos, mas o que estava lá para ver? Eram apenas duas meninas, provavelmente ambas com menos de oito anos. Eu coloquei a foto no livro de poesia.

Naquela noite, vi as meninas da fotografia. No meu sonho, elas tinham os mesmos rostos, usavam os mesmos vestidos e sapatos, mas haviam ficado mais altas. Abaixo do pescoço, seus corpos eram velhos e enrugados. Eles se curvavam ao caminhar.

– *Quem é você?* – elas indagaram sem mover a boca. – *Quem é você?*

– *Sou a filha de Dory* – respondi.

– *Dory não tem uma filha* – elas disseram.

Elas estenderam as mãos e pegaram apagadores escolares, daqueles que têm feltro na parte de baixo, e começaram a me apagar, iniciando pelos meus pés e subindo pelo meu corpo. Quando meus joelhos se foram, fiquei presa no lugar, forçada a assistir meu corpo desaparecer.

Eu acordei, assustada, bem quando elas estavam prestes a apagar minha cabeça.

Tradução extraída de: OLIVEIRA, S. R. *14 poems by Emily Dickinson: a translation*. In: *Revista Estudos Germânicos*, v. 7, n. 1, p. 161, dez. 1986. Belo Horizonte: UFMG, 1986.



Ao menos o ar não está tão denso e um frescor preto de veludo acaba de chegar.

Ele me cobre, instala-se como um cobertor. Tudo é escuro no quarto até eu não conseguir mais ver o teto ou as paredes. Somos apenas eu e o ritmo da minha respiração. Meu peito subindo e descendo. Meus dedos se soltam.

– Leigh.

Não estou no meu quarto. Estou vagando por um céu vazio, fresco e sem nuvens, livre de gravidade. Estou flutuando através do preto mais preto.

Quando o barulho suave de asas atinge meus ouvidos, sei exatamente o que estou prestes a ver.

– Mamãe?

O pássaro vem em minha direção, saindo da escuridão, majestoso e gracioso, suas asas vermelhas, brilhantes.

Estendo meus braços para abraçar a ave. Ela bate asas uma vez, duas vezes.

Vacila. Suas patas movendo-se desesperadamente, buscando apoio. Quando suas garras afiadas se fecham no ar, o pássaro se desfaz em cinzas. Desintegra-se, vira pó, como uma vareta de incenso.

Ele suspira:

– Leigh!

Meu coração bate em minha garganta. Pisco e me sento. Minha mãe se foi.

Um sonho. Apenas um sonho. Mas o som de sua voz ecoa em meu ouvido até amanhecer.



Meu coração ainda batia forte quando a pálida luz da aurora inundou o apartamento.

A noite passou muito rápido e muito devagar, uma passagem agonizante por todas as cores sombrias e silenciadas.

Quarenta e dois dias agora. Sei exatamente o significado do sonho: a cada dia que passa, minha mãe diminui. Eu tenho que encontrá-la.

Quarenta e dois dias.

Na sala de estar, encontro *waigong* na porta, tirando os chinelos e colocando um sapato de sair para a rua. Ele se apoia com uma mão na parede e usa a outra para colocar seu tênis e fechar o velcro.

Meu avô sorri para mim quando nossos olhares se encontram. Ele estende a mão com a palma virada para baixo e a acena para o chão. Levo um momento para processar o gesto: ele está me convidando para ir com ele.

Quarenta e dois dias.

Talvez vejamos algo. Uma dica do pássaro. Uma pista.

Waigong é mais lento do que *waipo* por conta de sua bengala, que o ajuda a se manter equilibrado. O céu ainda está acinzentado quando partimos, mas se abre para as cores suaves da manhã enquanto caminhamos. Terminamos no parque, passeando pela vegetação, fazendo uma pausa para assistir a insetos rastejando por dentro das flores.

A princípio, o silêncio é estranho. Mas assim que me acostumei, comecei a falar com ele em inglês. É legal fingir que ele me entende.

– Eu tive um sonho – digo-lhe. – Um sonho horrível.

Meu avô me olha fixamente. Ele nos conduz a um banco, onde nos sentamos para apreciar a vista. Observamos dois garotinhos correndo um atrás do outro em torno do parquinho. Do outro lado, há uma mesa sob um gazebo. Dois idosos estão sentados frente a frente e contemplam algo entre si. Algum tipo de jogo. Eles se revezam na movimentação em torno de peças planas.

– O que estão jogando? – pergunto.

Waigong não diz nada, mas imagino que seja algo como gamão, ou talvez damas.

Enquanto ele os observa, eu o estudo um pouco, procuro os traços de Ping em seu rosto. Seria ele? Eu tento imaginar *waigong* crescendo ao lado de *waipo*, como um irmão.

A estranheza do pensamento me incomoda. Mesmo que ela fosse adotada. Ainda assim. Irmão e irmã, noivos, e depois casados. *Eles* não achavam estranho?

Um zumbido toma o ar. Há um som de percussão, acelerando sua batida, encontrando um ritmo constante. O ruído fica entre um arranhar e um zumbido elétrico.

Meus olhos fazem uma varredura rápida, mas não encontram nada em que se fixar.

– O que é isso?

Waigong aponta com um dedo trêmulo.

Lá está, no ramo fino da árvore mais próxima, quase do tamanho do meu polegar, marrom e imóvel.

Uma cigarra.

Eu a observo por um longo momento antes de perceber que ela está muito parada. É apenas a casca, uma casca deixada para trás, uma casa vazia.

Não podemos ver a que está cantando, mas seu canto é cada vez mais alto. O ritmo muda, acelera, ralenta. É como uma onda que recua na maré baixa. Nós a ouvimos até a música morrer.

Antes de voltarmos para casa, meu avô para próximo a algumas flores roxas. Ele as toca, passando os dedos por suas bordas sedosas, empurrando cada uma delas para o lado até encontrar a flor perfeita. Seus dedos descem pelo caule até perto da grama, onde ele aperta bem e o quebra.

Quando ele segura a flor diante de mim, digo-lhe:

– Isso é adorável.

A flor mais perfeita. Nós a levamos para casa, para *waipo*.



A primeira coisa que vejo quando *waigong* e eu entramos no apartamento é Feng, usando outra de suas camisas florais com cores tão carregadas que me machucam os olhos – girassóis pintados com tons de néon. Ela está sentada à mesa de jantar, onde há tigelas de mingau de arroz, e conversa alegremente com minha avó em um taiwanês veloz. A televisão está com o volume muito alto, mas elas falam ainda mais alto. O barulho machuca meus ouvidos. Sem interromper sua frase, Feng se vira para nos cumprimentar com um sorriso de cegar.

Eu engulo um suspiro. *Waipo* e *waigong* não se cansam dela?

Feng descreve algo com as mãos, desenhando círculos largos, quase como uma caricatura.

E, à sua frente, *waipo* se contorce, os olhos apertados, inclinando--se fortemente contra a porta da cozinha, rindo como se fosse tudo o que ela soubesse fazer. Na televisão, uma plateia também ri. É como se o universo tivesse programado uma piada ridícula para sincronizar tudo e sou a única que não vê graça.

Eu tiro meus sapatos fazendo barulho.

– Leigh – diz Feng –, *lai chi*.

Venha comer. Como se ela fosse a anfitriã. Como se ela estivesse mais em casa do que eu.

Puxo a cadeira de debaixo da mesa o mais ruidosamente possível.

– Talvez devêssemos colocar algum *yinyue*? – Feng pergunta, parecendo satisfeita consigo mesma pela mistura entre inglês e mandarim. – *Yinyue* significa...

– Música – digo antes que ela possa terminar. – Eu sei. – Meu bom humor por conta da caminhada com *waigong* está arruinado.

– Oh. – Ela estuda meu rosto por um momento enquanto tento deixar minha expressão imóvel como uma pedra. – Está tudo bem?

– Claro – respondo. – Claro.

Feng se vira e fala algo em taiwanês. Inicialmente, pergunto-me se ela está chamando a atenção de *waipo* a respeito de eu ter sido rude. Mas minha avó responde gesticulando excitadamente com uma mão no ar. Ela abre caminho lentamente pela sala para desligar a televisão e ligar um antigo leitor de CD.

Cordas murmuram como uma onda. Um xilofone junta-se, mais alto, a delicadas notas soltas, como sinos pendurados nas estrelas. Uma mulher começa a cantar, sua voz é amanteigada e calorosa com seu *vibrato* lento. As palavras são em mandarim.

Feng canta junto – ela tem uma voz surpreendentemente bonita – e sorri com a letra, seu rosto ganha mais cor e brilho.

– Esta música já foi muito popular – ela me conta durante uma parte que é apenas instrumental.

E, então, percebo que a melodia me é familiar – de alguma forma, reconheço aquela música. Mas, ao mesmo tempo, tenho certeza de que nunca a ouvi antes, porque nunca na minha vida eu havia escutado músicas que não fossem cantadas em inglês. Poderia ter sido algo que ouvi quando era bebê? É assim que a memória funciona?

De repente, entendo: não escutei essa música *cantada*, mas eu a ouvi sendo tocada no piano. A melodia nas oitavas superiores, o acompanhamento dedilhado pela mão esquerda. Quando fecho os olhos, posso ver minha mãe inclinada sobre o piano, os olhos apertados, as mãos sentindo a música. Tudo o que eu sabia é que era improvisado: essa era uma das músicas que ela nunca tocava do mesmo jeito duas vezes.

Na cadeira ao meu lado, *waigong* desenha pequenos sorrisos no ar com um dedo, movendo-se no tempo para a música, como se fosse ele a dirigir a orquestra.

– O nome da cantora é Teresa Teng – diz Feng. – Deng Lijun. Você já ouviu falar dela?

– *Ni mama zui xihuan* – diz *waipo*. *A favorita da sua mãe.*

Ela traz a caixa do CD. A capa mostra uma mulher de bochechas rosadas, cabelos pretos enrolados e volumosos e uma expressão suave e recatada em seu rosto.

Waipo enche a mesa com pratos cheios de opções para complementar o tradicional mingau de arroz, o *congee*. Tem o adocicado picles preto e os macios brotos de bambu imersos em óleo – costumava adorar esses últimos. Não me lembro da última vez que os comi. Há também verduras salteadas que não reconheço, pedaços de salsicha e patês e tofu coloridos. Na última tigela, há pequenas bolinhas de algo marrom e mole em um xarope com amendoins cozidos nas bordas.

Sigo o exemplo de *waigong* e uso os pauzinhos para me servir de um pouco de tudo.

– *Waipo, ni zai nali...* – Eu começo com a voz forte e firme. *Onde você...* Eu luto para encontrar as palavras em mandarim. Quero eu mesma fazer a pergunta, para ver a expressão em seu rosto.

– Apenas diga o que quer em inglês – diz Feng, que nos observa comer. – Eu traduzo para você.

Mal consigo mastigar sentindo a grosseira resposta em minha garganta. Quero jogar na cara dela que não preciso de uma tradutora, mas isso é mentira. Eu preciso. Preciso dela se eu quiser conseguir respostas para as minhas perguntas.

– Eu quero saber onde ela nasceu e onde ela cresceu – digo com relutância, arrastando as palavras, odiando o som delas em inglês. – Como era a vida dela com a sua família.

Feng começa a falar em taiwanês. Eu gostaria que ela usasse o mandarim para que eu pudesse ouvir como se dizem as coisas.

Waipo olha para mim enquanto responde. Fico grata por seu olhar.

– Ela diz que nasceu fora do distrito de Alibung Mountain. Os pais dela não tinham dinheiro e já tinham um filho. Ela era apenas uma garota. Então, eles a venderam para outra família.

Eu balanço a cabeça.

– Mas você... – volto-me para Feng. – Ela era filha deles.

– Quando ela crescesse e se casasse, ela se tornaria filha *daquela* família. Portanto, não era uma boa escolha econômica para seus pais mantê-la, ter que alimentar e criar alguém que iria embora. Fazia sentido vendê-la.

Minha avó balança a cabeça, confirmando, com naturalidade.

Penso na mulher de minha lembrança. O homem calvo carregando o bebê.

– Isso era... uma coisa comum?

– Era – confirma Feng. – Na verdade, os pais adotivos de *popo* venderam sua própria filha para ter o dinheiro para comprar sua avó. Foi um bom negócio para eles, pois *popo* crescería e seria a esposa de seu filho.

– Mesmo que eles tenham sido criados *juntos*? Mesmo que isso fizesse dele seu irmão?

– Vivendo com eles, *popo* aprenderia todos os hábitos e preferências da família – explica Feng. – Eles poderiam transformá-la na nora perfeita. E então, quando ela se casasse com seu

filho, não haveria necessidade de um dote.

– Então *waigong*... – eu começo a perguntar.

Waipo sorri e se apressa para falar, as palavras caem de sua boca rapidamente.

– O noivado não saiu exatamente como planejado. Seu pai adotivo morreu, e *popo* era apenas uma criança, então, ela largou a escola e começou a trabalhar colhendo folhas de chá para que eles tivessem dinheiro para sobreviver. Ela se tornou a principal fonte de renda da família.

– E o seu irmão? – pergunto.

Waipo encolhe os ombros.

– Ele não sabia assumir qualquer tipo de responsabilidade. Não tinha o coração ruim... Apenas era um garoto rebelde que perdeu o pai muito jovem. Quando *popo* atingiu a maioridade, sua mãe a chamou e disse: “Yuanyang, você não precisa se casar com ele. Você foi uma boa filha. Você tem um coração muito bom. Faça o que quiser. Viva a sua vida e seja feliz”. E, assim, o noivado foi rompido.

Tento imaginar uma vida provinciana, nas montanhas, colhendo folhas de chá, sem ir para a escola. Se eu fosse minha avó, acho que teria fugido.

– Ela foi embora?

Waipo balança a cabeça.

Feng traduz:

– Ela ficou. A mãe de *popo* a ensinou a cozinhar e a costurar. Ela também lhe ensinou como cuidar das galinhas, como montar cordões de fogos de artifício para vender para o Ano-Novo Lunar. Elas se davam bem. Eram a verdadeira família uma da outra. Então sua avó ficou com ela, na mesma casa onde sempre viveram... Até o dia em que um jovem veio e bateu na porta. Um homem que *popo* nunca tinha visto antes.

– *Waigong* – arrisco, olhando para a minha esquerda.

Ele sorri para mim e nega com a cabeça.

– Não – Feng continua. – Não era o seu avô. Isso foi antes de ele se mudar da China para Taiwan. Quando sua mãe abriu a porta, o homem disse: “Há 18 anos perdi minha irmã. Ela era apenas um bebê quando meus pais a venderam para uma família na montanha. Estou tentando encontrá-la”.

Pisco, sem acreditar.

– Era realmente o seu irmão?

O rosto de *waipo* abre um sorriso distante.

– Era, sim. Depois de anos de luta, sua família biológica havia reivindicado um terreno e construído seu próprio hotel. Eles estavam prosperando.

– E depois disso, o que aconteceu?

A expressão de *waipo* muda. Sua voz fica mais baixa.

Feng explica:

– Sua mãe lhe disse para ir com o irmão, para voltar para a família em que nascera. E sua avó obedeceu. Ela fez exatamente o que lhe foi dito. Então, *popo* desceu a montanha com seu irmão. Ela começou a trabalhar no hotel da família. No início, ela ia visitar a mãe todas as semanas, mas logo ficou muito ocupada. Passou um mês, e depois dois. Seu *waigong* hospedou-se no hotel, eles se conheceram e se apaixonaram, e o tempo desapareceu. E quando *popo* voltou a fim de rever sua mãe, ela estava gravemente doente.

Meus pulmões se contraem; não me movo. Se eu ficar quieta, não sentirei a dor na expressão da minha avó.

– Era nítido que a vida naquela casa na montanha já não era mais a mesma. *Popo* acha que,

quando ela foi embora, levou algo consigo, algo invisível, mas necessário. Sua mãe adotiva piorou com muita rapidez. *Popo* lhe levava remédios e ervas. Ela se ofereceu para voltar, mas sua mãe não quis. Ela disse: “Sua nova vida está na cidade. Vá viver e seja feliz. Eu ficarei bem”. Naquele momento, sua mãe parecia quase normal e saudável de novo. *Popo* visitou-a apenas mais uma vez depois disso.

Deixo o ar entrar. Meus olhos estão doendo. A voz de *waipo*, ainda mais baixa.

Feng hesita. Ela puxa um suspiro por entre os dentes:

– Sua avó soube de sua morte quando seu filho, o irmão adotivo de *popo*, foi ao hotel procurando por ela. Ela soube no momento em que o viu. Ela abriu seus braços e ele caiu neles e chorou. É a única vez que ela se lembra de tê-lo tocado. Ela tentou arranjar um emprego para ele no hotel, mas ele não quis. Juntos, cremaram o corpo de sua mãe e fizeram as homenagens. Essa foi a última vez que ela o viu.

Minha avó recolhe as tigelas e os pratos vazios. Eu a vejo se dirigir para a cozinha. Quando pensa que ninguém está olhando, ela passa rapidamente o dedo no canto do olho.



O sol da tarde divide meu quarto em linhas e triângulos, manchas de luz e sombras geométricas. Estou sentada na minha cama, tentando pensar em tudo o que vi. Tudo o que sei.

Minha mente está cambaleante. Se fecho os olhos, sinto uma forte sensação de vertigem, como se estivesse em queda livre em um abismo enorme e escuro. Um desfiladeiro profundo que marca onde o mundo da minha família se separou, onde a fundação ruiu. É a ruptura na história da minha família. A ruptura ampliada pelo fato de a minha mãe ter se transformado em um pássaro.

Meus olhos doem. Uma pressão envolve meu crânio, como duras correntes que se enrolam contra minhas têmporas e me apertam.

Tento ignorar a dor de cabeça, lutar contra ela apenas com força de vontade. Meus dedos juntam os fios das camisetas e começo a tecer minha rede. No início se parece mais com uma trança, os fios passando por cima e por baixo são como ondas no mar. Fico preocupada com o fato de não ter tecido suficiente para fazer uma rede tão grande quanto preciso, mas isso só significa que terei de ser muito precisa ao usá-la.

Meu telefone apita. Há novos e-mails esperando por mim.

Um é de meu pai, porque nunca respondi à sua primeira mensagem.

DE: bsanders@fairbridge.edu

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: RE: Check-in

Leigh, já falei por telefone com sua avó e lhe dei essa informação, mas meu número de Hong Kong está abaixo, então, fique à vontade para me ligar. Ou escrever. Me conte como você está.

Revirei os olhos e salvei a mensagem. Há uma questão mais urgente: uma nova mensagem de Axel.

DE: axeldereckmoreno@gmail.com

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: (sem assunto)

Dory não sabia que a estava gravando. Eu fui para sair com você, mas você não estava em casa por algum motivo. A porta estava destrancada, então entrei e Dory estava ao piano. Ela tocava algo diferente do que de costume. Eu a observei de trás da parede e parecia que ela estava tocando uma melodia específica. Gravei um bom pedaço e parei com alguns sintetizadores e cordas. Às vezes, quando escuto

O e-mail termina assim.

Clico no link na parte inferior. Outra música em mp3. Demora uma eternidade para carregar, mas quando enfim toca, um arrepio serpenteia pela minha coluna.

É Teresa Teng, a mesma música que *waipo* colocou quando tomávamos café da manhã.

Atrás de minhas pálpebras, vejo as cuidadosas mãos da minha mãe passando pelas teclas, sentindo a melodia com seus altos e baixos, os olhos fechados, a expressão no rosto nos tons sépia da nostalgia por conta da música azul viridiano.

Posso vê-la.

Posso ver tudo.

48

Inverno, primeiro ano



Era a última manhã das férias de inverno. Fiz café para mim usando a prensa francesa de papai e fiquei sentada, sozinha, na cozinha por uma boa hora, tentando esquecer o sonho com as duas meninas da fotografia.

Suas palavras ecoavam no meu cérebro: *Dory não tem uma filha.*

Ser extinta por aqueles apagadores de lousa coçava e queimava. A sensação ainda estava nas minhas pernas. Não podia impedir a sensação de querer ser conhecida e lembrada.

Eu precisava de uma distração. Meus dedos, aleatoriamente, abriram o livro de Emily Dickinson.

*A Dor — tem Algo de Vazio —
Não sabe mais a Era
Em que veio — ou se havia
Um tempo em que não era⁵*

– O que é isso? – questionou minha mãe ao entrar.

Dei um pulo na cadeira. Derramei café da caneca.

– Um livro que encontrei – comecei a dizer, meio esperando que ela não percebesse qual livro era, meio esperando que sua reação me dissesse algo.

Mas não era disso que ela estava falando. Ela apontava para a pulseira de jade em meu pulso.

– Ah. Achei no porão. É sua?

Ela olhou para a peça por um longo momento, seus olhos escuros e apertados.

Então, seu rosto assumiu uma expressão neutra.

– Sim. É muito antiga.

– De quando você ainda... morava em Taiwan? – perguntei em busca de alguma informação. Ela assentiu.

– Sim.

– Você quer de volta?

– Não. Ficou bonita em você.

Ela pegou a máquina de waffle e virou-se para mim, suas sobrancelhas fazendo uma pergunta.

– Sim, por favor – respondi. – Posso comer com mais creme? Você sabe, o último dia das férias de inverno e tudo mais...

– Eu também quero! – disse Axel, que havia entrado pelos fundos.

– Comigo, três – disse minha mãe.

Nós pegamos mais frutas e mais creme, e Axel fez minha mãe rir contando-lhe a história de como, no dia seguinte ao Natal, ele e sua irmã fizeram um primo pensar que um dos duendes do Papai Noel havia se mudado para o porão.

– Eu não sei onde Angie conseguiu aqueles sapatos esquisitos, com os sinos, mas ela os colocou do lado de fora. E também deixou fios de “barba do duende” no sofá. Ela falava: “Olha, Jorge, se esperar um pouco aqui, aposto que ele vai voltar!”. E Jorge respondia: “Como você sabe que é um duende e não uma duende?”. Ele esperou no porão por umas duas horas. Até levou um prato de doces para o duende! Ele é muito mais paciente do que eu nunca fui.

– Isso é tão cruel – afirmei.

Axel encolheu os ombros e sorriu.

– O menino não tem irmãos. *Alguém* tem que brincar com ele.

Mais tarde, quando Axel foi embora, mamãe sentou-se ao piano. A forma como ela improvisava era uma das coisas de que eu mais gostava – cada apresentação era única. Ela tinha um punhado de melodias inventadas em seu arsenal, e as tocava repetidas vezes de maneiras diferentes, às vezes com um pequeno sorriso puxando as bordas de sua boca, às vezes com os olhos fechados, parecendo melancólica.

Os acontecimentos estavam quase normais. Exceto pelo fato de papai estar fora há muitos dias. Exceto pelo fato de os olhos de mamãe terem ficado vidrados como se ela tentasse chegar a algum lugar distante em sua cabeça.

Caro estava de volta do *snowboard*, então arrastei Axel comigo para a casa dela. Era a primeira vez que nós três ficávamos juntos fora da aula de artes.

– Meus avós estavam *me matando* – Caro contou enquanto descíamos até o porão. – Metade do tempo, eles ficaram sentados no chalé. E minha mãe continuava tentando arranjar outras meninas para mim, o que é muito estranho. Além disso, sabe, é injusto com Cheslin.

Eu sorri.

– Tenho certeza de que uma garota ouviu ela me perguntar: “E essa garota? Acha ela gata?”. Queria morrer. Mas, fora isso, foi muito divertido.

– Que ótimo – eu disse.

Ela inclinou a cabeça.

– Pronto, já chega desse assunto. O que está acontecendo?

– O quê? – perguntei. – Do que você está falando?

– Você me ouviu, mas não estava cem por cento presente. Algo está acontecendo.

Caro olhou para Axel, que estava sentado em um banquinho, de costas para nós, observando sua parede de fotografias. Seu olhar me fazia uma pergunta.

– Bem, nós reviramos todas as caixas no porão.

Ela não questionou o *nós*. Ainda não havíamos falado sobre Axel, mas eu tinha a sensação de que ela já havia entendido boa parte.

– Eu sabia! – ela exclamou. – Vocês encontraram alguma coisa.

– Algumas coisas – respondi. Mostrei-lhe a pulseira e o livro de Emily Dickinson. Deixei a fotografia para o fim. – Achei que talvez você pudesse me dizer... alguma coisa. Qualquer coisa. Tipo quantos anos isso pode ter.

Ela virou a fotografia em suas mãos, examinando as bordas e o verso antes de olhar a imagem.

– Quem são?

– Não faço ideia. Se eu conseguir determinar um período de tempo... Talvez seja uma pista. Embora Axel esteja convencido de que uma das meninas é minha avó.

Olhei para as costas de Axel. Ele estava estranhamente quieto desde que chegamos aos Renard. Ocorreu-me, então, que, de fato, ele poderia estar se sentindo tímido.

Caro balançou a cabeça.

– Não sei o suficiente sobre a história dos papéis fotográficos. Eu seria capaz de lhe dar uma

ideia melhor se fosse um cartão de visitas. Tudo o que posso imaginar é... que talvez fosse do início dos anos 1900? Mas é mais provável que seja de um bom tempo depois disso.

Tentei não parecer decepcionada.

– E o livro de Emily Dickinson? – perguntou Caro. – Qual é a data do copyright?

– Não está datado – disse Axel quando abri a capa. – Eu já olhei.

Verifiquei mesmo assim.

– Que tipo de livro não é datado?

– Um super-velho? – sugeriu Caro.

– Então, isso é o que temos – disse Axel. – Uma pulseira antiga. Um livro de poesia antigo. E uma fotografia antiga. Alguém tem alguma ideia?

– Precisamos alimentar nossos cérebros – disse Caro. – Então, talvez, possamos ter ideias.

Voto por irmos ao Fudge Shack.

– Sou alérgico ao Fudge – disse Axel.

– Oh – disse Caro, claramente decepcionada.

– Ele não é alérgico. – Revirei os olhos. – Já o vi comer seis grandes blocos de *fudge* de noz de uma vez só. Junto com um litro de Coca diet. Às três da manhã.

– É. E depois vomitei na sua banheira. Reação alérgica.

– Podemos ir – sugeri, ignorando-o. – Só precisamos controlar a quantidade que você vai comer.

– Não sou uma babá, então não vou cuidar de ninguém – disse Caro. – Mas saiba de uma coisa: se você vomitar na minha banheira, cara, acabo com você!

Axel bateu um punho em seu peito e soltou um arrote.

– Entendido.

Escondi um sorriso. Eles iriam se dar bem.

Enquanto esperávamos na fila do Fudge Shack, pesquisei sobre Emily Dickinson no meu telefone. A parte ruim? Ela não publicou basicamente nada enquanto ainda estava viva. Ninguém tinha ideia de quem ela era. Ela apenas estava lá, escrevendo poemas atrás de poemas. Foi só depois de sua morte que Emily Dickinson se tornou relevante.

E mais: aparentemente, Dickinson pediu à sua irmã que queimasse tudo o que ela havia escrito. Acho que, pra início de conversa, ela nunca fez questão de ser relevante.

Porém, queimar... isso eu não entendia. Mesmo que você não queira compartilhar seu trabalho com o mundo, mesmo que seja algo particular sobre si mesmo, você não gostaria de ser lembrado?



Papai chegou em casa a tempo do jantar e me encontrou enrolada no sofá, sombreando um desenho enquanto esperava que a mamãe nos chamasse para a sala de jantar. Ele se sentou no banco do piano, de frente para mim. Meu pai queria ter uma conversa importante; me preparei para isso.

– Que interessante – ele disse, olhando para meu caderno de artes. Era um desenho grande, cobria o meu colo e ultrapassava meus cotovelos. Era bastante óbvio que aquela obra específica, um trabalho fantástico, com um sol derretido e um peixe nadando através de um céu de asteroides, havia me tomado muito, muito tempo.

No entanto, era uma escolha engraçada de palavras. Ele não parecia *interessado*. Quando abriu a boca de novo, eu sabia que que, não importava o que sairia dali, ele me deixaria irritada.

– É só isso que você vem fazendo ultimamente?

– Bem, na verdade gasto a maior parte do meu tempo na escola, sabe. E quando chego em casa, tenho uma coisa chamada *lição de casa*, que não se faz sozinha, apesar das tecnologias modernas. Então, apesar de eu *preferir* não ir à escola e, em vez disso, passar todo o meu tempo desenhando e dormindo, a resposta é não, infelizmente. Tenho feito muita coisa na vida como um todo nos últimos tempos.

– Eu só acho – meu pai disse, devagar – que você tem muito potencial, Leigh. Você não percebe como isso pode não ser o melhor jeito de usar seu tempo? Há outras atividades nas quais você poderia aplicar essa energia. Outras atividades nas quais você poderia realmente se destacar, isso pode ajudá-la a descobrir seu caminho.

O que ele queria dizer era que a arte não era um caminho.

– Daqui a alguns anos, quando olhar para trás, o que você terá? Apenas... um monte desses desenhos. Desenhos que você, provavelmente, nem vai querer mais. É como as antigas gravações de Coffee Grind que guardo na parte de trás do armário do escritório: quem quer ouvir um monte de merda tocada por uns moleques medíocres? Ninguém. Eu deveria mesmo jogar tudo fora.

Eu o ouvi alto e claro: ele achava a minha arte uma merda. Ele achava que era tão merda quanto sua banda de jazz que gravara um EP na garagem de alguém. E, normalmente, esse seria o momento em que eu arregaçaria as mangas e me prepararia para uma briga, mas eu precisava dele de bom humor se quisesse que respondesse a alguma das minhas perguntas.

Então, apenas respondi:

– Certo.

Esperei até o jantar, que era quando costumávamos nos sentar juntos e comer sorvete Häagen-Dazs. Minha mãe não gostava de sorvete, então, esse era um momento em que eu podia contar que ficaria sozinha com meu pai. Mamãe já estava subindo as escadas, e eu trazia tigelas, colheres e um novo pote, enquanto meu pai se levantava da cadeira.

– Não fazemos isso há tempos – afirmei.

Ele me lançou um sorriso, mas seu rosto parecia um pouco triste. Observei-o voltar a se sentar.

Tomei cinco colheradas, meditando sobre a batida suave da colher contra a porcelana e a forma como o sorvete adormecia minha língua.

Ele abriu a boca, e eu sabia que ele iria dizer algo sobre arte outra vez. Eu tinha que impedi-lo. Tinha que fazer minhas perguntas antes que a oportunidade fosse sugada por uma briga.

– Então, dei uma olhada nas caixas no porão – eu disse rapidamente. – Para um projeto na escola.

– Olha só. – Ele piscou. – Já estava mesmo na hora de alguém abrir aquelas caixas. Elas são antigas. Acho que algumas são mais velhas que você.

– Sim, eu percebi. Na verdade, queria perguntar uma coisa: encontrei um livro de Emily Dickinson. Era seu? Ou era da mamãe?

Papai franziu a testa:

– De nenhum dos dois, acho. Você sabe meus gostos, não tenho muita coisa além dos clássicos chineses. Quanto à sua mãe... Bem, seria estranho se fosse dela. Ela odeia Emily Dickinson. Ou odiava, pelo menos. Foi uma das primeiras coisas que aprendi sobre ela quando começamos a namorar.

– Como assim? Eu nunca imaginaria isso.

– Sim. – Um meio sorriso engraçado, de nostalgia, puxou o canto de sua boca. – Nunca vou esquecer a maneira como ela falou: “Eu *odeio* Emily Dickens!”. E eu perguntei: “Você quer dizer Emily Dickinson?”. E ela me disse: “Sim, exatamente. Por que alguém leria isso? É tão *chato*”. E lembro-me de rir demais, porque eu estava muito nervoso, era apenas o nosso segundo

encontro. Foi tão divertido para mim que ela tivesse essa opinião aleatória e intensa sobre Emily Dickinson.

Abaixei minha colher.

– Você perguntou a ela o motivo?

– Claro – ele respondeu. – Mas ela não parecia ter uma resposta real. Acho que em algum momento, algum poema ou mesmo um fã de Emily Dickinson realmente a ofendeu, e ela nunca superou.

– Talvez – concordei.

– Até me lembro do que ela estava vestindo. – Seu pensamento foi longe. – Ela estava com um suéter incrível, não sei se ela ainda o tem. Tinha ziguezagues em rosa, laranja e verde. Era bem feio, na verdade. Mas quando ela o usava, cara... Sua mãe podia usar qualquer coisa.

Uma semente de tom escuro começou a se revirar dentro de mim. Náuseas, tristeza ou raiva, ou alguma combinação de todas essas coisas. Eu podia sentir que ia crescendo, como uma bola de neve, ocupando cada vez mais espaço.

– No nosso primeiro dia dos namorados, ela me ligou às oito da manhã. Ela já estava novamente em Taiwan e eu ainda estava em Chicago. Ela disse que havia escrito um poema e queria saber se eu gostaria de ouvi-lo. Disse que sim e ela começou a me ler o pequeno poema sobre lábios, flores e abelhas.

Meu estômago estava se retorcendo. Eu estava sentada muito quieta, esperando que o incômodo e a náusea desaparecessem se eu os ignorasse por tempo suficiente.

– Então notei que era Emily Dickinson, mas lhe disse: “Querida, isso é incrível! Eu não posso acreditar que você escreveu isso para mim!”. Ela caiu na risada do outro lado da linha por uns bons dois minutos. Quando finalmente se recuperou, ela disse: “Você não pode acreditar, porque eu não escrevi”. Então eu lhe disse: “Mas você não é Emily Dickinson?”. E ela começou a rir de novo. Foi tão bobo, mas sua risada... Esse era o melhor som do mundo.

A pergunta que atravessava meu centro violeta dioxazine era: Porque parecia que nossa família estava desmoronando mesmo existindo tanto amor?

Papai balançou a cabeça, ainda sorrindo, e continuou:

– Naquela época, as ligações entre os Estados Unidos e Taiwan custavam três dólares por minuto. Eu gastava todo o dinheiro que ganhava com esses telefonemas.

Isso era o que os avós de Caro chamariam de *romântico*. E era mesmo. Não havia nenhuma palavra melhor para usar ali. Mas me fez ficar pesada na cadeira. No fim das contas, eu deveria ter abordado o assunto durante o jantar. Queria que minha mãe estivesse ali para ouvir, ajudar a contar a história, sorrir e rir com ele.

– Vamos pedir para a mamãe tocar algo para nós no piano – sugeri, recolhendo nossas tigelas vazias.

Papai me deu um sorriso triste.

– Ela já subiu. Outra noite, talvez. Eu tenho que fazer as malas.

– Você viaja pela manhã?

Ele suspirou e assentiu.

– Às dez horas. O carro chega às sete.

– Certo. Precisa de ajuda?

Ele pareceu surpreso com a oferta. Eu não o ajudava a fazer nada desde que era criança. Eu me sentia numa caça ao tesouro, revirando o armário para localizar os sapatos elegantes, correndo para a cozinha em busca da pasta de dentes para viagem. Lembrei-me de como eu ficava tomada pela importância fluorescente enquanto ele me pedia para ajudá-lo a escolher as gravatas.

– Obrigado, Leigh, mas está tudo certo.

Ouvi o som dele subindo as escadas. *Tum. Tum. Tum.* Como os pés de um gigante pesado caindo ruidosamente em um solo tão distante que meus olhos já não podiam ver.

Tradução extraída de: DICKINSON, E. *Não sou ninguém*. Trad. de Augusto de Campos. Campinas: UNICAMP, 2009.



Estou ficando louca, entre o rugido das lembranças e a contagem dos dias. Tecendo e contando novamente, apenas sete dias restantes, sete dias para encontrar o pássaro.

Estou cansada das lembranças. Cansada de sombras e tempestades sendo puxadas para a superfície da minha mente, malva derramada em terra escura. Cansada de reviver o passado, os erros.

Eu venho tecendo uma rede muito apertada, então, tenho que desfazer tudo e começar de novo. *Maissolta*, lembro-me, porque a cada vez que me deixo levar pelas memórias, acabo me distraíndo e meus dedos enrolam, puxam e apertam. Preciso de laçadas maiores, uma rede mais solta, maior. Preciso fazer isso direito para poder pegar o pássaro. Um suspiro de frustração, e os dedos perdem o controle. Novamente tenho uma pilha de tiras de tecido, que já começa a enrolar nas bordas, onde a tesoura cortou no tecido de algodão.

A memória de outra pessoa, é disso que preciso. Algo para me refrescar e me soltar.

E é assim que me vejo em pé diante da gaveta, puxando a caixa de incenso mais uma vez. Não sobraram muitas varetas.

Não presto atenção o suficiente para contar. Estou cansada de contar. Mas sei com apenas um olhar que vão acabar em breve.

O fósforo já está aceso quando me lembro de que preciso de algum tipo de gatilho. Como as folhas de chá.

Agito o fósforo até que esteja apagado e procuro no quarto algo que possa servir. As folhas funcionaram porque *waipo* as tocou, porque o chá é importante para ela, era um elemento ligado ao seu passado.

Meus olhos se fixam na caixa recebida do pássaro. Eu não havia tocado nela desde a partida de papai. Talvez já estivesse na hora de passar por isso novamente.

Fotografias. Cartas. Desdobrei um envelope e tirei seu conteúdo. Havia uma página coberta com caracteres chineses manuscritos e, atrás, um desenho. Um desenho de anos atrás, um que eu não me lembro de ter feito. Eu devia ser bem pequena, porque no topo está escrito *Para papai* com a letra mais horrível que já vi, espessos traços verdes de pastel a óleo, todos irregulares e desencaixados.

O que isso está fazendo na caixa?

Pergunto-me o que esse papel me daria, se eu o queimasse.

A lembrança de como a pena e o chá se desintegraram em cinzas me faz parar. Alguém guardou esse desenho por algum motivo. Eu não podia simplesmente sacrificá-lo por uma memória.

Mas no segundo seguinte, meu quarto muda e volto a ver as rachaduras. Elas chegam na metade das paredes. No teto, faltam peças aqui e ali, deixando pequenos buracos de vazio. Enquanto observo, outra peça começa a desmoronar. Elas se desintegram, a poeira cai, deixando para trás apenas o preto.

Ouçõ um grito agudo, como o que ouvimos fora do templo. O bater das asas.

Uma explosão de vermelho entre as rachaduras do teto. Asas com um milhão de matizes diferentes. Vermelhão, carmesim, o vermelho do sangue. Uma longa cauda passa deslizando.

Uma pena cai através da maior fenda. Ela flutua como um suspiro, pousa em cima do desenho, e depois desaparece.

Não é preciso que me digam duas vezes. Meus dedos estão tremendo, então preciso de algumas tentativas para acender o novo fósforo. Levo a chama ao incenso. O papel fica em brasa. O desenho começa a queimar. Grossos fios de fumaça preta se formam, girando, enrolando-se.

Faz-se a escuridão.

Então, a faísca e o clarão.

Fumaça & Memórias

O sol é uma moeda enorme no amplo céu azul. Estou de pé na entrada da casa que conheço tão bem, com sua rampa torta onde as minhocas se grudam nos dias chuvosos. Um grande ônibus escolar amarelo para.

Atrás de mim, a porta da frente de casa se abre, eu me viro a tempo de ver uma versão mais jovem do meu pai saindo na varanda. Pelo cheiro e pelas cores ensolaradas, sei que é uma das suas memórias. Ele sorri e grita: – O que você tem aí, filha?

Uma menina minúscula e com tranças bagunçadas atravessa a rua e sobe pela entrada, agitando um pedaço de papel como uma bandeira.

Não me lembro disso.

– Olhe o que eu fiz! – minha versão de oito anos grita.

Sigo-a para dentro da casa, onde papai coloca o papel sobre o balcão.

– Uau – ele diz, parecendo sincero. – Acho que é o melhor que você já fez.

– É a mamãe tocando piano! – a pequena Leigh exclama.

– Eu percebi – responde meu pai. – Você fez um trabalho espetacular.

– É para você, papai!

– Uau, obrigado. Acho que isso deve ficar aqui por enquanto, pelo menos até termos a chance de colocá-lo em uma moldura!

Meu coração se torce com a maneira como meu eu mais jovem irradia cádmio brilhante, a maneira como as mãos do meu pai empurram gentilmente tudo o que está na geladeira para abrir espaço para o desenho. Meu pai conseguiu ver o instinto em como eu já tinha percepção das proporções e das dimensões do piano? Ele notou o jeito que tentei misturar diferentes pastéis a óleo coloridos no sombreado?

– O que você acha daqui? – ele pergunta.

– Mais para cima! – diz a miniatura de mim. – Assim a mamãe vai ver.

Meu pai empurra o desenho alguns poucos centímetros para cima.

– Não se preocupe. Será a primeira coisa que ela verá quando chegar em casa.

– Onde ela está? – a pequena Leigh vira a cabeça para um lado e depois para o outro.

– Ela ainda não chegou em casa. Quer um lanche?

– Mas ela *sempre* está em casa a essa hora.

– Ela foi fazer umas coisas na rua, mas voltará logo. Que tal uma maçã com manteiga de amendoim?

O meu eu na memória faz uma careta.

– Estou enjoada disso.

Meu pai abre o congelador.

– Ok... Que tal palitos de muçarela?

Os olhos da pequena Leigh brilham.

– Mamãe *nunca* me deixa comer isso no lanche depois da escola.

Meu pai encolhe os ombros.

– É seu aniversário. Não vejo por que hoje não possa ser uma exceção.

– Sim! – minha versão na memória pula no ar, erguendo um punho. Não me lembro de ter tanta energia na minha vida.

Papai está aquecendo o molho marinara, o sol da tarde entra pela cozinha e a casa se enche desse cheiro delicioso. A porta da frente se abre.

– Mamãe!

Minha mãe sorri, ainda na entrada. É uma expressão que atravessa o meu ser.

– Feliz aniversário!

– Onde você estava? – meu eu mais jovem salta do banquinho.

Mamãe tira uma caixa embrulhada, do tamanho da mala, de trás dela e caminha pelo corredor.

– Fui buscar seu presente de aniversário. Você quer abrir agora?

– Sim!

Aqueles dedos minúsculos rasgam o papel com entusiasmo e barulho, revelando uma bela maleta de couro. Os polegares abrem as duas fivelas reluzentes sem hesitação. A tampa se ergue e pequenas prateleiras deslizam para fora, com as cores perfeitamente alinhadas. Estojo pastel oleoso à esquerda e canetinhas abaixo deles. Canetas de gel à direita; giz de cera no nível mais baixo. E lápis. Muitos lápis. Lápis de desenho de diferentes durezas, lápis aquarela – o suficiente para fazer girar a cabeça de Leigh.

Meu eu na memória engasga e não consegue parar de ofegar.

– Você gostou? – minha mãe pergunta.

– É o melhor presente do mundo! – meu eu-memória exclama. – São tantas cores!

E, atrás de nós, à margem, meu pai com um sorriso que eu não via há muito tempo. Um sorriso que pressiona forte contra as minhas costelas, que me faz sentir ao mesmo tempo aquecida e triste.

Um brilho, uma mudança de cores, uma mudança de cheiro.

Minha mãe vagueia sozinha pelo corredor da minha escola. Todo o edifício está preparado para uma exposição de arte dos alunos. Pinturas e desenhos decoram as paredes das salas de aula e os corredores. Murais cobrem os armários. Caixas de vidro foram montadas para exibir objetos tridimensionais: esculturas abstratas de arame, papel machê, cerâmica vitrificada e vasos.

Mamãe passa por todas as peças de arte – mesmo as que, obviamente, não são minhas – e busca a identificação correspondente, procurando meu nome. Toda vez que ela encontra uma das minhas peças, ela volta para tirar uma foto com sua câmera automática.

Ela se enche de orgulho e mostra meus desenhos para qualquer pessoa próxima. O último desenho que ela encontra é o seu retrato. Eu ainda não havia lhe mostrado; foi uma surpresa. Um desenho fotorrealista a lápis suspenso em vidro. Minha mãe ao piano, uma mão sobre as teclas, a outra levantada na direção da página da partitura com um pedaço de lápis prateado para marcar o dedilhado.

– É lindo – ela diz.

A luz muda, tudo se inverte, os cheiros se alteram e, quando as cores voltam, posso dizer, pela tonalidade desbotada, que é uma memória mais antiga. Uma memória de um passado mais distante.

Lá está minha avó – uma versão dela, provavelmente em torno dos 40 anos, caminhando por uma estrada. Ela para ao lado de um conjunto de degraus arredondados que levam até uma entrada onde há um arco pontudo com uma imagem de Jesus no topo. Ela não entra, mas se inclina contra a grade para ouvir.

As cores e os sons se assentam e, então, eu também ouço: as notas de um piano, primeiro animadas e vibrantes, depois, lentas e sombrias. Competentes dedos que brincam sobre as teclas, um hábil coração que expressa sentimento mediante as notas.

A música chega ao seu relutante fim, e minha avó suspira. Ela balança a cabeça um pouco e depois segue seu caminho apressada, como se não desejasse ser vista.

As cores se invertem, e as memórias se vão.



Os restos do desenho recobrem minhas mãos com uma suave cinza, sedosa entre os meus dedos. Esfrego as mãos e a poeira cai, desaparecendo.

Num tempo distante, fomos as cores padrão de um arco-íris, alegres e seguros de nós mesmos. Em algum momento, começamos a tropeçar nos detalhes, cores turvas escurecidas e agravadas pelos ressentimentos e pela raiva silenciada.

Em algum ponto, minha mãe saiu do prumo de tal maneira que se afundou em tons de cinza, em um mundo desenhado apenas pelas sombras.

No criado-mudo, meu telefone começa a tocar. Há um suave tilintar...

Isso é estranho. Quem me ligaria?

Mas não é uma ligação. É a música que Axel me enviou, aquela em que minha mãe toca a música de Teresa Teng. Como o meu telefone continua fazendo isso?

As ondas de calor da tarde me envolvem com firmeza, e a música me arrepia por dentro, trazendo outras memórias para a superfície.



Tudo está interrompido. Minhas perguntas, minha investigação. A normalidade. A ilusão.

Era um dia tumultuado, no meio do meu primeiro ano. Cheguei em casa da escola e encontrei minha mãe deitada no sofá. Ela parecia pequena, como uma boneca de pano.

– Ei, mãe. – Deixei minha mochila cair no chão. Nenhuma resposta. – Axel e Caro vão vir aqui mais tarde. Podemos pedir pizza? – Ainda nada. Pensei se talvez ela pudesse estar em um sono profundo. – Mãe?

Afaguei seu ombro e ela virou o rosto para cima. Apresentava feições distorcidas, como se estivesse com dor.

– Você está bem?

Ela não disse nada, mas achei ter visto sua cabeça se mover ligeiramente.

Eu a cutuquei mais forte. Minha mãe mudou de posição e algum objeto escorregou do sofá e bateu no chão. Seu celular.

Peguei o aparelho, procurando por uma pista. Sua senha era meu aniversário. Desbloqueei-o com toques rápidos e a primeira tela que surgiu foi o histórico de chamadas. A última ligação havia sido para a polícia, uma ligação feita há apenas alguns minutos.

– Mãe – eu disse, mais aflita. – O que há de errado?

Eu já a tinha visto assim antes, sem reação, mas dessa vez parecia ser perigoso. Foi um instinto que tomou meu corpo com medo.

A luz na sala mudou: o brilho da tarde tornou-se duro. Intensos brilhos vermelhos e azuis. Eu me virei e olhei pela janela. A primeira coisa que vi foi o carro da polícia. Na sequência vinha uma ambulância e, mais atrás, um caminhão dos bombeiros. Olhei ao redor da sala, tentando analisar tudo ao meu redor. Nada estava queimando. Nenhum alarme estava ativo. Por que havia um *caminhão dos bombeiros*?

A batida na porta foi como uma picareta atravessando meu crânio. Caminhei em direção ao som, mas não conseguia me lembrar de meus pés realmente tocarem o chão. Quando abri a porta da frente, o policial ocupou todo o meu campo de visão.

– Boa tarde – ele disse. – Estamos atendendo a um chamado de uma mulher chamada Dory Sanders.

– É a minha mãe – falei, entorpecida.

– Ela está aqui? – ele questionou.

– Não sei o que há de errado com ela – respondi.

– Podemos entrar?

– Acho que sim, quer dizer...

Não tive a chance de dizer mais nada.

Ela não falou com eles e, como se fosse um efeito contagioso, o policial deixou de falar comigo. Minhas perguntas seguiram sem resposta. Eles a puseram na ambulância e a levaram

para o hospital. Fiquei sentada na sala de espera, imaginando o que estava acontecendo.

Liguei para o meu pai onze vezes. Ele não atendeu.

A sala de espera cheirava a branco tóxico, mas parecia laranja de cone de trânsito. Eu firmava os calcanhares no chão, esperando deixar uma mancha de lama ou amassar o feio carpete para deixar uma marca.

Vamos remarcar a pizza, escrevi para Axel e Caro.

– Leigh? – Era a primeira voz familiar que ouvira em horas, e certamente não a que eu esperava ouvir.

– Tina.

Era a tia de Axel. A amiga mais próxima de minha mãe.

– Ei, – Ela me ofereceu um sorriso fraco. – Você está bem?

– O que está acontecendo?

– Peguei alguns remédios para sua mãe e estou aqui para levá-las para casa. – Não era a resposta que eu queria. – Você está pronta para ir?

A enfermeira apareceu, empurrando minha mãe em uma cadeira de rodas. Mamãe não olhava para mim. Ela não olhava para Tina.

– Entrei em contato com Brian – disse Tina. – Ele pegou o primeiro voo que conseguiu.

A expressão da minha mãe não mudou. Seus olhos estavam afundados, assombrados, como se ela não tivesse dormido nem visto o sol em dias. Como se alguém tivesse retirado sua cor. Quando olhei de verdade para esse rosto pela última vez? Sentime vazia.

Durante todo o caminho, mamãe ficou em silêncio como um fantasma. A enfermeira tinha levado a cadeira de rodas de volta, então Tina colocou o braço de minha mãe sobre seus ombros e a levou para dentro pela porta da frente. Eu as seguia um pouco atrás, observando a forma como os pés de minha mãe se arrastavam, como ela não conseguia suportar seu próprio peso. Ela era como uma marionete cujas cordas haviam sido cortadas.

Tina trouxe comida para nós. Ela esquentou um ensopado, abriu um enorme prato de arroz e feijão, tagarelando com uma alegria forçada.

– Jorge agora adora esses lagartos que brilham no escuro. Ele fica escondendo essas coisas por toda a casa para tentar me assustar. Quando desço as escadas no meio da noite para tomar água, no fim dos degraus sempre haverá um lagarto brilhando para mim.

Fiquei aliviada quando ela foi embora a fim de fazer o jantar para sua própria família. Minha mãe e eu nos sentamos na sala de jantar, com o ensopado servido em tigelas, o arroz e feijão servidos nos pratos bonitos que raramente usávamos, mas que foram pegos pelas mãos rápidas de Tina. Mamãe não tocou na comida. Uma das lâmpadas piscava e zumbia. Era o único som que se ouvia.

Mamãe fechou os olhos e caiu sobre a mesa, enterrando o rosto em seus braços.

Nós ficamos lá, assim, por horas. Não fiz minha lição de casa. Não fechei as persianas das janelas. O mundo exterior ficou escuro e os faróis amarelos floresciam. Os vizinhos saíram com o cachorro, e foi assim que eu soube que deveria ser pelo menos dez horas.

Ficamos sentadas ali até que todas as outras casas da nossa rua apagassem as luzes. O mundo estava indo dormir.

Um carro surgiu na nossa calçada, e lá estava meu pai, subindo sua mala pelos degraus da varanda, entrando pela porta da frente. Tive o pensamento fugaz de que tudo ficaria bem de novo. Ele estava ali, ele iria resolver tudo. Mamãe voltaria ao normal.

Dentro de casa, ele tirou os sapatos e foi até a sala de jantar.

– O que aconteceu?

Ele não olhou para mim. Mamãe não olhou para ele. Lentamente, porém, ela se ergueu, levantando as costas contra o encosto da cadeira. Seus olhos permaneciam fechados.

– Estou bem – ela disse. Sua voz saiu em um sussurro áspero.

Papai olhou para ela com intensidade:

– Está mesmo?

– Estou bem – ela repetiu.

– Dê-me algo mais concreto, Dory. – Sua expressão mudou. – *Fale* comigo.

Mamãe balançou a cabeça. Ela abriu e fechou a boca outra vez.

Papai estava tremendo. Seu rosto estava vermelho, rígido, horrível. Seus sentimentos emanavam como o calor e os detritos de uma bomba atômica. Eu era apenas uma espectadora e estava ficando chamuscada.

– Piorou de novo, não é? – ele questionou. – Por que você não me disse?

Tive a sensação de que ele estava falando sobre algo que eu não compreendia totalmente. Eu observava o rosto de minha mãe com atenção. Ela não respondeu.

– É meio de semana – meu pai disse, enfim. – Todos devemos ir para a cama.

Mas eu não fui à escola no dia seguinte. Pela manhã, papai não estava em casa, ele deixou um bilhete dizendo que estava cuidando de algumas coisas e que faria compras. Não havia ninguém lá embaixo para ter certeza de que eu pegaria mesmo meu ônibus. Verifiquei a garagem: o carro de minha mãe ainda estava lá.

Ela estava no andar de cima, na cama, fitando o outro lado. Percebi que ela estava acordada.

– Oi, mãe. – Ela se virou, apertando os cobertores contra si, e me encarou como um pequeno pássaro, confusa e assustada. – Você está bem?

Era óbvio que ela não estava bem.

Minha mãe balançou a cabeça. Parecia não haver nada a fazer senão deitar na cama ao lado dela, embaixo dos cobertores. Ela se curvou na minha direção até nossas testas se tocarem. Adormeci assim, e, quando acordei, minha mãe não estava mais na cama, mas meu cabelo estava molhado e havia manchas escuras em seu travesseiro. Ela havia chorado. Levantei-me da cama para procurá-la.

Mamãe estava no andar de baixo, apoiada no balcão com uma caneca nas mãos, olhando para seu chocolate quente.

Eu sabia que ela tinha me ouvido descer, mas não se virou. Era como se quisesse que eu visse o pequeno frasco laranja recoberto com sua etiqueta farmacêutica na beirada do balcão.

– O que é isso? – perguntei, olhando as pílulas através do laranja.

Tive uma estranha sensação de *déjà vu*, como se eu a tivesse visto assim antes ao lado de um frasco de medicação, seu corpo indicando derrota e tristeza.

Ou seria uma memória vaga, esquecida até agora?

Mamãe sabia a que eu estava me referindo. Ela não olhou para cima.

– Essa é a minha nova vida.

Eu me aproximei e passei o braço em torno de seus ombros, encostando meu rosto no seu.

– Se isso puder ajudar, é positivo. É uma boa vida.

Esperei por um aceno de cabeça, mas ela nunca o fez.



À uma da manhã, uma mensagem de texto apitou no meu telefone e percebi que não havia respondido a nenhuma das mensagens da Axel nas últimas dezessete horas.

Ei, escrevi de volta.

Você está bem? O que está acontecendo?

Suspirei e escrevi: *Posso ir aí?*

Ele respondeu: *Claro.*

Eu tive que sair da casa, o que foi bastante fácil. Cortando pelo jardim dos vizinhos, só demorava cinco minutos até a casa de Axel, mesmo com neve na altura do tornozelo.

Em seu porão, ele sentou-se no sofá, ao meu lado.

– Então, o que aconteceu?

– Ugh.

Tombei de lado, o topo da minha cabeça ao lado de sua coxa. Ocorreu-me que, se eu tivesse mais para o lado, poderia colocar minha cabeça no seu colo. Isso o assustaria?

Ele gentilmente acariciou meu ombro.

Era mais fácil falar com os olhos focados nos pequenos pontos de luz de seu teclado, nos fones de ouvido gigantes que se encontravam no meio de um monte de cabos. Não precisava olhar para Axel. Não precisava ver sua reação.

Eu contei a ele sobre o hospital. Sobre como encontrei mamãe na cama pela manhã e sobre como, naquele momento, sentia como se eu fosse culpada de alguma coisa se eu simplesmente a deixasse em casa e fosse para a escola.

Não usei a palavra *depressão*, que estava presente em minha cabeça o dia todo.

– Mas ainda não entendo – ele disse calmamente. – Por que ela ligou para a polícia?

Encolhi os ombros, o que fez minha cabeça bater contra sua perna, – Senti a estática em meu cabelo.

– Eu também não sei.

Quer dizer, eu poderia ter especulado. Mas eu realmente não queria.

– Caramba. Sinto muito, Leigh.

Deixei meus olhos se fecharem.

Quando acordei, de manhã, ainda estava no sofá de Axel. Uma colcha me cobria. Sentei-me devagar. Axel estava dormindo, encolhido em sua cama de solteiro, no canto de trás. Observei seu corpo se encher e se esvaziar com cada respiração.

Um pântano verde-chipre me atingiu entre as costelas. Ele saiu do sofá. Poderíamos ter adormecido com nossas peles encostadas uma na outra, mas ele não deixou isso acontecer. Acho que teria sido estranho.

Mas, talvez, muito bom.

Levantei-me e me espreguicei. O caderno de aquarelas de Axel estava posicionado sobre o suporte de seu teclado. Os meus dedos coçaram, eu adorava ver suas pinturas. Às vezes, ele me deixava ver seu caderno, explicando-me como cada pincelada ou mescla seria traduzida para o fagote solo, um trinado de um flautim, arpejos de uma guitarra espanhola.

Peguei o caderno e folheei suas páginas à procura das pinturas que ainda não tinha visto. O virar das bordas foi muito rápido, levando-me a uma página na parte de trás que era mais pesada e mais espessa do que todas as outras...

Ali estava colada uma fotografia antiga e um pouco amassada. Demorei um segundo para descobrir quem eram as quatro pessoas. Eu estava muito acostumada a pensar na família de Axel como sendo composta apenas por ele, Angie e seu pai. Ali estava a família Moreno quando ainda estava completa, antes de a mãe de Axel ter ido embora.

Às vezes, era fácil esquecer que a mãe de Axel existia, ele se parecia muito com seu pai. Perguntei-me se isso o incomodava. Como se a falta de traços de sua mãe fizesse com que ela pudesse ser facilmente apagada.

Ali, em duas dimensões, eles pareciam muito felizes. Mas não é sempre assim nas fotos? Esse era o principal objetivo, não era? Poder olhar para trás e ver-se sorrindo, mesmo que a foto tivesse sido feita com você pensando todos os tópicos que estavam errados?

A mãe de Axel sorria com seus dentes um pouco tortos. Seu cabelo preto caía em ondas bagunçadas sobre seus ombros, e ela usava um vestido verde-esmeralda que valorizava seus quadris curvilíneos. Ela estava de braços dados com o marido. Ele estava estranhamente afastado, alguns centímetros mais alto do que a esposa, mas pequeno dentro de um casaco de botões um pouco grande demais.

Ao lado deles: a pequena Angie amassando um elefante de pelúcia e Axel com uma camisa xadrez, olhando para sua mãe como se ela fosse a única coisa de que ele precisasse no mundo.

Ouvi o barulho dos lençóis tarde demais. Axel se levantou da cama e não teve tempo de esconder o que eu estava segurando. Virei-me para ele, sentindo de repente que eu não deveria ter tocado em nada.

Seus olhos pousaram sobre o bloco de desenho. Ele suspirou.

Eu conhecia aquele suspiro. Era o som dele decidindo me perdoar.

– Desculpe – eu disse logo. – Percebo agora que eu não devia, mas não pensei que você se importaria...

Axel acenou interrompendo o resto da minha frase e apertou os olhos ao bocejar.

– Você não devia mesmo. Mas está tudo bem.

Concordei com a cabeça, minhas bochechas queimando um pouco.

– Descobri isso naquele outro dia – ele disse, indo se sentar no sofá.

Sentei-me ao seu lado. Ele tinha cheiro de sono.

– Você está falando da fotografia?

– Eu nem me lembro de quando foi tirada – explicou. – Mas me lembro desse vestido. Ela dizia que era seu vestido de poder e só o usava em ocasiões especiais.

– Quantos anos você acha que tinha?

Axel olhou por cima do meu ombro. Ele olhou para a foto por um tempo.

– Talvez seis? Provavelmente foi um ano antes de ela ir embora.

– Você imaginava?

– Imaginava o quê?

– Que ela iria partir.

Axel se recostou e soltou um longo e lento suspiro.

– Eu não sei.

– Parecia que seus pais estavam deixando de se amar?

Seus dedos seguiam a borda de uma almofada que começava a rasgar.

– Eu não sei.

Deslizei no sofá, deitando minhas costas no assento e minhas pernas formando uma ponte sobre o chão frio.

– Eu sei que as emoções são todas internas e tudo mais. Mas só me pergunto se é visível do lado de fora. Dá pra saber quando as pessoas estão se apaixonando. Então, deve haver uma maneira de ver se as pessoas estão *deixando* de se amar, certo?

Axel deslizou para baixo, nossos olhos ficaram no mesmo nível.

– Talvez, eu acho.

– Você acha que as pessoas podem se amar e ainda assim estarem infelizes?

– Sim – disse Axel. Era a resposta mais concreta que ele dava em muito tempo. – Com certeza.



Uma vez, papai e eu fomos ao concerto de um coro que minha mãe acompanhava ao piano. Todos estavam assistindo ao maestro, aos cantores, aos solistas, mas nós mantivemos nossos rostos virados para a extrema esquerda do palco. Lá, minha mãe inclinava-se sobre um enorme piano, suas mãos pesadas como bigornas quando as vozes vinham fortes, extremamente leves como um pássaro quando as vozes entravam baixas e silenciosas.

Seus acordes no tempo preciso, como um relógio. Ela girava as próprias páginas, sua mão voava tão rapidamente que parecia um truque de mágica: se você piscasse, perdia. Ninguém além de nós a observava, mas ela estava tocando para todos ali. Ela era uma criatura do mar e a música era o seu oceano. Sempre pertencera a ela. Estava em cada respiração, em cada movimento. Ela era a cor de casa.



– *Ni kan* – diz minha avó. *Veja*. Ela aponta para uma igreja. O restante de suas palavras vem de longe, indistintas.

Feng está tão perto de mim que a manga de sua blusa toca em meu cotovelo, e o contato me dá arrepios.

– *Popo* diz que foi aqui que sua mãe aprendeu a tocar piano. Ela aprendeu com uma freira católica que viu que ela era muito talentosa e a deixava ficar praticando quando o piano estava sem uso.

– Podemos entrar? – Minha voz sai totalmente ultramarine.

Ao fazer a pergunta, percebo que reconheço o local. Eu o vi nas memórias de incenso, vi como *waipo* estava de pé nos degraus, ouvindo a música.

Atravessamos pesadas portas de madeira e chegamos a um pequeno vestíbulo. Um segundo conjunto de portas se abre e ficamos atrás das fileiras de bancos de madeira que brilhavam sob a luz suave. O silêncio é tanto que causa estranheza, parece que o sino caiu sobre nós, isolando os sons da cidade, a pressa do trânsito. Há apenas o ritmo delicado de nossas respirações. Os tímidos ruídos de nossos pés ecoando nos pisos de mármore. O fato mais surpreendente sobre o lugar é o quanto se assemelha às poucas igrejas que vi nos Estados Unidos – acho que esperava algo diferente.

Waipo puxa meu braço e aponta para um piano que está em um canto. Alguém o cobriu com um pedaço de veludo verde-floresta para evitar que fique empoeirado. Pergunto-me se é o mesmo instrumento que minha mãe usou, no qual seus dedos conheceram a sensação das teclas e o espaçamento de uma oitava, suas mãos trabalhando para cima e para baixo.

Tiro o veludo e deslizo meus dedos pela lisa superfície.

– É um piano digital – diz Feng. – O piano em que sua mãe tocou já deve não existir mais.

Uma decepção sombria afunda pelo meu íntimo, escura como lama.

– Vamos para o mercado noturno? – sugere Feng. – O sol está prestes a se pôr.

Sigo minha avó, passando pela porta de vidro de correr, pelas pesadas portas de madeira, descendo os degraus.

Mas assim que Feng faz a curva na rua principal, algumas preguiçosas notas musicais me chamam a atenção. Um piano. Escuto por alguns segundos – claramente vem de dentro da igreja.

– Leigh – *waipo* me chama enquanto me viro e volto.

A música desaparece assim que abro a porta interna.

São fileiras e fileiras de bancos vazios. Há o piano, o veludo amassado sobre o banco, onde eu o deixei, esquecendo de colocá-lo de volta. Não há ninguém à vista.

Lá fora, *waipo* olha para mim, confusa.

Feng percebe a expressão no meu rosto.

– Está tudo bem?

– Eu pensei ter ouvido alguém tocar.

Feng encolhe os ombros:

– Um truque do vento, talvez.

Escuto um sussurro à esquerda e, quando me viro, vejo um jovem parado debaixo de uma árvore a poucos passos de distância, observando-me com um sorriso aberto. Sua calça jeans está suja, sua camiseta laranja, manchada na bainha. Ombros curvados, perto das suas orelhas. Dentes amarelos, alguns deles castanhos, podres.

– *Qingwen yixia...* – ele diz devagar. *Posso perguntar...* E repete a frase: – *Qingwen yixia... Shi Meiguo ren ma?* – Suas palavras são tão lentas e claras que eu realmente entendo toda a pergunta: *Você é americana?*

Cruzo meus braços, tentando me tornar menor. Ele me olha com expectativa, e enfim dou um consistente aceno de cabeça.

– Vamos – diz Feng, nos direcionando.

– O que ele quer? – pergunto.

Feng balança a cabeça.

Quando chegamos ao cruzamento, olho por cima do consistente ombro. O jovem ainda está parado lá. Ele leva as mãos à boca e grita algo para nós.

Waipo fica visivelmente tensa. Ela olha para mim e acelera o passo.

– O que ele disse? – cutuco Feng.

– Nada que faça sentido. – Ela revira os olhos. – Ele disse que os pássaros pertencem ao céu.

Meu coração salta. Quando olho para trás de novo, o rapaz se foi. Só há a árvore, balançando na brisa, e um estranho fragmento desaparecendo entre seus galhos.



No momento em que chegamos ao mercado noturno de Shilin, a luz termina de se esvaír. O cinza-roxo espalha-se pelo céu à medida que as pessoas se amontoam no cruzamento. À primeira vista, tudo o que há para ser visto são as luzes e a multidão. Placas verticais pendem dos dois lados das ruas – faixas iluminadas em amarelo e azul, rosa e verde, com logotipos e caracteres chineses.

O mercado noturno parece um tipo especial de festival, mas Feng me conta que ele ganha vida todas as noites. As pessoas andam segurando doces como raspadinhas e sorvete de feijão azuki. Vejo algumas coisas que nunca provei, mas que papai já havia mencionado, como um tofu fedorento e redondos bolos amarelos, recheados de creme. Uma barraca vende espetos de pequenos ovos castanhos e outro vende kebabs que parecem escuros e marinados. Em ambos os lados da multidão, há barracas alinhadas sem nenhuma ordem específica, algumas delas vendendo bugigangas, roupas e acessórios, outras enfumaçadas pelo preparo de alimentos frescos...

– Os lanches aqui são chamados de *xiaochi* – diz Feng. – Isso se traduz, literalmente, como *pequenas comidas*. Humm... Todos os meus cheiros favoritos em um só lugar! Sabe, sempre achei que o mais romântico dos encontros seria caminhar junto por um mercado noturno, comendo tudo o que aparecesse. – Ela se afasta, sorrindo.

Waipo pega meu braço e se aproxima de mim. Ela murmura algo em meu ouvido, mas tudo que entendo é *ni mama. Sua mãe*.

– *Shenme?* – Agito a cabeça.

Ela repete, mais devagar, e desta vez eu entendo. *O mercado noturno favorito da sua mãe*.

Há uma família com dois meninos vindo em nossa direção. O mais novo me observa com olhos grandes e redondos. Ele puxa a mão de sua irmã e aponta para mim.

– *Waiguo ren* – diz sua irmã. *Estrangeira*. Ela se vira para os pais, também apontando para mim. – *Ni kan!* – *Olha!*

Viro meu rosto para o lado, fingindo estar muito interessada em uma barraca vendendo tentáculos fritos de lulas. As pessoas comem isso mesmo?

– *Hallo, hallo* – diz o comerciante da lula, olhando-me com curiosidade.

Muitas pessoas se amontoam. Como eu poderia encontrar minha mãe neste lugar?

– Aposto que você nunca comeu nada tão delicioso quanto a comida daqui – afirma Feng.

Mais à frente, alguém começa a gritar e a multidão para, inclinando a cabeça para olhar. O homem gesticula descontroladamente, apontando para o céu enquanto grita. Ele parece ser o responsável por uma tigela fumegante na qual pequenos círculos dourados flutuam sobre a superfície de uma sopa escura.

Feng faz um som de que o entendeu:

– Ele está dizendo que alguém foi lá e roubou um monte de bolas de peixe.

E, então, entendo o que ele diz a seguir: *Você viu isso? Um pássaro, um pássaro vermelho. Muito grande!*

– Ele diz que foi um pássaro imundo que desceu do céu. – Feng balança a cabeça. – Que estranho.

– Estranho – repito, minha voz sai num cinza azulado.

– Que pena. *Waipo* queria comer alguns bolinhos desses: eles eram o lanche favorito de sua mãe no mercado noturno. Embora os melhores bolinhos de peixe sejam os de Danshui. Sua mãe costumava ir até lá apenas para comprá-los.

O favorito da sua mãe.

As palavras ficam se repetindo.

Sua mãe.

Como se Feng a conhecesse. Como se, em algum momento, tivesse andado por essas ruas ao lado de minha mãe.

Algo em mim se ativa.

Meu corpo gira. Meus pés firmes no chão. Mesmo dizendo a mim mesma para me conter, as palavras estão a caminho, saindo da minha boca:

– Pare de fingir que conhece minha mãe.

– Hein? – diz Feng.

As palavras escorrem de minha boca, infelizes e selvagens, pretas de raiva:

– Como se você soubesse alguma coisa de verdade sobre ela. Como se tivesse *viado no tempo* e a tivesse conhecido...

Estou fervendo tanto que meu estômago está apertado e dói. Quero cuspir todos os pensamentos furiosos que me vêm à mente.

Os olhos de Feng se arregalam. Seus ombros inclinam-se para a frente e ela se encolhe, encurvando-se um pouco.

– Desculpe, estava apenas tentando...

– Pare com isso. Você não faz parte desta família. Você não sabe *nada*. Por que está sempre aqui? Eu gostaria que nos *deixasse em paz*.

Feng dá um passo para trás, tropeçando em seus próprios pés.

– Eu só queria ajudá-la. Só isso.

Solto palavras tão cruéis que também me surpreendo:

– Por que você está tão convencida de que preciso da sua ajuda?

– Leigh – diz *waipo*.

– Está bem – responde Feng. Ela se vira para minha avó e tenta sorrir: – *Meiguanxi*.

Em um piscar de olhos, ela desaparece na multidão.



Depois que Feng partiu, *waipo* e eu nos dirigimos para casa em um silêncio gelado.

Agora o apartamento está silencioso, tão silencioso que posso ouvir meus avós se mexerem em sua cama. Há um grilo distante que faz sua contagem rítmica em algum lugar nas ruas. Um carro passa de vez em quando. Minha culpa, em inspirações e expirações ruidosas, é ouvida como ondas de tempestade batendo sobre as rochas.

Se Axel estivesse aqui agora, perguntaria: *Qualéa cor?* Não tenho certeza se saberia responder. Talvez seja uma cor que ainda não descobri.

Tento tirar os pensamentos sobre Feng de minha cabeça.

Minhas mãos agarram as tiras da camiseta. Começo novamente a trança, meus dedos direcionam o tecido, curvando-se para manter a trama frouxa. Concentro-me em passar a tira por cima e por baixo, em dar nós rápidos e deixo minha mente vagar.

Houve um fim de semana em que Caro e eu passamos o sábado todo lendo sobre tetracromatismo e tentamos descobrir se uma de nós ou ambas tinham tal competência. É uma aptidão extremamente rara e significa que você pode ver cores que outras pessoas não podem. Então, seria tipo uma pessoa comum que olha para o céu e vê um azul perfeito enquanto quem tem tal capacidade insiste que ali também há vermelho, amarelo e verde.

Pergunto-me se seria similar ao fato de ver o pássaro. Se aqueles de nós que o viram têm algo especial em seus olhos, em seu cérebro, em seu coração – uma característica que lhes permite ver essa outra dimensão da existência com uma nítida clareza.

Porque o pássaro é real. Ele tem que ser.

Tenho tanta certeza disso quanto tenho do fato de que nasci. De que estou viva. De que meu nome é Leigh Chen Sanders.

E, então, lembro-me de que um dos artigos dizia que a maioria das aves são tetracromatas.

Isso deve valer para minha mãe, como um pássaro. Tem que valer. Pergunto-me se ela pode ver as cores que eu não posso. Se, para ela, o céu está cheio de tons de púrpura e laranja enquanto o atravessa. Se a lua parece um pincel carregado com um milhão de tons diferentes de tinta, esperando para ser limpo.

É como se meus pensamentos desencadeassem algum tipo de magia. As cores do meu quarto começam a aprofundar suas matizes, como flores desabrochando. Carmesim nos cantos. Cor do céu ao longo das rachaduras, mais para baixo. Índigo na janela. Verde luminescente contornando os cantos da parede mais próxima da cama. As coisas que já são pretas de alguma forma ganham um tom mais verdadeiro, escuro e vazio.

Pisco com força, e tudo volta ao normal por um momento.

Mas, então, tudo volta, como se a tinta fosse derramada e se espalhasse rapidamente. Na superfície brilhante das manchas, vejo partes do passado. As memórias se desdobram.

Verão antes do segundo ano

Eu deveria ter percebido que havia acontecido alguma coisa quando meu pai veio e sentou-se na cozinha sem dizer nada a respeito do desenho sob minha mão. Ele estava tão quieto que cheguei a me perguntar se ele estava me observando desenhar.

Apoiei o lápis para tomar um gole de chá. Foi quando ele soltou:

– Leigh, o que você acha de ir para o acampamento?

Fiz uma pausa com a caneca já na boca e levantei as sobrancelhas.

– Acampamento?

Era o fim do primeiro ano. Meu verão acabara de começar e, mais tarde naquele dia, Axel e Caro iriam à minha casa. Eu estava preparada para aproveitar dois meses de férias.

Não fazia ideia de que, em menos de um ano, minha vida viraria de cabeça para baixo.

– Acampamento integral – meu pai esclareceu.

Devo ter expressado um olhar de horror em meu rosto porque, na sequência, ele disse:

– Vamos, vai ser divertido. Você nunca fez isso antes. Será uma boa experiência. Há um em Nova York que parece perfeito para você.

– O que, olhando para isso – indiquei meu pijama, o bloco de desenho e a meia dúzia de lápis espalhados ao lado do meu café da manhã –, indica que eu gostaria de ir a algum lugar totalmente desinteressante e fazer novos amigos falsos com quem nunca mais vou falar e ficar longe de meus amigos *de verdade*, apenas para fazer um monte de atividades e ser comida viva por mosquitos doentes...

– É um acampamento de arte e natureza – explicou papai.

Tive que me esforçar muito para não revirar os olhos. Meu pai claramente achava que qualquer coisa que tivesse a palavra *arte* funcionaria sem dúvidas comigo. Pelo menos ele estava fazendo um esforço...

Mas o tipo errado de esforço.

– Podemos falar sobre o assunto proibido? – perguntei.

Seu rosto mudou e assumiu uma expressão cautelosa:

– Qual é o assunto proibido?

A irritação fez meu estômago se contrair:

– Vamos lá, a mamãe. Ela não está em condições de ficar sozinha.

Eu odiava a palavra *condição*, mas era mais fácil do que dizer a palavra certa. *Uma guerra*. Sua depressão era o grande inimigo contra o qual estávamos todos lutando juntos.

– Ela não vai ficar sozinha.

– Ah, ela não vai? – Fiz um bom trabalho para evitar a maior parte do sarcasmo em minha voz. A maior parte, mas não todo. Por sorte, meu pai não entendeu o tom.

– Não. Cancelei o curso intensivo de verão que ia ministrar, e adiei minha viagem para Pequim. Então, estarei aqui.

Ótimo. *Papai* ficaria aqui. *Aqui*, citando suas palavras. Imaginei que ele ficaria em seu

escritório por dezoito horas, imerso em papéis, todo o resto na casa esquecido. *Aqui* ainda não significava que ele estaria realmente *presente*.

Soltei minha mandíbula.

– A mamãe precisa de mim.

– Na verdade, foi exatamente por isso que surgiu a ideia. Sua mãe e eu estávamos pensando...

– Não há a menor chance de a mamãe ter pensado em algo que esteja de acordo com isso – falei alto demais, interrompendo-o.

Minha mãe não dizia uma frase completa há mais de uma semana. Ela se movia como um zumbi. Nos últimos meses, seus alunos de piano pararam de ir – ou ela cancelou as aulas ou todos sentiram que havia algo de errado. Ela passava os dias na cama, com as cortinas fechadas. Se eu insistisse, com bastante dificuldade, às vezes, conseguia que ela comesse um pouco.

– *Estávamos pensando* que seria bom você sair da casa um pouco. Afastar-se disso, ir para algum lugar positivo. E dar à sua mãe uma pausa para que ela possa relaxar e ter paz e tranquilidade...

– Que *merda* é essa?

– Olha a boca, Leigh – papai me repreendeu.

Eu fiz um barulho de desgosto. Ele prosseguiu:

– Já pagamos a sua inscrição...

Levantei-me, derrubando a caneca.

– Como é que é?

– Vamos levá-la até lá no domingo. Então, você deveria começar a fazer as malas. – Ele se levantou e empurrou a cadeira para baixo da mesa.

– Pai, você não pode estar falando sério.

– Estou falando muito sério, Leigh. Será bom para você.

– Isso é uma puta mentira...

Ele me lançou um olhar mortal:

– Olha a boca, senhorita. Se não falar direito comigo, coloco você de castigo.

– Ah, de castigo por *quatro dias inteiros*. – Revirei os olhos. – Antes de ser levada para o inferno.

– Já chega – disse meu pai, jogando as mãos para o ar. – Você *está* de castigo. O que é perfeito. Tempo suficiente para fazer suas malas. Vou passar o site para você ver o que eles recomendam levar.

– Isto é o oposto de um sequestro.

– Leigh, não é para ser uma punição. Na verdade, tentei escolher uma atividade que você gostaria. Acho que você vai gostar.



Ele estava muito errado. Em todos os aspectos. *Era* uma punição. E não, definitivamente eu *não* estava gostando.

Camp Mardenn. Seis semanas de inferno. Ficamos em chalés de madeira, antigos e com mal cheiro e que, para completar, tinham baldes de plástico para o caso de chover e ter goteira. Todos os dias íamos “estar com a natureza e fazer arte”. Eu me concentrava na arte de gritar silenciosamente.

Sentia uma falta absurda de Axel e Caro. Sentia ainda mais falta da minha mãe.

Ela estava comendo? Estava calada no quarto? Meu pai estava falando com ela, talvez tentando fazê-la rir? Ela não respondeu quando implorei para que não deixasse meu pai me

mandar para o acampamento. Ela já estava melhor?

Quando meus pais me deixaram ali, minha mãe me deu um abraço apertado e sem palavras. O pingente que ela sempre usava esmagou-se contra meu peito; imaginei uma impressão em forma de cigarra na minha pele e fiquei triste quando a marca desapareceu. Fiquei surpresa por ela ter ido. Ela passou o percurso todo inclinada no assento, seu rosto pressionado contra a janela. Enquanto eu acenava em despedida, sua expressão quase pedia desculpas. Ela não me olhava nos olhos.



Sobrevivi a duas semanas de acampamento. Mais ou menos.

O banheiro cheirava a um consultório de dentista, aquele cheiro de pasta de dente química usada para limpar os dentes. Aquela na qual tentam incutir um aroma de chiclete. Mas é só uma tentativa, pois não chega nem perto.

O cheiro me dava dor de cabeça, mas valia a pena pela privacidade. Pelo menos não cheirava a bunda.

– Já sei – disse Axel, sua voz entrando através do meu telefone. – Vou te buscar.

Resmunguei.

– Estou falando sério. Você parece estar muito infeliz – ele continuou.

– Não entendo mesmo por que meu pai pensou que seria uma boa ideia me inscrever sem sequer perguntar o que eu achava da ideia.

– Camp Mar... denn... Com dois *n*, certo?

– Axel, o que você está fazendo?

– Já disse... – O volume de sua voz se afastou e o imaginei trocando o telefone de orelha. – Estou indo te buscar.

Eu revirei os olhos, mas também pressionei o telefone com mais força.

– Não é como se eu estivesse em perigo.

– Não, mas não tem como sair. Como você sairia daí? Você precisa de um cúmplice.

Ouvi um ruído de passos do lado de fora e, por um momento, fiquei preocupada que alguém fosse entrar. O barulho desapareceu. Eu sentia a tensão em meus ombros. Era a hora do jantar, período em que, geralmente, o banheiro ficava vazio por mais tempo.

– Leigh? – ele chamou, quando fiquei em silêncio tempo demais.

– Desculpe – respondi. – O que você estava dizendo?

– Vou pegar um ônibus. Estarei aí amanhã.

– O quê? Você não pode estar falando sério.

– Estou falando sério se você estiver falando sério. Diga-me que quer, mas que quer de verdade, ficar nesse acampamento e eu não vou.

Pensei por um momento. Tentei me imaginar comendo mais um daqueles hambúrgueres que pareciam ter ficado no congelador por muitos anos. Imaginei-me sentada em volta da fogueira com pessoas cantando e tocando violão, observando os participantes desajeitados do acampamento e suas fracassadas tentativas de flertar.

Outras quatro semanas sem Axel, sem Caro.

Outras quatro semanas sem falar com minha mãe.

Tentei ligar para casa. Em todas as vezes quem atendeu foi meu pai. Quando eu pedia para falar com mamãe, ele dizia que não era um bom momento.

Que merda isso significava?

Na noite seguinte, Axel veio e eu fugi.



O hotel que Axel encontrou para nós era *muito* econômico. Não que eu pretendesse reclamar. Talvez por isso eles nem sequer piscaram quando Axel lhes contou a mentira sobre ter perdido a carteira de motorista apenas algumas horas antes.

– Posso tentar encontrar outra forma de identificação...

– Está tudo bem – disse o funcionário da recepção com um tom de absoluto tédio.

Quase não havia espaço ao redor da cama de casal. As toalhas eram duras e tinham um forte cheiro de água sanitária. Uma das lâmpadas não acendia. As pernas da cadeira estavam remendadas com fita adesiva. E o banheiro... bem, a última limpeza devia ter sido há um século.

Esta seria uma experiência interessante.

De repente, comecei a pensar sobre quanto toda aquela missão custaria: passagens de ônibus, táxi, hotel para uma noite... Não poderia ser barato. Seu emprego de meio período lhe pagava oito dólares por hora. Isso deveria estar consumindo o salário de várias semanas de trabalho.

– Axel, eu vou pagar tudo para você.

Ele fez uma pausa enquanto esvaziava a mochila.

– O quê? Não, não se preocupe com isso.

– Sério, não posso deixar você pagar por tudo isso.

– Leigh, eu queria vir. Se não quisesse, não teria me oferecido. Ok? – Axel tirou o conteúdo de sua mochila. – Comida! – Sentamo-nos com as pernas cruzadas sobre a cama e festejamos com salgadinhos e cereais. – Desculpe, não tenho comida de verdade.

– Você está de brincadeira? – Eu disse com um punhado de batatas fritas na boca. – Esta é a melhor refeição que tive em duas semanas.

Havia salada de frutas para a sobremesa. Não tínhamos colheres, então pegamos os pedaços com os dedos e bebemos o caldo. Era o gosto da liberdade.

Ele me contou sobre as balas que Angie estava fazendo e como ele sempre dava um jeito de colocar corante verde para irritá-la. Que seu primo, Jorge, tinha passado meio pote de Vick VapoRub na barriga para tentar aliviar a dor de estômago depois de comer muito macarrão com queijo. Que Tina agora frequentava um novo grupo de mulheres e tinha começado a usar expressões como *Oy* e *Aye-yai-yai* – e que essas foram as primeiras coisas que ela disse quando Axel contou que eu tinha sido levada para o acampamento integral.

Nós rimos e brincamos e tudo pareceu quase normal novamente. Mas eu tinha aquela sensação desagradável de preocupação. Uma voz dentro de mim não podia deixar de perguntar por que Tina havia se unido a um grupo de mulheres. Isso significava que ela e minha mãe não passavam mais tempo juntas?

– Você quer se trocar primeiro? – Axel perguntou, apontando para o banheiro com a cabeça.

Pensei na sujeira e me encolhi.

– Não quero ficar lá um segundo a mais do que o necessário. Acho que posso até ficar sem banho. – Dei uma olhada rápida e o fundo da banheira estava marrom e cheio de limo. De jeito nenhum eu pisaria naquilo.

– Digo o mesmo – Axel retrucou com uma careta.

– Podemos nos trocar. A gente fica de costas.

– Claro – concordou Axel. – Assim está bom.

No momento em que ele concordou, fui tomada pelo medo de que ele tentasse me espiar. *Por que Axel faria isso? Axel, seu melhor amigo e, praticamente, a pessoa mais correta do mundo.* Mas não consegui afastar a paranoia. Eu não queria que ele notasse a gordura a mais ao redor da minha cintura, ou vislumbrasse como meus seios eram pequenos. Pulei para dentro da calça do

pijama e enfiei a blusa por cima da minha cabeça. Tudo em três segundos. Então, virei-me.

Do outro lado da cama, Axel estava sem nenhuma pressa. Ele tinha acabado de colocar uma cueca limpa. Um segundo antes e eu com certeza teria visto seu traseiro. Perceber isso fez com que a vergonha deixasse minhas bochechas quentes. Eu deveria ter ficado de costas, oferecendo--lhe o mesmo respeito e privacidade que ele me havia proporcionado, mas não conseguia me mover. Vi quando puxou um calção de ginástica que ia até seus joelhos e cobria seu quadril estreito. Os músculos de suas costas se esticavam e se contraíam, gerando luzes e sombras.

Os ossos de seu ombro eram pontudos, esculpidos, como se projetados para serem presos a asas. Axel tinha as costas muito bonitas.

De verdade, Axel era *todo* bonito.

De alguma maneira, nos últimos anos, seus braços finos engrossaram e ganharam tônus. Dava pra ver os músculos começando a delinear o contorno de seus membros superiores. E sua bunda. Nunca passei tanto tempo olhando a bunda de um menino.

Ele parou de se mover, como se pudesse sentir meus olhos sobre ele.

– Tudo bem, você já terminou? Estou me virando.

– Ok, sim, eu também, já terminei – afirmei muito rápido, tudo de uma só vez, abaixando-me para pegar minhas meias e esconder meu rosto.

Dormir foi uma experiência bem diferente. Axel e eu dormimos no mesmo espaço muitas vezes. Mas, em geral, um de nós ficava no sofá e o outro em um colchão inflável. Ou cada um em seu saco de dormir. E estivemos sentados na mesma cama por muitas horas, jogando com um baralho tão velho que reconhecíamos o ás de espadas e o oito de ouros pelos vincos na parte de trás das cartas.

Mas ficar sentado na mesma cama era diferente de *se deitar*, um ao lado do outro, na mesma cama.

O colchão era desnivelado e estava afundado no meio. Toda vez que eu me mexia, em busca de uma posição mais confortável, meu corpo deslizava um pouco mais para perto do dele.

Por fim, nossos cotovelos estavam se batendo, e Axel começou a rir.

– O quê? – perguntei, nervosa.

– Este é o problema de filhos únicos – ele respondeu. – Você não sabe compartilhar o espaço.

– Não é minha culpa que a cama esteja toda afundada!

– Está tudo bem – ele disse, rindo. – Podemos dividir no meio. Você consegue virar para o seu lado?

Virei minhas costas para ele porque, mesmo na escuridão, senti que ele poderia ler meus sentimentos através dos meus olhos.

Eu podia senti-lo se mexendo na cama. O colchão balançava e fui jogada para o meio de novo. Mas então, ele parou de se mover.

– Assim – ele disse, e senti sua respiração no meu pescoço.

Ele estava de frente para o mesmo lado que eu estava. Eu queria relaxar, soltar meus membros. A poucos centímetros de distância, o calor de seu corpo me aquecia.

Não nos tocávamos, mas estávamos muito perto.

– Assim está melhor? – ele perguntou.

Primeiro, assenti com a cabeça, então, lembrei-me de que não era possível enxergar no escuro.

– Sim.

Ficamos em silêncio. Escutei o som de sua respiração, tão estável que eu tinha certeza de que ele já estava dormindo. Meu corpo formigava, totalmente acordado e consciente. Atrás de mim, estava deitado meu melhor amigo. Apenas uma pequena faixa de ar nos separava de dormir

abraçados.

Apertei as mãos juntas, como em oração, prendendo-as sob meu travesseiro para tentar parar de querer estendê-las para tocá-lo. Um longo tempo se passou até que Axel murmurou algo. Parecia que ele tinha perguntado: *Qual é a cor?*

Não consegui ter certeza. Então, fingi que já estava dormindo.



As cores piscam como promessas e o preto cintila como estáticas, como memórias, e tudo começa a cair, cair, são lembranças, queda, lembranças, as duas palavras são sinônimas.



Na manhã seguinte, acordei e percebi que meu corpo havia girado cento e oitenta graus, e que minha cabeça estava pressionada contra o peito de Axel. Ele estava de frente para mim, sua mão entre as minhas costelas e minha cintura. Alarmes soavam na minha cabeça. Eu não estava usando sutiã. O pânico me fez virar. Seus dedos passaram pela minha barriga e senti algo sob minha pele. Desci da cama, esperando que o calor que sentia se abrandasse. Ali estava o meu melhor amigo, dormindo. Sem óculos, os cílios escuros fechados. Sua camisa erguida, expondo parte de seu tronco.

Aqueles cílios se abriram:

– O que há de errado? – ele murmurou.
– Nada. – Balancei a cabeça. – Humm, que horas é nosso ônibus?
– Só depois do almoço. – Ele se sentou, esfregando os olhos.
– Bem... – Olhei para o relógio do hotel sobre o criado-mudo, com seus números num vermelho brilhante demoníaco. – Já é quase meio-dia.

Axel se virou e colocou os óculos.

– Merda – ele disse. – Nós deveríamos ter feito o check-out até as onze. Merda, merda, merda.

No ônibus, pedi para ficar com o assento da janela para o caso de não aguentar ficar encarando Axel e precisar de outro lugar para colocar meus olhos. Mas as coisas pareciam ter voltado ao normal. Nós puxamos nossos cadernos de desenho e desenhamos os pés um do outro – os meus com um par velho de sandálias, um esmalte coral borrado; os dele com meias cinzas e tênis com solado verde.

No ponto final da linha de ônibus, pegamos um trem para uma cidade perto de Fairbridge. Axel ligou para Tina ir nos buscar, porque ele sabia que o seu susto seria o mais leve. Ele, convenientemente, esqueceu de contar que desapareceria por uma noite.

Tina virou-se para nos olhar quando entramos no banco de trás do carro.

– Axel, no que você estava pensando? Seu pai ficou desesperado de preocupação. Você precisa aprender a atender o telefone.

Axel esperou até que ela se virasse para a frente a fim de revirar os olhos dramaticamente.

– Eu sei, tia Tina, eu sei. Confie em mim, era importante. Leigh precisava de mim.

O tom de Tina ficou mais suave:

– Leigh, querida, você está bem?

– Sim, estou bem, obrigada.

– E a sua mãe? Como ela está?

– Você não a viu? – Fiquei tensa.

– Não, querida. Ela não retorna minhas ligações.

Quando ela parou na entrada da minha casa, Axel se ofereceu para ajudar a levar minhas coisas para dentro, mas recusei. Eu tinha certeza de que minha intuição estava certa e de que algo havia acontecido com minha mãe. E o que quer que fosse, eu não tinha certeza se gostaria que

Axel visse.

Toquei a campainha e ouvi os pés pesados do meu pai caminhando pelo corredor. Ele abriu a porta.

– O que você tem na cabeça? – Seu rosto passou por uma grande variedade de emoções: choque, raiva, alívio, raiva novamente.

– Bem, eu...

– Recebi um telefonema do acampamento me informando que a minha filha estava desaparecida e sugerindo que eu falasse com a polícia... Leigh, o que fez você pensar que seria uma boa ideia?

– Ok. Eu...

– Depois comecei a receber ligações dos Moreno perguntando se tínhamos visto Axel. Foi ele que convenceu você a fazer isso? Aliás, você está de castigo. Pelo resto do verão.

A injustiça me fez apertar a mandíbula.

– O quê?! Ai, pai... você pode se acalmar por um segundo?

– *Me acalmar?* Precisamos reportar *duas* pessoas desaparecidas! – Meu pai balançou a cabeça e revirou os olhos como quem diz *não posso acreditar nisso*.

Ele se virou e me deixou abrindo as malas:

– Por que diabos...?

– Leigh?

Minha cabeça se ergueu. Era a voz da minha mãe, sem corpo, a uma certa distância, vinda de cima. Ela estava descendo as escadas. Era a primeira vez que a ouvia pronunciar meu nome em semanas.

– O que aconteceu? Por que você está tão brava? – ela perguntou quando chegou ao fim da escada.

– Nada – respondeu meu pai. Ele parecia exausto. – Está tudo bem. Eu só estava falando alto.

– Leigh – ela repetiu com um sorriso suave. Seu roupão rosa-claro lhe dava um aspecto angelical. Ela me abraçou, e fiquei tão chocada que simplesmente fiquei abraçada a ela, sem lhe soltar. – Você se divertiu na festa?

– Festa? – repeti, confusa.

Fitei meu pai, mas ele desviou do meu olhar.

– Eu contei a ela sobre a festa do pijama – ele disse, sugerindo que eu o acompanhasse na história.

Depois das duas semanas no inferno em que ele havia me colocado, eu *não* estava com vontade de ajudá-lo.

Mas a doçura no rosto da minha mãe me fez pensar duas vezes antes de começar uma briga. Eu queria que ela ficasse feliz. As olheiras ao redor de seus olhos pareciam ter diminuído um pouco, e ela estava mais ereta.

– Claro, mãe. A festa foi ótima.

Os ombros de papai relaxaram, com alívio. Ele se virou e foi para o escritório.

Mamãe me ajudou com as malas.

– Por que você levou tanta coisa para uma festa? – Ela riu um pouco e o som de sua risada era tão musical e perfeito que minha respiração ficou presa.

– Ah, eu não sei – falei ansiosamente. – Pensei que precisaria de tudo.

Minha mãe estava prestes a entrar na cozinha, mas eu a detive e lhe dei outro abraço. Ela pareceu surpresa, mas me envolveu com força. Apertei os olhos e inalei seu perfume. Ela cheirava bem novamente. Antes de sair, ela tinha um cheiro desagradável por conta dos dias sem

tomar banho. Agora, seu cabelo estava macio graças ao seu xampu de coco. A camisa sob meu rosto tinha aquele cheiro de roupa limpa. Todos esses sinais eram extremamente positivos.

– Parece que não te vejo há séculos – ela disse.

– Eu me sinto exatamente da mesma maneira – respondi, piscando o máximo para evitar o comichão de meus olhos.



Meu pai conseguiu me evitar durante toda a noite. Na manhã seguinte, enfim, consegui encurralá-lo na cozinha, enquanto ele preparava o café.

– Ok. O que está acontecendo? – Tive que me esforçar muito para manter uma atitude contida e a voz baixa. Mamãe ainda estava dormindo no andar de cima.

Ele tinha bolsas cinza sob os olhos e me lançou um olhar cauteloso enquanto brincava com a cafeteira francesa.

– O que está acontecendo com a mamãe? Por que ela está tão confusa? – prossegui.

– Ela está bem agora – ele assegurou. – A confusão vai passar.

– *Ela está bem agora.* Então alguma coisa mudou. – A raiva fervia dentro de mim. – O que você *fez* com ela? Foi por isso que você me mandou para longe?

Papai balançou a cabeça e beliscou a ponta do nariz entre o polegar e o indicador. Sua voz transformou-se em um sussurro alto.

– Sua mãe ainda está se recuperando, ok? Ela está passando por um tratamento.

Eu quase explodi.

– *O quê?*

– *Shhh!* – Ele estendeu as duas mãos com os dedos bem abertos.

– Que tipo de *tratamento*? – Eu queria quebrar alguma coisa. – Por que você não me contou sobre isso?

– Eu não queria te preocupar, está bem? Há muitos estigmas em torno desse tratamento, e há a possibilidade de efeitos colaterais...

– Qual. É. O tratamento?

Ele esfregou as têmporas e suspirou.

– Terapia eletroconvulsiva.

– *O quê?* – Olhei para ele com firmeza. – É isso mesmo? É o que eu acho que é?

– Também conhecido como tratamento de choque – ele explicou.

– Não posso *acreditar* nisso.

– Olha, Leigh...

– Você me enviou para um acampamento para que mamãe *passasse por isso sozinha*?

– Escuta...

– Você não pode nos tratar como se não soubéssemos tomar decisões por conta própria. Você me abandonou como se estivesse largando um cachorro em um canil! Você nem perguntou o que eu gostaria de fazer. Você perguntou à mamãe se ela queria tomar choques?

Meu pai se sentou.

– Sim. Levei-a ao médico e conversamos sobre isso juntos. Ela concordou explicitamente com o tratamento. Ela poderia ter mudado de ideia em qualquer ponto, mas não o fez. Sua mãe estava em uma situação muito ruim, Leigh. Ela não estava comendo. Não estava falando. Se continuasse assim, iria morrer. – Sua voz tremeu ao pronunciar a última palavra.

Eu balancei a cabeça. Minha mãe não *iria morrer*. Minha mãe, com sua voz ensolarada, seus dedos fortes que arrasam no piano, seus abraços que derretem corações. Minha mãe, que fazia os

melhores waffles, os melhores doces. Que sorriu com tanta alegria para mim na noite anterior.

Ele limpou a garganta e prosseguiu:

– A terapia eletroconvulsiva muda a química cerebral de maneira muito rápida. Pode recuperar uma pessoa que esteja em um quadro muito severo de depressão quando outras abordagens não estão funcionando.

Olhei para os azulejos da cozinha. Imaginei minha mãe em uma cadeira de operação, ligada a um milhão de fios, recebendo um choque atrás do outro. O corpo aceso em azul e branco, os olhos rolando para trás, a boca aberta em um grito sem som.

– Não é o que parece, mesmo – explicou, como se pudesse ouvir meus pensamentos. – O tratamento de choque é muito mal interpretado. Eu precisei que o médico me explicasse também. Eles lhe dão um relaxante muscular e a deixam dormir. Em seguida, aplicam uma corrente elétrica para induzir uma rápida convulsão e alterar a química do cérebro. Ela nem se lembra do ocorrido.

– Era a única opção? – perguntei.

Papai inspirou com dificuldade:

– O médico disse que era uma *boa* opção, porque sua mãe estava resistindo aos demais tratamentos. Ela tentou a psicoterapia. Tentou diversos medicamentos. Eles funcionam bem para muitas pessoas, mas realmente não funcionaram *para ela*.

– Certo – respondi, embora aquilo fosse novidade para mim.

– Leigh... Nós não queríamos que você se preocupasse. Mas, bem... Isso não é algo... recente. Sua mãe tem lutado contra a depressão há muitos, muitos anos. Eu diria que desde antes de você nascer.

Eu já desconfiava. Deitada na minha cama sem dormir, por várias noites, revisei o comportamento passado de minha mãe. Os meses em que parecia se esquecer de como dar um sorriso sincero. As longas sextas que ela fazia, muitas vezes esquecendo-se de fazer algo que ela havia prometido. As conversas que ela mal respondia.

Percebi que já sabia de tudo há muito tempo, mas não entendia exatamente do que se tratava. Sua doença era algo que me dava medo encarar.

Mas também havia uma versão vivaz e iluminada de minha mãe. Como uma pessoa como ela poderia estar deprimida? Ela era cheia de energia, vida e paixão. A palavra *deprimida* me fazia pensar naquelas pessoas da escola que usavam delineador em um traço preto e grosso, ouviam música pesada e nunca mostravam seus dentes. Aquele grupo que alguns chamam de *emo*, fazendo com que pareça ter uma conotação ruim.

Minha mãe não era assim. Não mesmo.

E, então, uma voz fraca na parte de trás da minha cabeça sussurrou uma dúvida: era minha culpa? Eu era quem mais a amava. De alguma forma eu a impedia de melhorar?

– Quando foi? – perguntei. – O tratamento.

– A última sessão foi antes de ontem. Ela passou por seis sessões nas últimas duas semanas.

Minha respiração acelerou. *Seis vezes*.

– Você deveria ter me contado. Eu poderia lidar com isso. Poderia estar aqui para ajudar. Você não pode simplesmente me mandar embora como se eu fosse um item que precisa ser concluído em uma lista de tarefas.

– Desculpe, Leigh. – Meu pai abaixou a cabeça. Provavelmente, foi a primeira vez na minha vida em que meu pai me pediu desculpas.

Sentei-me. Meu estômago solto, a exaustão tomando conta de mim, espalhando-se por meus membros.

– A confusão e a perda da memória recente são apenas efeitos colaterais. Mas ela vai superar isso logo. Funcionou melhor do que eu esperava. Pelo que parece, ela está confusa apenas em relação às últimas semanas.

Eu mexi a cabeça, lentamente:

– Ela se lembra... de como ela era antes? Do que costumava sentir?

– Eu acho que sim.

As tábuas do piso superior começaram a ranger e nós dois ficamos em silêncio. Ouvimos o barulho dos pés da minha mãe, indo de um lado para outro. Ouvimos enquanto ela descia as escadas, um passo lento de cada vez.

Levantei-me e coloquei água para ferver, para o chá.

E lá estávamos quando minha mãe virou para a cozinha. Eu mergulhando um saquinho de chá em uma caneca, observando a mudança da água. Papai na mesa, tomando seu café com uma mão ao lado do jornal.

– Bom dia – disse ela.

Mamãe ainda estava de roupão, mas já tinha escovado os cabelos, que brilhavam com elegância. Ela sorriu para nós e, naquele momento, eu tive certeza de que tudo acabaria bem.



Quando acabei de tecer a rede, ela estava quase tão grande quanto a menor parede do meu quarto – por sorte, eu tinha colocado muitas camisetas e agasalhos na mala. Seu tamanho é suficiente para segurar o pássaro e impedi-lo de partir novamente, desde que eu saiba usá-la bem. Amanhã vou descobrir onde armá-la e como lançá-la.

Mas ainda não consigo dormir, e meu quarto está muito quieto, a noite, muito pesada, as horas, arrastadas.

As palavras ásperas que disse para Feng continuam a ecoar em minha cabeça. Pego a caixa e começo a procurar alguma distração para afastar a culpa marrom e lamacenta que nubla minha mente.

O que encontro é um pedaço de papel bege, duro e perolado, dobrado. A memória explode e vem à superfície. Eu tinha feito aquilo em parceria com Axel, nós dobramos a folha ao meio para que eu pudesse desenhá-lo de um lado, e ele pudesse me desenhar do outro. Não podíamos ver o que o outro estava fazendo até que os dois terminassem. Quando desdobramos a página, parecia que nossos eus em preto e branco estavam sorrindo um para o outro.

Nós demos risada e nunca mais soube onde o papel havia ido parar. Eu não sabia que alguém tinha tido o cuidado de guardá-lo.

Que memórias vou encontrar aqui? Pego uma nova vareta de incenso e dou vida à chama brilhante e flamejante de um palito de fósforo.



Estou de pé no quarto principal. O próprio quarto onde aconteceu.

Meus olhos vão ao ponto no tapete onde vi a mancha na forma da minha mãe. Mas ela não está lá. Claro que não está lá.

– Não acho que seja uma boa ideia incentivá-la – diz meu pai.

Ele está sentado contra a cabeceira da cama, beliscando a ponta do nariz entre um polegar e o dedo indicador. Ao seu lado, a lâmpada da luminária sobre o criado-mudo está acesa. Minha mãe está ao seu lado, enrolada e de frente para a parede. Ela não diz nada.

– Eu apenas me preocupo com ela, você sabe disso, certo? – meu pai continua. – Ela não tem irmãos. Não tem primos. Ela tem o quê? Um amigo?

– Um bom amigo – minha mãe responde, sua voz abafada e fraca. – Um grande amigo pode ser tudo o que ela precisa.

– Bem, as amizades mudam... – meu pai retruca.

Minha mãe volta a ficar em silêncio.

– Essa coisa da arte está ficando intensa demais. É só isso que ela faz.

– Ela ama arte – diz minha mãe, na defensiva.

– E isso é ótimo. Mas os hobbies também mudam. E há uma dúvida sobre se... isso irá sustentá-la? Vai fazê-la feliz?

– Ela deveria fazer o que ama.

Papai vira o rosto para as costas de minha mãe e fala bem baixinho: – Você faz o que ama. Você *está* feliz?

Ela não responde.

– Dory – ele diz depois de um longo intervalo.

Só é possível escutar o som da respiração profunda do meu pai. Ele suspira e apaga a luz.

Uma nova explosão de cores.

No canto mais escuro, os ponteiros do relógio da sala brilham suavemente, pequenas hastes verde-lua que mostram que já passa da meia-noite. A luz se espalha a partir do corredor – o suficiente para que o resto da sala fique visível. Minha mãe está no sofá, de olhos fechados, uma almofada debaixo da cabeça, uma manta cobrindo seus ombros. No começo, é difícil situar a memória no tempo – ao longo dos anos, houve muitas noites em que ela dormiu no andar de baixo porque seu quarto se tornara uma caverna de insônia.

Mas, então, meu pai aparece na sala de estar, vestindo seu colete favorito de quando eu estava no ensino fundamental II. Ele se inclina sobre o sofá para ajeitar o cobertor, puxando-o sob o queixo da minha mãe, tirando um pouco de cabelo de seu rosto.

Ele se vira para sair da sala, mas para com os olhos fixos em determinado ponto: uma pintura apoiada contra o suporte de partituras, sobre o piano. Lembro-me daquele desenho – era do final da sexta série. Mamãe me levou um pacote especial de carvões artísticos e eu os compartilhei com Axel, que não podia pagar por um material tão legal, mas odiava os que a senhora Donovan

tinha para nos oferecer na sala de artes. A tarefa era desenhar sapatos, e Axel e eu trocamos de sapato para deixar o trabalho mais interessante. Ele desenhou meu Converse novo, mas que já estava manchado de roxo. E eu fiquei com seu par de tênis que, de tão velho, além de ter um furo perto dos dedos do lado esquerdo.

Os defeitos dos sapatos de Axel tornaram o meu desenho especialmente interessante – fiquei obcecada pelo sombreamento correto, buscando replicar a sujeira com perfeição.

Quando terminei, coloquei-o no suporte de partituras para que mamãe pudesse vê-lo, como de costume. Eu nem esperava que meu pai se desse conta. Naquele ano, ele já havia parado de prestar atenção à minha produção artística. Ou, ao menos, era o que eu pensava.

Eu o vejo levar o desenho até o corredor e observá-lo sob a luz, inclinando-se para apreciar os detalhes que eu havia capturado, seus olhos percorrem os laços, o calcanhar desgastado, a borracha rachada.

No sofá, atrás dele, os olhos de minha mãe se abrem. Ela se move sem fazer nenhum ruído e inclina a cabeça para trás, observando-o.

– Hmm – ele murmura para si mesmo e vai para a cozinha, de onde tira uma velha câmera de uma gaveta e clica uma foto do desenho antes de colocá-lo de volta no lugar e ir embora na ponta dos pés.

A luz dourada se apaga, mas sei que os olhos da minha mãe ainda estão abertos, ainda o olham.

As cores mudam.

Minha mãe fazendo waffles em uma manhã de domingo. Eu não devo ter acordado ainda, porque Axel está sentado à mesa, sozinho, virando uma caneca de café de um lado para o outro.

Seu cabelo está uma bagunça, todo despenteado de um jeito divertido.

– Vocês formam uma boa dupla – diz minha mãe, comendo creme batido fresco.

– Quem? – pergunta Axel. – Eu e Leigh?

Minha mãe concorda com a cabeça.

– Ela gosta muito de você, sabe disso, né?

– Ela é minha melhor amiga – Axel ri com desconforto.

Mamãe balança a cabeça mais uma vez.

– É raro encontrar uma amizade tão forte.

Axel disfarça, cortando seus dois waffles em pedaços minúsculos.

– Tem xarope de bordo? – ele pergunta.

Minha mãe tira uma pequena garrafa da geladeira.

– Eu fico feliz que ela tenha você – ela diz com um meio sorriso.

A cozinha cintila e desaparece.



Quarenta e três dias. Faltam seis.

Penso na última lembrança, minha mãe tentando falar com Axel sobre mim. Isso nubla minha cabeça com tons de sépia.

Por que eu precisava ver tal cena? Para lembrar o quanto nos afastamos? Não entendo como aquilo pode me ser útil.

Tento sacudir o nevoeiro que ocupa minha cabeça. Tudo parece desnivelado, rachado, manchado de tinta preta. Sei que é apenas resultado da minha insônia, que não é o mundo real. Mas não posso deixar de sentir que tudo à minha volta começa a se quebrar.

Naquela manhã, não há ninguém sob o gazebo no parque, então *waigong* e eu ocupamos um dos bancos.

Ao nosso redor: o coro das cigarras, as conversas dos pequenos pássaros.

Na mesa de madeira, há um tabuleiro quadrado, de pedra, com linhas brancas gravadas, desenhando um sistema de grades. Há caracteres chineses esculpidos no centro. É um jogo de tabuleiro. Eu me pergunto como são as peças – se são redondas como moedas, se têm outros caracteres chineses gravados nelas...

Meu avô passa os dedos por cima do tabuleiro.

Então, tenho uma ideia. Pego meu telefone e passo as duas primeiras telas até encontrar o aplicativo certo.

– Veja! Quer jogar?

Waigong não diz nada, apenas franze a testa diante do telefone.

Mostro quatro dedos erguidos:

– Tudo o que você precisa fazer é colocar quatro em uma linha. Então, você ganha.

Aponto para mim e coloco a primeira peça. Pego seu dedo e toco na tela, fazendo o movimento do jogador dois. É o jogo mais rápido de todos, e eu o deixo ganhar, já que é apenas uma demonstração.

Há um brilho em seus olhos. Acho que ele entendeu.

– Ok, então agora vamos jogar de verdade! – digo a *waigong*.

Assim que carrega a nova partida, ele toca na tela com o polegar, colocando sua peça diretamente no centro.

Vamos para a frente e para trás e estou tão focada em criar uma estratégia que acabo me descuidando e, de repente, ele consegue as quatro peças seguidas e vence. Meu avô fica exultante, suas bochechas se arredondam, sua boca se abre com um riso quieto. Ele se balança de um lado para o outro, parecendo satisfeito como verde tilo.

Eu ganho as duas partidas seguintes, mas ele continua sorrindo para mim, muito emocionado, como se fosse o vencedor, independentemente do resultado.

As árvores ao longo do caminho alcançam as nuvens, suas folhas se balançam de maneira gentil. Caminhamos bem devagar, buscando novamente a flor perfeita. Observo com minúcia todas as direções, tentando ter alguma ideia de como usar minha rede. Pergunto-me se o pássaro

costuma ir ali.

Em nosso caminho de volta, *waigong* me segura e aponta para algo no ramo grosso de uma árvore, no nível dos olhos.

Vemos uma cigarra marrom e solitária. Esta daqui está viva: incha e se move, incha e se move. É a metamorfose.

Nós a assistimos, paralisados, enquanto percorre seu caminho pelas costas, onde a casca se abre como se fosse uma fantasia. Lentamente, o corpo fresco se move, um verde pálido. As novas pernas chutam algumas vezes, os olhos escuros brilham como se soubessem de tudo. Enrugadas ao longo do corpo, suas asas se desprendem e se abrem, grandes e lisas, verdes nas bordas e translúcidas no centro, finas como um delicado papel.

Sua casca, marrom e rígida, fica presa ao galho. Um fantasma deixado para trás.



Minha mãe chegou a ver uma metamorfose de cigarra?

Será que ela desejava poder fazer exatamente a mesma coisa? Trocar de pele e ser uma nova pessoa?

Havia dias em que ela parecia se transformar em alguém mais silenciosa, mais sombria. Suas cores ficavam mais profundas, mas também eram silenciosas. Ao mesmo tempo, eram seu eu mais verdadeiro e o oposto dele.

Ou talvez não fosse uma transformação. Talvez fosse uma revelação momentânea. Uma escamação das camadas protetoras.

A precisão de um lápis, levando sua ponta ao ponto mais específico.



De volta ao apartamento, tudo parece mais silencioso. *Waipo* sorri para a flor daquela manhã – um único caule aberto em várias pequenas flores coral, alegremente em forma de estrelas –, mas segue em silêncio. Ela parece mais cansada. Suas feições, caídas, seus olhos, um pouco mais escuros.

Enquanto serve o *congee* nas tigelas, ela olha para a porta.

Waipo sente falta de Feng.

Seu desânimo é minha culpa. A culpa cai fortemente no meu estômago, e a vergonha envolve-me como o lado áspero do velcro, aguçando a ideia de que agi muito mal.

Vermelho naphthol – a cor da caneta corretora marcando os erros que cometi.

Na sala de estar, vejo *waipo* riscar um fósforo. Na outra mão, o longo pedaço de incenso treme. Por um milésimo de segundo, a ponta carrega sua própria pequena chama antes de escurecer e assumir sua sutil luz calorosa. Um sussurro de vida emitindo cinzas e fumaça, salgando o ar.

Waigong recosta-se no sofá e começa a ver vídeos de música com o volume no máximo. Há um cantor vestido de pirata, segurando uma versão em miniatura de si mesmo na palma da mão. Pisco e, no momento seguinte, ele está dançando com homens mascarados.

– *Waipo* – eu digo. – *Lai*.

Ela olha para mim.

– *Lai kan*. – Tenho uma ideia de como distraí-la, de como fazê-la se sentir melhor.

– *Kan shenme?* – ela pergunta. *Veja o quê?*

Mas não sei como responder com palavras. Puxo-a pelo braço em direção ao quarto de hóspedes. Passamos pelas rachaduras que se estendem ao longo das paredes e são mais largas e mais altas do que eu. Atravessamos um buraco gigantesco em um canto do apartamento, um abismo tão preto e vazio que me faz tremer. O teto acima de nós está quase completamente quebrado. Finas linhas negras vão de fora a fora.

É claro que minha avó não vê nada disso.

É a minha visão de insone – considero-a um superpoder. Tal pensamento quase me faz sorrir.

Quando chegamos ao meu quarto, *waipo* se senta na cama.

– *Deng yixia*– eu digo a ela. *Espere*.

Quando abro a caixa, a primeira coisa que vejo é, novamente, aquela fotografia – uma cópia da que *waipo* tem em seu altar, apoiado na borda de uma tigela de frutas.

Duas garotas sentadas, as cadeiras de madeira com respaldar decorado e alto, as pernas penduradas. Uma delas é um pouco mais alta, um pouco mais velha.

Passo os dedos pelas bordas. Elas estão firmes, como se a fotografia tivesse sido cuidadosamente preservada ao longo de todos esses anos. Não é como a cópia desgastada que *waipo*, provavelmente, manuseia todos os dias e tem as bordas amolecidas e marcas de impressões digitais gordurosas.

– *Tamen shi shei?*– pergunto, segurando a fotografia diante de minha avó. *Quem são?*

Ela aperta os olhos e responde com uma sequência muito rápida de palavras que não conheço. Bem, pelo menos há outra maneira para eu conseguir entender.

Afasto minha rede feita à mão, porque está ocupando toda a parte de cima da cômoda, e pego a caixa de incenso. Repentinamente, sinto-me sem jeito, ansiosa. Por um segundo, pergunto-me se *não* foi o pássaro que trouxe aquelas varetas, se o incenso não teria pertencido à minha avó desde o princípio. Mostro-lhe a caixa, aponto para os caracteres impressos em sua tampa. Ela balança a cabeça. Não parece reconhecê-los.

Waipo me vê mexendo com um fósforo. Eu o acendo. Coloco a ponta incandescente do incenso na margem da fotografia e a vejo queimar.

A fumaça negra aparece. Não é o fio suave de antes. Não são as fitas onduladas. É como um vômito violento. Então entendo: a fumaça não gosta daquilo. Não gosta que eu tenha trazido outra pessoa.

A fotografia é arrancada de meus dedos por um vento invisível, levada pelo ar, onde explode em um crepitar de luz e cai em cinzas.

Quando me viro para minha avó, seus olhos estão arregalados.

Não há brilho.

Não há clarão.

As cores não invertem.

Sob os nossos pés, tudo treme e me pergunto se é um terremoto. O tremor é tão forte que as paredes já quebradas caem, o teto se desfaz em fumaça. *Waipo* grita enquanto a cama desaparece debaixo dela.

O chão já não existe. A gravidade desapareceu. Nós estamos em um abismo preto, girando em cambalhotas. Tudo o que ouço é o som da nossa respiração.

– Leigh – diz *waipo*.

Sua voz é como uma luz.

O preto desaparece. Nós caímos no chão, o impacto faz nossas pernas vacilarem.

Fumaça & Memórias

Um campo verde. Um céu de sorvete. Esse é o local em que estamos.

Onde, diabos, é esse lugar?

Waipo aponta para a grama à nossa frente e é como se seu dedo evocasse um vento. Uma lufada de ar vem de trás de nós, soprando os meus cabelos para a frente do meu rosto e fazendo a túnica da minha avó sacudir com força.

É nesse momento que uma fotografia passa por meus tornozelos, rodopiando com a brisa. Então, percebo que há objetos espalhados por todo o campo. Fotos. Cartas. Envelopes endereçados em chinês.

Então, vejo a caixa, virada de lado, meu nome rabiscado na tampa em canetinha preta.

As coisas que o pássaro me trouxe. A caixa que meus avós alegaram ter queimado. À sua volta, varetas quebradas do mais negro incenso. O que eu fiz?

Waipo pega um pedaço de papel amassado que está no chão, perto de mim. No momento em que sua mão o toca, surge um clarão intenso.

Cores desaparecem. Cores reaparecem.

A terra desaparece sob nossos pés e é substituída pelo antigo tapete bege do escritório do meu pai. O quarto está mal iluminado e cheira a roupa limpa. Estamos em pé, ao lado de sua mesa, onde ele está rabiscando uma folha de papel com uma caneta-tinteiro. O que a caneta escreve não está em inglês. Traços e curvas se moldam em caracteres chineses. Ele escreve com a bonita facilidade de quem tem prática.

A caneta-tinteiro faz um ruído áspero e duro, e a tinta preta vaza, recobrando o papel na forma de um osso de cachorro.

Ao meu lado, minha avó engasga. Ela gesticula enfaticamente, apontando para a tinta derramada. Levo um momento para entender: ela reconhece aquele pedaço de papel.

Ele poderia estar...? O pensamento cai pesado em meu estômago. Ele estaria escrevendo para *ela*? Para *waipo*?

Papai balança a cabeça ao ver a grande mancha de tinta, mas continua a escrever ao redor dela. Ele termina a carta, assina seu nome em inglês e chacoalha a página para a tinta secar mais rapidamente.

Meu pai pega alguns itens de suas gavetas: várias fotografias minhas (eu deveria estar no sétimo ou no oitavo ano), da minha mãe e de nossa família inteira reunida. Por fim, ele acrescenta uma coleção de minhas obras de arte – sendo que não me lembro da maioria das peças. Um autorretrato. Filhotes de esquilo pintados em pastel a óleo. As mãos da minha mãe deslizando sobre o piano. Um esboço feito em carvão dos waffles de domingo.

Com cuidado, ele coloca tudo em uma pasta, anexa sua carta na parte de fora e põe tudo em um grande envelope amarelo. Já existe um endereço na frente, escrito em chinês, com TAIWAN (REPÚBLICA DA CHINA) impresso na parte inferior.

– Brian? – minha mãe chama do corredor.

Papai se apressa a fim de empurrar o pacote para dentro da área oculta atrás do monitor do computador.

A batida vem em seguida – duas suaves batidinhas – e a porta se abre.

– Hora do jantar – diz minha mãe, colocando a cabeça no recinto.

Waipo dá um suspiro. Meu pai se vira em direção à porta com um sorriso, seus dedos pairam acima de seu teclado como se estivessem digitando algo.

– Eu já desço.

Um fluxo de luzes e cores ondula, zumbe, demorando um pouco mais tempo do que de costume.

Então, a escuridão. E depois o clarão, e as cores retornam, silenciadas. Acho que voltamos no tempo.

De repente, estou preocupada com tudo o que estou vendo, ouvindo e sentindo. E pensando também – posso sentir os pensamentos das pessoas.

Dentro de uma velha cozinha feita de paredes de gesso, uma jovem mulher canta, mexendo com uma colher de pau em um pote amassado. Com um suspiro feliz, ela se senta em uma cadeira tecida com fibra de bambu. Sua mão livre acaricia sua barriga, que carrega uma criança.

É Yuanyang. Não é mais a garotinha, mas ainda não é a *waipo* que conheço. Ela está em algum ponto entre essas duas.

Seu marido entra na cozinha com um sorriso. Ele usa um uniforme escuro, tem cabelo aparado bem curto. *Waigong*, tão jovem que quase não o reconheço.

– Não aguento esperar – ele diz. – Por que o bebê não chega logo? – É tão estranho ouvi-lo falar, lembrar que ele também já teve uma voz.

– Você sabe que ele não será um brinquedo, não sabe? – diz Yuanyang. – Ele será uma coisa viva.

– Ela – diz *waigong*.

– Como você tem tanta certeza de que é uma menina? – pergunta Yuanyang.

– Como você tem tanta certeza de que é um menino? – retruca o marido.

Yuanyang encolhe os ombros.

– É só o meu palpite. – Ela nunca teve filhos, como poderia saber?

– O meu não é um palpite – diz *waigong*. – Eu *sonhei*.

Escuridão densa. Um clarão. Novas cores.

Uma cena muito parecida com a que o incenso já havia mostrado antes: uma mulher em uma cama com um cobertor sobre a barriga. Yuanyang novamente, embora esteja alguns anos mais velha do que na última memória. Os olhos cansados, mas brilhantes. O mesmo marido à sua cabeceira, acariciando o filho recém-nascido. É uma outra garota, já cheia de música, resmungando e piscando para eles.

Ele envolve a criança no cobertor esfarrapado, e vislumbro uma pequena mancha marrom sob o queixo do bebê. A mesma marca de nascença que eu cresci vendo na cavidade de um pescoço branco. Era minha mãe.

– Jingling, venha conhecer sua nova irmã – diz Yuanyang.

Irmã. Irmã irmã irmã. A palavra sacode na minha cabeça, envolta na macia proteção da descrença. Minha mãe tem uma irmã mais velha. As fotografias em preto e branco das duas meninas – são elas. Minha mãe e minha tia. Dory e Jingling. Uma menina de quatro anos sai do canto escuro onde estava parada, em silêncio. Ela mexe timidamente na ponta de uma de suas tranças.

– Olha, Jingling – diz o pai. – Sua irmã se parece muito com você, quando nasceu.

Jingling se estica, tentando ver melhor o bebê.

– Consegue acreditar que você já foi assim, tão pequena? – Seu pai sorri. O suor acaricia seu rosto, deixando a cor de sua alegria ainda mais brilhante.

A parteira entra na sala, apressada, dando ordens, envolvendo o bebê em um tecido limpo.

– Jingling – diz a parteira. – Agora você é uma irmã mais velha. Você tem um papel muito importante a desempenhar. Está pronta?

Os olhos de Jingling estão arregalados. A garota não pisca.

– A partir de hoje, sua vida mudou. Agora você tem alguém para cuidar. A primeira coisa que pode fazer como irmã mais velha é arrumar a cozinha para que eu possa ferver um pouco de água. Então, poderemos desinfetar e lavar tudo.

Jingling acena com a cabeça e desaparece pela porta.

Yuanyang pega o bebê de volta e beija seu nariz. Que gesto mágico, lindo e caloroso.

Ela está plena de felicidade, mas também pensa em sua própria mãe segurando-a assim, recém-saída do útero – sua mãe tomando a decisão de vender uma filha recém-nascida. Yuanyang coloca o bebê mais perto, inalando profundamente. O cheiro de sua nova filha é uma delícia, melhor do que as melhores folhas de chá em Alibung Mountain.

– Elas serão melhores amigas – diz seu marido, radiante. – Nossas duas meninas.

– Sim – diz Yuanyang, aquecida pelo pensamento. – Melhores amigas.

Um brilho. A luz muda.

Em uma sala de estar que não reconheço, Yuanyang anda, aflita, em torno das duas cadeiras de brocado. Ela envelheceu algumas décadas. Seu cabelo é curto e ondulado, suas madeixas prateadas brilham na luz. Os cantos de seus olhos começam a apresentar rugas.

– Por favor, Jingling – diz Yuanyang. – Fale com ela. Ela está infeliz.

Essa memória parece diferente. Levo um segundo para entender: é da perspectiva de Jingling. Ela é mais difusa, menos nítida do que qualquer outra das memórias do incenso. É difícil ver os rostos com clareza. Há um doce cheiro floral – a sensação de estar dentro da cabeça de Jingling.

Ela cresceu, é uma jovem mulher. Seus cabelos estão presos em um coque. Um vestido simples pendura-se em seus ombros, com as mangas volumosas.

Yuanyang suspira.

– Você nunca teve esse tipo de problema. Você fez tudo tão bem. Sempre foi tão focada.

– Você não deveria nos comparar o tempo todo – diz Jingling, calmamente.

Yuanyang sacode a cabeça.

– Ela vai te ouvir. Fale para ela se esforçar mais. Diga que ela deve considerar suas prioridades.

– Eu falo – diz Jingling para acalmar a mãe.

Mas Jingling sabe que a irmã caçula tem um espírito diferente, que ela tem outro tipo de ambição. Sua irmã tem muitas coisas em mente, mesmo agora, no fim do ensino médio. Sonhos que vão além de ser uma filha perfeita, uma esposa perfeita. Sua irmã, com o apoio e a orientação adequados, pode ser uma verdadeira artista.

Jingling acredita com certeza absoluta: sua irmã poderia ser bem-sucedida, poderia ser famosa, poderia ser amada pelo mundo se as pessoas a conhecessem. A maneira como ela dominava o piano sem ter nada para praticar em casa – exceto por uma mesa de cozinha quebrada – era algo verdadeiramente mágico. Havia algo de celestial nos dedos de sua irmã. Algo que o resto da família não entendia.

– Obrigada, Jingling – diz Yuanyang, com a voz tomada pelo alívio. – Você sempre sabe o que fazer. Ela vai te ouvir. Tenho certeza disso.

Jingling também tem certeza, porque ela sabe o que dizer à irmã: para se esforçar, sim. Para entender suas prioridades. Mas também para reconhecer que, se suas prioridades são diferentes das que seus pais esperam dela, está tudo bem. Se eles precisam de tempo – mesmo anos – para entender isso, Jingling, ao menos, estará lá para apoiá-la, para fazer com que Mama e Baba vejam que por algumas coisas vale a pena largar todo o resto.

Tudo some, zumbindo como estática. A escuridão vem, e então o clarão, levando-nos a uma nova memória.

Do lado de fora do Aeroporto Internacional de Zhongzheng, Jingling aperta o pulso da irmã caçula. Dory já está crescida, é uma estudante da universidade, e está prestes a deixar o país pela primeira vez. Jingling mal consegue acreditar naquilo. Yuanyang está atrás delas, com uma expressão de óbvia desaprovação.

– Você tem tudo o que precisa? – pergunta Jingling.

Dory assente.

– Queria que você também se candidatasse para um programa no exterior. Assim poderíamos passar um tempo juntas na América.

Jingling sorri, como quem pede desculpas:

– Mas se eu conseguir fazer a maior parte da minha tese neste verão, consigo me formar antes. E economizo o dinheiro de matrícula.

– Eu sei – Dory suspira. – Você está certa.

– Vá estudar sua música. Inspire-se. O verão vai passar rápido e logo você estará em casa de novo. – O rosto de Jingling brilha com orgulho da irmã. – Tenho um presente para você.

– O que é? – Os olhos de Dory se iluminam.

– Uma surpresa – Jingling tira uma pequena caixa do bolso e ela observa sua irmã menor puxar a fita de cor creme e abrir a tampa.

Dentro da caixa, brilhava uma delicada pedra, com tons turvos, claros e escuros, de verde: uma cigarra de jade tão detalhadamente esculpida que parecia estar viva – que a qualquer minuto começaria a cantar.

– Jingling! – Dory fica sem ar.

– Fui a seis lojas diferentes para conseguir a cigarra perfeita – diz Jingling. – Sei que são suas favoritas.

– É incrível! Nunca vi uma tão bonita quanto essa.

A brilhante corrente faz a cigarra ficar bem no centro do peito da minha mãe, sobre seu coração.

– Mama escolheu a corrente – diz Jingling, gesticulando na direção de sua mãe. – Viu como ela é torcida? É uma corrente muito especial.

Dory e sua mãe se olham por breves momentos. Yuanyang é a primeira a desviar o olhar.

– Obrigada – diz Dory. – Vou usá-la todos os dias.

As irmãs sorriem uma para a outra.

– Eu também tenho uma coisa para você – diz Dory. – Nós pensamos da mesma maneira. – Agora é ela quem pega uma pequena caixa, de um intenso e lindo vermelho, a parte de cima dobrada como um origami.

Jingling sorri enquanto abre a tampa. Presa em uma pequena almofada de veludo escuro: uma pulseira de peças ovais de jade como pequenos botões de flores, cada uma das peças emoldurada em ouro.

Ela coloca a pulseira no pulso. Fica perfeita.

Tudo treme, parece um terremoto. As cores se invertem. Uma vibração estável aumenta de

volume e se torna um rugido tão alto que meus ouvidos doem.
As luzes e as cores piscam e se apagam, se acendem e se apagam.
Se acendem.
Se apagam.



Eu caio. Uma pancada contra o chão. Tusso no meio daquela nuvem de cinzas.

Cinzas por todos os lados, as paredes empoeiradas, todo o meu quarto coberto. O chão tomado por montes, todos mortais, de um cinza silencioso.

Irmã. Minha mãe tem uma irmã. Onde ela está?

Minha avó força-se a levantar da cama, parecendo abalada.

– *Waipo* – eu começo a dizer.

Minha mente está confusa e dolorida. Quais são as palavras que eu preciso para fazer a pergunta?

Firmando-se sobre seus pés, minha avó atravessa o quarto e sai.

No meio das cinzas, cartas chamuscadas, restos do que costumavam ser fotografias inteiras. Um pedaço de fita que devia estar unindo um pacote de envelopes. A caixa que recebi do pássaro está destruída.

Quase todo o incenso foi esmagado ou queimado – posso ver os rastros de cinza onde eles caíram e ficaram até terminarem de queimar. As poucas e preciosas varetas que ainda existem estão quebradas, cada uma de um tamanho.

A rede que teci com minhas camisetas foi consumida em partes, e o que resta dela está carbonizado e se desfazendo. Quando tento ver o que posso salvar, o tecido se desfaz em meus dedos.

Eu não deveria ter feito isso, trazer *waipo*. As lembranças de incenso eram só para mim. Como eu poderia saber?

Cada respiração é tensa, como se houvesse uma corda grossa amarrando minhas costelas, apertando meus ossos. Uma tempestade começa a se formar atrás de meus olhos, dando início a uma monstruosa dor de cabeça em minhas têmporas.

Pego o que posso: apenas três pedaços de incenso. Mais três oportunidades para chamar as memórias, ver as cores do passado e tentar entendê-lo.



Meu telefone apita, alertando-me sobre um novo e-mail, e nada poderia me deixar mais aliviada. Era exatamente do que eu precisava. Exatamente esse tipo de distração, algo para me afastar dos sentimentos de ruína e fracasso.

Vejo seis mensagens seguidas do meu pai que se alinham em minha caixa de entrada como uma lista de tarefas. Não me incomodo em abrir a maioria delas. Há uma dizendo que já estamos na Ásia há uma semana e querendo saber quanto tempo mais quero ficar. Sinto-me um pouco culpada pelo meu silêncio, então, respondo-lhe que estou bem e que quero ficar mais uma semana. Digo que quero, não que *preciso*, embora essa seja a palavra que reverbera em meu peito.

Eu *preciso* de mais tempo para seguir essas memórias e compreendê-las. *Preciso* reunir material para tecer uma nova rede e montar minha armadilha para o pássaro. Mas, obviamente, não digo nada disso a ele.

Então, clico no e-mail mais recente, aquele que fez o celular apitar. Uma mensagem de Axel.

DE: axeldereckmoreno@gmail.com

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: (sem assunto)

Teve um dia no verão passado em que ficamos no carro de Caro, no bosque. Nós conversamos sobre a ideia de se estar apaixonado, e havia algo de estranho ali. Eu sempre quis te perguntar sobre isso. Nunca soube como.

Aperto os olhos. Ele está perguntando agora?

Verão antes do segundo ano

– E se eu te ensinasse, Leigh? – disse minha mãe, sentada no banco do piano, olhando para mim. – Apenas o básico.

– Hoje não, mãe. – Levantei-me do sofá e balancei a cabeça por hábito, suavizando a ação com um sorriso.

Ela me observou juntar meus lápis. A culpa pesava sobre mim; eu deveria ter dito sim? Eu vinha recusando a oferta há anos. Não era que eu não queria que minha mãe me ensinasse. É que eu nunca estava no momento certo. E eu me preocupava em não ser boa o suficiente.

– Talvez fosse bom você sair com Axel e Caro – ela sugeriu. – Você fica muito tempo aqui comigo.

A culpa triplicou. Ela conseguia perceber que eu estava me coçando para sair da casa? Eu tinha ficado de castigo durante todo o verão *por esse ridículo ato de desaparecimento*, como dizia papai, apesar de ter sido sua culpa eu ter ido parar naquele acampamento. Eu não via Axel há tempos – e essa me parecia a parte mais inaceitável do meu castigo – e pensar nele formava um hematoma cobalto que continuava a aumentar.

Após o tratamento de minha mãe, no início do verão, abri mão dos meus planos de encontrar um emprego e comecei a passar todo o tempo com ela. Eu teria feito isso mesmo que não estivesse de castigo. O sorriso que ela tinha em seu rosto nas últimas semanas – tão genuíno, tão radiante – fez com que eu me convencesse de que ela estava de fato se recuperando. Mas eu também me preocupava que, quando eu tivesse que sair todos os dias, quando as aulas voltassem, ela se afundasse.

Eu não conseguia evitar a sensação de que tinha de dar a ela tudo de mim, que eu era o pilar que a sustentava.

– Pode ir – ela disse, como se pudesse perceber minha guerra interna. – O verão está quase terminando. Aproveite seu tempo.

Eu concordei. As coisas estavam, afinal, um pouco melhores. Mamãe estava indo a um terapeuta. Já estava há um mês com um novo medicamento. Papai e eu respirávamos com mais tranquilidade.

Então, mandei algumas mensagens de texto, me sentindo culpada. As respostas, que vieram quase imediatamente, trouxeram-me alívio. Caro deu a ideia de irmos ao riacho pelo qual sempre passamos no caminho para a escola. Ela queria tirar fotos sob o luar.

A noite estava quente e úmida, embora não tão incômoda quanto o início do dia. O céu já estava marrom como um rio, com raias de fogo perseguindo as nuvens. Os vaga-lumes piscavam, lentamente passeando pelo ar.

Caro abriu o porta-malas para pegar luzes, tripés e faixas de tecido. Axel e eu levamos cadernos e luminárias portáteis, e Cheslin chegou um pouco depois, com uma pilha de vestidos de brechó em seus braços, todos de veludo, cetim e tafetá, com botões de pérolas e fitas brilhantes.

Atravessamos um campo com grama alta e dura que chegava até nossas coxas. Caro nos conduziu a um bosque escuro de árvores, onde falcões estavam sempre entrando e saindo e podíamos ouvir o som de água.

– Que legal – Axel falou tão baixo, que tive certeza de que ele queria dizer isso apenas para mim.

– É – concordei.

– Nós não fazemos nada assim já faz tempo.

Ele conseguiria ver isso em meus olhos, a cor da falta que eu sentia dele?

– Aqui – gritou Caro, parando onde havia uma clareira entre os grossos troncos. – Isto é perfeito.

Todos ajudamos a drapear o tecido. Colocamos lanternas entre a vegetação e os refletores dobráveis no chão a fim de redirecionar a luz. Quando terminamos, o sol já havia se posto. A lua surgiu, apesar de meio encoberta pelas nuvens. Era um cenário estranho, feixes pálidos de fulgor passando pelas árvores, iluminando a fina cobertura.

Cheslin passou pó no rosto e começou a colocar vestidos por cima de sua roupa. Caro moveu-se, ficando na sombra, e, na frente da câmera, Cheslin tornou-se um fantasma.

– É uma nova série em que estou trabalhando – disse Caro. – Chama--se *Cheslin, a garota morta*.

Axel e eu encontramos um tronco caído para nos sentarmos. Estava muito escuro e ambos estávamos muito distraídos para podermos desenhar. Assistimos enquanto Cheslin se tornava uma deusa, uma sílfide, uma criatura do outro mundo. Vimos o mundo de Caro se limitar a Cheslin e apenas a Cheslin.

Em determinado momento, Cheslin começou a tirar suas roupas. Tirou o short, a regata. Ela soltou o sutiã...

– Opa! – disse Axel, sua voz perfurando o ar.

– Ah – disse Cheslin, virando o rosto em nossa direção e piscando como se estivesse nos vendo pela primeira vez. – Você se incomoda?

Axel tossiu e acenou com as mãos para a frente, como se dissesse *pode continuar*.

Cheslin encolheu os ombros.

– No fim das contas, é apenas um corpo – Caro sorriu.

Meu rosto queimava. Axel achava Cheslin atraente? Ela parecia uma ninfa, com aqueles membros elegantes e aquele longo cabelo cor de mel. Ela tinha uma beleza natural que eu nunca teria. Enquanto ela resplandecia, eu estava manchada de carvão.

Cheslin ergueu as mãos e revirou os olhos. Ela parecia ter saído de um filme de terror. Uma brisa moveu seu cabelo para o lado.

– Sim! – disse Caro. – Isso é perfeito.

Meu corpo estava tensionado, como as cordas de um piano. Eu tinha total convicção de que não me interessava por garotas, mas sentada ali, assistindo àquela cena, sentia-me uma *voyeur*. O calor se canalizou por meu ser, acumulando-se no meu estômago. Eu queria sentir o que Caro e Cheslin estavam sentindo. Eu invejava sua emoção.

– Vamos – disse Axel, levantando-se de súbito.

Fiquei, ao mesmo tempo, relutante e aliviada, e o segui para fora daquele campo. Caro e Cheslin nem sequer perceberam que partimos.

O carro estava cheio. Ficamos na parte de trás e deixamos as portas abertas.

– Desculpe, aquilo estava ficando um pouco estranho para mim – ele disse.

Meus olhos avaliaram a distância entre nós. Havia muito espaço para nos espalharmos e, de

alguma forma, terminamos perto o suficiente para sentir o calor do corpo um do outro, atraindo-nos como ímãs.

Engoli em seco.

– Foi meio estranho.

A poucos centímetros de distância dele. Pensei no que Cheslin havia dito: era apenas um corpo.

Ignore o fato de que é o corpo de Axel. Ignore o fato de que viu esse mesmo corpo quase nu há apenas um mês e meio. Ignore o fato de que deseja ver esse corpo novamente.

Somente. Um. Corpo.

– Era quase como se estivéssemos vendo as duas fazendo sexo. Exceto pelo fato de que elas nem sequer se tocaram.

A palavra *sexo* brilhou no ar como um fósforo aceso.

Eu me movi um pouco no meu assento para correr menos risco de me apoiar nele involuntariamente.

– Sabe, eu costumava ver Cheslin às vezes, muito antes de Caro ter me dito quem ela era. Eu a via na rua, entrando no carro, ou apenas caminhando uniformizada por aí. Naquela época, eu diria que ela era apenas uma garota comum da escola. Isso mostra como as pessoas podem ser surpreendentes quando as conhecemos. Essas duas são tão diferentes por fora... É uma sorte que tenham se encontrado.

– Pode ser que seja só tesão – disse Axel.

Isso me surpreendeu. A crueza daquele comentário não parecia com ele.

– Elas estão juntas há bastante tempo. Deve ser mais do que tesão. Pelo menos por parte da Caro... Ela me parece... realmente apaixonada.

– Uau – disse Axel.

– O que foi? – Virei-me para olhar para ele. – Parece que você não acredita.

– Acho que eu só... não sei bem o que pensar. Tipo, como a Caro sabe?

– Como alguém sabe? – Eu me senti na defensiva, por algum motivo. – Você simplesmente sabe.

Virei meus olhos para aquele lugar na floresta onde podíamos ver as luzes passando pelas árvores, e prossegui:

– Você sabe quando sente falta de alguém que viu há uma hora atrás. Quando não consegue parar de fantasiar sobre beijar a pessoa. Quando você se sente feliz demais apenas por estarem no mesmo cômodo. Quando você é viciado em apenas... estar ao seu lado.

Axel estava me observando, eu podia sentir isso. Tive medo de olhar para ele.

– Mas como, como você pode ter certeza de que tudo isso não é apenas uma coisa passageira?

– Acho não tem como... – Encolhi os ombros, e o movimento fez meu cotovelo tocar em seu braço.

– Você parece saber bem do que está falando. Como se já tivesse sentido algo assim.

– Talvez eu tenha sentido. Talvez não. – As palavras pareceram bobas, e isso me fez ficar em silêncio por um momento. – Talvez seja difícil você conseguir acreditar por causa de sua mãe. – *Porque você não quer ser abandonado de novo.*

Ele ficou tenso e de imediato me arrependi do que disse. De soslaio, vi Axel abaixando os ombros, respirando devagar.

– Talvez – ele concordou.

Pensei em meu pai gastando todo o seu dinheiro com ligações para Taiwan apenas para conversar com minha mãe. Pensei nas histórias de mamãe sobre as coisas bobas que ele havia

feito nos primeiros encontros. Truques de magia mal executados, piadas que não faziam sentido. Costumávamos rir muito disso tudo, ficávamos sem ar, sentíamos a barriga doer.

Era apenas uma coisa passageira? Meus pais ainda estavam apaixonados? Eles mesmos saberiam a resposta?

– Mas eu acho que não, na verdade – disse Axel, fazendo-me voltar à nossa conversa. – Eu acredito nisso.

– Você acredita? – falei, surpresa.

– Sim. Porque todas as coisas que você descreveu... Acho que também tenho esses sentimentos.

O peso absoluto de suas palavras bateu no meu peito, esmagou-me como o salto afiado de uma bota invisível. Com quem ele fantasiava? Quem o deixava feliz sem motivo? Imaginei que outra Leanne Ryan houvesse entrado em sua vida. Esse seria o seu padrão, começar todo ano escolar com uma nova namorada?

– Ah. – Minha voz soou distante.

– Eu nunca sei o que fazer em relação a isso – explicou. – Quando me sinto desse jeito, quero dizer.

Minha boca formou palavras sem que eu realmente soubesse o que estava dizendo:

– Bem, você descobrirá.

– É – ele concordou. – Acho que sim.



Pouco antes do amanhecer, adormeço.

O mais estranho é que sei que é assim mesmo. A fresca escuridão me envolve. A dor em minhas têmporas, finalmente, reduz. A felicidade do nada.

E, então, meus olhos se abrem e me vejo envolta em uma névoa cinzenta, numa tempestade de redemoinhos, o vento ganhando força. Posso ouvir as batidas desordenadas de asas.

É um sonho é um sonho é um sonho.

Eu sei que é como o sonho que tive antes, mas ainda assim não consigo detê-lo. Não consigo acordar.

– Mãe? – grito.

– Leigh! – Sua voz está aflita. As asas batem desordenadamente. Ela grita.

– Mãe! – Eu não posso vê-la, mas tento tocá-la mesmo assim.

Há um lampejo vermelho, penas batem contra o meu rosto. A tempestade faz com que elas se afastem.

O clarão de um relâmpago. Um estrondo ensurdecedor. O trovão estoura bem na minha frente. Tudo se ilumina em uma branca facada cega. Eu vejo sua silhueta contra as nuvens.

Ela grita. É um som frio, terrível e animal. Isso me dilacera. Posso sentir o cheiro de sua carne queimando. Na minha inspiração seguinte, engulo um pouco da nuvem da tempestade.

A cinza empoeirada recobre minha boca.



No dia seguinte, minha avó não diz nada. Toda vez que seus olhos encontram os meus, eles estão distantes e distraídos. Ela está pensando naquele mundo para onde a fumaça nos levou? Nas memórias que vimos? Gostaria de poder perguntar a cor de seus pensamentos.

Saio caminhando pela cidade, sozinha, meu passo pesado e ultramarino, na esperança de encontrar algum sinal do pássaro. Mas não encontro nada. Passo o dia obcecada com o que preciso fazer.

No fundo da minha mente, circulando como um abutre, um canto que não consigo interromper. *Quarenta e quatro dias. Quarenta e quatro dias.*

As imagens do sonho cintilam atrás de minhas pálpebras a cada piscar de olhos. Ainda posso sentir o cheiro do pássaro queimando. Posso sentir o gosto da cinza na minha língua.

O jantar vem mais cedo do que o habitual, e nós comemos em silêncio. O olhar de *waigong* vai de um lado para o outro, entre mim e minha avó, como um pêndulo. Ele percebe que algo aconteceu.

– Feng – digo por masoquismo, ou para ver a resposta, ou, talvez, sem nenhum motivo.

Waipo olha para cima.

Engulo o suspiro que desce raspando.

– *Wo... men... qu.* – Meu chinês insuficiente é como um muro intransponível. Concluo dizendo: – *Zhao ta.* – Rezo para ter usado os tons corretamente e que a frase se aproxime de *Vamos encontrá-la.*

Estou cansada de estragar tudo. Se eu não estivesse me sentido tão culpada, não teria levado *waipo* para ver a fumaça. E se eu não tivesse feito isso, não teria destruído tudo.

Mas talvez seja algo que eu possa corrigir. É estranho ficar ali sem Feng – e tenho vergonha de admitir, mas preciso desesperadamente de sua ajuda. Ela conhece Taipei, conhece minha família – ela pode me ajudar a fazer uma rede nova e melhor e a descobrir como atrair o pássaro para baixo.

Tento dizer de novo:

– *Qu zhao ta.*

Minha avó pisca. Não sei se ela me entende. É preciso muita persuasão para fazê-la calçar os sapatos e me seguir porta afora.

O sol já se aproximou do limite do horizonte. O ar está ligeiramente mais fresco, as sombras são suaves, mas ainda estão presentes. Foi bom ter guardado os artigos de papelaria da Hello Kitty com o endereço de Feng em Pinyin: o Google Maps mostra que não é muito difícil chegar lá.

No trem, *waipo* tira as contas de madeira do pulso e começa a rolá--las entre as mãos suaves e enrugadas. Seus dedos nodosos buscam o início da pulseira, onde a conta principal está presa por um trabalhado nó. Ela fecha os olhos e os polegares vão passando pelas contas, uma a uma, girando todo o círculo até voltar ao início. Eu me pergunto se ela está orando para que encontremos o pássaro.

Uma voz suave anuncia o nome de cada parada em quatro idiomas. Mandarin e taiwanês. Inglês. O quarto deve ser Hakka – acho que foi o que meu pai disse. A voz passava pelas linguagens como uma música. Como um encantamento. Aguardo o nome certo para sairmos do trem. Quando, enfim, saímos, o céu está escuro. As nuvens arrastam aquele véu noturno sobre si como um cobertor. Os tons de rosa e laranja diminuem com o crepúsculo.

Waipo me segue enquanto estudo o mapa em meu telefone, que nos leva ao ponto que marca a casa de Feng. Atravessamos cruzamentos largos nos quais motos passam com passageiros cansados e sacolas de mantimentos, alguns deles com cachorros empoleirados no vão entre as pernas das pessoas.

O apartamento de Feng fica em uma rua residencial, escondido no fundo de um emaranhado de vias estreitas. Sigo o caminho que nos leva até um degrau largo de concreto com portas duplas de aço brilhante e toco no número 1314.

Ninguém responde. Toco de novo, pressionando o empoeirado botão quadrado por alguns segundos a mais. Nada ainda.

Verifico o endereço para ter certeza de que estou tocando no apartamento certo. Talvez se esperarmos um pouco, ela volte para casa.

Observamos o céu assumir um roxo que depois se torna preto; observamos os ventos levarem as nuvens por cima de nós. Pergunto-me: se você retirar toda a escuridão, consegue encontrar aquele profundo azul YInMn? Talvez seja aí que estão escondidas todas as outras cores – em uma dimensão do mundo que simplesmente não podemos ver, entre o nosso céu e o resto do universo.

Então, começo a pensar sobre a possibilidade de existirem outras dimensões. Talvez estejam em camadas unidas, empilhadas como as finas páginas de um livro, para que você não possa vê-las, a menos que esteja olhando de um ângulo específico. Dimensões entre realidades. Dimensões entre vida e morte.

Talvez esses sejam os lugares onde os fantasmas vivem.

Waipo suspira e, vagarosa, com cuidado, desce o degrau, voltando para a rua.

– Espere – peço, a palavra vem automaticamente em inglês.

Minha avó se vira e balança sua cabeça com tristeza. Ela está cansada de esperar.

Tudo no meu corpo parece pesado e frustrado, da cor da poeira pela qual caminhamos. Respiro profundamente, saboreando o ar.

– Leigh? – O som do meu nome é como a lâmina fria de uma chave girando em uma fechadura. – O que você está fazendo aqui?

Feng está atrás de nós, metade dela na sombra, metade sob a luz fraca da rua. Mesmo no escuro, posso ver o padrão de flores azuis em sua blusa.

O olhar de *waipo* passeia entre nós duas.

– Viemos buscá-la – respondo.

Pela primeira vez, Feng parece não saber o que dizer.

– Por que não vamos comer algo? – ela diz, por fim. – Há um mercado noturno aqui perto.

Atravessamos algumas ruas, caminhando em silêncio, ouvindo os carros e as motos passando. Uma conversa ocasional vazava através de algumas janelas. O som de um *wok* que chiava com óleo.

Na rua seguinte, uma grande família estava em mesas com altas velas vermelhas e comida fresca. Celofane cobria o topo dos pratos. Arroz frito, berinjela, uma mistura de bambu e cogumelos. Três peixes inteiros em um pote de molho, coberto com cebolas. Feijão, guiozas, pãezinhos brancos esponjosos e muito mais.

No centro de cada prato, havia um incenso. Uma vareta no peito de um frango, na carne macia de um pêssgo. Varetas perfurando o celofane, firmadas em montes de arroz, em aglomerados de macarrão.

E, ao lado, um barril de metal, em chamas. As crianças correm ao redor da mesa, juntando pedaços de papel que brilham com a tinta vermelha e folhas douradas e jogando-os ao fogo.

– Oferendas do mês dos fantasmas – explica Feng. – O papel dourado é dinheiro fantasma.

– Oferendas? Essa comida é feita para os fantasmas?

– Isso. Os fantasmas também desejam comer, você sabe disso, né? Eles são mais famintos do que qualquer um de nós.

Sabemos que chegamos ao mercado noturno pela multidão. As placas coloridas e as luzes. A fumaça de alimentos sendo grelhados e fritos.

Waipo agarra meu braço e aponta para um suporte em que um homem está aplicando molho em uma peça retangular presa a um espeto de madeira. Depois, ele rola o espeto na farinha de amendoim.

– Bolo de sangue de porco – diz Feng, e, no começo, acho que ouvi errado. – Já experimentou?

Minha avó me cutuca de novo e entra na fila.

Eu agito minha cabeça rapidamente.

– Uh, tudo bem.

– *Hao chi!* – diz *waipo*. *Delicioso!*

Agito minha cabeça mais uma vez.

Feng dá um leve sorriso.

– Deixa disso. Vamos lá.

Através da fumaça e da multidão de pessoas, passamos por barracas vendendo alimentos fritos. Na esquina seguinte, onde os bloqueios impedem a entrada de carros, finalmente paramos de novo diante de um grande barril de sopa lotado de grandes bolas brancas parecendo pérolas.

– É uma doce sopa de arroz fermentado – diz Feng. – Com bolinhos de arroz.

– Está fermentado? – Levanto uma sobrancelha.

– É muito bom. Confie em mim.

Feng faz o pedido e nós nos sentamos em uma mesa ao lado.

Duas tigelas logo aparecem diante de mim e de minha avó. Grãos de arroz e manchas turvas de ovo flutuam em torno de bolinhos branco e rosa pastel. *Waipo* me entrega uma colher.

– E você? – pergunto a Feng.

– Na verdade, não estou com fome. – Ela balança a cabeça. – Só achei que seria algo gostoso para você experimentar.

Pego minha colher e como um pouco.

– Desculpe – digo. Feng olha para baixo. – Eu não deveria ter dito aquelas coisas para você. Fiquei fora de mim. Você não fez nada além de me ajudar.

– Está tudo bem – ela diz.

Ao lado de mim, *waipo* toma sua sopa, inconsciente da tensão ou tentando ignorá-la.

– Quando as pessoas estão sofrendo, muitas vezes não conseguem se conter. – As palavras de Feng saem num tom que mostra que ela sabe o que diz por experiência pessoal.

Aguardo para ver se ela vai dizer mais alguma coisa.

– Eu sei como é – ela continua, devagar. – Eu... Bem, também perdi minha família.

A fumaça de uma barraca próxima vem em nossa direção. Na rua, um cachorro sem coleira abana o rabo, esperando que alguém deixe cair um pouco de comida. A mãe na mesa ao lado vai

atrás do filho que tropeçou em uma tigela.

– Sinto muito – digo. – Eu não sabia.

Sinto uma horrível curiosidade e tento imaginar o que ela quer dizer. *Minha família*. Sua família inteira? Ela é a única que ficou? Parece grosseiro perguntar.

– Está tudo bem – responde. – Mesmo. – É difícil ler sua expressão.

Então, lembro-me de ela ter dito que está longe de casa há muito tempo. Eu me pergunto se tem algo a ver com isso.

– Isso só me faz pensar nos poucos vínculos que tenho com eles. Me sinto muito bem ao ver as oferendas do mês dos fantasmas. Sempre me ajuda a sentir que ainda existe essa conexão com minha família. Você sabe, os fantasmas ainda estão aqui.

– É mais fácil perceber que eles ainda são parte deste mundo, de alguma forma – digo, entendendo o que ela quer dizer.

– Exatamente. – Feng me dá um sorriso triste. – Continue. Coma.

Os bolinhos de arroz são pegajosos e recheados de pasta de gergelim, que escorre como uma gema mole. Deliciosos. A própria sopa é doce, um pouco picante, com um toque alcoólico.

– Muito gostoso, não é? – comenta Feng, animada. – O que eu mais gosto é da textura. Minha irmã costumava dizer que a melhor maneira de comer era fazer um buraco nos bolinhos e comer primeiro o recheio.

Paro com a colher a caminho da minha boca.

– Você tem uma irmã?

Feng pisca.

– Sim. Eu tinha uma irmã. – Ela olha para longe. – Não queria trazer o assunto à tona.

– Minha mãe também tem uma irmã. Mas eu não sabia. – Minha garganta está arranhada quando digo isso a ela. – Acabei de descobrir.

Uma mulher com um avental sujo se aproxima para retirar as tigelas e colheres usadas. Ficamos em silêncio por um longo momento.

– Na realidade, eu queria perguntar a *waipo* sobre isso. Eu poderia, humm... Você poderia traduzir? Eu só... não sei nada sobre minha tia.

Feng se vira para minha avó, falando em voz baixa. Os olhos de *waipo* se iluminam. Ela afasta a sopa e começa a falar.

– Sua tia adorava comer. Adorava descobrir novos sabores. *Popo* diz que nunca viu outra garota que pudesse comer tanto quanto ela... Era a coisa que *Jingling* mais gostava de fazer. Se ela demorasse muito tempo para comer, ficava irritada e brava.

Minha face se abre em um sorriso.

– Ela tentou ser uma boa irmã mais velha. Inteligente, confiável. Uma boa professora. Qualquer coisa que a apaixonasse, ela queria compartilhar com o mundo. Como a poesia americana. Ela era obcecada por uma poetisa chamada Emily Dickinson.

O nome soa em meus ouvidos como um gongo.

– Emily Dickinson?

– Sim – Feng continua. – Ela sempre recitava este ou aquele poema. Sempre que tentava ensinar a sua mãe sobre a poesia americana, ela se iluminava como uma chama. Era sua maior paixão.

Minha mãe tinha essa mesma paixão. A forma como ela gritava *Sim! Isso mesmo!* depois que um estudante de piano conseguia uma sequência. Seu rosto ficava cheio de ansiedade lilás sempre que ela sugeria que eu me sentasse para uma primeira lição.

– Quem tem irmã, tem muita sorte – diz Feng, calmamente. – Elas são família e também

conseguem ser melhores amigas. Mesmo na vida após a morte, acho que elas reconhecem a presença da outra como nenhuma outra pessoa.

Vida após a morte. Pergunto-me se Feng sentia a presença de sua irmã.

– Posso te perguntar uma coisa? – Minha voz está nervosa e hesitante.

– Claro – responde Feng.

– Você já viu um fantasma?

– Eu acho que as pessoas veem fantasmas o tempo todo – ela diz. – E acho que os fantasmas querem ser vistos. Eles querem ter certeza de que realmente existem. Eles voltam para este mundo depois de passar pelos portões da morte para outra dimensão e, de repente, ouvem nossos pensamentos, falam todos os idiomas, entendem as coisas que não conseguiram entender quando estavam vivos. – Eu concordo. – E você? Já viu um fantasma?

– Não sei dizer especificamente se já vi um fantasma. Mas acho que algo parecido com isso. Se eu te dissesse... – paro, saboreando as palavras antes de elas saírem.

As sobrancelhas dela se erguem:

– Se você me dissesse o quê?

– Você acreditaria em mim se eu dissesse que vi minha mãe?

Feng fica em silêncio enquanto considera a questão. Ela pega um guardanapo e começa a dobrá-lo como se fizesse um origami. Um quadrado, depois triângulos. Ela faz os vincos com as unhas.

– Sim – afirma, enfim. – Eu acreditaria em você.

Eu me recosto na cadeira, sentindo-me um pouco mais leve.

Feng me olha de soslaio e pergunta:

– Então, onde você a viu?

– Aqui. E na minha casa, algumas vezes. Ela é... – paro porque sei que parece ridículo. – Bem... Eu a vejo assim... Ela é um enorme pássaro vermelho.

– Um pássaro – Feng repete.

Minha avó emite um som que chama nossa atenção. Eu olho enquanto ela se inclina lentamente para pegar algo no canto escuro e sombrio embaixo da mesa.

Ela segura uma pena longa e sedosa, da cor de uma rosa.



Pensei que seria capaz de dormir depois dessa noite, mas, em vez disso, só consigo pensar na pena, em fantasmas e em outras dimensões. E o que é real.

E cores.

Eu vejo cores no escuro, agora. Às vezes elas assumem formas, ou mesmo rostos. Às vezes ficam zangadas comigo e assumem um tom sujo e vibrante de carmesim. Às vezes elas tentam me acalmar, formando cristais de um azul-claro.

Eu nem tenho que fechar os olhos. As cores estão lá, flutuando acima de mim, como portadoras da verdade. Onde quer que os meus pensamentos estejam, as cores os seguem.

Quero muito dormir. Até aceitaria ter um pesadelo.

As cores se moldam em um rosto. Como um esboço feito com pastéis a óleo. Conheço aqueles olhos. Aquele nariz. O queixo.

– Mãe? – chamo suavemente.

Ela desaparece em uma nuvem vermelha e as cores transformam-se em nada.



O friozinho do fim de setembro estava começando a aparecer. Minhas aulas de arte do segundo ano eram no último período do dia. Enquanto eu arrumava o material para ir embora, doutor Nagori me disse que havia ligado para a minha casa.

No início, pensei que estava com problemas com meu professor favorito.

– Queria falar eu mesmo com seus pais para que levassem a sério – ele disse.

– Com os dois? – Eu precisava saber o tamanho da encrenca que me esperava em casa.

– Sua mãe atendeu o telefone. Eu disse a ela que acho que você deveria enviar um portfólio para o Kreis, em Berlim.

Eu pisquei. Demorei para compreender o que ele havia dito. Só um fato tinha sido registrado com clareza: eu não estava metida em nenhuma encrenca.

– Berlim?

– *Kreis, Raum für Kunst* – reforçou. – Você se lembra dos slides da coleção daqueles jovens artistas que mostrei na semana passada? Aquela era uma exposição no Kreis, uma galeria de arte para jovens artistas emergentes.

Eu me lembrava, mas ainda não entendia o que ele estava querendo dizer. Eu não era alemã. Não era uma artista de verdade. Eu era só uma aluna do ensino médio.

– Eles estão com um projeto novo para o próximo verão: uma exposição internacional de artistas com menos de 18 anos. Será uma exposição com júri. Você deve enviar um portfólio até o início de junho. O tema é o surrealismo. Seu trabalho seria uma boa opção.

Junho. Aquilo parecia tão distante.

Eu não sabia que, em junho, tudo teria virado de cabeça para baixo. Que, de alguma forma, em um piscar de olhos, tudo poderia mudar.

Ou não em um piscar de olhos. Em algumas respirações. Em quatro golpes.

– Os meses passarão mais rápido do que você pensa – disse o doutor Nagori. – Eu incentivaria você a começar a trabalhar com afinco agora mesmo. O material que você vem produzindo é excelente. É como se o verão lhe houvesse dado uma nova visão, uma nova perspectiva. Eu quero ver você expandir esse último...

Perguntei-me se ele tinha ideia do que eu enfrentaria. Se ele imaginava que meu pai odiava o tempo que eu gastava com o meu bloco de desenho.

Se papai soubesse disso, não havia a menor possibilidade de ele me deixar seguir em frente. Eu já podia ouvi-lo dizendo: *“Você não perderá seu tempo com isso. Leigh, se você usasse essa mesma energia e aplicação para estudar para os exames! Ou para passar em química. Não é que você não se esforce – é que você se concentra nas atividades erradas.”*

Mas só se ele descobrisse. O que talvez não precisasse acontecer.

– Se a taxa de inscrição for um problema, acho que talvez eu consiga convencer a escola a pagá-la – disse o professor, gentil e discretamente. Ele estava tentando adivinhar meus

pensamentos, e ocorreu-me que a expressão no meu rosto talvez não fosse a mais positiva.

– Obrigada. – Forcei um sorriso. – Eu vou... falar com meus pais sobre isso.

Ficar conversando com Nagori me fez perder o ônibus, mas não importava. Axel acabara de tirar a carta de motorista e estava com o antigo carro de Tina, um Toyota Camry azul-escuro com ângulos duros, que esperava por mim na parte de trás do estacionamento. O motor fazia um ronco eterno, mas era muito suave para dirigir – ele já havia me deixado experimentar.

Contei a ele o que Nagori havia dito.

– Que incrível, Leigh! – Axel gritou, virando à direita na rotatória para pegarmos o caminho mais rápido até em casa.

As janelas estavam abaixadas porque ele gostava do som do vento soprando em sua orelha, por mais frio que estivesse. Virei-me no banco para pegar um casaco no banco de trás. Cheirava a comida tailandesa, mas eu o vesti mesmo assim.

– Acho que sim – respondi. – Ele estava tão sério. Não parecia ser uma notícia boa.

– Isso é apenas seu cérebro em choque, tentando lidar com a informação – Axel gritou contra o vento. – Você merece!

Eu estava encolhida em meu assento.

– Mas por que ele só falou comigo? E você?

– Deixa disso, Leigh, você não pode querer que todos sejam bons em tudo. Aceite. Isso é algo em que você é realmente excelente. Nagori vê o seu talento. Qualquer um pode ver, mesmo a quilômetros de distância.

– Mas *você* é bom. Você também deveria se inscrever. Suas aquarelas...

Axel sacudiu a cabeça.

– A arte é *sua* vocação. Não é a minha. Claro, eu gosto. É divertido. Mas o que eu curto mesmo é a música, você sabe disso. A arte visual apenas me ajuda a chegar a uma nova perspectiva. Se Deus me dissesse: *Está acabado, você não pode mais pintar*, eu superaria. Mas se alguém tentasse tirar isso de você... acho que você definharia, morreria. Você se transformaria em algo como uma uva passa. Teríamos que enterrá-la em uma caixa de fósforos. – Como fiquei em silêncio, ele se virou para me olhar e perguntou: – E aí, qual é a cor?

Dei de ombros. Eu não sabia.

Só mais tarde percebi o que me incomodava: a arte sempre tinha sido uma coisa *nossa*. Não era *minha*. Era algo que compartilhávamos. Passávamos as tardes de verão andando pelos parques, buscando novas imagens para colocar no papel. Quando não tínhamos aula por conta da neve, Axel ia para minha casa para desenharmos.

Quando me deixou em casa, naquela tarde, Axel me desejou sorte na conversa que eu teria com meus pais. Ao fechar a porta do carro, senti uma estranha sensação de separação. Quando o doutor Nagori me escolheu, ele cortou um vínculo entre mim e meu melhor amigo. Eu queria minha arte; queria ser boa. Mas eu também queria Axel, exatamente do jeito que sempre tinha sido. Como parceiro. Não como um torcedor.

Minha mãe estava sentada no banco do piano, de costas para ele, como se ela me esperasse entrar. Havia bolsas sob seus olhos e perguntei-me se ela de novo estaria tendo problemas para dormir. Ela se levantou quando me viu.

– Doutor Nagori ligou – disse minha mãe.

Soltei minha mochila, deixando-a cair no chão.

– Como você se sente em relação à exposição de arte? – ela me perguntou.

– Animada, eu acho. – Eu parecia qualquer coisa, menos animada.

Minha mãe levantou as sobrancelhas.

– Doutor Nagori disse que você tem um bom trabalho. Ele disse que esta é a oportunidade para você ser reconhecida. Você quer ser reconhecida, Leigh? Quer ir? Para Berlim?

– O papai nunca vai concordar. Então, não importa. – Afundei-me no sofá.

– Não – minha mãe disse com firmeza. – Isto é importante. Se você quiser ir, você irá.

– Eu nem mesmo enviei o portfólio, mãe. Essa é a primeira parte. Devo *ser aceita* antes de mais nada. Eles vão escolher só umas doze pessoas.

– Ahhh – disse minha mãe, sua voz cuidadosa. – Entendo. Você está com medo.

– Não estou com *medo* – retruquei tão na defensiva que tive que admitir que era uma mentira. Minhas bochechas estavam quentes.

Mamãe veio e sentou-se ao meu lado, na beirada do assento.

– Está tudo bem em sentir medo. Mas não está certo se o medo impedir você de agir. Você não deve ficar sem fazer nada. Não vale a pena viver assim.

Tentei engolir, mas minha garganta não permitiu. Havia algo preso, seco e violeta de metilo.

Mais tarde, fiquei pensando se era assim que minha mãe se sentia. Se ela achava que *não estava fazendo nada*, que não valia a pena viver a sua vida.

– Você já teve medo de fazer alguma coisa? – perguntei.

– Claro – minha mãe respondeu. – Eu tive medo de me casar com seu pai. Tive medo de chegar aos Estados Unidos. Mas olhe agora, veja como estou feliz aqui. Como sou feliz por ter essa filha maravilhosa, tão dedicada e talentosa.

Revirei os olhos como se estivesse encenando. Por que fiz isso? Um requisito terrível para ser adolescente é agir de uma maneira absolutamente horrível quando seus pais estão sendo adoráveis.

Vi o jeito com que minha mãe tentava mover o olho, como se fosse apenas água, como se não fosse escorrer por sua pele. Ela sorriu, mas seus olhos olharam para longe, melancólicos, como se estivessem preenchidos de um marrom turvo.

– Você vai fazer um portfólio. E vai para Berlim.



Outras coisas também estavam mudando. Axel estava criando mais música do que nunca, já que ele agora fazia parte de uma banda. A sala de música ficava no corredor que fazia esquina com meu armário na escola, então, criamos o hábito de caminhar para a aula de arte depois que ele saía da aula de jazz, no penúltimo período. Isso era ótimo. Até que Leanne começou a caminhar conosco.

Eu deveria ter percebido que não a víamos muito nos últimos tempos. Aparentemente, ela tocava saxofone alto – quem diria? Acho que Axel não a achava mais tão irritante. Havia cerca de 17 pessoas na banda de jazz e, entre elas, diferentes graus de socialização, dependendo de quais instrumentos tocavam. Tentei descobrir como Axel se encaixava nessa equação. Ele ficava, principalmente, no baixo elétrico, mas eu sabia que, às vezes, assumia o piano. Parecia, no entanto, que sua amiga mais próxima naquela aula era Leanne.

Um dia, os dois viraram a esquina que dava no meu armário, rindo muito, com dificuldade para respirar. Tanto que quase não consegui entender a história que me contaram:

– E o senhor Chiu colocou sua caneca bem ao lado dos trombones – disse Leanne, a cadência de sua voz dramatizando a cena. Parecia que os olhos dela iriam sair da órbita.

Axel riu.

– Então, fizemos essa corrida épica através da *coda*. Foi a primeira vez que essa peça foi bem executada...

– Vamos nos atrasar para a aula de arte – eu os interrompi.

– Ok, ok, ande e fale – disse Leanne.

O sorriso de Axel era tão grande que quase saía de seu rosto.

– Os trombones estão a todo vapor, e Chiu está gritando: “Isso! Isso!”. Como se ele estivesse fazendo o melhor sexo de sua vida. – Leanne estava morrendo de rir. – E Darrell Hudson se inclinou sobre a mesa e esvaziou sua válvula do cuspe na caneca de Chiu. – Axel explodiu em gargalhadas, lágrimas escorriam de seus olhos.

O sinal tocou, e nós percorremos o restante do caminho correndo, Leanne para a sala de estudo, Axel e eu para a sala de arte. Nagori virou-se para nós quando entramos. Começamos a tarefa do dia com Axel ainda rindo. Eu me curvei sobre meu pedaço de papel, esperando que ele não pudesse ver a ferida azul prussiano que escorria de mim.



A ideia é de Feng.

– Devemos visitar a universidade onde sua mãe estudou – ela disse depois que contei sobre o pássaro e expliquei por que estava tentando ir aos lugares que tinham sido importantes para ela.

Feng prometeu me ajudar a criar um novo plano. Ela disse que não acha necessário fazer uma rede, que visitar os pontos importantes para minha mãe parecia a escolha certa, mas que precisaríamos procurar melhor.

– Se o pássaro lhe disse para vir a Taiwan, então deve haver algo aqui que sua mãe quer que você faça ou veja – disse Feng. – Algo além de apenas encontrá-la.

Penso novamente no bilhete que minha mãe deixou amassado na lata de lixo:

Eu quero que vocês se lembrem

Nós pegamos um carro até Yangmingshan, que Feng me conta já ter sido chamado “Montanha de Grama”, por conta da grama que cresce, alta, e das flores em suas íngremes encostas. Seguimos por estradas sinuosas e bolsões de ar sulfuroso. Do lado de fora da janela, em todas as direções, um milhão de tons de verde. E atrás de toda essa vegetação, montanhas que parecem aquarelas. Camadas e mais camadas de azuis, cinza e verdes que se fundem umas às outras.

E quando, finalmente, chegamos à Universidade da Cultura Chinesa, ao edifício de música, com a entrada em ardósia e os telhados em estilo pagode, subimos até o quinto andar, onde ficam todas as salas de prática em que minha mãe deve ter permanecido sentada por horas treinando. Encontramos um *Olá* gravado acima da maçaneta da única porta destrancada.

Não há muito espaço, mas nós três entramos mesmo assim. O piano preto brilha com o nosso reflexo; levanto a tampa para expor seu sorriso brilhante, como minha mãe gostava.

Feng abre a única janela. O cheiro de enxofre preenche o ar e algo me obriga a clicar uma foto daquela cena. Acho que quero capturar o que minha mãe deve ter visto quando olhava pela janela depois de horas de prática. Quando ela era apenas uma aluna, sem o peso de ter uma família. Quando ela era – espero – feliz.

À medida que meu dedo toca o botão para tirar a foto, um grito perfura o céu e me apunhala.

Waipo agarra meu pulso e, com a outra mão, aponta para a janela a tempo de eu ver uma cauda vermelha deslizando para longe.

Pressiono-me contra a janela, inclinando-me o máximo que posso, mas ela se foi.

– Você conseguiu uma foto? – pergunta Feng, com a voz baixa.

– Acho que não.

De qualquer maneira, verifico meu telefone. Na tela, vejo os beirais do telhado. As montanhas de aquarela à distância. As árvores ao longe que parecem brócolis.

E no piso da varanda de alguns andares abaixo, um piso de pedra: a sombra de um pássaro.



Fico tremendo sem parar depois de nossa visita à universidade. À medida que o dia avança, as alucinações começam novamente. Cores brilham e se misturam. O contorno das coisas se afia e embaça. Linhas finas como teias de aranha aparecem.

Tudo ao meu redor parece destruído.

Os segundos indicam que se aproxima a meia-noite que marcará o final do quadragésimo quinto dia.

Devemos estar nos aproximando. Uma voz muito fraca grita em meu cérebro, *mais perto DO QUÊ?* O resto de mim se expande, defensivamente.

Mais perto de vê-la mais uma vez. De falar com ela. De abraçá-la.

Eu quero que vocês se lembrem

Ela precisa me dizer do que se trata. Antes que o tempo se acabe. Estamos tão perto. Tenho tanta certeza disso que me parece justificável usar uma das valiosas varetas de incenso restantes. Abro a gaveta e pego as duas fotografias que consegui salvar das cinzas. Ambas estão um pouco danificadas, mas quase inteiras.

Escolho a foto do casamento dos meus pais, que está ligeiramente curvada, uma ponta descolorida e outra totalmente consumida pelo calor. Minha mãe está com seu modesto vestido branco e um véu delicado caindo pelas costas. Meu pai, jovem e bonito, usa um terno alugado. É um retrato posado, mas a felicidade em seus rostos é real.

Com os dedos trêmulos, acendo a vareta mais curta.

Toco a brasa na fotografia e a observo começar a queimar.

Lampejos e um clarão.

Lampejos. E clarão.

Fumaça & Memórias

A fumaça me leva a um quarto grande parecido com uma uma residência estudantil para universitários onde papai costumava me levar para jogar pebolim e tomar refresco de máquina. A sala está cheia. A maioria são estudantes, reunidos em pequenos grupos, alguns parecendo mais amigáveis do que outros.

No centro da minha visão: a jovem Dory e o jovem Brian sendo apresentados por amigos. Ela parece tímida em um vestido cor de lavanda. Óculos de plástico gigantes sobre o nariz. Meu pai, com sua camisa larga de botões, inclina-se para dizer algo engraçado. O resto do ambiente faz barulho demais para eu conseguir ouvi-los, mas posso ver minha mãe gargalhar, seu rosto entrando em erupção como um foguete, os olhos apertados, os dedos finos que se aproximam para esconder a amplitude de seu sorriso.

Clarão.

Dory e Brian estão em um auditório vazio, compartilhando o banco do piano. Ele observa os dedos dela se moverem. Seus olhos estão fechados, e Schumann flui por suas mãos, um pé calçando tênis pressiona e solta o pedal dourado.

Clarão.

Dory, fora do apartamento de Brian, segura a cigarra de jade que pende de seu pescoço. Seu rosto está tenso e fechado. Ele abre a porta.

– Dory... Meu Deus! São três da manhã. O que foi?

– Desculpe – ela diz. – Quando me ligaram, era uma hora da tarde para eles. E depois precisei de alguém para me trazer até aqui... Estão todos dormindo.

– Calma – diz Brian, tomando seu pulso e puxando-a suavemente para dentro. – Quem ligou?

– Meus pais – explica Dory. – Eles ligaram porque... eles falaram que...

Brian aguarda. Seus olhos estão cheios de medo. Dory estremece e ele a leva até uma cadeira.

– Minha irmã – ela sussurra, enfim. – Ela está morta.

Meu coração se aperta, transforma-se em gelo.

– O quê? Oh, meu Deus, Dory. – Brian envolve seus braços ao redor dela. É quando ela começa a chorar. – Eu sinto muito.

Morta. A palavra é fria e plana, aquamarine como geada acumulada, e enche meu corpo com essa cor, e com as sílabas que ecoam. *Morta morta morta.*

Jingling morreu. Minha mãe tinha uma irmã, e minha mãe perdeu sua irmã, e ninguém nunca me contou.

– Eles não sabem o que aconteceu. Sua companheira de apartamento a encontrou no chão. Parecia que ela apenas havia desmaiado. – Dory espera parar de tremer, espera sua respiração pesada se aliviar. – Volto para Taiwan amanhã.

– Amanhã – Brian repete. – E quando você estará de volta?

– Eu não vou voltar – ela lhe avisa.

Brian se afasta enquanto a compreensão se assenta em sua expressão.

- Mas... ainda faltam três semanas.
- Já falei com o diretor do curso. Eu... eu cancelei.
- Tudo bem – Brian diz, lentamente. – Você quer que eu vá com você? Para Taiwan?

Dory parece confusa.

- Por quê?
- Bem. Hum. Eu sei que é um momento péssimo. Mas isso... é importante para mim.
- Isso?
- Nós. – Ele gesticula apontando para ela e, depois, em direção a si mesmo. – Você e eu.
- Faz apenas alguns meses – diz Dory.
- E?

Ela fica em silêncio.

– Diga-me o que você quer – ele diz, sua voz desafinando um pouco. – Por favor. Apenas seja honesta. Porque eu sei o que quero.

- O que você quer? – Mal dá para escutar a voz de Dory.

Ele olha para ela como se não pudesse acreditar que ela estivesse fazendo aquela pergunta.

- Quero que fiquemos juntos. Para começar.

Clarão.

Lá está minha mãe novamente, ainda uma estudante universitária, vestindo um vestido largo de algodão e sentada sobre a mala na calçada do aeroporto. Um táxi amarelo cruza na frente de outros carros para parar diante dela. No início, não reconheço o homem que desce do carro, mas depois percebo os cantos abertos dos olhos, o maxilar forte. É um *waigong* muito mais jovem. A outra porta também se abre lentamente acima do meio-fio. *Waipo* sai, os olhos vermelhos, o rosto cinza.

- Descobriram a causa? – pergunta minha mãe.

O som de sua voz é diferente, ela deve estar falando em mandarim, embora a fumaça mais uma vez me permita compreendê-la perfeitamente.

- Um aneurisma – diz *waigong*. Sua voz é baixa e rouca.

– Ela teve sintomas – acrescenta *waipo*. – Náusea. Dores de cabeça. Mas ela pensou que fosse apenas uma virose.

Minha mãe abaixa a cabeça, seus ombros caem como se ela tivesse desistido.

– Eu disse a ela para descansar, mas você conhece sua irmã – diz *waipo*, tremendo. – Sempre trabalhando. Nós até a encontramos no almoço naquele dia.

Uma estranha onda de alívio me percorreu. Um aneurisma. Não foi intencional. Não é como o caso da minha mãe.

Clarão.

Minha mãe está em um canto, segurando um grande telefone plástico entre a orelha e o ombro. Seu rosto está virado para a parede, onde ninguém pode ver sua expressão. Ela enrola as espirais do cabo do telefone em seu dedo indicador, volta por volta, até seu dedo estar todo recoberto. O som da voz de um jovem surge através do aparelho, a voz ligeiramente distante, de modo que demoro um momento para perceber que é meu pai.

- Mas como você está? – ele pergunta.

- Estou bem – Dory responde, sua voz um pouco baixa, um pouco tímida.

Percebo, então, que *waipo* está a poucos passos de distância, na cozinha, ouvindo atentamente a conversa com um olhar estranho em seu rosto.

- Sinto sua falta – diz Brian.

- Sinto sua falta também – ela diz, suavemente.

– Seus pais ouvem você falando ao telefone? – ele pergunta.

– Sim. Mas não entendem. Está tudo bem.

Ouçõ o som de sua respiração:

– Eu vou ver você.

Dory faz uma pausa. A postura de seus ombros muda. Ela ergue a mão para segurar o telefone com força.

– Mesmo? Você vem para Taiwan?

– Sim. E se seus pais estiverem dispostos a me conhecer, eu gostaria de conhecê-los.

Ela acena com a cabeça, sem palavras.

– Dory? Você me ouviu?

– Sim – ela responde, finalmente, sua voz cheia de emoção.

A voz de Brian fica mais baixa.

– Você está bem?

Ela acena com a cabeça mais uma vez, embora ele não possa ver.

– Sim. Estou bem. Preciso desligar agora.

– Ok. Até mais, Dory.

– Tchau – ela praticamente sussurra.

Quando desliga, *waipo* sai da cozinha e se coloca na frente dela.

– Quem era? Com quem você estava falando?

– Um colega de classe – Dory responde.

– Que colega de classe? Um colega de classe americano? Do curso de verão?

– Sim.

– Por que você estava tão estranha? – *waipo* indaga.

– Eu não estava – Dory retruca, sem fazer contato visual. Ela finge olhar para o relógio. – Vou ao mercado agora, antes que os melhores vegetais acabem.

Waipo não diz nada além de se afastar de cenho franzido.

Enquanto Dory calça os sapatos, ela finge não ouvir a conversa entre seus pais na outra sala: – Quem era? – pergunta *waigong*.

– Ela disse que era um colega de classe. – *Waipo* não parece feliz. – Eu acho que foi ele.

– O americano?

– Sim – diz *waipo*. – Ela estava falando com ele em inglês.

– Ela não pode namorar um americano. Ela deve se casar com um chinês. É um *dever*.

– Diga isso a ela *você* – diz *waipo*. – Ela está estranha.

Dory fecha a porta atrás de si o mais silenciosamente possível e corre pelas escadas.

A luz muda. As memórias somem.



Jingling. Ela morreu tão jovem. Como eu nunca fiquei sabendo?

E meus avós – nunca percebi que eles tinham sentimentos tão fortes em relação a quem minha mãe amava. É difícil imaginá-los tão severos, tão arrogantes. Qual a importância de minha mãe se casar com alguém que não fosse chinês, ou taiwanês, ou asiático? E o que eles pensam de mim, então, resultado da união de sua filha com um homem branco?

Eu me pergunto se *waipo* e *waigong* ainda pensam daquela maneira. Pergunto-me se é por isso que meu pai foi embora, se para ele seria insuportável conviver com eles.

Como meus pais pensaram que poderiam construir uma família guardando tantos segredos? É como construir uma base com uma fundação de terra solta e rezar para ela ficar em pé. Não é de admirar que tenhamos nos afastado.

Meu telefone toca.

DE: axeldereckmoreno@gmail.com

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: (sem assunto)

Clico e a tela demora um pouco para carregar.

Não havia nenhuma palavra no corpo deste e-mail. Apenas uma imagem que eu nunca tinha visto. Axel pintou uma aquarela da gata no balcão da cozinha passando os bigodes no queixo de minha mãe.

As duas se olhavam como se não houvesse mais ninguém no mundo.

Outono, segundo ano

As árvores mudaram sua folhagem, muitas já exibindo tons de marrom. As partes secas do outono estão espalhadas em nosso gramado. O ar me beliscou, bem uns dez graus a menos do que eu estava esperando.

As decorações de Halloween estavam por todos os lados. Espantalhos nos gramados que cruzávamos para chegar à escola. Decalques de fantasmas, bruxas e Frankenstein em quase todas as janelas. Abóboras esculpidas, algumas reluzindo com velas em seu interior.

Então, quando cheguei em casa, naquela tarde gelada, nem vi a gata no banco do piano. Minha atenção foi diretamente para a parte de trás. Havia uma outra decoração, uma criatura tão negra quanto se possa imaginar, perfeita para a hora das bruxas.

Peguei minha jaqueta e a gata saltou sobre ela. Isso chamou minha atenção.

– Hum, olá?

– Merda! – Algo pesado bateu no chão. – Ai, porcaria. Ai, ai, ai.

– Pai?

Fiquei surpresa de encontrá-lo ali. Seu voo deveria chegar apenas na manhã seguinte. Parte de mim estava desapontada, pois isso significava que eu não poderia passar a noite desenhando em paz. Mas tentei ficar mais animada. Era raro encontrá-lo em casa em uma sexta-feira.

– Leigh! – Meu pai virou no corredor com o rosto iluminado de alívio. – Você chegou bem na hora. Convenci sua mãe a sair para resolver algumas pendências, mas ela voltará a qualquer momento. Venha me ajudar com isso.

Ele acenou para a sala de estar, onde aquela estranha estrutura geométrica havia caído para o lado. Ajudei-o a erguê-la de novo, e ele clicou em algo na parte inferior.

– Pronto. O que você acha?

– Humm. Ótimo?

A estrutura era mais alta do que eu. Havia plataformas e colunas acarpetadas recobertas do que parecia uma corda.

– É uma área de lazer. Para Meimei.

– Para quem? – Levantei as sobrancelhas.

A gata miou, como se soubesse que estávamos falando sobre ela.

– É uma surpresa – disse papai, pegando a criatura.

– Você nos trouxe... um gato? – Tentei superar meu choque.

Meu pai viajava tanto que não era possível acompanhar seus fusos horários. Ele deveria ser a última pessoa no mundo a decidir adotar um animal de estimação.

– Eu apenas imaginei... Bem. Eu me preocupo que sua mãe esteja muito sozinha. Pensei que ela poderia desfrutar de um pouco de companhia.

– E quanto a mim? E os alunos de piano? Somos apenas picadinho de fígado?

– Os alunos de piano – meu pai repetiu com uma expressão estranha. – Claro. – De repente, ele estava muito ocupado mexendo na área de lazer da gata, que já parecia totalmente montada.

– Pai. Você está me escondendo alguma coisa?

– Hmmm? – ele disse, inocentemente.

Pensei em minha mãe, cansada e esgotada quando eu chegava em casa. Eu pegava o segundo ônibus todos os dias – Nagori estava me deixando usar a sala de arte para trabalhar no meu portfólio para enviar a Kreis. Eu costumava ouvir pelo menos quatro aulas de piano depois da escola. Mas, atualmente, eu chegava em casa tão tarde que não ouvia nenhuma.

A menos que não houvesse nada para ouvir.

– Ela ainda está dando aulas, certo?

Meu pai não disse nada.

A raiva foi tão rápida que até me surpreendeu:

– Ela parou? De novo? Quando alguém ia me contar? – E como meu pai descobriu antes de mim?

– Ouça, ela está apenas passando por uma fase difícil...

– Como você pode saber por que tipo de fase ela está passando? Você quase não fica aqui, pai – eu disse, mais rigorosa do que pretendia.

Ele estremeceu visivelmente.

Cruzei meus braços.

– Ela está piorando de novo. Precisa de ajuda.

Meu pai ficou em silêncio por um longo período. Finalmente, ele disse:

– Você está certa. Não estou presente o suficiente. Preciso mudar isso. Mais um ano e vai acabar. Mais nada de conferências, mais nada de viagens. Estou com a agenda cheia até o próximo verão, mas, depois disso, ficarei em casa e vou assumir um horário normal, e aqui mesmo. Está bem assim?

Era a minha vez de ficar em silêncio. Eu não sabia o que dizer. Deveria acreditar nele? Eu não podia ter certeza. Parecia muito bom para ser verdade. E pior, uma parte escura e horrível de mim não tinha certeza se eu queria que fosse verdade. Porque, se meu pai ficasse em casa, eu não teria a liberdade de trabalhar na minha arte. Ele estaria me incomodando o tempo todo. Diria para eu me concentrar nas coisas práticas. Provavelmente não deixaria Axel vir em casa com tanta frequência.

– E ela está recebendo ajuda – ele disse, sua voz em um volume mais baixo. – O médico acabou de alterar sua medicação. Às vezes, isso deixa a situação um pouco pior por um tempo. Mas nós estamos cuidando da questão de perto.

Pressionei minha boca em uma linha fina para não soltar algum comentário irônico sobre o uso das palavras *nós* e *cuidando de perto*.

Eu me joguei no sofá. Não fazia sentido ser a última a descobrir algo assim. Em comparação com meu pai, eu não era a base de apoio mais confiável? Tive que me esforçar para evitar demonstrar o desgosto em meu rosto.

Ouvimos o portão da garagem abrir e, então, o som do motor. Papai endireitou-se com entusiasmo. Ele colocou Meimei no alto de sua área de lazer.

Mamãe entrou e a gata miou.

– Surpresa! – meu pai deu um quase grito, jogando os braços para cima.

– Ah – ela disse –, meu Deus. É um gato?

Eu achava que minha mãe não gostava de gatos. Ela havia mencionado, muito tempo atrás, que achava os gatos malignos e que eles podiam tentar sufocar os seres humanos ao dormir. Mas, no momento que mamãe estendeu a mão, Meimei empurrou a cabeça para a direita contra a palma de sua mão e começou a ronronar. As duas se entenderam como se tivessem sido feitas

uma para a outra.



Papai viajou de novo. Eu me perguntava se ele sentia alguma culpa por ter aumentado a quantidade de moradores da casa que ele deixara para trás. À medida que os dias foram ficando gelados, mamãe começou a dormir cada vez mais. Naquele momento, eu já sabia muito bem cuidar de mim. Pelas manhãs, eu saía da cama exatamente sete minutos antes de Axel chegar com seu Camry na porta de casa. Era tempo suficiente para colocar a roupa, escovar os dentes, pegar um muffin e sair para encontrá-lo.

Era impossível saber até que horas minha mãe dormia depois que eu saía para a escola, mas eu costumava conferir se ela pelo menos havia se levantado para alimentar Meimei, colocar água limpa, esvaziar a bandeja de areia.

Essa parte escura e horrível de mim invejava a gata. Eu aprendi a ser autossuficiente, um aprendizado conquistado pela condição da minha mãe. Mas ali estava aquela criatura impotente, um animal que não merecia o nome de sua espécie, porque não podíamos contar com ela para matar uma barata. Ela era a única que conseguia tirar minha mãe da cama. Ela era a razão pela qual minha mãe colocava roupas decentes, a razão pela qual minha mãe se levantava para preparar um chá.

Às vezes, eu assistia da sala quando Meimei ia até minha mãe na cozinha e ficava se enroscando entre seus tornozelos. Quando mamãe se abaixava para acariciá-la, a gata se jogava no chão, virando sua barriga fofa para cima e fechando os olhos para receber um bom cafuné.

Era a gata quem fazia minha mãe se lembrar de que a vida era uma coisa real. Todo o resto de nós poderia muito bem ser substituído por manequins expostos em algum museu.



– É engraçado, nunca pensei em você como alguém que gostasse de gatos – disse Axel, pressionando os acordes no teclado, que estava na opção de guitarra elétrica. As notas saíram com força pelo fone de ouvido que estava pendurado em seu pescoço.

Eu estava no sofá, com o bloco de desenho apoiado nas pernas, sombreando com um pedaço de carvão.

– E eu não gosto mesmo. Não entendo Meimei. Tipo, ela vem se esfregar em mim para eu fazer um pouco de carinho nela. E, logo em seguida, enquanto estou fazendo carinho, ela vira a cabeça e me mordisca para eu parar. Olha aqui. – Estendo minha mão para mostrar os arranhões em seu dorso. – Simplesmente não entendo o que ela quer. Mas, de qualquer forma, ela é a gata da minha mãe.

– Eu também não imaginava a sua mãe como uma fã de gatos.

– Ela não é. Mesmo.

– Quando penso em alguém que adora gatos, penso em alguém como a mãe da Leanne, que costumava ser criadora e agora avalia exposições de gatos.

– Parece uma vida emocionante – comentei, sarcástica.

Axel levantou as sobrancelhas.

– Então, por que seu pai adotou a Meimei?

Encolhi os ombros, virando a página no meu bloco de desenho.

– E eu que sei? Talvez ele tenha pensado que um cachorro daria muito trabalho.

– Mas por que um animal de estimação?

– Para dar à minha mãe um motivo para sair da cama e fazer merda.

Axel ficou quieto. Os acordes pararam. Ele virou o assento ruidoso, ficando de frente para mim.

– Ela está bem? – Encolhi os ombros de novo. – Você pode, por favor, falar comigo sobre isso?

Algo em seu tom me fez parar e olhar para cima. Abaixei o carvão vegetal.

– Tem alguma coisa que você não me contou, não tem? – ele perguntou.

– O que você quer dizer? – questionei com um sinal de neon vermelho piscando perigosamente na minha cabeça: *merda merda merda*.

– Vamos, Leigh. Estou preocupado.

Axel cruzou os braços, e esperei, contando em silêncio até trinta, esperando que talvez ele desistisse. Mas ele não desistiu.

– Ela está... lutando... – eu lhe disse.

– Contra o quê?

– Contra tudo? Não tenho certeza. – Ele me olhou e joguei as mãos para o alto. – Estou falando sério! Mesmo. Eu não sei. Ela não fala comigo sobre esse assunto. Mas parece que cada pequeno detalhe cria uma parede intransponível. E quando ela está mal... é muito ruim.

Ele acenou com a cabeça.

– É a razão pela qual eles me enviaram para aquele acampamento horrível durante o verão – prossegui. – Assim eu ficaria fora do caminho para ela fazer o tratamento.

– Que tipo de tratamento? – Axel perguntou.

– Eletro o que quer que seja. ECT. Tipo, terapia de choque.

– Uau.

– Sim. – Soltei a expiração pelo nariz.

– Você poderia ter me contado, Leigh.

Abaixei os olhos para o chão.

– Então ela... ela tem...

Eu podia praticamente ouvir as engrenagens se movendo na minha cabeça enquanto procurava um rótulo, um nome, uma forma de descrever.

A palavra *depressão* saltava em minha cabeça. *Depressão depressão depressão*. Era isso mesmo o que ela tinha? Eu sabia que havia outros distúrbios de humor, outras condições e desequilíbrios químicos.

Depressão, abri minha boca para dizer, mas a palavra se recusou a tomar forma. Por que era tão difícil falar a respeito? Por que a condição da minha mãe parecia ser um grande segredo?

Axel me olhava com expectativa, ainda esperando que eu preenchesse o espaço em branco.

– Ela se esqueceu de como ser feliz – eu lhe disse. Mas isso também parecia errado.



Dia quarenta e seis. Fomos para o norte, para Jiufen.

Quando Feng me disse aonde *waipo* queria me levar, não entendi.

– Então você está dizendo que minha mãe nunca foi lá... mas que devemos ir de qualquer maneira?

– Há alguém em Jiufen que *popo* quer que você conheça – Feng explicou. – Acho que é realmente importante.

Tudo o que eu podia pensar era que *não podíamos perder um único dia*.

– Mas eu não tenho tempo. Preciso criar um novo plano para pegar o pássaro.

– Confie em mim, acho mesmo que isso vai ajudar – disse Feng. – Seu trem sai em duas horas, então você deveria começar a fazer as malas agora mesmo para passar a noite.

– Espere, você quer dizer o *nosso* trem, certo?

Ela brincou com a manga.

– Eu não vou. Não posso.

– O quê? Por que não?

– Não é um bom momento para eu ir – ela disse.

– Mas preciso que você me ajude. Eu preciso que você traduza.

– Eu não posso mesmo, Leigh. Desculpe.

E então ela foi embora.

Quando *waipo* e eu saímos do trem, há um homem mais ou menos da idade do meu pai esperando com uma minivan para nos pegar. Ele não parece feliz, mas abre a porta para nós mesmo assim e joga nossas malas para o pernoite no porta-malas. Elas caem fazendo um estrondo que sinto na parte de trás do meu assento.

Há uma troca rápida de palavras em taiwanês enquanto ele sai da estação de trem. Posso dizer que, pela forma como *waipo* olha para mim, eles falam a meu respeito.

– Oi – ele diz de repente, virando o rosto. É quando percebo que ele tem uma marca de nascença rosa que se espalha pela bochecha como uma nuvem pintada.

– Hum, oi – respondo.

– Eu sou Fred – ele se apresenta, suas palavras carregadas com sotaque.

– Leigh. – Aceno para ele pelo espelho.

– Prazer em conhecê-la – ele diz sem olhar para mim. Parece ser mentira.

Ele fica em silêncio e desvio minha atenção para a janela. A estrada parece uma onda, fortemente sinuosa, de modo que é possível ver montanha e mar e, às vezes, uma cidade movimentada. As lojas turísticas situam-se à beira das ruas. Aqui e ali vemos um cão sem coleira caminhando na lateral da estrada, um gato vira-latas empoleirado em algum muro, outro dormindo sobre um toldo.

– Não sei por que você está aqui – diz Fred, de repente. – Eles jogaram as cinzas para o norte. Não foi aqui.

Minha pele se arrepiou.

– Que cinzas?

Minha mãe minha mãe minha mãe.

– As cinzas de Chen Jingling – ele diz, e *waipo* ergue o olhar imediatamente.

Não são da minha mãe. São da irmã da minha mãe. Da minha tia.

– Jogaram as cinzas dela aqui?

– *Não* – Fred responde, enfaticamente. – Mais ao norte. Mais longe. – Ele vê a expressão no meu rosto. – Não diga à minha esposa. Ela pensa que vocês são clientes normais.

Meu cérebro está dando voltas. Olho para a minha avó, mas seu rosto está virado para a janela.

– Você sabe quem eu sou? – Fred pergunta, então, sua voz sai um pouco mais suave, menos rude.

Agito a cabeça.

Ele não diz mais nada depois disso.

Ao nosso redor, as montanhas se elevam cada vez mais alto em azuis e púrpura empoeirados. Quanto mais adiante vamos, mais água eu posso ver, um calmo e tranquilo azul acinzentado que se prolonga pelo horizonte.

Saímos da estrada principal e o carro sobe uma colina íngreme para parar em uma rua entre dois prédios.

– Venha – Fred diz. – Vou te mostrar o seu quarto. – Ele demonstra como abrir a pesada porta da frente e nos leva a um amplo espaço com mesas e cadeiras e um corredor que nos conduz até um quarto identificado como A3. – Aqui está a chave. – Fred levanta uma mão, bate três vezes contra a madeira da porta.

– Este é o nosso quarto? – pergunto.

– Sim.

– Então, por que você está batendo? – Sinto-me envergonhada por perguntar.

Ele me olha por um momento.

– *Gui yue hui peng dao gui*. Você conhece a expressão?

Minha avó faz uma careta para ele. Eu balanço a cabeça em negação.

– Significa que, durante o mês dos fantasmas, você vai encontrá-los. Você deve sempre bater antes de entrar no quarto de um hotel ou pousada, para ser respeitoso com eles.

Ele abre a porta, nos entrega a chave e nos deixa sozinhas.

O quarto é pequeno e bem iluminado. *Waipo* tira os sapatos e coloca os chinelos que nos são fornecidos. Eu faço o mesmo.

Do outro lado de um biombo decorativo estão duas camas baixas e uma mesa de cabeceira. Acima do conjunto, na parede, dois grandes leques lindamente pintados. Um com um par de grous de coroa vermelha, o outro com uma fênix solitária começando a mergulhar, as penas de sua cauda em forma de lágrima como penas de pavão, longas e drapeadas.

Pássaros. Sinto-me arrepiar.

Uma batida na porta me assusta.

Quando abrimos, Fred diz:

– Aqui está um mapa. Vê isso? Isso está atrás da rua antiga. Desça os degraus e vire à direita, é ali que fica a rua antiga. Ali você pode comer muito *xiaochi*. Você entende?

– Sim. – Lembro-me da tradução de Feng: *petiscos*.

– Se você for para a frente da rua antiga, vai encontrar um Seven. A loja de conveniência.

Seven. Como em 7-Eleven. Certo.

– Café da manhã das oito às dez, aqui mesmo – ele prossegue, apontando para o corredor. – Se tiver alguma dúvida, ligue para mim. – Fred aponta para um número anotado na parte inferior do

mapa.

Então, ele empurra o papel na minha direção e começa a fechar a porta.

Waipo diz algo em voz alta, irritada.

O rosto de Fred se retorce em uma mistura de raiva e indecisão.

– Está bem. Você vê a primeira estrela no mapa? Espere por mim na casa de chá. Eu encontro com você depois de terminar meu trabalho. – Ele faz uma pausa e, por um momento, noto o nervosismo em sua expressão. – Não fale com ninguém sobre Chen Jingling. Ok? E diga à sua avó que não quero gracinhas.

Ele se vira e bate a porta.



A chuva leve percorre seu caminho pela rua estreita entre as pequenas lojas e barracas. É impossível dar dois passos sem esbarrar em alguém, mas a multidão diminui à medida que a chuva aumenta. Lanternas vermelhas balançam, penduradas em longas linhas acima de nossas cabeças. O som ritmado da bateria serpenteia pela rua. Fora de uma loja que vende carimbos esculpidos, um cachorrinho com orelhas moles e pelo caramelo dorme confortavelmente enrolado, inconsciente da movimentação ao seu redor.

Na casa de chá, sentamo-nos no terceiro andar, perto das janelas, e espiamos a cidade e a água. A garçonete nos traz uma jarra de vidro cheia de um chá avermelhado. Os frutos secos se amontoam na chaleira. As pequenas *bagas goji* nadam, alegres, logo abaixo da superfície.

Waipo olha pela janela, distraída.

Tomo o chá, é um pouco doce por conta dos frutos. Aquele sentimento pesado retorna, uma névoa grossa que toma o meu cérebro. A cada piscar de olhos, demora um pouco mais para o mundo voltar ao normal e assumir seus contornos.

Com cuidado para não tocar em nada molhado, abro uma página em branco no meu bloco de desenho e começo a fazer um retrato da minha avó. Seus olhos distantes e melancólicos. Os lábios finos e pensativos. A túnica solta marcando o contorno arredondado de seus ombros. Seus dedos macios envolvendo uma xícara de chá. Grandes contas de madeira e uma pulseira de jade translúcida juntas em seu pulso.

É difícil imaginá-la discutindo com minha mãe. É difícil pensar que o relacionamento entre elas poderia se abalar até o ponto de se romper, até o ponto de alguém cortar o vínculo e decidir nunca mais olhar para trás.

Com um único lápis, tento capturar todas as cores de sua vitalidade em uma escala de cinza.

Quando termino o retrato, o sol já foi dormir. Foi complicado acompanhar a maneira como as sombras em seu rosto mudavam o tempo todo. Mas ela era boa em ficar imóvel. Devia ser algum pensamento sem fim que a manteve presa.

– *Hua wo a?* – pergunta *waipo*. *Você me desenhou?*

– *Shi ni* – confirmo.

– *Gan ma hua wo?* – Ela ri um pouco e balança a cabeça.

Do lado de fora da janela, o céu fica preto. As luzes da cidade cintilam em tons de laranja, amarelo, azul e verde. As grandes lanternas vermelhas estão iluminadas, festivas e brilhantes. E há mais luzes na água, os reflexos resplandecem suavemente. O que prova que aquele pequeno mundo ainda está bem acordado.

Minha avó chama a garçonete, que nos traz um cardápio. *Waipo* aponta para as fotografias dos pratos e faz perguntas sobre cada um deles, gesticulando enquanto fala. Eu escuto a cadência de suas palavras enquanto me ocupo brincando com nossa segunda jarra de chá.

Os pratos não demoram a chegar: bolinhos, raiz de lótus recheada, folhas de inhame salteadas, sopa de macarrão, uma cesta de bambu cheia de pãezinhos cozidos no vapor.

– *Baozi* – diz *waipo*, empurrando a cesta para o centro, onde as duas alcançam.

Um pequeno guardanapo branco se solta da estrutura de bambu.

Na verdade, não é um guardanapo: é um quadrado de papel, meio amolecido com a condensação do vapor, o que me permite enxergar um texto na parte de baixo. Demoro alguns segundos, com os dedos muito cuidadosos, para conseguir soltá-lo. Escrito à mão, com caneta azul, se lia:

Se pudesses encontrá-lo em um ano, Eu teceria os meses em romãs de lã E os guardaria em diferentes recantos Até chegar o amanhã.

Isso é tudo. Não há nada mais. O que quer dizer?

Só sei por um instinto puro e inabalável: é de Emily Dickinson.

– *Shenme?* – pergunta *waipo*, vendo minha expressão.

Não tenho ideia de como responder. Os tremores começam nos dedos dos pés e vão subindo pelo resto do meu corpo. Transformo-me em um terremoto. A qualquer momento vou desmontar. Segurando o poema com força, saio da cadeira e procuro a garçonete que nos serviu.

– Olá? Com licença?

Uma mulher diferente vem e me diz algo em mandarim.

– Eu preciso saber quem nos enviou isso – digo-lhe, segurando o quadrado de papel molhado.

Ela me dá um olhar incerto.

– Você fala inglês? Existe alguém que fala inglês aqui?

– *Deng yixia* – ela diz, virando-se e afastando-se rapidamente de mim.

Tento conter o pânico.

Minha avó também se levanta. Ela tira o poema de mim, suas sobrancelhas franzidas ao olhar as palavras em inglês.

– *Shenme?* – ela pergunta de novo.

Minutos depois, Fred aparece, olhando para nós de cara amarrada:

– Eu lhe avisei para se comportar como uma cliente normal!

Antes que eu possa responder qualquer coisa, *waipo* começa a cuspir um monte de palavras.

Ela aponta para o pedaço de papel na minha mão.

– Estou tentando descobrir quem nos mandou isso – digo. – Veio sob os *baozi*.

Fred pega o papel e lê o poema, seus olhos passando, impacientemente, de um lado para o outro.

– O que é isso?

– Acho que é um poema de Emily Dickinson.

– Emily Dickinson – ele repete lentamente. E mais uma vez, ainda mais lento: – Emily. Dickinson...

– Certo. Você sabe quem é?

Ele balança a cabeça em negação. Mas, então, um momento depois, arregala os olhos. Ele puxa um banquinho que está por perto e se senta.

– Eu conheço esse nome, Emily Dickinson. Nós queimamos o poema de *Emily Dickinson* para o casamento.

– Que casamento? – pergunto bruscamente.

Sua voz diminui.

– Quando me casei com o fantasma de Chen Jingling.

Eu olho para ele, sem palavras.

– Você não sabia? – ele pergunta ao ver a expressão em meu rosto.

Balanço a cabeça.

- Ok. – Fred suspira. – Eu não quero falar aqui. Primeiro você tem que ver.
- Ver o quê? – pergunto.
- Olhe essas árvores – ele diz apontando para fora da janela.

Estico os olhos para passar pelas luzes refletidas no painel, pelas manchas gordurosas de impressões digitais no vidro, tento encontrar algo no escuro para focar meus olhos. Depois de um momento, encontro a silhueta das árvores, um conjunto de árvores que não está muito longe da casa de chá.

- *Kan dao le ma?* – pergunta *waipo*. *Você vê?*

O que eu deveria estar vendo?

- A energia flui através das árvores – Fred explica com calma. – Veja as folhas.

E lá está. As bordas afiadas de uma silhueta que muda e se move, formando molduras de animais e seres humanos. As sombras começam nas partes superiores dos ramos, soltando-se e seguindo livremente para o céu, transformando-se em uma névoa pálida antes de desaparecer na escuridão. Toda vez que pisco, meus olhos têm que se readaptar, voltar a focar, encontrar os contornos novamente.

– Onde há uma forma, há um espírito – diz Fred. – As pessoas que têm a estátua de Guan Yin sabem que há algo lá, preenchendo sua forma. Mas essas pessoas se esquecem das formas originais feitas pela Terra. As árvores também possuem espíritos.

- *Gui?* – perguntei, olhando para *waipo*. *Fantasmas?*

Ela assente com a cabeça.

– Você nunca deve acender uma tocha perto das árvores – Fred me explica. – A luz incomoda os espíritos. Agora, como é o mês dos fantasmas, podemos vê-los claramente aqui, tão perto de Jilong. A maioria das pessoas tenta não ver os fantasmas. Elas apenas queimam suas oferendas e ignoram os sinais. Mas se você olhar e tentar enxergar, você verá.

Há algo de belo na forma como as sombras se movem. Como contorcionistas. Como dançarinas. Como pinceladas em uma tela.

Analiso com cuidado para ver se vejo um grande pássaro. Se há uma silhueta que possa ser minha mãe.

Fred estica a mão sobre a mesa para pegar o último pão – que ele enfia de uma vez só na boca.

- Agora vamos voltar, para que sua avó possa descansar. Então, conto tudo para você.



No terceiro andar da pousada de Fred, há uma varanda com cadeiras e uma mesa, que fica de frente para o muro de pedra. Acima, as formas vagas de gigantes se deslocam pelo céu, pelas nuvens veladas da noite. Sentamo-nos ali no escuro silencioso: Fred de um lado da mesa, com um cigarro apagado entre os dedos, eu do outro, apoiada sobre os cotovelos, olhando a cidade. A brisa sussurra ao passar por nossos rostos. Pela primeira vez desde que cheguei a Taiwan, sinto frio.

Ele coloca o cigarro atrás da orelha e pega uma caixa de fósforos.

– Você está com o poema?

Entrego-lhe o papel e o observo riscar o fósforo e tocar a chama no poema, que ele colocou sobre o cinzeiro de porcelana.

– Isso veio de um fantasma. Agora nós enviamos de volta. – Ele acende o cigarro na suave chama.

Se eu forçasse os olhos, mal poderia distinguir o contorno das montanhas. O brilho das luzes parece formar pedras preciosas na superfície da água.

– Muitos anos atrás, quando ainda vivia em Taipei, fui a Shilin para visitar minha irmã. Eu estava a caminho de seu apartamento e vi um envelope vermelho no chão. Alguém havia deixado cair. – Fred faz uma pausa e olha para mim. – Você sabe o que é um envelope vermelho?

– Tem dinheiro dentro, certo? Eles são entregues em datas como o Ano-Novo Chinês, não é isso?

– Sim – diz Fred. – Peguei o envelope vermelho e pensei na sorte que tinha tido. Eu precisava mesmo de dinheiro! Mas dentro, em vez de dinheiro, tinha... Como se diz isso? Cabelo. Um grupo de cabelo? – Ele gesticula com os dedos como se estivesse acariciando fios sedosos. – Um pacote de cabelo?

– Uma mecha de cabelo?

– Sim! Uma mecha de cabelo amarrada com uma fita. Então, seu avô, que estava escondido atrás da esquina, apareceu e me disse que o cabelo pertencia à sua filha, Chen Jingling, e que eu tinha que me casar com ela.

– Mas ela estava morta?

– Sim. Então, eu tive que participar de um casamento fantasma.

– Mas você não podia dizer não? Eles não poderiam forçá-lo a fazer isso, poderiam?

– Fiz isso porque eles estavam sofrendo. Eles ficariam com o coração em paz se soubessem que a filha tinha um marido. Mas, sabe, viu isso? – Ele aponta para a marca de nascença em seu rosto. – Se alguém é marcado pelo universo, deve ser por uma boa razão. Penso comigo que é parte do meu destino. Além do mais, se você tem uma esposa fantasma, às vezes ela pode trazer boa sorte.

– Você acha que ela te traz sorte?

Os olhos de Fred se arregalam e ele assente com a cabeça.

– Sim. Com certeza. Tudo o que tenho agora, tenho por causa de Chen Jingling. É por isso que

ainda mantenho meu apartamento em Taipei. Eu só vou lá algumas vezes por ano. Mas mantenho o apartamento para ela, por causa de tudo o que ela faz por mim. – Ele suspira. – Devo voltar para Taipei em breve, provavelmente. Sempre tenho afazeres lá.

Eu tento imaginar uma vida tocada por um fantasma. Alterada por um fantasma.

Uma brisa fresca passa e, como se atendesse meus pensamentos, acredito ter ouvido um bater de asas ao longe. Olho para o céu, procuro um sinal, uma silhueta, qualquer coisa.

O vento recua. Tudo em silêncio novamente.

– Como foi o casamento? – perguntei.

– É como um casamento normal, mas eles fizeram um tipo de boneca para representá-la. Usaram bambu e papel. Ela estava com roupas e joias de verdade. Depois, tudo foi queimado. Enviamos tudo para o mundo espiritual.

– Em seu casamento, você... – faço uma pausa e espero que as palavras se assentem em minha língua. – Você conheceu a minha mãe?

– Não. – Fred balança a cabeça. – Seu avô mencionou que Chen Jingling tinha uma irmã. Mas não a conheci. Por que ela não veio com você para Jiufen?

A pergunta é tão inesperada que minha respiração trava.

– Ela... Ela não podia.

– Que pena – ele diz. – Fica para uma próxima vez.

– Uma próxima vez – repito.

Ele traga o cigarro e inclina a cabeça para trás a fim de soltar a fumaça para cima.

Um novo pensamento me vem à mente:

– Você já viu Jingling?

– Eu lhe disse, ela morreu, é por isso...

– Não, quero dizer... – Inclino-me mais para perto. – Você sabe... Já viu seu fantasma? Seu espírito?

Ele franze as sobrancelhas.

– Eu vejo, ouço e sinto o suficiente para saber que ela está presente.

– Você já viu algum outro fantasma?

Fred se irrita mais uma vez. Ele bate no cigarro com a ponta do polegar. Um pouco de cinza cai sobre a mesa.

– Por que está perguntando isso?

– Você parece saber muito sobre fantasmas.

– Claro – ele diz, quase na defensiva. – Eu casei com um fantasma. – Ele olha para a água, e algo suaviza em sua expressão. Sua voz fica baixa. – É o mês dos fantasmas. Não é um bom momento para fazer esse tipo de pergunta. Especialmente aqui.

– Por que “especialmente aqui”?

– Estamos perto de Jilong. O Festival dos Fantasmas é tão grande que chama a atenção de muitos fantasmas. E devido à maior concentração de fantasmas, eles ficam mais visíveis para os vivos. Como quando você pode vê-los nas árvores. Quando os fantasmas vêm aqui, eles se tornam mais visíveis. Eu já falei antes. *Gui yue hui peng dao gui*. – Fred apaga o cigarro na borda da parede da varanda e se levanta. – Eu vou dormir. Você quer ficar aqui?

– Sim, acho que vou ficar um pouco mais.

– Ok. Apenas feche a porta quando for embora. Não fique fora até muito tarde. Lembre-se de que estamos no mês dos fantasmas.

Escuto o som de seus passos diminuindo na escada até que tudo o que resta é o ruído do vento que sussurra com as árvores, um carro ou moto ocasional passando na estrada logo abaixo.

Permaneço ali até o frio me dominar, até minha pele ficar gelada ao toque, toda arrepiada. Estou prestes a ir embora quando ouço um barulho.

O som das asas. O vento vindo em ondas pulsantes.

Pisco e vejo o pássaro, tão grande e bonito como da primeira vez em que o vi. As penas mais vermelhas, quase roxas pela escuridão, brilhantes sob a lua, longas, definidas e curvadas. Ele voa baixo. Gira em círculos acima de minha cabeça, fazendo oitos e atravessando o céu.

Toda vez que a ave se afasta e acho que não vai voltar, ela faz a curva e retorna.

Há uma urgência e uma alegria na forma como ela voa. A cada batida poderosa de suas asas, ela ganha altura. Sobe no ar e mergulha de volta. As penas mais longas deixam seu rastro como uma cauda de pipa, como a fita de uma dançarina.

Eu me levanto, pulo com toda a força, balanço os braços sobre a cabeça.

Por que ela não desce e fala comigo?

Eu quero que vocês se lembrem

É impossível dizer se o pássaro me viu. Mas não posso deixar de acreditar que ele sabe que está sendo observado. Ele mergulha, vira, vira.

– Mãe – eu digo, a palavra finalmente se arrastando ao sair da minha garganta.

Essa única sílaba quebra o feitiço.

No céu, o pássaro vacila, apenas por um milésimo de segundo. Mergulha mais uma vez, e então voa.



Quarenta e sete dias.

Todas as cores em torno de mim são supersaturadas e misturadas. Os azuis neon escorrem do céu. Verdes profundos se espalham pelo mar, pelas estradas. Minha cabeça pulsa. Minhas costelas doem. Acho que é por isso que dizem que dormir é importante.

O quadragésimo sétimo dia passou em um piscar de olhos. Café da manhã. Um templo. Ônibus. Trem. Metrô. Baldeação para outra linha. De volta para casa.

O tempo acabou.



– Você descobriu alguma coisa em Jiufen? – pergunta Feng.

Faltam dois dias. Dois dias para encontrá-la.

Preciso mesmo dormir. Na noite anterior, não consegui pegar no sono depois que o pássaro voou para longe. Sentei-me lá fora e fiquei observando o céu até o amanhecer. O sol rastejou sobre a água, brilhou para acordar o mundo. Havia muita névoa subindo a montanha, como uma trilha de espíritos. O pássaro não voltou.

– Eu conheci o Fred. Aquele que casou com o fantasma de Jingling – conto a Feng.

Seus dedos mexem na bainha de sua blusa com estampas de margarida, onde um fio começa a se soltar.

– Pobre Jingling – ela diz. – Ela... bem. Aposto que ela teria desejado a chance de se apaixonar antes de morrer.

O céu tem um tom índigo aveludado com uma pitada de nuvens escuras e prateadas.

Minha mãe me disse uma vez: *“As nuvens que você vê à noite realizam promessas”*.

– Eu também vi o pássaro – revelo a Feng. – E acho que ele me viu. Ele não desceu. Ele não...

– Minha voz desafina e, de repente, preciso de ar.

– Talvez ele não precisasse – Feng diz, com muita calma. – Talvez fosse o suficiente.

– O que você quer dizer? Minha mãe me disse para vir para Taiwan... Ela tem algo para me contar.

– Talvez ela apenas precise... se lembrar. E ser lembrada.



A fumaça dança no ar do mercado noturno, passando por nós. Em uma tigela, tomo uma sopa

cheia de grandes pedaços de macarrão de arroz – um deleite salgado que Feng pediu para mim. Estamos só nós duas ali, sentadas em um banco, vendo algumas crianças agachadas no chão, brincando com a sedosa e macia orelha de um cachorro.

Então, uma das crianças se levanta e começa a gritar.

– *Agong! Agong!*

Sua mãe corre para fazê-los ficar quietos. Ela profere uma longa série de palavras, todas muito além do que posso entender. Ela parece perturbada.

– O que está acontecendo? – pergunto a Feng.

– A menina diz que vê seu avô. A mãe alega que isso é impossível.

– Por quê?

Feng encolhe os ombros.

– A mãe diz que o avô está no céu. A menina diz que não está, não. Então a mãe pergunta como ela pode saber disso...

A menina fica balançando a cabeça.

Em apenas mais algumas horas, o dia quarenta e sete vai terminar.

– A menina disse que só os anjos podem subir ao céu. Então, a mãe diz que seu avô é um anjo. Mas a garota não acredita.

Observamos em silêncio a mãe levar suas filhas para longe. A mais velha – a que começou a gritar – não para de olhar por cima do ombro, o olhar fixo em algo ao longe.

– As crianças sabem a verdade – afirma Feng, sua voz fica muito baixa.

– O quê? – Eu me viro para observá-la. – O que você quer dizer?

– Elas ainda não aprenderam a caminhar com um véu sobre os olhos. Esse é um hábito que vem com a idade adulta. As crianças sempre sabem o que veem. É por isso que os fantasmas não conseguem se esconder delas.

Os fantasmas não conseguem se esconder delas.

Penso no pássaro, em suas penas e em meus terríveis sonhos nos quais ele sofre e desaparece.

Olho para a cidade, para os carros e as motos, para os vidros e as luzes. Os edifícios distantes brilham, uma coleção de estrelas artificiais.

Observamos um jovem casal caminhar pelo mercado noturno, de ombros colados e mãos dadas. Eles compartilham uma sobremesa e trocam sorrisos.

– Você já amou? – Feng pergunta.

– Eu não sei – respondo, mas pareço estar mentindo.

Amor. E o que qualquer um de nós realmente sabe sobre isso?



Fazia quase dois meses que Nagori havia me contado sobre a exposição de jovens artistas em Berlim. Papai não tinha dito uma palavra. Acho que mamãe não estava planejando contar para ele. O que tivesse que ser seria.

Junho parecia estar muito longe, mas Nagori me cobrava progresso.

– O que, diabos, eu *desenho*, Axel? – Joguei-me em seu sofá, de cara para baixo, pressionando meu nariz contra o tecido do estofado. Meu bloco de desenho estava no chão, onde eu o havia jogado visando não ter que olhar para o desenho que eu tinha começado. – Não sei como fazer um maldito portfólio.

– O que há de errado com as obras que você fez? – ele disse, pressionando os acordes no teclado digital. Ele tinha abaixado bastante o volume e eu podia ouvir com mais clareza o toque das teclas de plástico do que as notas em si. – Você não está trabalhando na sala de arte depois das aulas?

– Nada disso é bom o bastante. Eu não posso simplesmente continuar fazendo essas coisas estranhas, surreais... esboçadas. Se eu quiser ser aprovada para a exposição, preciso enviar obras que sejam mais...

– Profundas? – Axel sugeriu.

– Sim! Exatamente. Profundas e, tipo, com um acabamento muito melhor.

– O acabamento leva tempo. Mas não tenho certeza se você pode *tentar* ser mais profunda. Acho que é assim que as pessoas acabam fazendo essas coisas hipster, pretenciosas.

– Hipster? Sério? E quem diz isso é o Senhor Ópera Eletrônica...

– Ei, não vou sair do meu caminho para tentar ser *profundo*. – Axel levantou as mãos. – Estou apenas tentando fazer algo que realmente me interessa. Que é o que *você* já estava fazendo antes de arrancar o suspensório por causa desse tal de Kreis.

– Suspensório? – Levantei minhas sobrancelhas.

Ele encolheu os ombros.

– Apenas estou tentando algumas alternativas. Fazer referência a *calcinha* é irritantemente sexista. Mas qualquer um pode usar um suspensório.

– É verdade – concordei.

Axel pressionou um botão e as pequenas luzes vermelhas no teclado se apagaram. Ele afastou meus pés e afundou-se no sofá ao meu lado.

– Achei que Nagori quisesse apenas que você expandisse o material que já havia lhe mostrado.

Tentei ignorar o calor de suas mãos sobre meus pés com meias. Adorei como aquele gesto foi natural, adorei que ele se sentisse confortável o suficiente para se aproximar e me tocar.

Lembrei-me de que o toque provavelmente significava muito pouco para ele. Na verdade, era óbvio que não significava absolutamente nada.

– Sim, mas o que quer dizer *expandir*? – Fiz sinal de aspas no ar. – Não é como gado, que

você precisa engordar para a feira estadual.

– E se você tentasse trabalhar usando mais do que só o carvão?

– Você sabe o que sinto em relação a isso. – Levantei a cabeça e olhei para ele. – Eu não tenho muita experiência. Vou estragar tudo.

– Imagine que você é uma criança novamente e que nem sabe o que é bom. Apenas experimente por experimentar. Para se divertir.

Balancei minha cabeça:

– Eu fico com o carvão.



Demorei mais uma semana para finalmente (A) conseguir um esboço inicial que estivesse um pouco menos ruim e (B) ter coragem o suficiente para mostrar para Nagori.

Sons ininteligíveis se arrastavam por sua boca.

– Mmm. – Ele inclinou a cabeça. – Hummm.

Talvez ele estivesse tentando se comunicar com os espíritos que assombravam a sala de arte.

Ou talvez ele simplesmente não tivesse ideia do que fazer com o desenho que eu estava lhe mostrando.

Eu torcia os dedos sob a mesa.

– Era para ser mais abstrato.

Eu podia ver Axel indo de um lado para o outro pela porta da sala de aula. Eu o havia feito prometer que me esperaria no corredor.

– É como uma matriosca – disse Nagori.

– Como o quê?

– Aquelas bonecas russas. Você já viu uma, tenho certeza. Elas são pintadas por fora e têm o interior oco. Dentro tem uma boneca igual à anterior, só que cada vez menor...

– Ah, sim. Já vi.

– É um conceito bonito – ele disse. – A imagem se replica e muda sutilmente a cada vez.

– Mas... – Eu podia ouvir a palavra pairando no ar entre nós, e aquilo estava me irritando.

Meus joelhos tremiam com tanta intensidade que eu parecia estar aquecendo os motores para uma decolagem. Pressionei a mão com firmeza nas pernas em busca de impedir o tremor.

– Mas... Acho que a peça não tem emoção.

Engoli em seco.

– Emoção – repeti.

Axel estava espiando pelo vidro da porta novamente. Lancei um olhar para ele e voltei minha atenção para o desenho.

– É a emoção que faz suas outras obras tão fortes, Leigh – explicou Nagori. – A nostalgia, a tristeza. Eu quero sentir... alguma coisa. Agora, quando olho para isso, tudo o que sinto é que é um conceito bacana. Mas nada se agita aqui. – Ele coloca a mão sobre o peito. – Você entende o que quero dizer?

Tentei engolir de novo, mas minha garganta estava seca demais para isso:

– Sim. Entendo. Acho que entendo.

– É realmente um ótimo conceito. Não abandone a ideia: tente novamente. Veja se você pode capturar... mais.

– Mais... – falei, porque estava me transformando em uma maldita máquina de repetição.

– Certo – disse Nagori. – Esses elos... Isso é uma pulseira, não é? O que fez você querer desenhá-la? Encontre a emoção nisso.



Passei o fim de semana no porão de Axel com todos os meus materiais, tentando *encontrar a emoção*. A iluminação não era muito boa, mas mamãe estava tendo uma de suas crises. O menor ruído – mesmo o simples virar de uma página de caderno ou o apontar de um lápis – poderia incomodá-la.

“Não consigo *pensar* com o seu barulho”, ela diria com uma voz irritada.

Ou “Desenho *deveria* ser uma atividade silenciosa, Leigh”.

Ou “Você faz muito barulho para virar uma página!”.

Era melhor ficar longe. E Axel tinha o refúgio perfeito.

Eu estava refazendo o desenho que tinha mostrado a Nagori. Parecia mais fácil começar do zero, pois assim eu apenas teria uma página em branco e um traçado suave de lápis demonstrando o que eu quisesse.

Emoção, eu zombava. Aquilo era surrealismo. O que ele quis dizer com *emoção*? Minha obra deveria ser apenas sobre o fantástico se fundindo com a realidade.

Axel sentou-se diante de seu teclado, quase totalmente de costas para mim. Os fones gigantes cobriam seus ouvidos, mas eu podia ver o suficiente do seu perfil para perceber que seus olhos estavam fechados. Ele curvou-se em direção às teclas, os ombros arredondados como que formando um vazio no qual ele poderia guardar a música.

Eu virei a página. Minha mão se movia rapidamente, desenhando Axel, linhas grossas e retas para o teclado, expressando som e movimento com o grafite.

Eu não fazia nada realista há muito tempo. Mergulhei na meditação enquanto meu lápis explorava seu corpo. Os ombros largos. Os graciosos cotovelos virados para que suas mãos mapeassem o terreno de sua peça. Ele era autodidata, e parecia seguro e confiante quando tocava. Minha mãe se ofereceu muitas vezes para lhe dar aulas, mas ele nunca aceitou as lições gratuitas. Talvez achasse que parecia caridade.

O som das teclas parou e Axel se virou. Olhei para ele, minha mão pairando acima da página.

– O que ele disse?

– O quê? – Senti uma mistura estranha e quente de culpa e constrangimento, como se ele tivesse me descoberto fazendo algo de errado.

– Por que você está me olhando assim?

– Assim como?

Rezei para que ele não se aproximasse e visse o que eu estava fazendo. Era um esboço rápido, mas era óbvio que eu o estava desenhando. Eu tinha feito um bom trabalho capturando a expressão de seu corpo.

Seu rosto se agitou ao abrir um sorriso irônico.

– Você estava *me desenhando*.

– Não, não estava.

Axel se levantou e fechei meu bloco de desenho.

– Deixa eu ver – ele pediu, estendendo as mãos.

– Não.

– Leigh, vamos, por que você está agindo de maneira tão estranha?

– Não estou. – Eu me senti como um papagaio verde e uma criança de cinco anos novamente.

– Não estou agindo de maneira estranha.

Embora eu estivesse. Eu *estava* agindo de maneira estranha. Quantas vezes já havíamos desenhado um ao outro? Quantas vezes nos sentamos, lado a lado, para desenharmos um os pés do outro?

Acho que a diferença é que, quando ele não sabia que eu estava desenhando, eu me sentia um pouco *voyeur*.

– Você está *completamente* estranha. – Ele riu um pouco.

Eu me levantei e comecei a arrumar meu material. Realmente não queria ir embora, mas também não queria continuar aquela conversa.

– Qual é a cor? – Axel perguntou, e fez uma pausa.

Olhei para ele, parado ali, embaixo daquela lâmpada triste do porão, com as mangas arregaçadas na altura dos cotovelos. Sua expressão era indecifrável. Abri a boca e hesitei diante da verdade.

Axel pulou para cima de mim em um movimento que nos jogou no sofá. A maior parte das minhas costas caiu contra o assento, e o corpo de Axel pousou em cima do meu por um período que, ao mesmo tempo, durou para sempre e nada. Eu sentia seu cheiro, seu braço tocando meu corpo onde minha camiseta havia subido.

Meu bloco de desenho caiu e, antes que eu pudesse reagir, Axel já o estava segurando ao longe, onde eu não conseguia alcançar. Meu tronco estava preso pela parte de trás do joelho direito dele – e eu também não estava me esforçando muito para me soltar. Axel já estava virando as páginas.

– Ahá! – ele disse, triunfante, ao encontrar o esboço.

Pude ver sua expressão, apesar de minha desconfortável posição no sofá, meu pescoço curvado de maneira incômoda. Vi um sorriso largo em seu rosto, e também vi a maneira como ele se desvaneceu quando Axel ficou, de repente, sem jeito.

Ele ficou em silêncio enquanto olhava o desenho. Perguntei-me se ele podia ver o que eu havia permitido expressar do meu coração por meio dos meus braços e dedos. As linhas do seu corpo esboçadas com tanto cuidado e anseio. As sombras em sua pele preenchidas por uma mão que não queria nada além de sentir os seus altos e baixos, seus músculos e seus ângulos.

– Isso está muito bom, Leigh – Axel disse com muita calma. – Você foi muito rápida.

Senti seu joelho afrouxando a trava sobre meu corpo e me sentei. Sua perna deslizou para o lado, levando consigo o calor e a emoção.

– Obrigada. – Eu me sentia a um milhão de quilômetros de distância.

– Você tem outros?

– Como assim?

– Tipo... – Ele abaixou o olhar. – Você já me desenhou antes? Sem que eu visse. Eu gostaria mesmo de ver os desenhos.

Demorei um tempo para entender a pergunta e, depois, buscar a melhor resposta.

– Não. – Fiquei em dúvida se ele podia ver a mentira estampada na minha cara.

– Ah.

Por um momento, quase me convenci de que ele parecia genuinamente desapontado.

Quando fui para casa, naquela noite, eu ainda podia sentir o cheiro dele, de quando seu corpo esteve sobre o meu. Deitei-me na cama, meus dedos voltando aos lugares no meu corpo onde ele havia tocado sem querer. Imaginei um Axel que poderia me tocar de propósito, que poderia me tocar *mais*.

Como seria isso?

Uma memória floresceu como uma chama, vívida e mais nítida do que qualquer outra coisa: as costas quase nuas de Axel naquela noite de verão, no quarto daquele hotel horroroso. O calor convidativo de seu corpo quando quase nos abraçamos, aquela minúscula distância entre nós.

Minha mão direita acabou entre minhas pernas, enquanto eu pensava em sexo. Pensei na

quantidade de pele que se via em filmes para maiores e na forma como pernas nuas deslizavam como se tivessem sido feitas para ficarem entrelaçadas. Pensei em Axel, imaginei nós dois sentados no sofá, tirando nossas roupas.

Adormeci cheia de desejo.



Por que, diabos, alguém inventou o relógio de ponteiros?

Não consigo silenciar seu som incessante. Tudo se alinha para responder ao seu exigente ritmo. Minhas inspirações e expirações. O pulsar em meus ouvidos. Essa batucada fraca que tenho quase certeza que está apenas na minha cabeça.

Tique. Taque. Tique. Taque.

Quem poderia imaginar que um relógio seria o meu pior inimigo?

Às vezes, quando mamãe estava cozinhando, ela se afundava naquela piscina profunda de silêncio, parecia que o relógio da cozinha fazia ainda mais barulho, e todos os seus movimentos ficavam sincronizados com o seu tique-taque.

O que quer que ela estivesse cortando, suas mãos assumiam um ritmo constante. Seus lábios pressionados pela concentração, suas sobranceiras próximas uma da outra. Ela deslizava silenciosamente de um lado para o outro do balcão, como um gato atordoado, os movimentos suaves, o olhar quase sem foco.

Tique. Taque. Tique. Taque.

Como eu gostaria de poder voltar para um daqueles dias e ficar ao seu lado enquanto picava pimentões, escorria a água do macarrão, preparava uma panela de sopa. Gostaria de tocar em seu braço e perguntar--lhe no que estava pensando.

Ela estava feliz? Ela estava triste?

Ela estava pensando em um pássaro vermelho?

Tique. Taque. Tique. Taque.

Meu bloco de desenho está aberto em uma página em branco, sobre a cama, mas estou muito inquieta para desenhar. Muito ansiosa. É como se as válvulas do meu coração estivessem presas e tivessem que trabalhar arduamente para bombear o sangue. Meus pulmões estão sem elasticidade, lutam contra o ar, tentando deixá-lo entrar. Minha cabeça nublada de um azul da Antuérpia.

Tenho dois dias e duas varetas de incenso.

Enquanto me inclino sobre o criado-mudo a fim de pegar os fósforos e a última fotografia da caixa, o pingente da cigarra da minha mãe escorrega para o lado e toca o meu ombro.

A cigarra. O pingente que ela usou todos os dias de sua vida.

Meus dedos se aproximam para tocar na jade, sentindo o desenho esculpido. É reconfortante tê-la pendendo em meu pescoço, o calor da pedra sempre perto do meu coração.

Minha relutância é sufocante, o colar pesa como chumbo.

Não posso.

Eu deveria.

Meus dedos tremem enquanto coloco a fotografia de volta em seu lugar. O pingente é muito mais importante, tem de haver algo crucial naquele pedaço de jade.

Solto a corrente do meu pescoço e, estranhamente, sinto que estou fazendo a coisa certa agora. Meus dedos traçam as curvas e as bordas da peça uma última vez. Depois disso, ela

desaparecerá. A cigarra queimará e se transformará em cinzas – ela vai se desintegrar.
Gostaria de ter um pedaço de incenso mais longo, mas esse vai ter de ser suficiente.

Fumaça & Memórias

Lá está meu pai, tão jovem, saindo de um táxi. Ele está usando uma camisa e um blazer. Em suas mãos, um grande buquê de rosas. Ele caminha devagar e com cuidado, subindo os degraus de um prédio de apartamentos até o terceiro andar. Ele verifica o endereço em um papel que está em seu bolso e aperta o botão no quadro do porteiro eletrônico, que emite um toque como o cantar de passarinhos.

– Canto de pássaros em vez do alerta de campainha – ele murmura para si mesmo, sorrindo um pouco.

Minha mãe abre a porta, com os olhos brilhantes e sem fôlego.

– Você está aqui! – exclama ela, parecendo nervosa. Com uma mão, minha mãe segura o pingente contra seu peito.

– Eu disse que viria.

Ela respira profundamente:

– Espere um momento...

Dentro do apartamento, por trás dela, é possível ouvir as vozes dos meus avós.

– Quem está aí? – eles exigem saber.

Minha mãe se afasta para responder.

– Uma pessoa que eu quero que vocês conheçam.

Waigong aparece atrás dela, e a expressão de seu rosto muda de neutra para uma mistura de consternação com desgosto:

– Quem é esse?

– Ele fala mandarim muito bem! – minha mãe diz rapidamente, ansiosa. – Ele queria vir aqui para conhecê-los e...

– Ele não vai entrar – diz meu avô com uma voz terrível. – Ele não é bem-vindo aqui.

O rosto da minha mãe se contorce de raiva.

– Mas você não tem...

Waigong a puxa pelo braço, tirando-a do caminho. Ele nem olha para o meu pai quando fecha a porta.

Eu não posso conter o suspiro que solto entre os dentes, o golpe cor de cereja que pousa no meu interior. Como meus avós podiam não dar ao menos uma chance para o meu pai? O que havia de tão errado com ele?

Ele abaixa as flores, bate na porta e toca a campainha de novo. Ninguém atende. É possível escutar o som da discussão do lado de dentro. Ele se senta nos degraus, acomodando-se para ficar esperando.

Um forte clarão e as cores piscam.

Brian e Dory atravessam as portas do cartório e saem para cumprimentar seus amigos. Brian, com um grande sorriso no rosto, carrega um enorme guarda-chuva preto para protegê-los. O véu de Dory voa com uma brisa, a cigarra de jade move-se contra seu peito. Seu olhar desliza para

baixo por meio segundo – e naquele momento há uma leve sugestão de tristeza. Um franzir de sobrancelhas. Quando ela levanta o olhar outra vez, sua expressão está firme e ela está brilhando de felicidade novamente.

Um amigo sopra enormes bolhas de sabão com uma varinha de plástico cor-de-rosa. Outro joga pétalas de rosa sobre os noivos. Brian e Dory estão sorrindo, de mãos dadas todo o tempo, como se o recente casamento fosse algo a ser mantido firmemente seguro. Está chovendo, mas o sol aparece através das gotas. Alguém grita avisando para procurar o arco-íris que com certeza aparecerá.

Escuridão e uma faísca.

Minha mãe cantarola na cozinha enquanto enrola *dumplings* em suas mãos. Os pauzinhos pegam o recheio. Os dedos ágeis apertam as bordas.

– Ufa. – Ela para e acaricia sua grande barriga, sorrindo para o volume redondo que a separa da mesa. – É uma pena que você nunca vá conhecer sua tia Jingling – ela diz para a barriga sob sua mão. – Esses eram seus bolinhos favoritos.

Um raio de luz.

Minha mãe e meu pai, no meio de uma caminhada. À sua volta, árvores altas e irregulares. É início da manhã – há orvalho em seus tênis, folhas soltas de grama se prendem aos seus tornozelos. Minha mãe acaricia sua barriga, imagina seu bebê flutuando na cavidade de uma concha, banhando-se nos gradientes do nascer do sol.

– Mas pense em nossa filha – diz meu pai. – Pense que ela vai crescer sem contato com os avós de um dos lados. Duas pessoas que ainda estão vivas. Imagine que daqui a dez, vinte anos, ela pode ficar ressentida por ter sido mantida distante. Ela vai ter curiosidade. Qualquer um teria.

– Brian – minha mãe diz bruscamente. – Isso não está em discussão. É uma decisão minha. Você não entende.

Ele passa os dedos pelo cabelo e se vira, frustrado.

– Você está certa. Eu não entendo.

– Ela pode ter qualquer outra coisa – diz minha mãe, quase implorando. – Mas não posso dar o que você está pedindo.

A dor em sua voz me atinge, fragmentos de algo quebrado, turquesa, se alojam debaixo da minha pele, bloqueando minha garganta.

– Nunca? – pergunta meu pai.

Minha mãe pensa por um momento.

– Um dia, talvez, eu possa me encontrar com eles novamente. Um dia, você e Leigh poderão encontrá-los. Mas eu preciso de tempo.

Meu pai respira fundo

– Ok. Bem. Um dia...

Novas cores.

Um bebê salta, de joelhos, sobre um sofá de couro familiar. Do outro lado da sala, mãos habilidosas tocam teclas pretas e brancas. A sala está cheia de calor magenta, da alegria dos dentes-de-leão e de todos os matizes do amor, invisíveis, mas inegavelmente presentes.

Reconheço o rosto do bebê apenas por causa das fotografias penduradas no escritório do meu pai. Sou eu. A pequena Leigh, filha de Dory e Brian, num tempo que todos nós ainda estávamos apaixonados um pelo outro, antes de as coisas ficarem horrivelmente erradas.

Ou tudo já tinha começado errado?

Tudo pisca.

Minha mãe está na cozinha com um avental amarrado sobre sua roupa. Seu cabelo, até os

ombros, tem uns poucos fios brancos tingidos de vermelho por sua tintura de henna favorita. Ela para no meio do corte de um pedaço de tofu. A faca cai da sua mão, chocando-se contra a pia. Ninguém está ali para perguntar o que aconteceu. Só a minha mãe está na cozinha, suas mãos tremem e lágrimas escorrem dos seus olhos. Olhos que não veem nada além da faca.

Clarão.

Minha mãe, acenando para mim pela porta, enquanto corro para pegar o ônibus da escola, e voltando para se jogar no sofá. A expressão em seu rosto é a de alguém assustada.

Clarão.

Minha mãe no porão, segurando um frasco de analgésico e uma garrafa de água sanitária. Ela ouviu, uma vez, que leva dez segundos para algo que engolimos chegar ao estômago. Mas quanto tempo demora para digerir? Quanto tempo se for líquido?

Clarão.

Minha mãe levanta da cama no meio da noite. Ela caminha calma e lentamente, tentando não deixar o chão ranger. Na garagem, ela entra no sedã e fica no banco do motorista, as chaves do carro apertadas em sua mão. Ela está pensando. Está em dúvida. Se ligar o carro. Se não abrir a porta da garagem. Se ninguém na casa acordar e ela adormecer ao volante. O veículo nem precisaria se mover. Ela poderia dormir para sempre.

Clarão.

Minha mãe, no chão do banheiro, encolhida como uma criança, com o rosto contra os azulejos, os dedos acariciando as asas esculpidas no pingente de jade.

Clarão.

Meu pai. Ele arrasta a mala para fora, pela porta da frente, a caminho de sua primeira conferência. Sua primeira semana longe de nós. Ele beija minha mãe e ela sorri, mas não é real. Não é um sorriso inteiro. Seu rosto não brilha.

Papai não percebe. Ele está muito animado. Como não percebeu? Ele puxa a mala para o carro que o espera e abre um sorriso enquanto o motorista a coloca no porta-malas. Um último aceno e ele se vai.

Clarão.

Minha mãe abre a porta dos fundos e, com os pés descalços, pisa na neve recém-caída.

Seus pensamentos agitados, como as páginas de um livro sob os efeitos de uma forte rajada de vento. Ela pensa na neve. Pensa em como o frio não é tão ruim. Os arrepios a distrairão de outras coisas.

E, depois de um tempo, ela simplesmente adormece. Tranquila. Inerte para o mundo. Sonhando com um último desenho de um anjo na neve.

Clarão.

As cores desaparecem. A luz desaparece.

Ouçõ um soluço e percebo que sou eu. Mas quando toco meu rosto, minhas bochechas estão secas. Na verdade, não estou chorando. Nunca me senti mais seca na minha vida.

Muito antes de eu perder minha mãe, minha mãe perdeu sua irmã. Minha mãe perdeu seus pais – ou, pelo menos, era nisso que ela acreditava.

Acreditar em algo possui um tipo de magia. Pode fazer aquilo se transformar em realidade.

Muito antes de os médicos darem um nome para sua condição e oferecerem folhas de papel com os nomes complicados de produtos farmacêuticos. Muito antes de meu pai começar a ir para suas viagens de trabalho.

Muito antes de tudo, ela já estava sofrendo.



Pisco para afastar as lembranças, e o mundo volta a ter cores muito intensas graças à minha privação de sono.

Por que a fumaça me mostra tudo isso? Por que retomar esse sofrimento quando já perdi tanto? O melhor é que essas coisas fiquem no esquecimento.

Toda essa dor está presa nos meus pulmões.

Olho para baixo buscando o limo cinzento, mas nada. Nada de poeira, nada de cinzas.

Em vez disso, vejo o pingente de jade na palma da minha mão, exatamente igual. O pingente não queimou. Sinto o alívio no meu peito e respiro fundo.

Ele ainda existe. Posso ficar com ele.

A única evidência do incenso e da memória é que a corrente de prata parece queimada, algumas partes enegrecidas e oxidadas. Mas os elos continuam fortes. Prendo-a ao redor do meu pescoço mais uma vez, contente por sentir o peso reconfortante do pingente, contente por, depois de tudo, continuar tendo pelo menos isso.



As férias de inverno começaram com a corrente de cigarra de minha mãe se rompendo. Mamãe se curvou para pegar algo no armário debaixo da pia da cozinha, e o pingente de jade caiu no chão, sem nenhum motivo aparente. Ela logo saiu e comprou uma nova corrente até ter a original consertada, mas não era igual. O tom da prata era um pouco brilhante demais, o comprimento da corrente um pouco curto demais, e mesmo os elos não pareciam se encaixar ali.

Foi como um presságio.

Mais tarde eu pensaria nisso e me daria conta de que deveria ter prestado atenção ao fato de estar buscando algum culpado.

Presságio ou não, fato é que foi uma situação estranha. Axel tinha ido visitar a família em San Juan pela primeira vez em anos, e Caro estava praticando *snowboard* outra vez. Meu pai ia ficar em casa por um longo período e o dia do Natal começava de forma promissora.

Papai puxou uma cadeira enquanto minha mãe preparava *dumplings*.

– Vou ajudar. – Ele pegou alguns discos de massa e começou a colocar o recheio e fechar os bolinhos.

O rosto da mamãe estava mais iluminado do que nas últimas semanas. Ela até cantarolou um pouco – algumas pequenas frases musicais que reconheci como uma de suas sonatas favoritas.

Não me lembrava da última vez que havia visto papai ajudar na cozinha. Gostei de vê-los juntos, as mãos habilidosas de mamãe moldando três bolinhos para cada um que papai terminava, desajeitadamente.

No balcão da cozinha, abri meu bloco de desenho em uma página em branco. O carvão entre meus dedos percorria o vazio, reproduzindo os dedos sujos de farinha e a bandeja de bolinhos crus.

Eu escutava o ritmo deles caindo sobre a bandeja, do suave riscar do carvão, da maneira como todos nós respirávamos em sincronia.

Então, é claro, o momento terminou. Papai virou-se para ver o que eu estava fazendo:

– Leigh, por que você não deixa isso de lado? Venha passar um tempo agradável com seus pais.

Tentei conter a vontade de brigar que já estava subindo.

– Hum... Eu *estou* passando meu tempo com você. Estou bem aqui, como você pode ver.

– Não é bom estar sempre tão focada em seus processos internos – disse papai. – Venha ajudar com os bolinhos.

Balancei minha cabeça em negação:

– Eu estou desenhando você e a mamãe. Em geral, desenho coisas que estão fora de mim. Como isso é ficar *focada em meus processos internos*?

– A arte é uma busca independente – ele disse, o tom de sua voz já diferente. – E esta é uma ocasião familiar. Precisamos que você pare de desenhar e participe.

– Quer que eu *participe*? Sério mesmo? Como se isso aqui fosse uma maldita sala de aula?

– Cuidado com o que diz quando você estiver...

– Parem – disse mamãe calmamente, deixando-nos mudos como se ela tivesse apertado um botão no controle remoto. – Nada de brigas. É Natal. – Ela aproximou a mão cheia de farinha do peito por um momento, mas errou o alvo antes de lembrar que o colar agora era mais curto, que seu pingente de jade estava mais para cima.

Abri o meu bloco de desenho e subi as escadas. Lá no alto, encostei--me na parede e tentei desenhar novas opções para mostrar a Nagori.

Quando desci, para comer e abrir presentes, papai fingiu que a discussão nunca havia acontecido.

As canções de Natal estavam tocando. A árvore piscava com suas luzes coloridas. Fui a primeira e entreguei um pacote fino e retangular para meu pai e outro para minha mãe. Na verdade, eu já havia feito os desenhos para o Natal há bastante tempo.

– Oh, Leigh – disse minha mãe. – Que lindo.

Eu havia colocado o dela em uma moldura preta, simples, para que ela pudesse pendurar na parede. O de meu pai era apenas o papel, pulverizado com fixador e protegido entre duas folhas de papel de seda.

– Uau – disse ele. – Ótimo.

Era difícil conseguir decifrar o que ele realmente pensava.

– Não enquadrei o seu porque, como você viaja muito... bem, eu pensei que poderia querer levar com você ou algo assim. – Dito em voz alta, isso agora me parecia uma bobeira. Dava para ver que ele não tinha adorado o presente. Provavelmente aquilo apenas o fizera se preocupar ainda mais com o meu futuro.

– Você nos desenhou com tanto realismo – disse minha mãe. – Não tem como existir uma fotografia assim, tão real.

Balancei a cabeça:

– Só veio de uma memória.

– Eu me lembro desse dia – disse papai, surpreendendo-me.

– Eu também – disse mamãe.

Eu tinha desenhado – e depois duplicado – nós três em um parquinho infantil no Village Park, onde costumávamos ir todas as noites no verão para dar uma volta e jogar frisbee. Naquela noite, encontramos o parquinho totalmente vazio e nos apossamos da gangorra. Mamãe e papai ficaram de frente um para o outro, nos assentos das extremidades. E eu fiquei em cima da prancha de madeira, no centro, tentando manter o equilíbrio enquanto eles subiam e desciam.

Não usei cores. E nem mesmo carvão vegetal. Eu tinha feito o desenho apenas com as linhas limpas de um lápis. Mamãe jogando a cabeça para trás, rindo. Papai com seu sorriso bobo. Eu, no meio, quase sorrindo.

– Obrigada – agradeceu mamãe. – Vou pendurar sobre o piano.

Ela foi a próxima. Papai ganhou um suéter de lã merino feito por um famoso estilista da internet. E eu ganhei um incrível conjunto de tintas de guache de alto padrão que sempre quis.

– Agora é para usar cores, ok? – ela disse. – Não há cor em seus desenhos há tanto tempo. Agora você tem uma boa tinta.

Eu a abracei e prometi que iria experimentá-las.

E, então, foi a vez de papai. Ele surpreendeu minha mãe com uma pequena caixa de veludo preto. Ela não usava muitas joias, exceto aquela cigarra de jade, que ainda assim parecia destoar. Por um momento, fiquei preocupada com o fato de meu pai ter pensado em algo para substituí-la, mas, quando ela abriu a caixa, grandes peças de topázio azul piscaram para nós – uma série de

cordões em uma pulseira de prata.

– Uau – disse minha mãe. Ela parecia sem palavras. Quando tinha sido a última vez que ele lhe dera algo tão brilhante?

– E agora o seu, Leigh – disse papai, rapidamente, talvez porque ele também estivesse se sentindo estranho com a troca de presentes.

O meu veio em uma caixa. Uma bem pesada. Rasguei o papel de renas e abri a tampa. No meio de um monte de papel de seda, havia um livro. Sua capa era branca e havia um bloco de palavras em cores fortes no centro.

DESCUBRA QUAL É A SUA VOCAÇÃO

Senti os cantos da minha boca já se levantando em uma risada no mesmo segundo em que percebi que ele não estava brincando. Aquele era *realmente* o seu presente para mim.

– Hum, obrigada – agradei, lutando muito para não fazer da palavra uma pergunta.

– Olhe dentro – meu pai disse, quase atordoado.

Virei as primeiras páginas até encontrar o que ele queria que eu visse. Na página de rosto, a palavra “vocação” estava circulada um milhão de vezes e, dos dois lados, um texto manuscrito. À esquerda, podia-se ler *Para Leigh, cuja*, e à direita, *são as GRANDES COISAS!!!*

O nome do autor – Wilson Edmund Sharpe IV – havia sido riscado com uma grossa caneta preta. Logo abaixo, um rabisco de assinatura quase ilegível, exceto pelos cantos precisos do numeral romano IV.

– Eu o conheci em uma conferência – disse meu pai. – Ele estava promovendo este livro, e, quando ouvi sua apresentação, sabia que tinha que trazer uma cópia assinada. O cara iluminou toda a sala. Sabe, mostrei-lhe uma foto de nós, e ele disse que você parece ter os genes da sua mãe e que deveria ser muito determinada. Ele estava certo, é claro...

– Como é que é? Parece que tenho os genes da minha mãe? Então ele estava nos estereotipando – falei, sem rodeios.

– O que você quer dizer? – Papai inclinou a cabeça.

– Eu “devo ser muito determinada” porque eu sou meio asiática? Você sabe com que frequência escuto isso? Ou com que frequência as pessoas perguntam se tenho uma “mãe tigre”? Se ela me cria seguindo as tradições chinesas?

Meu pai fez uma pausa por um longo momento.

– Bem. Na época, não pensei que ele estivesse dizendo algo assim. No entanto, aposto que isso vai mudar a sua vida. Dê uma lida, veja se ajuda você a descobrir o que quer fazer.

– O que eu quero fazer... – repeti devagar.

– Você sabe – disse meu pai –, pode ajudá-la a encontrar uma direção.

– Tudo bem – respondi. – Obrigada.

Ele olhou ao redor, como se houvesse respostas a serem retiradas do ar. Então, juntou as mãos:

– Você não gostou.

Dei de ombros lentamente.

– Não acho que eu *preciso* disso? Mas... gostei do presente?

Eu estava sendo horrível? Não sei. Mas o fato de ele se recusar a acreditar em mim me desgastava. Eu estava muito cansada dessas conversas.

– O que exatamente você se vê fazendo? Em, digamos, cinco anos. Em vinte anos. O resto da sua vida?

– Arte. – Foi bom dizer isso em voz alta. – Estive pensando nisso... talvez eu queira estudar artes plásticas.

– Leigh, isso é sério.

Eu queria gritar, mas não o fiz.

– Eu *estou* falando sério.

– E como você vai ganhar a vida com isso?

Olhei para minha mãe, que estava observando nossa discussão com uma expressão perdida no rosto.

– Não sei. Posso ser professora?

– Você precisa de uma carreira estável. Algo que lhe garanta a felicidade básica.

– A *arte* me faz feliz – retruquei bruscamente.

Meu pai abriu a boca de novo, mas, graças a Deus, mamãe o interrompeu:

– Não falem sobre isso agora – ela disse. – Devemos aproveitar o Natal.

Fomos, então, jogar Uno – papai e eu nos falando o mínimo possível. Percebi que eu desejava que ele fosse para outra conferência em breve. Desejei a forma como a casa ficava mais ampla cada vez que ele saía pela porta da frente, enchendo-se de espaço e ar para que eu pudesse respirar.



No começo da manhã, enquanto meus pais ainda dormiam, sentei--me na cozinha e bebi uma caneca de chocolate quente com menta atrás da outra, observando a gata olhar pela janela. O silêncio estava me atingindo. Parecia que Axel demorava nove horas para responder às mensagens de texto. Tentei não me ofender – ele tinha uma grande família e, aparentemente, tinham uma tonelada de tradições para as festas.

Pensei nas nuances que tinham sido diferentes no Natal anterior. Pensei em como meu pai ficara muito mais tempo fora e, de alguma maneira, era melhor assim. Em como Axel passara as férias de inverno me ajudando a classificar as caixas.

Tais pensamentos fizeram meus pés me levarem para baixo. Eu não tinha certeza do que queria fazer, mas estava inquieta, lembrando-me muito da pulseira, do livro de Emily Dickinson. Essas coisas eu havia levado para o meu quarto, junto àquela fotografia em preto e branco das duas meninas. O restante ainda estava na caixa.

No porão, as caixas estavam exatamente como as havíamos deixado: abertas e desalinhadas. Havia até cartas no chão, de quando Axel e eu as separamos em pilhas. Uma parte de mim surpreendeu-se com meu descuido: qualquer um que descesse ali teria visto na mesma hora que eu estava xeretando, bisbilhotando.

Talvez fosse essa a minha expectativa. Talvez eu pensasse que, se minha mãe ou meu pai visse o que eu estava procurando, viessem me confrontar e pudéssemos começar um diálogo. Finalmente, falariam comigo sobre meus avós.

Mas ninguém estivera ali. Em um ano inteiro.

Naquela noite, fui até a varanda e fiquei de pé nos degraus, com o rosto inclinado em direção ao céu limpo. A lua era uma enorme e esplendorosa moeda. Ela tinha um rosto. Amável e quase sorridente. Perguntei-me se meus avós em Taiwan estariam olhando para a mesma luz, tentando fazer contato visual com aquele homem pálido e radiante.



Como eu encontraria o pássaro? Como esses fragmentos do passado me ajudariam?

Quarenta e sete malditos dias desde a mancha. Pela manhã serão quarenta e oito. Estou quase sem tempo.

Mais cedo, fiz Feng perguntar a *waipo* se haveria outro lugar que pudéssemos visitar. Se haveria um lugar que minha mãe adorasse ao qual ainda não tivéssemos ido. *Waipo* balançou a cabeça, disse que havíamos visitado todos os lugares que ela conhecia.

Parte de mim fica em dúvida se ela está mentindo, e, então, sinto a necessidade de tirar tal ideia da cabeça. Por que eu pensaria isso? Há um nó de ressentimento em algum lugar na parte de trás do meu crânio. Minha mãe se transformaria em um pássaro se meus avós não tivessem sido tão contrários ao seu casamento com meu pai? Em suas faces eu tento localizar uma sugestão dessa antiga desaprovação... Tudo o que vejo é exaustão. A pele manchada e macia. Rugas que rastreiam os caminhos de um possível arrependimento.

Mesmo quando sorriem, há algo triste no canto de suas bocas.

Penso em minha mãe dizendo ao meu pai: *Um dia você e Leigh vão encontrá-los. Mas eu preciso de tempo.*

Um dia. Como agora.

O suspiro do meu pai assobia nos meus ouvidos.

Meu pai. Papai.

Talvez ele seja a peça que falta. Talvez se o pássaro vir que ele está aqui, comigo, então talvez minha mãe desça e nos conte tudo.

Eu quero que vocês se lembrem

Penso por um minuto sobre isso, até que a certeza se assenta em mim em escarlate diazo, uma cor tão ousada quanto suas penas. Em seguida, escrevo o e-mail.

DE: leighinsandalwoodred@gmail.com

PARA: bsanders@fairbridge.edu

ASSUNTO: Urgente!!!!!!

Papai, preciso que você volte aqui o mais rápido possível.

Por favor.

Isto é uma emergência.



Quando estou prestes a fechar meu e-mail, o telefone toca. No começo, penso, com uma satisfação sombria, que meu pai já havia respondido, porque ele tem a tendência de se afobar e responder em milissegundos. Mas é uma nova mensagem da Axel.

DE: axeldereckmoreno@gmail.com
PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com
ASSUNTO: (sem assunto)

Aconteceu tanta coisa no inverno. Tem tanta coisa que eu queria te falar. Sinto que falhei de alguma forma.

Uma coisa que quero te perguntar há séculos: que merda aconteceu no baile de inverno?

O e-mail movimenta uma teia de cores lamacentas dentro de mim, manchando tudo com seu tom amarronzado.

Às vezes, Axel era tão denso que me fazia querer chacoalhá-lo. Como se tivesse sido eu quem saiu e começou a namorar outra pessoa. Alguém horrível. Duas vezes.

Axel que se dane. E que leve Leanne com ele. Espero que os dois estejam felizes.

A raiva escorre pelas minhas mãos.

Passo as folhas do meu bloco de desenho e rasgo os desenhos que fiz para ele nesta viagem, ouvindo aquele barulho grosso e satisfatório que é produzido ao rasgar o papel. Rasgo cada um deles e mancho os pedaços com a oleosidade dos meus dedos.

Que merda aconteceu? *Você me diz, Axel.*

E, então, meu cérebro já está lá, revirando os últimos meses novamente, trazendo-os à superfície, lembrando.

Inverno, segundo ano

Viramos a esquina para o início de um novo ano. As férias terminaram e foi anunciado que, pela primeira vez, nossa escola realizaria um baile de inverno oficial.

– Vou levar a Cheslin – declarou Caro, no almoço, uma semana depois.

– Vai mesmo? – perguntei. – Você quer mesmo ir ao baile?

– E por que não? – ela retrucou.

– É que... Quero dizer... É apenas mais um baile da escola.

– Não é um baile qualquer – respondeu Caro. – É oficial. É como o baile de formatura, só que aberto a todos.

– Eu nem tenho certeza se irei ao baile de formatura. – Dei de ombros.

Axel deslizou em seu assento e colocou três batatas fritas na boca.

– E você, Axel? – perguntou Caro. – Você vai ao baile de inverno?

Eu esperava que ele fizesse uma careta e revirasse os olhos, mas não foi o que aconteceu. O ritmo de sua mastigação diminuiu. Ele engoliu em seco e enrolou, abrindo seu refresco e tomando uns goles. Depois, comeu mais três batatas fritas.

– Sem pressa – provocou Caro, secamente.

Ele encolheu os ombros. Até que, por fim, disse:

– Talvez. Pode ser que esses planos estejam em pauta.

Eu tive que segurar fisicamente minha mandíbula para que ela não caísse. Axel? Em um baile? Caro levantou as sobrancelhas.

– Você é ligeiro, cara.

Foi a reação dela que me fez rebobinar e reproduzir as palavras de Axel na minha cabeça.

O que ele quis dizer com *planos*? Ele estava planejando um encontro?

Mas não voltamos ao assunto e, depois disso, esqueci que aconteceria o tal baile de inverno. Havia outros assuntos com que me preocupar, como meu portfólio. Todos os dias eu temia ir para casa por saber que lá encontraria todas as cortinas fechadas, tudo escuro, o ar envelhecido e grosso com o cheiro do lixo da gata que precisava ser posto para fora de casa. O padrão atual de minha mãe era a insônia e as enxaquecas, o que a deixava irritadiça ou recolhida como uma lesma.

Papai ainda estava viajando muito, embora não tão frequentemente como costumava fazer. Durante os períodos em que ele estava em casa, sua missão era convencer-me de que a escola de arte era uma má ideia.

– Você não percebe como estaria se limitando? – ele disse enquanto eu desenhava com um pedaço de carvão.

– Eu poderia ir a uma escola padrão que tenha um bom programa de artes, entre outras coisas – respondi.

Mas parecia que, se eu cedesse o mínimo, ele aproveitava para pressionar ainda mais forte.

– E se você estudasse algo relacionado a ciências? Você sempre fala de fatos científicos aleatórios, como quando me contou tudo sobre pigmentos, lembra?

A frustração aquecia meu rosto.

– Porque eu me interesso por coisas científicas que têm a ver com *arte*. Você por acaso se lembra de quais são as minhas notas em ciências?

– Bem, você também poderia estudar algo como economia ou contabilidade e manter suas aulas de arte por diversão. Você não quer ter uma profissão impraticável...

– Tina estudou filosofia e agora trabalha com marketing, área que ela diz não ter nada a ver com seu diploma universitário.

– Sempre há exceções. Mas imagine como deve ter sido difícil para Tina conseguir esse emprego.

– E você, pai? Vai me dizer que sua graduação em Estudos da Ásia Oriental foi o mais prático que encontrou?

Ele abriu e fechou a boca algumas vezes.

– No mínimo, me ofereceu opções sólidas para trabalhar na academia.

Não era como se estudar arte fosse o meu objetivo número um na vida, mas quanto mais meu pai me pressionava, mais eu queria provar que ele estava errado. Errado sobre algo. Errado sobre mim.

Mamãe nunca esteve por perto durante essas conversas. Comecei a me perguntar se ele esperava, deliberadamente, que ela saísse do ambiente. Talvez ele pensasse que magoaria seus sentimentos, afinal, ela havia ido atrás da sua arte. Ela fez exatamente o oposto do que ele queria que eu fizesse.

– As únicas pessoas que conseguem espaço como artista são as que são incrivelmente sortudas e fenomenalmente talentosas – afirmou papai em um outro dia. – E, mesmo assim, elas precisam lutar. Não vai ser bom para você.

– Tá, pai. Você não acha que sou talentosa o suficiente. Ou que tenha sorte, ou o que quer que seja.

– Também é um trabalho árduo, Leigh. Você já trabalhou em algo como se não houvesse mais nada que pudesse fazer? Você já trabalhou duro *de verdade*?

Pensei na exposição de arte em Berlim. Pensei em Nagori me escolhendo, me avisando que os meses desapareceriam rapidamente. Ele estava certo sobre o tempo. E papai tinha razão sobre o trabalho. Eu nunca tinha trabalhado duro de verdade. Eu seria capaz disso?

Aquela última conversa com ele acendeu a chama: eu ia provar que meu pai estava errado. Ia provar que era capaz de trabalhar duro. Se Nagori acreditava que eu era boa o suficiente, eu era boa o suficiente. Mas eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para ser mais do que boa. Eu queria ser uma das melhores.

Papai voltou para o outro lado do mundo de novo e comprei um novo caderno, maior do que eu costumava usar. Quando me sentei para começar a desenhar, no entanto, percebi que não conseguia pensar. A escuridão em casa me aprisionava. Quando mamãe estava quieta, nossa casa parecia um poço cavado no chão. Quando ela estava barulhenta e irracionalmente irritada, nossa casa parecia uma nuvem de tempestade segurando o trovão.

Enquanto era insuportável discutir com papai sobre a escola de arte, quando ele estava em casa parecia que a tempestade ficava mais branda, minha mãe mais calma. Quando ele ia embora, eu ficava feliz e brava ao mesmo tempo.

Foi na quarta-feira que Axel me encontrou em casa assim que eu desci do ônibus.

– Fez um bom progresso hoje? – ele perguntou, apontando para a pasta escondida debaixo do

meu braço.

– Nagori parece gostar mais dessa direção. – Dei de ombros.

– Legal! – disse Axel.

Vê-lo, em si, não era estranho, mas havia apenas algo de esquisito na forma como ele estava parado, observando-me abrir a porta da frente. Ele me seguiu para dentro e também tirou os sapatos.

– Sua mãe está no andar de cima? – perguntou.

A maioria das luzes estava apagada e a casa estava silenciosa.

– Hum, suponho que sim.

Ele se sentou no sofá o mais distante possível de mim. Ouvi sua respiração antes que ele começasse a falar, como se estivesse se preparando para algo.

– Você está planejando ir a essa coisa de sexta-feira?

– O quê? – Eu não tinha ideia do que ele estava falando.

– Você sabe... o baile de inverno.

Senti meu corpo congelar e meu rosto deve ter assumido uma expressão engraçada, porque logo na sequência ele perguntou:

– Você está bem?

– Uh, sim. Na verdade, não. Não, eu não estava planejando ir.

– Por que não? – ele quis saber.

Axel estava tão focado nos meus pés que me perguntei se havia algo de errado com eles. Esfreguei os dedos, sem jeito. Então ele continuou:

– Poderíamos ir juntos.

– Ao baile de inverno? – Não tive certeza de ter ouvido corretamente. Ele assentiu.

Ouvi as tábuas do andar de cima rangendo um pouco, o que significava que minha mãe tinha se levantado da cama. A última coisa que eu queria era que ela ouvisse aquela conversa. Levantei-me do sofá.

– Claro – respondi.

Ele também se levantou.

– Ótimo.

Consegui manter minha expressão neutra enquanto ele saía, mas, no momento em que a porta se fechou, perdi o controle sobre meu corpo. Sentia-me queimar como uma estrela e sorria tanto que minhas bochechas ficaram doloridas.

Mais tarde, o terror me dominou: eu iria a um baile. Como funcionam os bailes? E se eu fizesse algo errado?



Eu não tinha ideia do que as pessoas deveriam usar nesse tipo de evento, e não ajudou em nada ter apenas um dia para descobri-lo. No fim, Caro conseguiu que Cheslin me emprestasse um dos seus vestidos. Escolhi um que era delicado e fresco, com um drapeado aquamarine até os tornozelos.

Diante do espelho de corpo inteiro, eu secava meu cabelo, tentando fazê-lo cair mais naturalmente.

O que Axel quis dizer ao me convidar para ir com ele? Estávamos indo como amigos, ou isso era algo mais?

Axel estava muito quieto quando foi me buscar – e ficou assim até chegarmos à escola. Ele não disse nada sobre o meu vestido, ou sobre o brilho labial que peguei da gaveta da minha mãe.

Fiquei achando que, talvez, ele tivesse odiado tudo.

Observei-o de soslaio. Sobre sua camisa preta, ele usava um colete escuro com sutis listras cinza e uma gravata-borboleta prateada. Havia algum produto em seus cabelos.

As luzes do ginásio estavam mais fracas, com pontos brancos acesos no contorno do teto. Encontramos Caro logo – ela se destacava em seu vestido-smoking.

– Você está maravilhosa, Leigh – disse Caro.

– Está mesmo – concordou Cheslin. Ela ainda ficava um pouco tímida perto de nós, mas sorriu docemente e, com os dedos, mexeu na saia de seu vestido de renda vintage. – Você pode ficar com ele. A cor fica linda em você.

– De verdade?

– Claro! Inclusive combina com a cor do seu cabelo.

– Espere um segundo, vocês dois vieram *juntos*? – O olhar de Caro saltava de um lado para o outro, entre mim e Axel.

Meu rosto ficou quente.

– Vou pegar um refrigerante – Axel disse. – Você quer alguma coisa? Quase não tive tempo de balançar a cabeça antes de ele desaparecer na multidão.

– Vieram? – Caro insistiu.

– Não tenho certeza de que seja o que você acha que é – respondi, meu estômago começando a se retorcer.

Eu realmente não queria falar sobre esse assunto. Pelo menos não ali, com algumas centenas de outras pessoas à nossa volta.

Mas então o DJ colocou uma música que animou a multidão, uma música que mal reconheci, e Cheslin agarrou o braço de Caro, puxando-a para dançar.

Axel voltou e me encontrou. Não havia nenhum refrigerante em sua mão, mas eu não disse nada a respeito. Nós nos apoiamos contra uma parede e ficamos conversando por muito tempo sobre coisas tolas de uma forma estranha e desajeitada. Meus dedos coçavam em virtude da vontade de desenhar.

Por que não pensamos em trazer algumas folhas e lápis?

Quando Axel pediu licença para ir ao banheiro, encontrei uma cadeira para me sentar.

Por que estávamos ali?

Pensei em minha mãe só em casa, comendo sobras frias, sozinha, na cozinha. Ou pior, não comendo nada, mas de volta à cama, embrulhada em um milhão de cobertores.

Pensei nas novas peças de arte que eu havia começado. Esperava que Nagori as achasse boas o suficiente para, finalmente, poder dizer que havia terminado meu portfólio.

Ocorreu-me, depois de um tempo que Axel tinha saído para ir ao banheiro, que talvez ele estivesse tendo dificuldade para me encontrar. Verifiquei meu telefone, mas não havia mensagem, e não tinha como eu saber se era um problema do péssimo sinal. Assim que saí do ginásio e comecei a ir em direção ao salão principal, onde o sinal era melhor, ouvi uma voz que reconheci. Parecia quase histérica.

– Não posso acreditar que você veio com *ela*. Pensei que você tivesse me dito que não havia nada entre vocês dois.

Não consegui me conter: inclinei a cabeça para espiar o corredor. Lá estava Leanne Ryan.

E ela estava conversando com Axel.

– Realmente não temos nada – ele disse.

Axel parecia muito convicto. Voltei para o ginásio o mais rápido que consegui. Todos estavam dançando em um longo trem e eu já não aguentava mais ficar ali. Empurrei a porta de trás no frio

do inverno e contornei a parede em busca de privacidade.

– Oh, oi, Leigh.

Meus olhos estavam ardendo e tudo parecia um pouco marrom esverdeado, enlameado e frio, e a última coisa que eu queria era interagir com outro ser humano. Forcei os olhos a fim de ver quem estava parado debaixo da lâmpada. Era um cara da classe de arte de Nagori no ano anterior. Um veterano. Demorou um segundo para eu me lembrar de seu nome: Weston.

– Oi – respondi.

– Está bem ridículo lá dentro, hein? – ele comentou.

– Muito – concordei, esforçando-me muito para não tremer.

– Você está com frio? – Antes que eu pudesse responder, Weston tirou o casaco e colocou-o sobre meus ombros.

– Ah, obrigada.

Ele se aproximou de mim para alcançar um bolso do casaco e pegar uma pequena garrafa de aço.

– Mas isso não pode ficar com você – ele disse, rindo, enquanto desenroscava a tampa e tomava um gole.

Aquela garrafa me deixou nervosa, mas tentei sorrir e afastar o sentimento.

– Só estou brincando – Weston disse. – Se quiser um gole, não tem problema.

– Não, obrigada, estou bem – agradei.

– Você está bem?

– Sim.

– Nem – disse Weston, lentamente. – Você está linda.

Eram as palavras que eu esperava que Axel dissesse quando entrei em seu carro. Ou enquanto caminhamos pelo estacionamento em direção ao ginásio. Ou em qualquer momento daquela noite. Era estranho, agora, ouvir isso de outra pessoa.

– Obrigada. – Olhei para baixo.

O frio passava pelo casaco e eu estava começando a tremer outra vez. Weston aproximou-se e começou a esfregar as palmas das mãos para cima e para baixo em meus braços.

– Você já beijou alguém? – ele quis saber.

A pergunta me pegou totalmente desprevenida. Eu deveria ter me afastado no mesmo momento, mas ele tinha um estranho fascínio por mim. Ele estava tão perto, de uma forma que Axel nunca estivera.

E eu tinha muita curiosidade sobre como era um beijo de verdade.

– Não – respondi. – Nunca.

Acho que sabia o que estava por vir. Seu rosto se aproximou, seus lábios primeiro encontraram o canto dos meus antes de deslizarem para o centro. Ele estava ansioso com a língua, e seu gosto não era dos melhores. Havia uma viscosidade estranha e um sabor amargo, talvez por conta do álcool.

Ele estava um pouco ofegante quando se afastou.

– Você é tão bonita. É exótica.

Todos os músculos do meu corpo ficaram tensos.

– Não sou, não – retruquei. – Sou americana. Isso não é ser exótica.

– Não queria ofender – ele disse erguendo as mãos. – Estou apenas dizendo que você é linda.

Weston aproximou-se mais uma vez, mas me afastei antes de ele me tocar. Devolvi seu casaco e fui embora.

Axel estava parado ao lado da porta quando voltei para o ginásio, como se soubesse que era ali

onde eu estaria. Ele teria me visto com Weston? Cada centímetro do meu ser preenchido de vermelho rodamina.

– Estou pronto para ir quando você quiser – ele disse, sem me olhar nos olhos.

– Ah, claro – respondi. – Podemos ir agora.

Se eu havia achado a ida para o baile estranha, a volta foi ainda pior. Axel não falou nada até chegarmos na minha casa, quando disse suas únicas palavras:

– Até mais.

No andar de cima, tirei o vestido de Cheslin e me joguei na cama. Passei os dedos pelos meus lábios e senti meu estômago se apertando mais e mais. Havia uma tristeza estranha se retorcendo dentro de mim, e demorou muito para descobrir o que era.

Durante os últimos cinco anos tive a certeza de que Axel seria meu primeiro beijo.



Sono.

Sono pesado, vazio, claro e escuro. Um sono suave, agradável, gentil e delicioso.

Derretendo até chegar ao preto mais preto. Obrigada, Senhor.

Primeiro vem o riso. É um som brilhante e melódico. Feliz como um buquê de flores frescas.

Ele ecoa.

Ecoa.

Ecoa.

E, em algum lugar em seu eco, ele começa a mudar. A melodia se deforma. O riso tropeça, colide, desliza transformando-se em soluço. O soluço mais silencioso. Mas ele fica mais alto, rouco e ofegante.

– Leigh! – grita uma voz.

E o preto mais preto começa a desaparecer. Começa a resplandecer. A cor desloca-se e gira até que se transforma no vermelho mais profundo. Um vermelho liso, úmido e pulsante de uma artéria solta.



O sol nasce. Quarenta e oito dias.

Papai não respondeu ao meu e-mail. Pergunto-me se seu telefone está funcionando. Ou se ele ficou tão entretido pelas conversas com algum colega ou trabalhando em algum projeto que perdeu a noção do tempo.

Quando eu me levanto da cama, tudo escurece e perde os contornos. O piso se move levemente. A luz suave da manhã projeta minha sombra na parede e vejo minha silhueta se transformar em um animal alado. As asas amplas, abertas, repentinamente se dobram outra vez. Minha sombra se encolhe e assume a minha forma real.

Ainda posso sentir o cheiro do sangue. Ainda consigo ouvir o soluço.

É só um sonho é só um sonho é só um sonho.

“Leigh”.

Meus olhos coçam e minha cabeça dói. Eu preciso dormir mais. Não, vou poder dormir depois de encontrar minha mãe.

Abro a porta e um cheiro estranho atinge meu rosto; um cheiro escuro, terroso e envelhecido. Caminho lentamente pelo corredor. O odor se fixa nos cantos, tentando chamar minha atenção. E consigo: preciso encontrar de onde vem. O cheiro me conduz pelo corredor em direção ao banheiro, onde está mais forte. Alguém deixou a porta aberta e posso ouvir um som forte de água caindo, como uma cachoeira, antes mesmo de entrar. A água bate na cortina do chuveiro, que está fechada, e o vapor sobe acima dela cobrindo toda a extensão da banheira.

– Olá?

Ninguém me responde. O que eu vou encontrar ali?

Sinto o pânico em meu interior. Conto até três e puxo a cortina para o lado.

Água... e sangue.

Não, sangue não. O que meus olhos veem não é líquido. Tampouco é turvo e viscoso. No fundo da banheira há uma espessa camada de penas, escuras e encharcadas, vermelhas e pegajosas. A água as achata com suas gotas duras, fazendo-me encolher. Gostaria de saber se há penas suficientes ali para revestir um pássaro inteiro.

– *Waipo* – chamo minha avó. – *Waipo!*

Ouçó minha avó vindo pelo corredor o mais rápido que pode. Ela ainda está de pijama.

– *Shenme?*– Ela pisca para afastar o sono de seus olhos, olha para a banheira e volta a olhar para mim. Ela tensiona a testa fortemente.

Eu lembro a mim mesma: *Não é sangue. São só penas.* Mas a imagem de sangue ainda está na minha mente, presa como resíduo de pólvora. A banheira ainda parece terrível.

Minha avó coloca as mãos nos meus ombros; ela pode ver o pânico em meu rosto.

Não entendo o significado de uma banheira cheia de penas. Não quero que seja um tipo de mensagem de adeus. Um final para o bilhete que minha mãe nunca terminou.

Onde, diabos, está o pássaro?

– *Lai chi zaocan* – diz minha avó. *Venha tomar café da manhã.*

Ela não vê todas aquelas penas? *Waipo* sorri para mim com incerteza, gesticulando na direção da mesa de jantar.

– *Wo bu e* – digo a ela. *Não estou com fome.*

Coloco meus tênis e saio do apartamento. É isso que chamam de enlouquecer? Por que *waipo* não consegue ver as penas?

Estou ficando completamente louca?

O ar é tão úmido e pegajoso. Imediatamente começo a pingar de suor. A luz da manhã, pálida e aquosa... e rachada. Fragmentada em um milhão de pedaços. Tudo fora do apartamento está em pedaços, como se alguém tivesse usado uma marreta no mundo. As rachaduras são marcadas por preto intenso. Linhas irregulares se estendem pelo céu. As nuvens, rachadas. As árvores, rachadas. A rua dos meus avós, rachada, pronta para desmoronar a qualquer momento. A cada passo que dou, as rachaduras no chão se duplicam, triplicam, as linhas pretas expandem as fissuras, o som é como o do gelo se quebrando.

Caminho devagar para o parque. Mesmo as pessoas por quem passo parecem fragmentadas. Suas motos estão prestes a se desfazer. Seus corpos, quebrados como espelhos, suas cabeças parecem cascas de ovo trituradas. As linhas de tinta cortam o nariz e a boca, mas elas nem sequer percebem.

Ouçõ um ruído vindo do alto. Olho para cima e vejo algo caindo lentamente em meu caminho, flutuando. É de um vermelho-escuro, profundo. De um marrom perileno.

Uma pena.

Ela pousa sobre a palma aberta da minha mão. Ao pegá-la, algo é desbloqueado. O céu torna-se roxo. Começa a chover penas. De todos os tons de vermelho. Escarlate, merlot, *opera rose*, veneziano, rubi, mogno, sangria, sangue e groselha. Penas longas e afiadas, penas macias, mesmo as pequenas, que pareciam de fios de cabelo.

Corro pela calçada recolhendo-as, pegando-as do chão, alcançando algumas no ar, agarrando todas as que posso antes de serem roubadas por uma brisa.

Por que elas estão caindo? Onde está o pássaro? O pensamento me atinge: *Quebrei alguma coisa.*

E se não fosse para eu desbloquear todas essas memórias? E se essas coisas devessem permanecer guardadas, escondidas e, eventualmente, serem esquecidas?

Era isso que minha mãe – antes de se transformar em um animal vermelho e alado, quando ela ainda representava mundos mágicos sobre as teclas do piano, deleitava-se com a aparência de um waffle perfeito e chamava meu nome de seu caloroso jeito amarelo bismuto – gostaria que acontecesse? Ela queria que eu perseguisse os fantasmas? Que eu descobrisse todas as respostas que pudesse e tentasse juntar os pedaços da história da minha família?

Penso em Emily Dickinson, que pediu à sua irmã para queimar todas as suas palavras.

Penso no bilhete da minha mãe.

Eu quero que vocês se lembrem

Talvez mamãe tenha riscado isso porque mudou de ideia.

Talvez não fosse para eu fazer tudo isso e as rachaduras são a forma como ela encontrou de riscar tudo o que sobrou.

Começa a chover. Todas as cores se misturam, como um pincel sujo mergulhado em um copo de água.



Sento-me em um parque destruído, ao lado de árvores quebradas, sob um céu rachado. Sinto até que o banco range quando me movo. A água da chuva serpenteia através das rachaduras no chão. A única coisa que não está partida é o meu próprio corpo. Meus membros estão inteiros, ilesos. Sou a última pessoa que não está prestes a se desfazer.

Na minha mão esquerda há um buquê das penas que caíram do céu. Enterro meu rosto nelas. As penas são macias e suaves, assim como o cabelo da minha mãe costumava ser: quente, leve, com um suave aroma de coco. Elas não cheiram a almíscar molhado e apodrecido, como a banheira preenchida pelo vermelho. Elas têm o cheiro da minha mãe. O cheiro que ela teve durante toda a vida.

– Essas penas são lindas.

Feng se aproxima de mim. Não esperava vê-la ali. Ela também não tem rachaduras – um enorme alívio. Não estou sozinha.

– Você se importa se eu me sentar com você? – ela pergunta.

– Vá em frente.

– Só tenho alguns minutos, na verdade. Tenho que ir resolver algumas questões.

– Ok.

– Também gosto de vir aqui. – Feng respira fundo e solta o ar com um suspiro lento. – É tão pacífico. Os mosquitos nem me incomodam mais.

– Faz quarenta e oito dias. – Apesar de nunca ter dito a ela que eu estava contando os dias, posso ver em sua expressão que ela sabe exatamente do que estou falando. – Vim para Taiwan a fim de encontrar o pássaro. Mas e se eu não conseguir? O tempo está quase acabando.

– Você tem certeza de que o pássaro quer ser encontrado? – Feng diz, gentilmente.

– Não mais.

– O que planeja fazer se encontrar a ave?

A pergunta me irrita.

– Como vou saber? Não era exatamente assim que achei que as coisas iriam acontecer. Foi minha mãe quem me enviou uma caixa de pistas. Ela basicamente disse para eu vir.

– Talvez isso fosse tudo o que ela quisesse – explicou Feng. – Talvez seja suficiente você estar aqui.

– Eu tenho que encontrá-la – digo, agitando a cabeça.

– Tenho fé que você a encontrará – afirma Feng, já de pé. – Sinto muito por ter que ir embora.

– Não, está tudo bem.

– Você vai encontrá-la. Eu sei que vai. Mas quando a encontrar, prometa-me que vai deixá-la ir.

– O quê? – Olho para cima.

– Deixe-a ir. Deixe-a seguir em frente. Esse é o maior presente que você pode oferecer a um fantasma.

As palavras ecoam na minha cabeça em branco titânio e ficam girando, girando. *Deixe-a ir.*

Deixe-a seguir em frente.

Feng hesita por um longo momento. Quando sua voz sai, parece tão rachada quanto tudo à nossa volta.

– Eu vi o pássaro, Leigh.

– O quê?

– Ela falou comigo. Ela me disse para ir para casa.

– Ir para casa? – repito. – Por que minha mãe falou com você? E mais... você vai dar ouvidos a ela? Você vai partir? Onde fica essa tal “casa”?

– Eu não sei. Gosto daqui. – Ela sorri para mim. – Mas que seja... Não se preocupe com isso por enquanto.

Não tenho ideia do que dizer. Pensava que sua casa era ali. Que ela... ficaria.

– Tenho que ir resolver minhas coisas. Adeus, Leigh.

Olho para ela. A cabeça, os membros e o corpo são sólidos e brilham contra um mundo destruído e fragmentado. Feng sorri.

– Até logo.

Enquanto se afasta, observo o quão suaves são seus movimentos; ela é tão pequena e tão leve que a terra quebrada não emite um único ruído sob seus passos.

Ligo o telefone. Nenhum e-mail do meu pai. Meu polegar puxa a tela para baixo para atualizar.

Nada.

Atualizo novamente.

Ouçoo o som de uma nova mensagem. Endireito-me e a madeira range traiçoeiramente. Mas quando o novo e-mail carrega, não é do meu pai.

DE: axeldereckmoreno@gmail.com

PARA: leighinsandalwoodred@gmail.com

ASSUNTO: (sem assunto)

Eu quase não clico – ainda não sei ao certo como havia me sentido ao ler seu último e-mail. Mas a curiosidade me vence e encontro mais uma dessas mensagens que não têm palavras. Apenas uma imagem. Uma aquarela que ele fez – reconheço seu estilo imediatamente. Mas não consigo saber quando ele teria me pintado naquela situação.

Na imagem, estou encolhida em seu empoeirado sofá de tweed, usando seu casaco favorito e com uma tigela gigante de pipoca no colo. Minha expressão é luminosa e cheia de alegria. A mecha no meu cabelo é azul, mas isso não ajuda muito pois a tingi de azul muitas vezes.

Algo sobre o modo como ele me retratou é incrivelmente íntimo. As cores são suaves e sensuais. Os traços, cuidadosos, destacam as curvas das minhas coxas e os ângulos do meu rosto. Sinto o calor subir para minhas bochechas ao pensar nele me observando tão de perto. Como se seus pincéis fossem mãos tocando em todas as partes do meu ser.

Sinto falta dele. Sinto falta da maneira como as coisas eram. Sinto falta de estar perto o bastante para sentir o calor de seu corpo, sentir o cheiro do seu xampu. De poder provocá-lo. De saber todos os seus pensamentos apenas pelo menor movimento de seus lábios ou pelo brilho no canto do olho. Sinto falta da facilidade e do calor. E da história. Sinto falta de tudo o que nos fez sermos *nós*.



Uma parte de mim esperava que, com a mudança da estação e os dias ficando mais longos, mais coisas derretessem além da neve. Como as mudanças de humor da minha mãe, que pareciam ser ditadas tanto pelo gosto do ar quanto por suas enxaquecas. E o estranhamento entre mim e Axel, que persistia desde o baile de inverno.

Mas só piorou. Comecei a sentir que não deveria mais ir à casa dos Moreno. Eu ainda o via durante a aula de arte, mas era só isso. E Leanne tinha começado a comer com a gente, o que praticamente arruinava o almoço para mim.

Estava concentrada em meu portfólio – nenhum projeto de arte antes havia ocupado tanto a minha vida. Eu trabalhava até tarde da noite e, muitas vezes, adormecia sobre os pedaços soltos de carvão, acordando com minha pele e roupas completamente sujas e manchadas. Mergulhei com intensidade nos desenhos até parecer que tudo o que eu respirava era o pó decorrente dos meus dedos cuidadosos e tudo o que eu via ser composto por tons de preto e cinza.

Vi meus dedos desenhando coisas, as quais nunca pensei que pudessem ser colocadas no papel. As delicadas linhas da depressão de minha mãe. O ressentimento sombrio em relação ao meu pai. O espaço negativo das lacunas e das separações de nossa família. O desejo forte e intenso que eu sentia por Axel.

Fiz vários rascunhos de tudo, dando mais acabamento aos meus traços, mudando a luz e as sombras, alterando o foco. Tudo o que eu precisava para a inscrição eram três obras fortes, apenas uma amostra de uma série hipotética. Três obras. Parecia um novo mantra. *Apenas três obras boas.*



Saí do meu mar de carvão e papel logo que o ar da primavera começava a esquentar. Troquei meu avental por uma regata e uma bermuda, e voltei ao porão de Caro pela primeira vez em séculos.

– Você tem conversado com Axel ultimamente? – perguntei.

– Mais ou menos – respondeu Caro, sentada em um banquinho, mexendo nos mostradores de uma velha câmera. – Vocês estão estranhos um com o outro.

– Eu sei.

– Talvez você devesse falar com ele sobre isso – Caro sugeriu.

– Não tenho certeza de que ele queira ter essa conversa. Ele não é muito adepto dos confrontos.

Eu estava fazendo um rápido estudo a lápis de Caro com seu longo tronco curvando-se sobre o banquinho, mas ela se moveu e a luz ficou diferente. Então, virei para uma nova página.

– Você deveria tentar.

Encolhi os ombros, mesmo sabendo que Caro geralmente estava certa sobre o assunto que

fosse.

– Como vão as coisas entre você e Cheslin? – perguntei.

Logo na sequência, percebi que pareceu que eu estava comparando Axel e eu com ela e Cheslin. Só que Axel e eu sempre fomos amigos com esse ponto patético de sentimentos não correspondidos. Mordi o interior de minhas bochechas, esperando que ela não pensasse em nada disso.

– Está tudo bem – Caro respondeu, sorrindo. – Nós decidimos que estamos prontas para... você sabe... ir até o fim.

– Uau!

– Eu tinha essa preocupação que pudéssemos acabar nos perdendo, sabe? Porque às vezes é isso que acontece.

Não consegui entender se ela também estava falando sobre mim e Axel, mas odiei ter esse pensamento. Não gostei da ideia de que ele e eu pudéssemos, um dia, não precisar um do outro.

Eu precisava dele. Precisava dele muito mais do que ele imaginava.

– Mas está tudo bem – continuou Caro. – Só é um pouco assustador estar tudo tão bem.

– O que você quer dizer com assustador?

Caro encolheu os ombros.

– É que nosso relacionamento como um todo é a recompensa de sermos corajosas o bastante para lutar por algo que nós duas queremos. Mas temos que continuar sendo corajosas.

Senti que fiquei, ao mesmo tempo, feliz por ela e triste por mim. *Coragem* era uma palavra que eu nunca havia colocado no contexto dos relacionamentos. Mas era exatamente isso que eu não tinha. Eu não era corajosa o suficiente para dizer a Axel como me sentia.

– Ei, e como vai o tal portfólio que você está fazendo com a ajuda de Nagori? – Caro quis saber.

– Eu literalmente *acabei* de enviá-lo – respondi.

– Ah, demais! Não sabia que você já tinha terminado.

– Quase achei que não conseguiria – disse a ela.

Era verdade. O prazo final tinha sido apenas alguns dias antes, e eu havia desperdiçado muito tempo nos meses anteriores. Finalmente encontrei meu impulso, mas tinha que interromper a produção sempre que papai estava em casa. Eu colocava os trabalhos debaixo da minha cama e tentava evitar discussão. Ele se sentava na cozinha e ficava falando comigo enquanto eu assava biscoitos ou limpava a geladeira, mantendo minhas mãos ocupadas para afastar a ansiedade de não poder trabalhar na minha arte, meu coração pulsando *apenas três obras* contra minhas costelas.

Em algum momento, também tinha limpado a minha sujeira. Sob as pilhas de roupas, esboços e lápis, mais uma vez desenterrei os objetos que encontramos no porão. A pulseira. O livro de Emily Dickinson. As cartas. A foto.

Na verdade, foram esses elementos que me fizeram terminar meu portfólio.

– Ei, você vai ficar para jantar, certo? Meus avós estão aqui.

– Claro – respondi. – Vai ser ótimo.

Como de costume, Charles e Gaele fizeram sua cena de romantismo.

– Gosto muito de Cheslin – Charles falava com Caro. Ele dizia o nome de Cheslin como se começasse com *Sh* em vez de *Ch*. – Ela é inteligente. E bonita também.

– Obrigada, *papi* – Caro disse revirando um pouco os olhos.

– Um dia talvez você decida que ela pode ser uma boa companheira para a sua vida. – Ele sorriu.

– Oh, Deus – disse Mel. – Lá vem a conversa de casamento...

Gaelle me serviu um pouco de pudim de pão e perguntou:

– E como você está, querida? Como vão seus pais *maravilhosamente românticos*?

Meu estômago revirou e dei um sorriso fraco:

– Hum, bem.

– E aquele seu namorado? – Mel quis saber.

Por um segundo, pensei que ela estivesse falando do beijo em Weston e fiquei confusa e apavorada por alguém saber daquilo.

– Axel, não é? – Mel concluiu.

– Mãe – disse Caro, morrendo de vergonha.

Naquele momento, soube que Caro sabia exatamente o que eu sentia por Axel, e o que era pior: ela, sua mãe e talvez até seus avós tinham falado sobre mim e ele. Nós dois. Eles tinham conversado sobre Leigh e Axel, e talvez até mesmo sobre como era triste que ele não sentisse por mim o mesmo que eu sentia por ele. Provavelmente tinha sido assunto de algum jantar que contou com a simpatia de Gaelle e os conselhos de Charles para alguém que não estava presente.

Fiquei incomodada.

Assim que o jantar terminou, desculpei-me e fui rumo à porta para ir embora.

– Me desculpa – disse Caro, seguindo-me pelo corredor. – Desculpa, desculpa, desculpa.

– Está bem – respondi, embora quase não conseguisse olhar para ela.

– Na verdade, eu não disse nada de concreto. Mas, alguns meses atrás, minha mãe me perguntou o que existia entre você e...

– Está *tudo certo*. – *Você e Axel*. Era o que ela estava prestes a dizer. A frase me fez querer vomitar. – Não estou brava – respondi sem ser cem por cento honesta.

– Escute – Caro disse. – Já que tocamos nesse assunto... – Eu resmunguei e revirei meus olhos. – Não, é sério. Há algo que eu preciso te dizer. Axel e Leanne estão juntos de novo.

Eu pisquei, atordoada.

– Ela convidou *ele* para o baile de inverno, e teve todo um drama em relação a isso. Então não é como... Não é exatamente um acontecimento repentino. Eu só achei que você deveria saber.

Suas palavras foram como um soco no meu estômago. A expressão no rosto de Caro era tão terrível, e então entendi que se tratava de uma notícia que ela estava escondendo de mim. Ela parecia estar em agonia.

Mas não chegava nem perto de como eu me sentia.

– Uau – eu disse. – Ok.

– Leigh?

– Isso é... Isso é ótimo. Há quanto tempo?

– Já faz um tempinho – disse ela. – Eles... se mantiveram distantes na escola. Mas Axel me contou.

– Por que eles fariam isso? – Eu ri. – Por que se preocupar?

– Você está bem?

– Eu estou ótima.

– Mesmo? De verdade? Você está sendo sincera?

Por que todos na minha vida eram tão exigentes?

– De verdade – falei, apenas para encerrar o assunto.

– Certo, então me promete uma coisa...

– O quê? – suspirei.

– Vamos para o Fudge Shack amanhã? Por favor?

Balancei a cabeça diante do quão desencaixado aquele pedido parecia estar. Mas parecia que ela achava que se fôssemos ao Fudge Shack juntas as coisas voltariam ao normal.

– Ok. Está bem.

– Às três horas – disse ela. – Pode ser? Apenas me encontre lá. A gente compra aquele sorvete de nozes, que é o seu favorito. E vai ter degustação de sundae.

Não corrigi Caro dizendo que sorvete de nozes era o favorito de Axel, e não o meu.

– Então, até amanhã.

Eu deveria saber o que estava prestes a acontecer.

Fui caminhando para o Fudge Shack porque não queria pedir carona a ninguém. Eram apenas vinte minutos da minha casa, e eles passaram bem rápido. Eu fui com os fones de ouvido conectados ao meu telefone, e vinte minutos foram quase o tempo que levei para escutar duas vezes as quatro trilhas de *Lockhart Orchard*, do Axel.

A lanchonete estava cheia. Lembrei-me por que eu odiava ir lá nos fins de semana. A degustação de sundae era superestimada, mas todos iam por esse motivo. Era o único lugar na cidade que oferecia a degustação em casquinhas de verdade em miniatura. Além disso, eles tinham opções confortáveis para se sentar. Em um dia normal, pelo menos. Naquele dia, todas as mesas estavam ocupadas.

Passei os olhos buscando ver se Caro já estava sentada em algum lugar e acabei encontrando Axel. Ele estava inclinado sobre uma das mesas ao lado das janelas e tinha uma cadeira vazia à sua frente. Seu olhar estava estranho e fixo no pedaço de sorvete de nozes à sua frente. Eu tinha certeza de que ele havia me visto.

– Oi – cumprimentei, andando em sua direção.

– Oi.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei.

Se havia uma pessoa que odiava ir ao Fudge Shack nos fins de semana mais do que eu, essa pessoa era Axel. Comecei a procurar por Leanne.

– Hum, esperando a Caro – ele respondeu.

– Oh. – No início, pensei que ele tivesse dito *Leanne*, porque era o que me parecia mais lógico. E, então, meu cérebro revisou suas palavras e eu escutei *Caro* claramente. – Ah.

– Deixe-me adivinhar... – disse ele, também se dando conta da situação.

Olhei a hora.

– Sim. São três e seis.

Caro nunca se atrasava. Ela tinha armado para nós.

Eu queria matá-la. Queria abraçá-la. Queria fazer as duas coisas.

Suspirei.

– Bem, quer sair daqui? Está um pouco barulhento.

– Claro. – Axel empurrou a cadeira para trás.

Cinco anos como melhores amigos, pensei comigo mesma. Como as coisas desandam desse jeito?

Ou talvez não tivessem desandado. Rezei para que ele realmente falasse comigo.

Atravessamos a multidão e alguns da escola falaram com Axel: – O que há de novo, Moreno?

– E aí, cara!

Ele acenou de volta e atravessamos a pesada porta, saindo para a calçada. Respirei um pouco do ar da primavera.

O sol estava escondido atrás de algumas nuvens e havia uma brisa fresca. Grandes arbustos se moviam atrás de nós, sacudindo e fazendo ruídos como os da chuva. Cruzei meus braços, lutando

contra o frio, e tentei encontrar algum lugar para focar meus olhos – o estacionamento, a grama, meus sapatos – qualquer lugar que não fosse o rosto de Axel. As palavras de Caro ecoavam ao meu redor. *Axel e Leanne voltaram.*

– Quer um? – Ele estendeu um saquinho branco de papel-manteiga com *fudges* dentro.

– Não, obrigada. – Balancei a cabeça. – Eu só quero conversar.

– Tudo bem – disse ele.

Depois de fechar o saquinho de *fudges*, Axel me olhou com expectativa.

Abri e fechei a boca. Respirei fundo.

– É que... – comecei, ao mesmo tempo em que Axel falou: “Olha...” – Ok, pode continuar – eu disse rapidamente, perguntando-me se ele iria mencioná-la.

Axel chutou uma pedra na calçada.

– Sinto que as coisas andam muito estranhas. Já não somos mais os mesmos.

– Sim – concordei.

Uma nova brisa soprou e tentei ignorar a maneira como ela tocava seus cabelos escuros.

– Podemos, não sei... tentar começar de novo? – ele propôs.

– Com certeza.

– Não tenho certeza se é possível voltar totalmente ao normal. Ou pelo menos, ao normal que podemos definir por como costumávamos ser. Eu não sei.

Assenti com menos intensidade, fingindo que tinha entendido algo de sua última frase. Era por causa de Leanne? Ela era a razão pela qual não poderíamos voltar ao normal?

– Sinto muito sua falta. Você... você é minha melhor amiga.

Suas palavras saíram um pouco truncadas. Respirei fundo para engoli-las.

– Eu também sinto sua falta – afirmei, suavemente.

– Bem, eu estava começando a ficar preocupado.

Revirei os olhos, mas não pude deixar de abrir um pequeno sorriso.

– E eu também sinto muita falta dos *dumplings* de cebolinha da sua mãe.

– Eu sabia! – retruquei. – Todo esse tempo, você esteve me usando apenas para comer *dumplings*!

– E waffles – acrescentou. – Eu já fui um bom rapaz. Os waffles foram minha derrota.

Meu sorriso diminuiu. Há apenas algumas horas eu estava na cozinha fazendo waffles sozinha, mesmo sem ser o dia deles. Quando subi no quarto principal para tentar fazer minha mãe se levantar, ela simplesmente se enrolou ainda mais nos lençóis. Acabei sentando-me no balcão da cozinha com os waffles frios, frutas ácidas e sem Axel, enquanto Meimei deslizava entre minhas pernas, passando para a frente e para trás, para a frente e para trás.

– Bem. – Axel limpou a garganta. – Desculpe, mas tenho mesmo que ir. Eu disse para Caro que não poderia ficar muito tempo...

– Oh – tentei não parecer decepcionada. Quase não consegui me impedir de perguntar se ele precisava ir embora para se encontrar com Leanne.

– Desculpa. Mas é que prometi a Angie que íamos ensaiar a surpresa para o dia dos pais... É meio bobo.

Soltei a respiração lentamente, aliviada.

– Mas vamos deixar isso de lado. Você sabe do que lembrei hoje pela manhã? – ele perguntou. Balancei a cabeça.

– Amanhã é o dia Dois Ponto Cinco!

– Ah, meu Deus. – O calor fez meu estômago borbulhar. Era mesmo, não era?

Era o dia que ficava exatamente dois meses e meio após o aniversário de Axel e dois meses e

meio antes do meu. Era um motivo anual para nos reunirmos, fazermos uma mistura esquisita de pipoca doce e salgada e desenharmos um o pé do outro. Uma celebração nossa, e uma celebração do fim das aulas, porque sempre caía mais ou menos na semana antes do início das férias de verão.

- Não posso acreditar que me esqueci – falei, meio atordoada.
- Então, vai lá em casa. A gente fica no porão e faz pipoca.
- Sim – eu disse com um sorriso sincero. – Com certeza.



Quando volto, as rachaduras já chegaram ao edifício dos meus avós. Já tomaram as escadas, a entrada e a porta da frente. Tiro meus sapatos e vejo a maneira como o chão se quebra sob os passos de *waipo*. As pessoas estão falando comigo, mas o som é como água corrente. Ou como a estática no rádio. Um som alto. Vazio.

Olho para as rachaduras. Preto que se espalha pelas fissuras.

– *Leigh* – enfim ouço.

É meu pai. Ele está de pé, na minha frente, segurando meus ombros. Ele não respondeu ao meu e-mail, mas está ali. Seu corpo também inteiramente rachado, os pedaços de seu rosto pendurados, quase caindo.

– Papai – eu me ouço dizer.

Ele olha para o buquê de penas vermelhas em minha mão, e sua boca desenha uma linha sombria.

– Você está bem?

Há um som que parece estar errado. Um levíssimo estalo.

Eu percebo que deveria haver luz entrando pelas janelas, mas não há. A sala de estar está escura como se fosse meia-noite.

Há apenas um pouco de brilho prateado que vem do canto. O suficiente para mostrar como as janelas estão brilhantes, distorcidas. Pisco rápido para limpar minha visão, mas leva um longo intervalo para o meu cérebro processar o que estou vendo.

As janelas. Elas estão derretendo.

À medida que escorrem pelas paredes, o vidro líquido se transforma em tinta preta. Ela se acumula no chão e vem em minha direção, rastejando rapidamente. Recuo, com pressa, e bato na parede com os ombros. Com o impacto, ouço o som de algo se quebrando. A parede racha em mais de um milhão de peças. Mais tinta vaza dessas fissuras e se junta à poça no chão.

Uma pequena pena escorrega da minha mão e dá uma lenta cambalhota no ar antes de se dirigir à escuridão cheia de tinta. A pena se desfaz, transformando-se em cinzas e, depois, desaparece. O instinto me diz que não podemos tocar no líquido preto.

Minha mãe está morrendo, sua mancha é absorvida pelo tapete, pela madeira. Quando termina com o quarto, assume a nossa casa e, então, passa para mim. Toma meu cabelo, minha pele e meus ossos, cruza meu crânio e chega ao meu cérebro. Agora está manchando tudo e faz com que o preto mais negro vaze e se espalhe pelo resto do mundo.

– *Leigh*? – meu pai me chama.

– Vamos – chamo. Olho para os meus avós, sentados à mesa de jantar. – Diga para *waipo* e *waigong* virem também.

– Ir para onde? – meu pai pergunta.

Quando passo pela cozinha, a mesma escuridão está escorrendo através dos azulejos, pelos armários, transbordando das gavetas. A tinta parece sentir minha presença e vem serpenteando em minha direção.

– *Rápido!* – Ninguém se move. – *Vamos* – peço, cutucando meu avô e pegando no braço de *waipo*.

Meus avós se movem tão lentamente que quase tenho um ataque cardíaco. Atravessamos o corredor e entramos no meu quarto. A tinta vem nos seguindo por todo o caminho. Não sei quanto tempo temos, mas o preto está muito perto quando fecho a porta.

– Leigh, o que, diabos, você está fazendo?

A única coisa que posso pensar fazer. Meu melhor palpite para fazer as rachaduras pararem:

Eu risco um fósforo e acendo o último pedaço de incenso. Com sua ponta em brasa, toco nas penas e as observo começar a queimar.

Fumaça & Memórias

A fumaça negra surge. Tudo ao nosso redor começa a se mexer, a girar. Estamos presos em uma tempestade, um ciclone de calor e cinzas. É muito pior do que quando acendi o incenso com *waipo*. Tudo desaparece. Não há quarto, não há porta. Apenas nós, a escuridão e os fios de fumaça negra que nos rodeiam, queimando nossos olhos, enchendo nossos pulmões.

Nós voamos através da escuridão. Buscamos a luz. O ar que nos rodeia se transforma em gelo e depois em fogo.

Começa com sussurros: os mesmos sussurros que me chamaram pela primeira vez para o incenso. Vozes baixas, muito silenciosas. Elas aumentam de volume, como se alguém girasse o controle. Eu os reconheço: minha mãe, radiante, falando com um estudante de piano. Meu pai, cantando rimas tolas que eu não ouvia há uma década. O riso quieto de *waipo*. Depois, outras pessoas que conheço apenas das memórias. Os tons profundos de *waigong*. A cadência ritmada e otimista de Jingling.

As vozes nos envolvem como cobertores macios.

E, então, chegamos do outro lado da tempestade. Somos jogados para o alto e me separo de todos.

– Papai? – grito, mas há um vácuo, minha voz simplesmente é sugada.

Eu pouso sozinha em um assento ao lado de uma mesa coberta com uma toalha branca e cheia de comida. Versões mais novas de *waipo* e *waigong* estão sentadas em torno da mesma mesa com Jingling. É um restaurante elegante e muito cheio. Nenhum deles está comendo. A memória tem um cheiro forte de flores.

– Há quanto tempo você sabe? – questiona *waipo*, sua voz severa.

– Há apenas algumas semanas – Jingling suspira.

– Por que você não nos contou sobre isso imediatamente? – *waigong* exige, seus dedos estão envolvendo uma xícara de chá com força, de forma que posso ver os tendões saltados na parte de trás da mão.

Jingling balança a cabeça.

– Não pensei que houvesse algo com que se preocupar.

– Mas agora você está preocupada? – pergunta *waipo*.

– Não acho que ele seja bom para ela – Jingling diz, devagar. – Nós deveríamos conversar pelo telefone, mas ela nunca atende minhas ligações. Ela não atendeu por quatro dias seguidos. – A dor é clara em sua voz com timbre tenso. – Isso não é típico dela. Costumávamos nos falar todos os dias. E, quando finalmente conseguimos nos falar... ela fez questão de deixar isso de lado. Eu acho que ele é uma má influência.

– Ela disse para você que passa todo o tempo com esse namorado secreto americano? – *waipo* pressiona.

– Sim.

– Essa relação tem que terminar – exige *waigong*. Ele por fim coloca a xícara de porcelana

sobre a mesa. – Diga-lhe que ela deve terminar com ele.

– Ela é muito teimosa. Ela não vai me ouvir se... – Jingling estremece. Seus olhos se fecham e ela leva uma mão ao rosto.

– O que há de errado? – *waipo* aproxima sua cadeira.

– Nada. Meu olho está doendo um pouco – Jingling explica. Ela afasta a mão do rosto e pisca várias vezes, como se tentasse limpar a visão. – Estou bem.

– Ela vai dar mais atenção a você do que a nós – diz *waigong*, suspirando. – Como foi que tivemos uma filha tão desobediente? Por que ela não pode ser mais parecida com você? – Ele pega os hashis, come um pedaço de bambu e os apoia novamente. – Você tem que falar com ela.

– Ela está apaixonada – Jingling suspira.

– Não – diz *waigong*, a fúria enrubescendo seu rosto. – Ela não sabe o que é o amor. Ela vai se apaixonar por um bom homem chinês, com uma boa família, que possa lhe dar uma boa vida. Da próxima vez que ligar para ela, diga para ela terminar essa história.

As cores cintilam e mudam. O aroma de amaciante flui pelo ar.

Uma sala que não reconheço. Meu pai está em uma cadeira de madeira, a postura rígida e tensa. Diante dele, pequenas xícaras de barro soltam vapor no ar.

Do outro lado da mesa, *waipo* e *waigong* estão afundados em seu sofá marrom, os olhos baixos. Eles estão mais velhos do que na última memória e parecem muito cansados, um cansaço permanente. Estão desgastados.

Não consigo ver minha mãe por ali.

Papai visitando meus avós sozinho? A ideia me deixa atordoada. O entorpecimento frio se instala sob minha pele.

Tantos segredos. Tantas omissões.

– Continuei escrevendo para ela – diz meu avô.

– Eu sei – diz meu pai.

– Ela leu as cartas? – *waipo* pergunta, virando o rosto com uma expressão esperançosa.

– Não sei – responde meu pai, embora esteja claro que ele sabe.

O sorriso no rosto da minha avó está cheio de dor.

– E Leigh. Como ela é?

– Muito parecida com a mãe. Forte. Teimosa. – Ele sorri um pouco. – Ela é muito talentosa.

– Uma pianista? – pergunta *waigong*.

Meu pai balança a cabeça em negação:

– Ela desenha. Eu trouxe alguns de seus desenhos... – Ele abre sua pasta e tira um envelope que entrega aos meus avós por cima do chá.

Os dedos trêmulos de *waipo* retiram do envelope, cuidadosamente, as páginas soltas. Ela olha cada uma delas por um longo tempo. Diante de um desenho feito com carvão, ela faz uma pausa:

– Quem é?

– Leigh. É um autorretrato.

Minha avó passa o dedo no ar sobre o papel, rastreando as linhas escuras.

No retrato, estou usando os velhos fones de ouvido de Axel, sentada no braço do sofá com um bloco de desenho no colo. Lembro-me de tê-lo feito usando como base uma foto que ele tirou com uma máquina bem ruinzinha. Nós não nos conhecíamos havia muito tempo, mas já éramos melhores amigos.

– Vocês podem ficar com esses – disse meu pai. – Ela nem vai notar. Ela desenha tanto. Sem parar. Depois eu mando outros.

– Quanto tempo você fica na cidade? – minha avó quer saber.

Meu pai envolve suas mãos em torno de uma xícara de chá e sorri:

– Nove dias.

– Você viaja com frequência? – ela pergunta.

– Não muito, atualmente. Esta é apenas a minha segunda viagem ao exterior desde a última vez que vi vocês. – Papai apoia o chá. – Espero poder viajar mais no futuro.

– Ela é feliz? – *waigong* pergunta.

– Leigh? Sim. Ela é... apaixonada por sua arte.

– E a mãe dela? Ela também é feliz? – Os olhos do meu avô estão sem piscar.

– Eu acho que sim – diz meu pai. Ele suspira. – Espero que sim.

– Isso é tudo o que importa – diz *waipo*.

– Ela contou o que dissemos a ela? – *waigong* fecha os olhos. – Quando ela decidiu se casar com você?

– Sim. Ela me disse. – Meu pai parece envergonhado.

– Nós nunca deveríamos ter dito aquilo. – Sua voz é dura, seus olhos estão um pouco vermelhos. – Foi nossa culpa. Só pensamos que fosse impedi-la de partir.

As cores diminuem de intensidade. A luz pisca.

Minha mãe e meu pai estavam sentados com uma versão mais nova de mim na mesa da cozinha, segurando cartas de baralho em suas mãos. Meu cabelo tinha uma mecha roxa. Eu estava na sétima série?

– É sua vez, Leigh.

A minha versão da memória baixa uma carta e mamãe engasga. Seus lábios se esticam em um largo sorriso.

– Dory, você está se entregando! – papai diz a ela.

– E daí? – Minha mãe encolhe os ombros.

– Você deveria blefar.

– Blefar? – Minha mãe olha para ele, com os olhos apertados.

– Você sabe – meu eu-memória diz. – Tentar nos enganar.

– Ah, bem, estou cansada. Vamos comer bolo. Você quer bolo? – Minha mãe se levanta.

– Hum – papai começa a dizer.

– Claro! – afirma a Leigh da memória e todos deixam as cartas de lado.

Mamãe traz a assadeira que acabou de sair do forno com um bolo de chocolate. Papai rouba um pedaço antes de ela ter conseguido nos servir.

– Isso aqui é um brownie, você sabe, certo?

– Qual é a diferença? – minha mãe pergunta. – Brownie é um bolo de chocolate.

– Há uma grande diferença... – E, com isso, papai começa sua explicação, versando poeticamente sobre as densidades, as proporções de chocolate, os vários ingredientes opcionais...

Papai sempre foi uma pessoa de doces, e não posso deixar de sorrir enquanto essa memória se desenrola diante de mim. Aquilo foi antes de ele começar a viajar o tempo todo, antes que o trabalho o afastasse de nós.

– Ok! – minha versão na memória diz. – Podemos jogar? A partida está quase acabando.

– Sim, tudo bem – minha mãe concorda. Ela junta suas cartas.

– É a sua vez, mãe.

Papai termina seu quarto pedaço de brownie, limpa os dedos e alcança suas cartas.

– Oh, minha vez? – Minha mãe parece encantada. – Aqui está! Olhe! – Ela mostra suas cartas finais. – Eu ganhei!

– Como assim? – A Leigh da memória lança as mãos no ar. – Eu estava *tão* perto.

Papai franze as sobrancelhas ao ver suas cartas. Ele olha para a mesa.

– Ei, espera aí. Essas cartas eram minhas! Você roubou minhas cartas!

– Não – diz Dory. – Você disse que eu precisava blefar. Então, eu blefei. Então, ganhei.

– Que trapaceira! – meu pai grita.

Ele se aproxima para castigá-la com cócegas. Minha mãe se afasta dele indo para o lado em sua cadeira e cai na risada.

– Trapaceira, trapaceira, trapaceira – meu pai repete, seu rosto brilhando.

Minha versão na memória revira os olhos:

– Vocês são ridículos.

Escuridão. Nova luz.

Meus pais estão de pé, na cozinha. Eles são ainda mais jovens do que na última memória. Não estou em nenhum lugar onde possa ser vista. Minha mãe está balançando a cabeça diante de algo que meu pai traz nas mãos.

Ele está segurando passagens de avião. Três passagens. Destino: Taipei.

– Por que você faz isso? – A voz da mamãe é baixa e crua, como nunca ouvi.

– Você não acha que já faz tempo suficiente? – meu pai sugere, muito gentilmente. – Eles merecem vê-la. Você merece vê-los. *Leigh* merece *conhecê-los*.

– Não. Eles não merecem conhecê-la. Você não os conhece. Eu os conheço. Eles são meus pais. Só sentem desapontamento por quem eu sou. A minha vida inteira. Desapontamento.

– Faz tantos anos – meu pai diz. – Já deu tempo de todos pensarem sobre o que aconteceu. De se arrepender do que foi dito.

– Sim – diz minha mãe, sua voz tremendo ainda mais. – Eu tive muito tempo para pensar. E só consigo me lembrar do que eles disseram: “*Você deveria se casar com um homem chinês. Se você se casar com aquele homem branco, esta não é mais sua casa. Você não é mais nossa filha*”. Como alguém pode dizer isso para sua própria filha?

Meu pai a envolve em seus braços, ela tem as mãos em punhos cerrados entre seu peito e o dele.

– Eles não quiseram dizer isso.

– Quiseram, sim – diz mamãe, chorando. – Quiseram. Eu sei que eles falavam sério.

– Dory...

– Eles me culpam. Eles pensam que se eu nunca tivesse vindo para os Estados Unidos, se eu nunca tivesse te conhecido, Jingling estaria viva. Por que tudo sempre é minha culpa? Talvez eu os culpe. Eles almoçaram juntos no dia em que ela morreu. Deveriam ter visto como ela estava doente. Por que tudo é minha culpa? Por que não é culpa deles? Eles nunca conhecerão Leigh. Eles nunca vão magoá-la como fizeram comigo.

Papai não diz nada depois disso. Ele a segura, e ela mantém o rosto em seu pescoço, seus ombros tremem.

A memória cintila e se apaga como uma lâmpada queimada, o chão desaparece debaixo dos meus pés.



Eu pouso na Lua.

Não é a Lua completa, mas apenas um pedaço dela. A Lua está quebrada em pedaços, isso é tudo o que resta. O piso é pálido e frágil, e quando dou alguns passos para a frente, paro repentinamente, porque a borda cai e surge um penhasco. Dali, vejo um mundo inteiro que se expande diante de mim em um índigo quase negro e brilha com estrelas, manchas que piscam aqui e ali.

Surge em minha mente o pensamento de que, se aquele pedaço de Lua se inclinar o mínimo que seja, eu cairia no vazio e ficaria perdida entre as constelações.

O som do bater de asas faz com que eu olhe para cima.

Lá está o pássaro, subindo, brilhante como uma chama. Assim como naquela noite em Jiufen, ele voa em círculos, ele dança. A ave atravessa o céu, passa pelas estrelas, conectando os pontos. Ela mergulha e passa tão perto do meu fragmento de Lua que tenho certeza de que me viu. Ela sabe que estou ali, sabe que estou observando-a.

Naquele momento, penso em um poema que li no livro de Emily Dickinson, e é como se eu pudesse ouvir alguém declamando as palavras:

*Meu casulo se aperta, cores se insinuam,
Meus dedos tateiam no ar;
Minhas finas roupas desvirtuam
As fracas asas a desabrochar.*

*Toda borboleta que se preza
Deve ser capaz de voar,
Vencendo pradarias majestosas
Para o alto do céu alcançar.*

*Então me surpreende a noção E me confunde a evidência Quando me arrasto no chão, No
prelúdio de minha existência.*

Tento sentir o que ela sente, minha mãe, o pássaro, navegando por todo o céu com os olhos fechados, tão decidida em cada curva, sem precisar nem ver. Inalo profundamente, tento sentir o seu cheiro.

Lá está minha mãe, com asas no lugar de mãos e penas em vez dos cabelos. Lá está minha mãe, o mais vermelho e brilhante dos vermelhos, a cor do meu amor e do meu medo, de todos os meus sentimentos mais fervorosos, seguindo-a no céu como a cauda de um cometa.

Ouçó sua voz musical, ensolarada, tão distante e silenciosa.

– Leigh – ela me chama.

Meu nome ecoa pelo céu. Leigh, Leigh, Leigh.

– *Tchau* – minha mãe diz:

Tchau, tchau, tchau.

O pássaro sobe cada vez mais alto. Ele gira, faz curvas. Eu o assisto explodir em chamas.

Meu coração se aperta. Minha respiração para. Minha mãe queima como uma estrela.

O vento surge, apenas uma brisa, no início, que cresce e se transforma em uma rajada constante. Então, a tempestade retorna, tão selvagem e furiosa quanto antes. Procuro encontrar algo em que me agarrar, mas não há nada. O chão é muito liso. O vento me empurra, jogando-me para o nada.

Um grito irrompe de minha garganta, mas não há ninguém para ouvi-lo. Estou caindo. Vou cair para sempre. Não há um fim.

Viro a cabeça para ver a estrela. O pássaro. Minha mãe.

Sua luz pisca e, então, há apenas cinzas e a noite.

O frio preto e denso como tinta me engole e não é mais possível ver nada. Nada mesmo. Nem as galáxias. Nem as constelações. Apenas eu e o abismo.



Dia Dois Ponto Cinco. Como acabamos nesse sofá? Talvez fosse inevitável. Talvez fôssemos como dois ímãs que o universo esteve preparando durante todo esse tempo.

A casa de Axel estava vazia naquele dia. Havia apenas ele e eu. Preenchemos o espaço com risadas, permitindo que nosso alívio ocupasse todos os lugares. O alívio de sermos amigos de novo. O alívio de estarmos juntos e sozinhos pela primeira vez em séculos.

Por que não estávamos na minha casa?

Fizemos pipoca e usamos chocolate derretido como cobertura, fazendo formas de estrela, uma por cima da outra, até o creme marrom ter recoberto tudo. Quando Axel provou a primeira pipoca, fez uma bagunça enorme e teve que lamber o chocolate que havia sujado seus lábios.

Eu vi a maneira como seu dedo roçou o canto de sua boca, o jeito como sua língua lambeu o doce.

Ele segurou a tigela e a passou para mim. Nossos dedos se tocaram. A eletricidade criou entre nós um laranja pirazolona. Com certeza ele também sentiu.

Onde estava minha mãe?

Em seu porão, estávamos sentados lado a lado, e eu podia sentir a ligeira movimentação de seu corpo a cada respiração. Desenhamos os pés um do outro. Era tudo tão familiar que até doía. A cicatriz no tornozelo, onde ele recebera pontos quando ainda era pequeno. O jeito como ele gostava de flexionar os dedos dos pés, no ritmo da música.

Abri uma página em branco e mudei de perspectiva para pegar também suas pernas. Eu não tinha certeza se já havia desenhado aqueles joelhos estranhamente perfeitos.

Estávamos a poucos centímetros, muito perto e muito longe.

Minha mãe, subindo as escadas.

Procurei meu pedaço de carvão e acabei deixando-o cair. Foi assim que começou. Caiu no vão entre as almofadas do sofá, entre nós. Ambos o alcançamos ao mesmo tempo e nossas cabeças se chocaram.

– Ai – disse ele.

– Você está bem? – Eu automaticamente levei uma mão em direção ao seu rosto, ao local onde imaginei ser a fonte da dor.

Meus dedos desajeitados derrubaram os óculos de Axel e deixaram sua testa manchada de cinza.

– Ei – ele disse, já rindo.

– Ei, você – falei, sorrindo.

Axel limpou o carvão de seu rosto e alcançou o meu com os dedos sujos, buscando vingança. Nós estávamos rindo juntos, então, um som tão musical e quente, minhas costelas esticadas de felicidade.

Minha mãe tentando escrever um bilhete.

Segurei seus pulsos para impedir que ele sujasse o meu rosto e acabamos em um tipo de luta. Ele era mais forte, então me inclinei sobre ele em busca de tirar vantagem com meu peso...

E acabei batendo em seu rosto. Meu nariz contra o seu nariz. Meus lábios tocando os seus lábios.

Recuei como uma mola.

Eu podia identificar o local exato onde minha boca tocou a dele. Havia uma mancha do mais ardente fogo.

Seus olhos, arregalados, eram dois sóis que me queimavam. Olhamos um para o outro, nossas mãos ainda nos braços do outro, os joelhos se tocando, a respiração curta e rápida, em sincronia.

Axel foi o primeiro a soltar. As partes dos meus braços onde suas mãos me seguravam ficaram frias. Ondas de ultramarine atravessaram meu corpo.

Então, ele arrumou os óculos. Me puxou para perto.

Eu podia sentir aquela suave respiração contra meus lábios.

Mantive o olhar firme e assisti a seu rosto se tornar tão grande a ponto de não conseguir mais ver seu contorno.

Nós nos beijamos, e eu tinha todas as cores do mundo, estava iluminada.



Minha queda através da escuridão diminui até que eu fico apenas à deriva, flutuando. Está congelando. Aquele é o preto mais preto. Meus olhos não enxergam nada. Não consigo ver minhas próprias mãos, mas há momentos em que ouço e sinto coisas. Vozes em algum lugar acima de mim. Algo frio na minha testa. Uma gota de água escorrendo pelo meu rosto.

Um raio de luz, e de repente vejo meu quarto no apartamento dos meus avós. Tudo muito preciso e colorido.

O meu pai me ajuda a sentar. Em algum lugar atrás dele, posso ouvir *waipo* murmurando em taiwanês.

Dois comprimidos na minha língua seca. Eu os engulo com um copo de água.

Meu corpo está tão pesado. Só preciso fechar meus olhos. Apenas por um segundo.

Estou caindo de novo, rápido e com força, girando na escuridão. O vento acelera, pressionando minha pele enquanto caio. Em algum momento, a escuridão começa a clarear. O preto se transforma em um índigo escuro. O índigo desaparece e se torna roxo dioxazina, que muda para azul-cobalto, depois azul-céu e assim por diante, com brilhos de aquarela. O mais claro tom de rosa surge como um toque do nascer do sol. Redemoinhos de branco florescem, desenrolando-se, expandindo--se como um aroma.

Estou vagando pelo céu.

– Ei, Leigh. – É papai. Viro-me para tentar encontrar a fonte de sua voz, mas não consigo vê-lo em lugar nenhum. – Como você se sente, filha?

Ele não me chamava de filha há anos.

– Estou bem – respondo.

À medida que o ar se aquece, ouço o toque de um piano. Ele fica mais alto, até que eu consigo definir a música: “Pavane pour une infante défunte”, de Maurice Ravel.

– Lembra-se desta peça? – papai sussurra.

– Ravel. Uma das favoritas de mamãe.

Ela costumava tocar isso quando estava quieta, mas de bom humor. *Pavane para uma princesa morta* é como pode ser traduzido o título. Sempre me perguntei quem era a princesa morta.

A música termina e o céu fica em silêncio. Algo se instala no espaço entre as minhas costelas. Algo que parece cheio, dolorido e triste ao mesmo tempo.

Posso dizer que meu pai também sente isso quando diz, com a voz tranquila: – Você se lembra que quando fazia algo estranho ela dizia: “Oh! Meu Deus!”, como se fossem duas frases separadas?

Eu ri um pouco. Foi estranho, mas bom.

– Sim. E lembra que quando você tentava fazer piadas ela balançava a cabeça e dizia: “Você é muito engraçado, mas não tem graça”?

– Sim. – Meu pai ri.

– Você se lembra de quando você deu para ela, de Natal, a primeira máquina de waffles? Ela

ficou tão confusa quando abriu o pacote...

– Você se lembra disso, Leigh? Foi há tanto tempo. Você devia ter quatro anos.

– E ela disse: “É para fazer um bolo que parece uma cerca?”. E ficou chamando waffles de “bolo de cerca” por um tempo.

– Acho que no começo ela não gostava muito de waffles – ele diz, e posso ouvi-lo sorrindo ante tais palavras.

– Eu lembro que ela continuou tentando aprimorá-los com ingredientes do mercado asiático.

– Ah, sim. – Papai ri um pouco. – Como os com a pasta de feijão azuki e as sementes de gergelim na cobertura.

– Depois ela também fez alguns com matchá. E ficaram muito bons.

– Aqueles *ficaram* bons! E ela só fez uma vez.

Eu sinto meu rosto se esticando e abrindo um sorriso. Isso aquece meu corpo.

– Nós poderíamos tentar fazer alguns nós mesmos.

– E depois ela começou a fazer aqueles sanduíches de waffle... – meu pai se lembra.

– Uau, eu tinha me esquecido completamente disso.

– Ela tentou fazer um sanduíche de bacon, alface e tomate com queijo, mas entre dois waffles.

– Eu acho que teria ficado bom se ela não tivesse usado o queijo processado – comento.

Ele começa a rir profundamente, e é um som deveras bom. Quente e reconfortante, algo que eu não ouvia há muito tempo.

O céu assume a cor laranja cádmio.



Em um piscar de olhos, já não há mais céu. Há um teto. Meu pai, ao fundo, sentado em uma cadeira, com os braços apoiados no colo. Estou na cama, coberta por um cobertor fino. De repente, fico muito quente. Começo a suar. Tiro o cobertor.

– Você está melhorando – afirma meu pai. Ele coloca a mão na minha testa. – Sua temperatura baixou.

– Eu tive febre?

– Por três dias.

Três dias.

Perdi o dia quarenta e nove. Os meus olhos ardem.

– Você ficou muito mal – ele diz, e consigo ouvir a preocupação que reveste as suas palavras.

– Ficamos muito preocupados com você. Sua avó disse que você não estava conseguindo dormir. A insônia pode ser bastante agressiva com o corpo e com a mente, sabe.

Penso nas rachaduras se espalhando pelo teto até o mundo à minha volta desabar.

– Ainda assim, parece que conseguiu fazer muitas coisas. – Meu pai sorri. – Você foi a alguns dos meus templos favoritos. – Ele vê a interrogação nos meus olhos e explica: – Ela me ligava de tempos em tempos para contar como estava tudo por aqui.

– Você não devia ter partido. – Não era o que eu planejava dizer e as palavras também me surpreendem. – Foi uma merda você ter ido embora por não conseguir lidar com a situação.

– Tem razão. – Sua cabeça tomba. – Desculpe.

– Sobre o que vocês estavam discutindo?

– Foi ridículo. Sua avó fez uma brincadeira sobre... nem sei direito... Alguma coisa do tipo: se tivéssemos vindo anos antes tudo poderia ser diferente agora. Eu nem cheguei a processar completamente o que ela estava dizendo. Acho que o comentário foi sobre comida. A verdade é que levei o comentário como uma acusação e explodi. Aí, ela explodiu de volta. Foi uma bagunça. Peço desculpas, Leigh. Peço de verdade. E já me desculpei com seus avós, também. As emoções estavam... muito intensas. Para todo mundo.

Eu não sei o que dizer diante de tudo isso, então, abaixo o olhar e deixo meus olhos vagarem. Olho para o criado-mudo e me lembro repentinamente da fotografia – a última da caixa. Aquela que nunca queimei. Papai a alcança por mim. Ela está um pouco dobrada, as bordas queimadas.

É uma fotografia a cores, mas já está tão desbotada que, à primeira vista, parece ser em preto e branco. A minha mãe tem tranças longas que pendem sobre seus ombros. Jingling tem o cabelo curto, mal chaga ao seu queixo. As duas irmãs compartilham sorrisos secretos. Parece que ainda não são adolescentes. Atrás delas, *waipo* e *waigong*, olhando para a câmera, as bocas retas, mas não infelizes.

– Por que não me disse que eu tinha uma tia? – perguntei.

O rosto de papai se aperta em uma mistura da fúria, culpa e tristeza da cor carmim queimado.

– Eu não podia contar. Mas devia ter feito sua mãe lhe dizer a verdade. Você merecia saber.

– E quanto a mim? Tipo... – luto para encontrar as palavras. – Quando você disse a *waipo* e

waigong que... eu... existia?

– Eu fui visitá-los, você tinha apenas dois anos. Fiz uma viagem a Taiwan por conta do trabalho, então, trouxe algumas fotos suas.

– Você simplesmente apareceu? Por que esperou tanto tempo?

– Eu só fui depois de ter aberto uma carta que eles enviaram para sua mãe. O seu *waigong* disse que eles queriam se desculpar. Pensei que talvez eu pudesse ajudar a consertar a situação. – Seu rosto demonstrava toda a angústia. – Tudo o que aconteceu depois de Jingling... – papai soltou um forte suspiro. – Sua mãe se culpava por isso. Ela ficava dizendo que deveria ter percebido que algo estava errado. Que Jingling estava doente.

Eu pisquei:

– Como ela poderia ter percebido?

– Era isso que eu lhe dizia. Mas ela estava convencida. E, depois, seus avós a pressionaram a ficar em Taiwan. Eles queriam que ela abandonasse a música, fizesse algo mais prático. Algo que Jingling teria feito. Eles queriam que ela se casasse com um homem chinês ou taiwanês. Viajei a Taipei para conhecê-los e eles fecharam a porta na minha cara. Sua mãe ficou bem magoada com isso. Quando voltei para os Estados Unidos e liguei para Dory, ela estava tão chateada. Impulsiva e talvez ingenuamente, pedi-a em casamento. Dizer “sim” foi sua maneira de fugir de casa.

Imagino minha mãe tomando a decisão por telefone, sem hesitação, e já jogando os poucos pertences de que precisaria em uma mala vazia.

Meu pai continua:

– Por um tempo, me perguntei se ela tinha aceitado meu pedido apenas como uma forma de se rebelar, se teria dito “não” em circunstâncias melhores. E, então, passei a me sentir muito culpado. Talvez, se eu tivesse lhe dado mais tempo para se perdoar... Se eu tivesse tido mais fé em nós. Eu estava tão apaixonado e tão assustado com a possibilidade de perdê-la. – Ele balança a cabeça. – Nunca quis que ela se afastasse de sua família. Mas ela sentiu que, sem Jingling, não havia nada para diminuir a distância entre ela e seus pais. E eu... Bem. Eu não suportava a ideia de obrigá-la a fazer qualquer coisa que pudesse deixá-la triste.

Engulo em seco, com dificuldade.

– Então você... você ainda a amava? *Ainda a ama?*

– *Claro*. Nunca deixei de amá-la, Leigh. Nunca.

Viro meu rosto porque é muito difícil olhar para ele.

– É que você ficava tanto tempo fora. Você... mudou. Transformou-se nesse homem que só pensa no trabalho, e a mamãe e eu ficamos sendo apenas a família escondida no fundo do armário.

Meu pai inala bruscamente. Eu prossigo:

– Às vezes, parecia que você apenas fingia que tudo estava bem, como se os problemas pudessem se resolver sozinhos. Mas coisas assim não se resolvem sozinhas.

Ele faz um som como se estivesse sufocado.

– *Nós precisávamos* de você, pai. – Minha voz desafina.

Há uma dor e uma libertação em dizer isso em voz alta. Passei tanto tempo tentando me convencer de que era melhor quando ele não estava por perto. Que não precisávamos dele. Que mamãe e eu éramos uma unidade completa, só nós duas.

Depois de proferir essas palavras, já nem me sinto mais brava. Apenas triste.

Eu escuto sua respiração profunda.

Quando ele retoma sua fala, suas palavras são instáveis.

– Eu *nunca* quis deixar o meu trabalho assumir o controle. Mas você está certa. E quando enfim percebi que algo estava errado... já não sabia como consertar. Toda vez que eu chegava em casa, sentia aquele peso insuportável. Era mais fácil ficar longe, entende? Ser uma família pelo telefone. Como se tivéssemos vinte anos novamente, em uma relação a distância, separados pelo Pacífico. – Sua voz ganha velocidade, como se ele estivesse apressado por derramar os pensamentos antes que pudesse prendê-los de novo. – Às vezes, eu achava que vocês duas ficavam melhor quando eu estava longe. E não sabia como mudar isso. Eu apenas... – Ele aperta os olhos. – Não são desculpas. Sei que é minha culpa. E não tenho como reverter nada disso. Se eu tivesse sido uma pessoa mais forte, uma pessoa melhor, sua mãe ainda estaria aqui.

– Não – eu lhe digo. – Você não pode se culpar. Não é sua culpa. Assim como não foi culpa da mamãe que Jingling tenha morrido. – À medida que as palavras saem, percebo que elas são sinceras. Eu realmente acredito nelas.

Ele ainda balança a cabeça. Há uma tristeza sem fim em seu rosto.

– Qualquer coisa poderia ter acontecido, mesmo que você estivesse lá o tempo todo – reafirmo. – Mamãe estava doente.

– Eu só queria... – papai para e pressiona os lábios unidos, engolindo as palavras.

Eu entendo. Não há sentido em desejar. Não podemos mudar nada em relação ao passado. Só podemos nos lembrar. Só podemos seguir em frente.

Dói tanto que pareço estar toda cortada. Tenho de me esforçar muito para fazer o nó na garganta descer.

– Conte-me sobre quando vocês se conheceram.

Meu pai fica quieto, mas sua expressão muda.

– Me conta – peço de novo. – Foi em um evento de estudantes, certo?

Quando ele fala, sua voz é suave e lenta:

– Ela era a única na sala com quem eu queria conversar. Ela trazia luz ao lugar. Ela era como uma tocha. Eu poderia ficar conversando com ela para sempre. – Papai sorri, mas é um sorriso cheio de dor. – Quando ela começou a misturar os idiomas, ri muito. Ela nunca se importou em falar errado, apenas ria comigo. E quando ela tocava piano... meu Deus, isso vai parecer tão meloso, mas era como se seu corpo se transformasse no som. Era como se a música fosse seu lar. E quando ela tocava piano, voltava para casa.

Eu penso em minha mãe se movendo no banco preto, seu corpo parecendo uma onda acompanhando a melodia, os dedos precisos e certos no contraponto. Sinto uma pontada, uma dor. O arrependimento de nunca tê-la deixado me dar aulas.

Papai puxa um pedaço de papel dobrado de seu bolso traseiro.

– O que é isso?

Ele desdobra o papel sem falar nada e o ergue para que eu possa ver.

É o desenho a lápis da nossa família no balanço do Village Park, que parece antigo e gasto como um mapa do tesouro. Deve ter sido dobrado e redobrado um milhão de vezes.

– Uau. Achei que você fosse deixar isso em uma pasta e acabar se esquecendo.

Ele demora para responder, como se fosse difícil encontrar as palavras.

– Levo esse desenho comigo desde que você me deu, no Natal. No começo eu levava na mala, para poder ficar olhando quando estivesse longe. Depois virou um hábito carregá-lo no bolso. Isso faz com que eu me sinta melhor.

– Uau – eu digo novamente.

– Quando estava em um avião, eu abria seu desenho e ficava maravilhado com o incrível trabalho que você tinha feito, com a emoção que capturou em nossos rostos. Toda vez que eu

olhava para ele, sentia que me lembrava com ainda mais clareza daquele dia. É incrível.

Os meus olhos ardem.

– Obrigada, papai. Isso significa muito.

– Você tem um dom. Peço desculpas se alguma vez pareceu... que eu pensasse o contrário. Sua mãe tinha tanto orgulho de você, e ela tinha boas razões para isso.

Ficamos em silêncio e pondero se ele está percebendo o mesmo que eu: que acabamos de ter nossa mais longa conversa – sem brigas – em muito tempo.

A dor pela minha mãe ainda está lá. Nunca vai deixar de estar. Mas está guardada dentro de camadas e mais camadas de lembranças. Algumas boas; outras ruins. Todas importantes.

A porta range e minha avó entra no quarto, trazendo-me um copo de suco. Seus olhos brilham quando ela vê que estou acordada.

– Leigh – ela diz, seguido por uma série de sons rápidos e melódicos.

– O que ela disse? – pergunto ao meu pai, ansiosa.

– Ela disse que seu nome é poderoso. – Papai abre um sorriso suave. – É igual à palavra em mandarim para a *força*. *Li*.

– *Li*. – Minha avó também sorri.



Aponte o dedo para o céu com força suficiente para que ele se estique ao máximo. Olhe para a sua ponta e além. Ali. Esse pequeno pedacinho do mundo, não maior do que a ponta do dedo. À primeira vista, pode parecer uma cor chapada. Azul, cinza ou, talvez, até laranja.

Mas é muito mais complexo do que isso. Force os olhos. Veja os pontos de cor lilás. O traço de sálvia não maior do que um hífen. Essa mancha caramelo com um toque suave de cornalina. Todos se unindo para girar no ponto logo acima do seu dedo.

Inspire-os. Deixe-os entrar em seus pulmões. Essas são as cores do agora.



O jantar é um pouco silencioso demais, e é então que me ocorre, de repente, uma curiosidade:

– *Feng zai nali?* – pergunto a *waipo*. *Onde está Feng?*

Ela me lança um olhar confuso e diz algo que não entendo.

– O que é Feng? – papai parece intrigado.

– Feng – digo. – Nossa amiga Feng!

– *Shei?* – Minha avó balança a cabeça.

– Esse é um nome interessante – meu pai comenta. – Qual é o tom? Aquele que significa *fênix*?

– É... Eu não sei.

– Como ela é? – ele questiona.

A questão me surpreende. *Como ela é?* Quando abro a boca para descrevê-la, percebo que já não sei mais. Tudo o que eu lembro é de sua palidez, de suas brilhantes estampas florais.

– *Waipo* diz que não conhece ninguém de nome Feng. – Papai encolhe os ombros.

Vou correndo para meu quarto e começo a revirar tudo, procurando algum sinal dela. Ela existia. Tenho certeza. O meu telefone ainda funciona, continua na rede taiwanesa. O cartão SIM que ela me deu era real. Procuro a selfie que tentamos tirar no topo de Taipei 101, mas tudo o que encontro no meu telefone é uma imagem embaçada em que aparece apenas metade do ombro de *waipo*. A sacola dos doces – aquela com o logotipo do pássaro vermelho – ainda está na minha gaveta.

Isso é tudo? Não há outros vestígios? Ela esteve tão presente em nossas vidas por duas semanas. Volto para a mesa de jantar, examinando o apartamento em busca de qualquer outro sinal dela.

– Papai, você pode perguntar a *waipo* sobre a caixa de coisas que nos foi enviada? Lá tinha chá e bolos. Tinha também meu cartão SIM. *Feng nos trouxe aquela caixa*. Pergunte a *waipo* se ela se lembra.

Observo os dois conversando, a maneira como minha avó aponta para ele, o jeito que ele balança a cabeça enquanto responde.

– Leigh – ele começa devagar –, ela diz que a caixa foi entregue por correio e que não havia nenhum remetente identificado. Ela achou que eu tivesse mandado.

– Mas não foi você. Você não me mandou nada, certo?

– Certo – ele responde, preocupado. – Eu não enviei nada para você.

De volta ao meu quarto, dobro com cuidado a sacola de presente que continha os doces e a coloco na parte de trás do meu bloco de desenho.

Feng era real. Tenho certeza disso.

Mas de alguma forma, ninguém se lembra dela. Ninguém exceto eu.



– Papai, você pode me ajudar com uma coisa?

Meus dedos apertam a tampa da pequena caixa de flores laranja. As bordas estão queimadas desde o dia em que levei *waipo* para ver a fumaça. Mas os caracteres continuam legíveis.

Isso, eu sei, também é real. O que significa que o incenso também deve ter sido real. E que as memórias são reais.

Ele termina de abrir o zíper de sua mala já desgastada, abrindo a parte de cima.

– Claro, o que é?

Eu lhe mostro a caixa de incenso e aponto para os caracteres em vermelho:

最
難
風
雨
故
人
來

– *Zui nan fengyu guren lai* – ele lê. – Oh. É uma frase da dinastia Qing. Algo escrito por um erudito, basicamente um poema.

– E o que quer dizer?

– *Zui nan fengyu guren lai* – ele repete, mais devagar. – *Zui nan* significa *o mais difícil*. *Feng*, bom, *feng* você sabe, certo?

Pisco por um segundo. *Feng*? Ele de repente sabe quem ela é?

– Significa *vento* – ele continua. – Achei que tivesse ensinado isso a você, mas talvez não. E *yu* quer dizer chuva. Então, *fengyu* significa *vento e chuva* ou, em outras palavras, mau tempo e, metaforicamente, maus momentos. *Guren* significa *amados*, amigos e familiares, e *lai* significa que eles virão. Juntando tudo, o que quer dizer é que é uma bênção incrível poder ver seus entes queridos durante os momentos mais difíceis.



Eu me lembro de tudo. O pássaro. As memórias do incenso. A forma como o mundo começou a ser tomado por rachaduras pretas. A queda. Feng.

E desde que os quarenta e nove dias se passaram, algo mudou. Papai está diferente. Durante aqueles anos ausentes, sua presença havia se tornado um azul duro e gelado, mas agora ele trazia consigo um amarelo ocre, quente e reconfortante. Ele tem se esforçado muito. Estamos reaprendendo a conversar, como costumávamos fazer. Piadas internas estão voltando a existir. Estamos nos lembrando de como sorrir juntos.

Foi o presente final que o pássaro poderia nos dar: a lembrança.

Os pedaços da história da minha família se juntaram, de modo que enfim a conheço e compreendo. E é uma lembrança do amor que sempre tivemos, mesmo nos momentos mais conturbados, quando era difícil percebê-lo.

~~Eu quero que vocês se lembrem~~

Eu vou. Eu me lembrarei.



Um dia, volto até a casa de Feng. Fico na frente das portas de aço e aperto o mesmo botão: 1314.

Depois do que parece ser uma eternidade, ouço os sons de passos descendo as escadas. Uma das portas se abre e um homem coloca a cabeça para fora.

Eu reconheço sua marca de nascença antes de qualquer outra coisa. Uma nuvem de aquarela na bochecha.

– Você, de novo?

Dou um passo para trás.

– Sinto muito. Não queria incomodá-lo...

– Então, por que você tocou minha campainha? – Ele franze o cenho para mim.

Não era o endereço de Feng que estava na caixa rosa da Hello Kitty. Era o endereço de Fred.

– Eu realmente sinto muito.

Já estou descendo os degraus e me afastando quando ele me chama:

– Aguarde um minuto. Tenho algo para você.

A porta se fecha e ouço seus passos subindo as escadas. Poucos minutos depois, Fred volta, segurando um envelope vermelho.

– Eu não posso aceitar isso – digo a ele. A ideia de aceitar dinheiro...

– Não é dinheiro – ele balança a cabeça. – É o cabelo de Chen Jingling. Eu nunca o queimei. Você pode ficar com isso... Para que você se lembre dela.

Então, o envelope vermelho está na minha mão e Fred me dá um último olhar antes de fechar a porta.

Acho que é isso. Não existe Feng ali. Mas, ainda assim, não consigo ir embora. De pé, na esquina onde ela nos encontrou antes, abro o envelope vermelho para ver o que tem dentro. Há uma mecha escura e brilhante de cabelo, unida por um elástico e uma fita. Há também uma fotografia. A foto é antiga, mas colorida: duas mulheres jovens de pé, em um parque, sorrindo diretamente para a câmera. À esquerda, minha mãe, com um simples vestido amarelo. Eu reconheço seus óculos por conta das memórias que vi. A foto deve ter sido tirada quando ela já era estudante universitária. Ao lado de minha mãe está sua irmã, Jingling, usando um vestido estampado de flores em diferentes tons de vermelho, rosa e púrpura.

Jingling. Ou a mulher que conheci como Feng.

Agora me lembro de sua aparência. Agora posso enxergar com absoluta clareza. O rosto de Jingling estava embaçado em todas as lembranças, mas ainda assim... Como não percebi antes?

Pego meu telefone novamente e busco a foto borrada do dia em que fomos ao topo do Taipei 101. Foi ideia de Feng de tirar a foto. Teria sido essa sua tentativa de me dizer que ela era um fantasma?

O céu começa a escurecer, então, percebo que tenho de voltar para casa. Dou meia-volta, olhando uma última vez. Esperando o vislumbre de uma blusa com estampa floral. Esperando que ela se materialize e se ofereça para me levar para experimentar uma nova comida deliciosa

no mercado noturno e me explicar tudo o que aconteceu.

Ela não aparece.

– Tchau, Feng – sussurro.

Uma brisa passa diante de mim e espalha as folhas das árvores.



Na manhã seguinte, contratamos um carro que leva nós quatro a Danshui, para ver o mar. Meu pai carrega uma pequena caixa de madeira que havia mantido escondida de mim todo esse tempo. Minha avó carrega a urna de cerâmica com os dragões azuis.

Lá, na água, espalhamos as cinzas. Da minha mãe. De Jingling.

O vento fica mais forte, reivindicando as cinzas.

E então elas se vão. Nós ficamos ali, com as cores do amanhã. As cores do agora.



Papai decidiu que poderíamos ficar mais uma semana. Fomos com minha avó para as fontes termais, apesar da absurda umidade do verão. Ficamos ao lado de meu avô assistindo a lutas, programas de competição e clipes de músicas. E ele aprendeu a jogar *Lig4* muito bem.

Voltamos a alguns mercados noturnos com o propósito de comer todas aquelas comidas. Pela memória de Feng, resolvi me aventurar mais: experimentei bolo de sangue de porco, pés de galinha, omelete de ostra, sopa de enguias grelhadas e até o tofu fedorento de catorze dias. Todos eram surpreendentemente bons.

Nos dias em que fomos com *waipo* ao mercado, aprendi que os papaias mais doces são aqueles que têm um tom avermelhado. Que os melhores pomelos são escolhidos pelo cheiro e pelo peso. Que algumas pitaias são brancas por dentro, e algumas são vermelhas. Que cachos que parecem de uvas com uma casca dura e marrom são longans – “olhos de dragão” – e que seu sabor, depois de descascada, é doce. Que a parte mais deliciosa de uma goiaba é o meio, a parte pontilhada com as sementes crocantes.

Apesar de não conseguir entender muito do que *waipo* diz, aproveito todos os momentos tranquilos. Gosto de me sentar à mesa de jantar e vê-la cozinhar, de observar a maneira cuidadosa como ela lida com cada ingrediente, como se fosse algo precioso. E posso afirmar que ela adorava ouvir minhas conversas com meu pai, mesmo sem conseguir acompanhá-las. Ela fica ao meu lado, nas tardes ensolaradas, vendo meus dedos levando o carvão pelas páginas de meu bloco de desenho, e serve uma xícara de chá atrás da outra.

Às vezes, *waipo* diz alguma coisa e sinto meu pai ficar tenso. Nesses momentos, apesar de não entender exatamente o que ela diz, sei que é a respeito de minha mãe, algo que ele não gosta de ouvir. Eu aproximo minha mão da dele para lembrá-lo de que estamos ali, juntos. E, então, vejo seus ombros se relaxarem um pouco.

Ainda há coisas para serem superadas. Não há como acelerar o processo do luto.

Ainda há um buraco em forma de mãe dentro de mim. Ele sempre vai estar ali. Mas talvez não precise ser um buraco profundo e escuro, como um poço esperando que eu caia nele.

Talvez possa ser um recipiente – um que me sirva para guardar memórias e cores, e para reservar o espaço para papai, *waipo* e *waigong*. E Feng, mesmo que ela já tenha partido.

Não consigo saber se *waipo* se lembra do pássaro. Se ela se lembra do dia em que a puxei para o meu quarto e acendi o pedaço de incenso.

Nos últimos dias, esboço o que consigo me lembrar do pássaro. Das lembranças que vi. De Feng, sob diferentes ângulos. Tudo com o máximo de detalhes que posso. Quando mostro à minha avó o caderno de desenhos, suas mãos viram as páginas lentamente. Eu a observo ficar um longo momento observando a imagem em que está, com Feng, ajoelhada no templo. Talvez haja um vislumbre de reconhecimento em seus olhos. É impossível ter certeza.

Mas algo entre nós é diferente. Existe uma conexão especial.

Estou começando a entender mais mandarim, lembrando-me de coisas que aprendi há muito tempo. Às vezes, ouço algo e logo a tradução aparece em minha mente – instantaneamente

entendo o que significa. Meu pai prometeu que, quando voltarmos, ele vai me inscrever em um curso de mandarim. O acordo que ele propôs foi: ele paga pelas aulas e dou mais uma chance para a terapia. Eu aceitei desde que pudesse ser com *outro* profissional e que ele também procurasse um terapeuta. Chegamos a um acordo.

Espero poder manter uma conversa em chinês em novembro. Esse é o objetivo: quero surpreender *waipo* e *waigong*, que pretendem nos visitar para o Dia de Ação de Graças. Vai ser um feriado difícil, mas tê-los como convidados vai ajudar.

Mamãe não estará lá para fazer sua receita especial de peru com recheio de arroz e cogumelos picados em forma de orelha. Dessa vez, sou eu que vou cozinhar. Tenho certeza de que conseguiria fazer algumas das receitas da minha mãe, especialmente se Axel me ajudar.

Axel. Ainda não liguei para ele. Não enviei um e-mail, nem uma mensagem de texto.

Para ser sincera, esse é um dos motivos para eu não querer voltar para casa. Ainda há uma flecha em minhas costelas. Tenho certeza de que ela sempre estará lá.

Penso na primeira mensagem que ele me enviou.

Adeus.

Mas não podemos simplesmente deixar de ser melhores amigos. Axel me conhece de um jeito que mais ninguém conhece. Axel é o único que entende todas as minhas cores.



Nosso avião pousa antes do previsto, mas ainda assim só vamos para casa tarde da noite. As estrelas e os grilos estão todos nos chamando para entrar. Nossas cortinas estão fechadas, mas há um brilho suave em suas bordas.

Uma angústia familiar me atinge. Era assim que a casa costumava estar quando eu voltava para casa depois do anoitecer e mamãe estava na sala de estar, tocando piano.

Se eu não entrar, talvez possa apenas ficar ali de pé, parada, com minha mala, e pensar que ela ainda está lá, esperando que eu entre para que ela possa gritar uma saudação mais alto do que a música que seus dedos tocam. Posso fingir que, quando terminar o Rachmaninoff, ela virará as pernas para o outro lado do banco do piano e se levantará para me dar um abraço.

E, em alguns dias, quando for domingo, vou me levantar da cama e encontrá-la na cozinha fazendo waffles com baunilha e creme. Vou ouvir sua voz iluminada me dizendo “Bom-dia!” enquanto ainda estou afastando os vestígios do sono, e vou resmungar uma resposta, lembrando-me de sorrir para ela e oferecer ajuda para preparar a massa.

Eu farei todas as coisas que sempre esqueci, todas as coisas que gostaria de poder voltar e acrescentar, como uma nova camada em uma pintura aquarela.

– Você vem, Leigh? – pergunta papai.

O motorista se afasta de nossa casa e fico na entrada com a mala, de pé, sozinha, olhando meu pai procurar a chave na varanda da frente.

Solto o ar longa e lentamente.

– Acho que esquecemos de apagar as luzes, hein?

– Não esquecemos, não.

Essas palavras fazem meu coração bater mais forte. Por que o que mais isso poderia significar além de que minha mãe *está* realmente viva e em casa, esperando por nós?

Meu coração acelera enquanto puxo minha mala até a varanda, seguindo papai através da suave luz amarela para dentro de nossa casa.

– Você voltou! Bem-vinda!

Braços se envolvem em torno de mim e demoro para processar aquele ombro pressionando minha bochecha, a camisa macia contra minha pele, o cheiro de desodorante e xampu totalmente errados.

– Axel. – Pisco muito rápido para que ele não consiga ver o quão perto estou de chorar.

– Tem alguma coisa para beber na geladeira? – pergunta meu pai, que já tirou os sapatos e está indo para a cozinha.

– Na verdade, só fiz uma limonada – Axel responde.

– Boa, garoto! Vamos. Vamos todos tomar um copo.



– É claro que eu sabia que você estava em Taiwan – Axel diz. – Quem você achou que iria

cuidar de Meimei? – A gata circula entre suas pernas fazendo um oito.

A culpa verde óxido cromo me invade. Como eu poderia ter me esquecido da gata da minha mãe? Claro que papai teria chamado Axel ou Tina.

– Nós somos melhores amigos agora, não somos, Senhorita Gata? – Axel diz com uma voz adorável que tenho certeza de que ele nunca usaria na frente de mais ninguém. Ele se inclina para acariciar as orelhas da gata. O volume do ronronar aumenta.

A expressão “melhores amigos” ecoa em volta de mim, pressiona o interior do meu crânio. Isso é o que somos, certo? Isso é o que seremos, para sempre, não é?

Papai solta um longo bocejo.

– Obrigado de novo, Axel. Isso significa muito. – Ele se levantou. – Vou tentar me recuperar do fuso horário, mas vocês dois podem ficar conversando o tempo que quiserem.

Sério? Papai deixando Axel ficar em casa depois da meia-noite?

Nós ouvimos os pés de meu pai revestidos com meias subindo as escadas, o ranger do último degrau, a curva do corredor. A porta de seu escritório se fechar atrás dele.

Muito silêncio. Ele rasteja entre nós, cavando um fosso profundo que parece cada vez mais difícil de se atravessar.

– Então... – Axel diz.

Odeio como essa única palavra é uma pequena ilha de pensamento, repleta de perguntas e expectativas.

Meu cérebro procura algum assunto para acabar com a estranheza.

– Papai deve ter pago você. Para cuidar da gata, quero dizer.

– Ele tentou. Mas eu não podia aceitar seu dinheiro.

– Axel...

– Deixa isso para lá, Leigh – ele me interrompe, sacudindo a cabeça. – Fiz isso por mim tanto quanto fiz por vocês. Foi bom estar aqui, sozinho apenas com a gata e as memórias. – *Memórias*. Penso na fumaça do incenso e nos lampejos do passado. – Como você está?

Eu sei o que ele quer dizer. Já se passaram dois meses desde que minha mãe morreu.

Morreu. Aquela palavra.

Acho que ela realmente se foi.

– Um pouco melhor – eu lhe digo, e é a verdade. – E você?

– Também. – Ele balança a cabeça.

Puxo o ar com força:

– Posso te perguntar uma coisa?

– Claro. – Axel se ajeita na cadeira.

– Aqueles e-mails... – paro, porque não tenho certeza de como formular minha pergunta.

– E-mails?

– Sim. Humm. O que eles queriam dizer?

– Hein? – Seu rosto estampa uma expressão engraçada.

– Quero dizer... – Sinto meu rosto ficando quente e já estou arrependida de tê-los mencionado. – Eles eram bastante estranhos. Alguns deles... não tinham nenhum contexto. Não que tudo *precise* de contexto, mas assim, tipo, eles eram um pouco sem sentido.

– Leigh – ele diz. – Não tenho a menor ideia do que você está falando.

Não consigo definir se ele está sendo covarde ou realmente sincero.

– Os e-mails.

– Certo, essa parte eu entendi. Mas que e-mails?

– Todos eles? – Começo a ficar impaciente. – Todos os que você me enviou enquanto eu

estava em Taiwan.

– Entendi. – Ele franze a testa. – Não sei do que você está falando... porque enviei zero e-mails para você durante esse tempo em que estive em Taiwan.

– Como é que é?

Olho para ele. Ele olha para mim. Ele está brincando?

Pego meu telefone e abro na caixa de entrada, puxando o dedo para rolar a tela, mais furiosa a cada segundo. Minha mão faz uma pausa à medida que o aplicativo carrega.

E se os e-mails não fossem reais? E se eu realmente os tivesse imaginado?

Mas não. As mensagens estão lá, graças a Deus. A raiva me domina, mais quente e mais forte do que antes. Será possível ele ser tão covarde assim?

– Estes e-mails. – Coloco o telefone bem na frente do seu rosto. – Você se lembra *agora*?

Axel tira o telefone da minha mão. Ele clica nos e-mails, um por um. Eu vejo enquanto seus olhos leem as palavras, acompanham as pinceladas de aquarela. Quando ele me devolve o telefone, seu rosto está estranhamente pálido.

– Leigh, preciso que você acredite no que eu vou dizer, está bem?

De repente, sinto-me estranhamente calma. Se este é o jogo que ele quer jogar, não há nada que eu possa fazer a respeito.

– Você está prestes a me dizer que não me enviou esses e-mails.

– Eu não mandei os e-mails.

– Mesmo depois de eu ter acabado de provar que me mandou.

– Deixe-me terminar – ele pede, puxando o lábio inferior com os dedos. – Eu escrevi esses e-mails. Mas nunca os enviei.

– Isso deveria fazer algum sentido?

– Eles estavam na minha caixa de rascunhos. Eu... eu faço isso. – Ele engole em seco. – Eu escrevo rascunhos. E-mails que eu, tipo, fantasio enviar algum dia. Mas nunca envio. Só deixo eles lá.

Observo seu rosto de perto, esperando enxergar o mínimo sinal de que ele esteja mentindo.

– Juro por Deus, Leigh. Estou... eu só... No momento, só estou morrendo de vergonha por você ter visto isso tudo. – Axel solta uma risada sem jeito.

– Você disse adeus... – paro porque não tenho certeza de como fazer a minha pergunta.

– O quê?

– Seu primeiro e-mail. Ele dizia “adeus” e tinha um link para a última faixa que você escreveu para o conjunto *Lockhart Orchard*. O que você quis dizer com isso? Por que disse adeus?

– Aquilo... O que eu queria – sua voz fica muito baixa – era me despedir de sua mãe. Mas percebi, mais tarde, que não se encaixava naquela composição, mesmo tendo usado a mesma estrutura e os mesmos instrumentos. O que você achou que significava?

Não sei o que responder.

– Então – Axel diz, finalmente –, você acredita em mim? Acredita que eu não enviei os e-mails?

– Deixa eu ver sua caixa de rascunhos – retruco.

– O quê?

– Pegue seu telefone. Abra na pasta de rascunhos. Não preciso ler. Só quero ver que eles existem.

– Meu Deus – ele resmunga, incrédulo, mas, mesmo assim, tira o telefone do bolso.

Eu o observo navegar no celular. Tento memorizar as expressões em seu rosto. Essa vai ser a última vez em que nos falaremos? Este será o fim de tudo? Ele não pode tentar recuperar o que

enviou. As circunstâncias mudaram de forma irreversível naquele dia em seu sofá.

– Hum. – Seus olhos se arregalam. – Que diabos.

– O que foi?

– Todos os meus rascunhos desapareceram! Tudo o que escrevi. E, em vez disso, há apenas...

Há apenas isso. – Ele me entrega o telefone.

É uma fotografia da sombra de um pássaro sobre meu gramado. O gramado do lado de fora da casa em que estamos.

– Nunca vi isso antes – Axel afirma. – Não tenho ideia de como isso foi parar no meu telefone! Isso está muito estranho!

O pássaro. O incenso. Feng. Nada mais era muito estranho para mim. Não depois de tudo o que passei.

– Está certo – digo.

– O que está certo? – Ele parece atordoado.

– Estou concordando. Eu aceito sua resposta. – Mas preciso sentar--me sozinha em algum canto para reler todos os e-mails com essa nova informação. Meu peito dói só de pensar nisso. – Eu realmente acho que preciso ir dormir.

– Espere – Axel se levanta. – Quero mostrar uma coisa para você.

– Agora?

– É no andar de cima – ele diz.

E por um momento vem à minha mente o terrível pensamento de que ele vai me fazer entrar no quarto principal e caminhar sobre a mancha. Eu sei que tecnicamente não há mais nenhuma mancha ali. O tapete foi retirado, apesar de ninguém usar o quarto. Ainda.

– Leigh? – Posso ouvir a incerteza em sua voz.

– Sim? – Viro minha cabeça para encontrar seu olhar. – Onde exatamente estamos indo?

– Para o seu quarto. Tudo bem?

Sinto o alívio espalhar-se pelo meu corpo.

Então, outro tipo de pânico surge. Já estivemos no meu quarto muitas vezes antes. Mas uma coisa é chegarmos lá casualmente, e outra coisa totalmente diferente é ele me conduzir para lá de maneira intencional.

– Ah. Ok. Tudo bem. – Eu me ouço dizer.



O andar de cima está em silêncio. Escuro. As luzes estão apagadas e papai já está roncando. Axel caminha delicadamente, sabendo em quais tábuas não pisar. Viramos à esquerda e ele me para na frente da porta do meu quarto.

– Feche os olhos – ele sussurra.

– Eu preciso fechar? – Olho para ele.

– *Shhh.* – Posso sentir o sopro em meu rosto. É essa distância, tão curta, que nos separa um do outro.

A carga de eletricidade está de volta, forte como sempre. Sinto meu peso mudar de um pé para o outro, e tudo o que posso pensar é: *Não se incline para a frente. Não caia em Axel. Não toque nele.*

– Apenas feche seus olhos – ele sussurra.

Faço cena revirando os olhos para tentar impedir que ele perceba o nervosismo em meu rosto. Já basta o quanto minha pulsação está acelerada. Tenho certeza de que ele pode ouvi-la.

Atrás de minhas pálpebras ainda há luz, pequenas cintilações presas como borboletas. Ouço a mão de Axel na fechadura, abrindo a porta. Ouço o clique do interruptor de luz. Ele pega minha mão. Por pouco não consigo evitar o sobressalto ante seu toque.

Axel me guia para dentro do quarto. Passei uma grande parte da minha vida ali, então, por que parece um território desconhecido? Ouço o som da porta se fechando atrás de nós, e tudo o que posso pensar é: *estamos sozinhos estamos sozinhos estamos sozinhos.*

A última vez que estávamos juntos e sozinhos...

– Pronto – ele diz. – Você já pode olhar agora.

Não é o meu quarto. Quero dizer, é, mas está completamente diferente. Enquanto eu estive longe, perseguindo fantasmas e memórias, Axel ocupou-se de pintar as paredes. As marcas da minha lamentável pintura cor de creme foram substituídas por cores vibrantes, traços fortes fazendo curvas e se espalhando pelo quarto. Até a parte de trás da porta foi pintada para compor perfeitamente com as paredes. Amarelo-manga e azul--cobalto, verdes da floresta e vermelhos saborosos. É um desenho com movimento. Existem ondas e cristas... como em uma música, percebo.

Parece ser o inverso do que ele costuma fazer – começar pela imagem para criar a música. Ali ele havia representado um mundo de som em duas dimensões. Parece uma das sonatas para piano de mamãe descrita em tinta.

Algumas das cores apresentam formas vagas que podem ser entendidas como silhuetas. Quanto mais eu as observo, mais claras elas ficam. Pareço uma criança procurando forma nas nuvens. Há uma árvore, um gato. Um avião. Pés.

Há, no topo, em um dos cantos, uma ave vermelha com asas largas, bico escuro e uma longa cauda. Eu paro ali, porque não havia como ele saber do pássaro.

– E então? – ele diz novamente a palavra tão temida.

– Ai, meu Deus, Axel. – Minha voz sai cor de violeta brilhante.

– Eu ajudo você a pintar por cima se não tiver gostado – fala, rapidamente. – Eu só achei que você poderia gostar de uma mudança, de ter algumas cores ao seu redor.

– Não! – digo, talvez um pouco forte demais. Ele para e olha para mim. – Não foi isso que eu quis dizer. – Luto para encontrar as palavras. – Isso... isso é incrível. Não acredito que você tenha feito isso para mim.

– Há tantas coisas que eu faria por você – ele diz e eu viro para encará-lo. – Mais do que você imagina, acho – ele acrescenta.

Meu sangue corre rápido demais pelas minhas veias, fazendo pressão. Penso, ironicamente, que posso morrer por um ataque cardíaco antes de ter a chance de terminar essa conversa.

– Posso dizer o mesmo. – Minhas palavras são tão inadequadas que não posso deixar de me encolher. – O que quero dizer é que você é muito importante para mim. E que sinto muito por não ter falado com você depois que ela... – Não consigo dizer as palavras, mas Axel acena com a cabeça. – Não deveria ter mantido você longe. Eu deveria ter contado para você sobre... bem, sobre tudo. Porque você é mais do que apenas um amigo... – Eu me encolho de novo, isso é quase uma confissão. Acabei de confessar todos os meus sentimentos? O pânico corre através do meu corpo em ondas laranja cone de trânsito. – O que quero dizer é que você é meu *melhor* amigo. – Isso não melhorou muito a situação. Meus olhos se fecham. – Não estou falando coisa com em coisa agora.

Axel ri, e o som de sua risada me conforta como um banho morno. Ele acena para a cama, e nos sentamos lado a lado, na borda. Eu calculo logo: quinze centímetros de espaço entre nós. Quinze centímetros que também poderiam ser o Oceano Atlântico, considerando como ele parece estar longe. Bem. É melhor assim. Inspira, expira.

– Deixe-me tentar expressar o que tenho a dizer primeiro – Axel pede.

Sua voz é suave e me ocorre que *ele* pode estar nervoso. Pensar nisso muda tudo. Eu o observo lutando para descobrir onde colocar as mãos. Mexendo nos óculos, brincando com eles. Passando os dedos repetidamente pelos cabelos. Seus olhos encontram-se com os meus e, depois, afastam-se de novo, como se fosse difícil, pela primeira vez depois de anos de amizade, manter o contato visual.

– Parte do motivo pelo qual pintei tudo isso foi porque senti muito a sua falta. Antes de você ir embora, eu estava tentando te dar espaço. Eu esperava que, quando você voltasse de Taiwan, pudéssemos conversar. Mas não consegui parar de pensar em você. Não consegui parar de pensar...

A pausa que ele faz é a mais longa do mundo. Percebo que estou segurando a respiração, aguardando as palavras que estão por vir.

– Não consegui parar de pensar em beijar você – ele concluiu, baixando os olhos para as mãos em vez de olhar para mim. – Aquilo simplesmente... pareceu tão certo.

Sim!, minha mente está gritando. *Pareceu mesmo!*

– Mas, bem. Eu não deveria...

– Está tudo bem – eu o interrompo porque posso ver a luta em seu rosto, a dificuldade para ele dizer tudo. – Eu sei sobre a Leanne. E não vou falar nada para ela. Não vou atrapalhar o seu relacionamento.

– Meu... o quê?

– Caro me contou – começo a explicar.

– Não, não. – Ele sacode a cabeça com firmeza. – Eu terminei com ela. Semanas antes do Dia Dois Ponto Cinco. Tudo aquilo foi um erro. O maior erro.

Quando abro a boca, o que sai é: absolutamente nada.

– Olhe, nunca expliquei para você o que aconteceu na primavera – Axel diz. – Eu queria, mas eu apenas... As coisas ficaram tão estranhas. Saíram do controle. – Assenti como se estivesse entendendo, mas, na verdade, não estava. – Enquanto eu estava em Porto Rico, durante as férias de inverno, falei muito com o meu primo Salvador. Eu falei com ele sobre você.

Ele falou com seu primo sobre mim. Não sei por que a ideia parece tão surpreendente.

– Sal é um romântico à moda antiga – Axel continua. – Como os avós de Caro, sabe? Enquanto eu estava conversando com ele... Percebi que estava apaixonado por você. E ele me convenceu que eu deveria te dizer como me sentia. Mas, quando cheguei em casa... Eu não consegui. E então, no baile de inverno, vi você beijando aquele tal de Weston. E não soube o que fazer depois disso. Fiquei perdido. E, nesse ponto, Leanne estava tão próxima, e ela sem dúvidas estava a fim de mim, e nós estávamos nos dando melhor do que antes... Ela era... bem, por falta de uma palavra melhor, ela era uma distração. – Leanne. Eu respiro profundamente. Antes ele havia dito que as coisas não poderiam voltar ao normal. Era isso que ele queria dizer? – Então, quando te beijei... Caramba... Aquilo me enlouqueceu. – A voz de Axel acelera de novo. – E se você não quiser que isso se repita, entendo totalmente. Vou respeitar. Sei que ultrapassei uma certa linha...

– Não – eu solto. Boa. Não estou mais muda. O pânico empurrou as engrenagens de volta ao lugar. – Não foi só você. Nós cruzamos essa linha juntos. – Ainda não era exatamente o que eu queria dizer, mas já é um começo.

Eu tento continuar, mas Axel está balançando a cabeça, olhando seus pés:

– Desculpe, Leigh, se você sentiu que levei você a fazer algo que não queria. Eu *nunca* tentaria pressioná-la a nada...

O meu rosto fica quente quando lembro de todas as conversas que surgiam na aula de educação sexual sobre consentimento e como ele é necessário para tudo, não apenas quando se vai até o fim.

Quando olho para cima, ele está pressionando um polegar contra seus lábios, como se quisesse impedir que mais alguma palavra saísse.

– Você entendeu tudo errado – enfim consigo dizer.

É quando ele se vira e seus olhos encontram os meus mais uma vez. Eles estão tão tristes, tão abatidos.

– Axel. Eu queria que você me beijasse. Mais do que qualquer coisa no mundo. Desejei isso por anos. – Inspirei profundamente. Soltei o ar devagar. E me obriguei a dizer: – Eu ainda quero.

Pronto. Eu disse. As palavras não me mataram.

– Você quer? – Sua voz é rouca.

– Muito. Mas... não consigo parar de pensar naquele dia... – Não preciso dizer mais nada, o olhar cinza em seu rosto me diz que ele sabe exatamente a que me refiro. – Se eu não estivesse no seu porão. Se não estivéssemos... – *nos beijando*, as palavras ficam em minha garganta.

– Não foi sua culpa, Leigh – ele diz, suavemente, e aperto meus olhos contra as lágrimas que sinto subir pelo meu corpo. – Você não pode se culpar. Você não pode deixar que esse dia congele o restante da sua vida.

Meus olhos ainda estão fechados, meus pulmões estão apertados.

– E eu tenho medo. – As palavras são tão rápidas e tão baixas que, por um momento, não acredito que as disse.

– Leigh. Olhe para mim. Leigh?

Eu faço força para abrir meus olhos.

Axel olha para mim por um longo tempo, seus olhos examinando meu rosto. Percebo toda vez

que eles baixam para os meus lábios. Seu olhar me faz sentir o calor e a eletricidade.

– Um dia, sua mãe me contou uma coisa. Foi numa manhã de domingo que vim comer waffles. Você ainda não tinha se levantado e eu estava ajudando-a a preparar a massa. Ela disse que chegar aos Estados Unidos para se casar com seu pai tinha sido muito assustador. – Aperto os olhos. – Ela disse que foi terrível deixar sua família, que ela não conhecia seu pai há muito tempo, mas que algum instinto fez com que ela achasse que valia a pena. Ela disse que foi como saltar sobre um precipício esperando que o local do pouso fosse incrível.

Por que a grama sempre é mais verde do outro lado da cerca? Minhas mãos se retorciam no meu colo. As analogias de mamãe eram como suas expressões idiomáticas: difíceis de decifrar. E, muitas vezes, nada reconfortantes.

– Leigh.

Abro meus olhos novamente.

– Ela disse que foi uma das melhores decisões que tomou – Axel continua. – A coisa mais corajosa que fez. Ela disse que esperava que eu tivesse esse tipo de oportunidade na minha vida. Eu me lembro de suas palavras: “Quando você descobrir o que importa, descobrirá como ser corajoso”. Acho que parte de mim já sabia, mesmo naquela época, que ela estava falando sobre nós dois.

Coragem. A mesma palavra que Caro havia usado.

Mamãe sempre torceu para ficarmos juntos. Ela nunca disse nada para mim, mas era óbvio.

Eu me forcei a encontrar o olhar de Axel. Nos últimos cinco anos, pensei ter aprendido a ler todas as expressões que poderiam se formar em seu rosto. Pensei que o conhecia melhor do que ninguém. Eu estava errada. O olhar dele naquele momento, cheio de esperança, de um desejo brilhante, eu já tinha visto antes. Mas nunca percebi que era para mim.

– Entendo se você precisar pensar. E também entendo se, depois de pensar, achar que não é uma boa ideia. Só quero que saiba...

– Axel, cala a boca.

E então, possivelmente no ato mais corajoso da minha vida, elimino o espaço entre nós e lhe dou um beijo daqueles.

Ele fica surpreso apenas por uma fração de segundo. Logo minhas mãos estão no seu rosto, tirando seus óculos e jogando-os no criado-mudo. Meu corpo, puxando-o para a cama. Seus lábios, entre meus dentes. Nossas pernas, deslizando pelas pernas um do outro.

Meu coração exalava azul manganês, amarelo *new gamboge* e rosa quinacridona.

Faço uma pausa e recuo.

Ele sorri para mim. É o antídoto perfeito para o meu pânico. Fito seus olhos suaves, o contorno de seus lábios, e sinto a tensão desaparecendo de mim.

– Qual é a cor? – pergunto a ele.

Axel acaricia meu braço por um longo momento, ainda olhando para o meu rosto.

Ele finge uma risada tranquila:

– Todas as cores.



No dia seguinte à nossa volta para casa, a agência dos correios enviou todas as correspondências que haviam chegado para nós. Foi aí que vi a carta: o carimbo com a data mostrava que ela fora entregue logo depois que partimos para Taiwan. Enviada de Berlim para a nossa casa.

No canto está impresso KREIS-RAUM FÜR KUNST.

– E então? – meu pai diz. – Você vai abrir ou vai ficar aí parada?

– Você abre. – Entrego-lhe o envelope.

– De jeito nenhum. Essa carta é sua. Orgulhe-se, independentemente do resultado.

– Você sabe mesmo o que é isso? – eu paro. – A mamãe te contou?

– Sim, ela me contou.

Minhas mãos tremem tanto que praticamente destruo o envelope tentando abri-lo.

Cara Leigh Chen Sanders:

É um grande prazer convidá-la para participar da nossa exposição internacional para jovens artistas no Kreis-Raum für Kunst.

Começo a gritar após essa primeira frase. Quando enfim me acalmo o suficiente para ler o resto, sinto um peso caindo em meu estômago. Olho para o meu pai, esperando que ele me diga que isso é impraticável, que não é algo que vale a pena...

– O que foi?

– Eu quero muito ir – digo a ele.

– Claro que você vai! – ele diz, sorrindo. – E eu vou com você.

– Está falando sério?

– Muito sério.

Meu coração explode em um milhão de cores tropicais e eu pulo para abraçá-lo.

Depois, obviamente, ligo para o Axel.

– Eu *sabia* – ele afirma.

– Estou ferrada – deixo o pânico se expressar. – Fiquei em Taiwan o tempo que deveria ter usado para dar os últimos retoques ao restante da série.

– Quantas peças você vai levar no total? – Axel pergunta, sempre a voz da lógica e da razão.

– Inscrevi três obras, e posso levar até sete além dessas três. Então, no total são dez.

– Mas você não precisa mandar com antecedência, precisa? Só precisa levar com você, certo?

– Certo, mas...

– E quando é a exposição?

– Na última semana do mês... Eu vou voltar literalmente um dia antes de as aulas começarem...

Do outro lado da linha escuto alguns barulhos, e Axel comenta: – Ok, agosto...

– Axel, o que você está fazendo?

– Pesquisando passagem de avião, é claro.

– Você também... vai? Para Berlim?

– Você está de brincadeira? Não perco isso por nada. Você se deu conta de que estaremos lá no seu aniversário?

– Mas são as suas economias...

– E eu faço o que quiser com elas. De qualquer forma, vai dar tudo certo, Leigh. “Até dez” não significa que você *precise* levar dez obras.

– Não há nenhuma chance de eu ficar entre os vencedores – suspiro.

– E daí? Esse não é o objetivo. Quer dizer, tudo bem, talvez tenha sido o objetivo inicialmente. Mas você *está* na exposição. Isso é uma grande conquista.

– Ugghhhh.

– Não tem mais que ser sobre vencer. Agora é diferente. Agora você está fazendo isso por si mesma. E não dá mais tempo de se acovardar.

– Eu sei – respondo. – Eu sei. Vou fazer isso. Tenho que fazer isso. É só que estou...

– Com medo? – Axel sugere.

– Tudo o que tenho são trabalhos inacabados! Tudo o que aconteceu com minha mãe... isso quebrou meu ritmo.

– Então, por que ainda está falando no telefone? Vá trabalhar!

– Está bem, está bem – eu suspiro mais uma vez.

– Eu falo com você quando já tiver trabalhado o suficiente para merecer um descanso.

– *Uggghh*. – Escorrego no sofá, ficando na horizontal. – Mas pelo menos sei o que devo fazer.

– O quê? – Axel pergunta, embora ele pareça saber o que vou dizer.

– Tenho que pensar nas cores.

– Sim. Sim, você tem – ele responde com um sorriso em sua voz.



Papai fez questão de pagar as passagens de Axel como agradecimento por ter cuidado de Meimei. Caro e sua família estão passando o mês na França, mas os quatro vão nos encontrar em Berlim para a exposição.

E, de alguma forma, consegui montar um portfólio. Uma série que acho que deixaria mamãe orgulhosa.

Nós três ocupamos uma fileira de assentos no avião: pai no corredor, Axel no meio e eu no canto, ao lado da janela.

Penso nos desenhos que fiz, guardados em segurança na pasta que está no compartimento superior. Vinte e duas horas até a galeria ser aberta. O avião se inclina para o céu, desliza pelo ar, a pressão nos força contra nossos assentos. Pego na mão de Axel e viro para olhar pela janela. Abaixo de nós, o solo diminui. Os carros ficam do tamanho de brinquedos, depois de formigas, e depois somem.

Passamos por dentro de chumaços de algodão e a aeronave se nivela acima das nuvens em uma incrivelmente brilhante extensão de azul.

O avião oscila e se inclina, luto contra a força da gravidade, inclinando-me para pressionar o rosto na janela. Vejo as nuvens abaixo e a ponta da nossa sombra sobre elas, com a forma de um pássaro.

108



SÉRIE A MEMÓRIA

1. ÁRVORE GENEALÓGICA

2. PIANO

3. EMILY DICKINSON

4. INCENSO

5. PÁSSARO VERMELHO

6. RACHADURAS NO CÉU

7. IRMÃS E FANTASMAS

8. CIGARRAS

Declaração da artista

O que é memória? Não é algo que você possa segurar, ver, cheirar, ou provar fisicamente. É apenas a soma de impulsos nervosos pulando entre os neurônios. Às vezes, é uma questão de escolha. Outras vezes, trata-se de autopreservação, ou proteção.

Esta série é um memorial nascido da escavação da história da minha família. Cada obra representa uma memória diferente encontrada. A introdução gradual da cor de uma peça para a outra pretende ilustrar uma epifania em desenvolvimento. Todas culminam na obra final, *Cigarras*, que é uma peça de mosaico surrealista feita em cores:

Mãe, pai e filha juntos em uma gangorra em um parque infantil. Pássaro gigante voando pelo amplo céu. Homem em um avião. Menina em uma macieira.

Memórias que contam uma história, se você olhar com bastante atenção. Porque o propósito da memória, eu diria, é lembrar-nos de como viver.

Nota da autora

Este livro começou a tomar forma em 2010 e percorreu o seu caminho através de várias possibilidades, a maioria delas muito diferentes umas das outras. O único aspecto em comum em todos os rascunhos foi o fato de sempre ser uma história sobre família, identidade e as diferentes facetas do amor.

Então, em 2014, minha família perdeu um membro para o suicídio. Seis meses depois, comecei a reescrever este livro pela enésima vez, e a complexidade do sofrimento fixou-se em meu cérebro e prendeu-se às minhas palavras. Eu não achava que tudo isso fosse funcionar no texto, mas os livros gostam de desenvolver ideias próprias.

Aqui estão algumas estatísticas oficiais da American Association of Suicidology, de 2015, as mais recentes que pude encontrar:

- Uma pessoa morre por suicídio a cada 11,9 minutos.
- O suicídio está em 10º lugar como causa de mortes nos Estados Unidos.
- Para cada morte por suicídio, são feitas vinte e cinco tentativas.

Era importante para mim que, apesar de a mãe de Leigh experimentar algumas coisas terríveis em sua vida, não houvesse um motivo para explicar sua depressão. Ela, como tantas pessoas em todo o mundo, simplesmente era vítima de uma doença terrível. Uma doença com a qual ainda estamos aprendendo a lutar.

A depressão manifesta-se de forma diferente em cada pessoa, por isso os sintomas podem variar. Nem todas as pessoas deprimidas agirão da mesma maneira que a mãe de Leigh. O tratamento pode ajudar muito, reduzindo ou eliminando o risco de suicídio. Um forte apoio social também já provou ser muito importante na prevenção ao suicídio. Se você suspeita que alguém em sua vida tenha tendências suicidas, por favor, aproxime-se dessa pessoa. Fale com ela sobre depressão. Converse sobre outras doenças mentais.

Fale sobre suicídio – pesquisas mostram que falar sobre o assunto não aumenta a possibilidade ou o risco e que, na verdade, pode fazer uma diferença significativa.

Cresci testemunhando em primeira mão os efeitos da depressão e observando como minha família deixou o estigma em torno dela se tornar uma das armadilhas mais sombrias e mais arriscadas. Esse estigma pode matar e mata. Esse estigma é perpetuado pela falta de discussão acerca do assunto.

Recursos⁶

Prevenção de suicídios

O *Centro de Valorização da Vida* (cvv) realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, e-mail, chat e voip 24 horas todos os dias.

Você pode conversar com um voluntário do cvv ligando para 188 ou 141 (nos estados: Bahia, Maranhão, Pará e Paraná).

Para mais informações, consulte: <https://www.cvv.org.br/>.

- *Portal Setembro Amarelo* <http://www.setembroamarelo.org.br/>
- *Manual de prevenção ao suicídio do Ministério da Saúde* <http://portalms.saude.gov.br/saude-de-a-z/suicidio>

Referências para sobreviventes de perdas por suicídio

- *Grupo de apoio – Instituto Vita Alere* <https://vitaalere.com.br/grupo-de-apoio-aos-sobreviventes-enlutados-por-suicidio/>
- *Portal Uai – “Entidade oferece apoio para quem viveu o drama do suicídio”* <https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2018/02/18/noticias-saude,221993/entidade-oferece-apoio-para-quem-viveu-o-drama-do-suicidio.shtml>
- *Especial Gazeta – “A presença de quem foi, a dor de quem ficou”* <https://especiais.gazetaonline.com.br/ausencia/>
- *BBC Brasil – “Como lidar com o luto pelo suicídio de uma pessoa querida”* <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44618309>
- *G1 – “Sobreviventes enlutados: familiares de pessoas que tiraram a própria vida contam como lidam com a própria dor”* <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/sobreviventes-enlutados-familiares-de-pessoas-que-tiraram-a-propria-vida-contam-como-lidam-com-a-dor.ghtml>

Entendendo a doença mental

- *OPAS/OMS Brasil* https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5652:folha-informativa-transtornos-mentais&Itemid=839
- *R7 – “Falar sobre a depressão é a melhor forma de acabar com estigma e combater a*

doença” <https://noticias.r7.com/saude/falar-sobre-depressao-e-a-melhor-forma-de-acabar-com-estigma-e-combater-a-doenca-07042017>

- *Portal Drauzio Varella* <https://drauziovarella.uol.com.br/psiquiatria/falta-de-informacao-ajuda-a-estigmatizar-os-transtornos-mentais/>

Em caso de dúvidas ou não, a recomendação é buscar um profissional da saúde mental, a fim de obter orientação profissional e capacitada para o paciente.

Todos os websites nesta página tiveram o funcionamento de seus links confirmado em 19 nov. 2018. (N. E.)

Agradecimentos

Lembro-me de já saber, com apenas sete anos, que eu queria contar minhas histórias para o mundo e ver meus livros nas prateleiras de bibliotecas e livrarias. Demorou um pouco, mais de duas décadas, para esse sonho começar a se tornar realidade. Duas décadas e a ajuda de muitas pessoas incríveis. Vou tentar mencionar a maioria delas a seguir.

Primeiro, meu brilhante e incansável agente, Michael Bourret, a quem eu poderia facilmente escrever um tomo inteiro de agradecimento. Não sei como você tem energia para fazer tudo o que faz – sem dúvidas você tem a magia em si. Obrigada por ser tão gentil, apaixonado e humano, e por defender essa história com tanta força. Eu realmente ganhei o prêmio na loteria do agente.

Agradeço também a Lauren Abramo, Erin Young e os demais integrantes das equipes DG&B e Mary Pender-Coplan, em UTA. Fico emocionada de ser representada pelas melhores pessoas.

Alvina Ling, minha editora maravilhosa, ajudou-me a transformar este livro no que eu sempre quis que fosse. Obrigada por acreditar em mim e em minhas palavras, e por amar esses personagens.

Obrigada a Kheryn Callender por ser uma grande amiga e uma assistente extraordinária durante todo esse passeio selvagem.

Obrigada, Nikki Garcia, pelo tratamento tão cuidadoso com os detalhes de logística.

E para toda a família Little, Brown, especialmente Russell Busse, Michelle Campbell, Jackie Engel, Elisabeth Ferrari, Shawn Foster, Sasha Illingworth, Jess Shoffel Maglio, Annie McDonnell, Emilie Polster, Elizabeth Rosenbaum, Carol Scatorchio, Andrea Spooner, Victoria Stapleton, Angela Taldone, Megan Tingley, Ruiko Tokunaga, Valerie Wong, Danielle Yadao, Elena Yip e quaisquer outros membros da equipe LBYR sobre o qual não fui informada a tempo para incluir aqui, sou infinitamente grata por tudo o que vocês, pessoas incríveis, fizeram.

Christine Ma e Rosanne Lauer foram minhas excelentes editora e revisora *freelancer*.

O artista Gray318 e as já mencionadas Sasha Illingworth e Angela Taldone, que deixaram minha capa tão bonita que não consigo parar de olhar para ela.

Os agradecimentos também devem ser enviados através do oceano para a editora do Reino Unido, Samantha Swinnerton, e para toda a fabulosa equipe da Orion Children's Books, incluindo Thy Bui, Nicola Goode, Helen Hughes, Dominic Kingston, Lucy Upton, e quem mais tiver participado da magia para que este livro acontecesse.

Tive alguns professores incríveis que deixaram em mim uma marca permanente, e eu não seria a escritora que sou sem eles. Em particular, quero mencionar: Susan (Hartmann) Nabors (quinta série), Cindy Stone Murphy (sexta série), Tery Solomon (décima primeira série) e Rachel DeWoskin (faculdade). Vocês me ensinaram que tenho o que é preciso. Eu pensei em todos vocês muitas vezes enquanto escrevia ou revisava.

Comecei este livro enquanto participava da oficina de Chuck Wachtel, durante meu primeiro ano do programa MFA da Universidade de Nova York. Foi a firme confiança de Chuck em mim e na semente desta história que me fez tentar diversas vezes até conseguir finalizá-la. Obrigado,

Chuck Laoshi.

The Writers Room, na Broadway, ofereceu os locais mais silenciosos para eu me concentrar, e todos os nuggets e pretzeis recheados com manteiga de amendoim que eu pudesse desejar. Passei muitas horas lá revisando.

Deixo aqui também um abraço de grupo para os integrantes do Kidlit Authors of Color, e para os Electric Eighteens, que ofereceram muita alegria e simpatia.

Kim Blanck, Mia Garcia, Britt Lockhart e Kayla Rae Whitaker, que foram meus primeiros leitores e deram muito feedback, vocês são maravilhosos.

Wang Shengfei, He Jiawei e Joyce Ge, que vivem do outro lado do mundo e gentilmente responderam mil perguntas pelo WeChat enquanto eu estava decidindo quais regras de Pinyin seguir.

Tenho uma dívida com a extraordinariamente generosa Sisi Guo pela orientação e perspectiva psicológica.

A última versão deste livro foi finalizada durante minha residência no Djerassi Resident Artists Program, o lugar mais bonito e nutritivo para a alma em que já estive. A fantástica equipe de Djerassi me manteve bem alimentada e inspirada, e até arrancou um detector de fumaça defeituoso do meu teto às duas da manhã. Meus colegas residentes de abril de 2017 enfrentaram as trilhas e as aranhas comigo – além de todo o incentivo oferecido e de suas extravagantes habilidades para fazer sobremesas que me fizeram chegar ao fim de minha última revisão.

Delilah Kwong me deu vinho, chocolate e outras guloseimas, e me manteve reconfortada com amor e entusiasmo o tempo todo.

Essas mulheres incríveis que me ofereceram camaradagem e incentivo durante todo o processo de publicação: Renée Ahdieh, Sona Charaipotra, Preeti Chhibber, Dhonielle Clayton, Zoraida Córdova, Sarah Nicole Lemon, Kaye (também conhecida como Karuna Riazzi) e Marie Rutkoski.

Tiff Liao e Anica Mrose Rissi são seres mágicos de luz que me trouxeram à sanidade sempre que necessário, dizendo-me exatamente o que eu precisava ouvir, exatamente nos momentos certos.

Aisha Saeed, Joanna Truman e Anna Jarzab são gênias do *storytelling* e foram gentis o suficiente para ler diversos rascunhos e fazer muitos comentários. Seus textos e e-mails me impulsionaram quando eu mais precisava disso.

Nova Ren Suma é uma grande mentora e a melhor torcedora, cuja amizade e generosidade foram enormes. Sou grata por sua incrível confiança em mim e por seu feedback, desde o início escavando o coração da minha história. Obrigada pelos e-mails cheios de pontos de exclamação e por me fazer sentir que tudo isso poderia ser real.

Bri Lockhart é o epônimo do pomar de maçã de Leigh e Axel, bem como o gim para a minha tônica, a Nutella para o meu tudo, minha companheira e uma das minhas primeiras campeãs. Obrigada por ler esse rascunho superinicial em suas férias e me enviar mensagens que cruzaram o Oceano Atlântico.

Agradecimentos especiais às minhas tias e aos meus tios em Taiwan, que ajudaram a ajustar os detalhes e a logística que fizeram parte de minha pesquisa e, por sua vez, deste livro. E também aos demais familiares: muito obrigada por seu amor e apoio.

Sou grata à minha própria *waipo*, a verdadeira Yuanyang, que transformei na avó da Leigh, e cuja incrível jornada de vida me serviu de centelha para começar este romance.

Aos meus pais, Alex Pan e Beatrice Yu-Pan, devo mais do que palavras de agradecimento em todas as línguas combinados. Obrigada, Mama, por me ajudar a encontrar a frase do estudioso Sun Xingyan, da dinastia Qing, que está impressa na caixa de incenso de Leigh. Obrigada, Baba,

por ficar acordado até tarde para me falar sobre superstições e sobre o mês dos fantasmas. Obrigada aos dois pelas chamadas telefônicas que acabavam com a bateria, e pelas milhões de perguntas que me responderam durante minha revisão. Obrigada, sobretudo, por apoiarem meus sonhos mais loucos.

Loren Rogers – meu marido, melhor amigo, parceiro da vida –, muito obrigada por tudo. Por cozinhar todas as refeições e lavar toda a roupa e ouvir todos os pensamentos sem sentido que borbulhavam. Por me incentivar a perseguir a vida dos meus sonhos. Obrigada por acreditar em mim e me deixar saber dessa confiança de forma tão vibrante e clara. Obrigada por cada abraço, cada aperto de mãos, cada risada, por todas as lembranças de como tenho sorte por ter escolhido a noite certa para ir ao Milk and Cookies. Você me inspira todos os dias.